

"I always open a
Frost book with
happy anticipation!"

CHARLAINE
HARRIS



AVON
BOOKS

JEANIEPE FROST

NEW YORK TIMES BESTSELLER

BOUND BY FLAMES

A NIGHT PRINCE NOVEL



NIGHT PRINCE. VOL 03.

BOUND BY FLAMES

(Unidos pelas chamas)

JEANIENE FROST

BRINQUE COM FOGO, PAGUE O PREÇO...

Os anos de Leila no circo foram certamente educativos. O que ela não aprendeu foi: como ser uma vampira, ou como ser casada com o vampiro mais famoso de todos. Tentar se ajustar a ambos tem feito Leila oscilar no fio da navalha entre paixão e perigo, e agora o perigo real está prestes a começar...

Vlad deve lutar contra um inimigo de séculos de idade cujo poder se estende por continentes e cuja força se iguala à dele. Não é comum para Vlad sentir medo, mas ele sente... por Leila, porque seu inimigo sabe que ela é a maior fraqueza de Vlad. Enquanto amigos e inimigos parecem se unir contra ele – e a superproteção de Vlad afasta Leila – O amor de Vlad por sua nova esposa pode ser o aquilo que condenará a ambos.

BOUND BY
FLAMES

JEANIENE FROST



Capítulo Um.

Centenas de velas brilhavam do candelabro gótico no salão de baile, lançando uma suave luz dourada nos convidados abaixo. A falta de iluminação moderna não é porque essa casa costumava ser uma fortaleza medieval. O dono é um vampiro pirotécnico, então ele era bastante fã do fogo.

Eu estava empoleirada em uma das vigas de canto do teto, descansando brevemente das minhas atividades secretas da noite. Alguns andares abaixo, todos os convidados usavam máscaras e fantasias, mas mesmo sem ver presas ou olhos verdes brilhantes, era fácil determinar quem era humano e quem não era. Vampiros têm uma graça inerente, fazendo seus movimentos parecerem tão fluídos quanto água correndo sobre pedras. Suas contrapartes mortais... bem, vamos apenas dizer que eles não tinham a mesma delicadeza. Não que fosse culpa deles. Diferente de vampiros, humanos não têm controle sobrenatural sobre cada músculo em seus corpos.

Até várias semanas atrás, nem eu tinha. Transformar-me em uma vampira teve alguns efeitos colaterais inesperados, além da coisa de “agora eu bebo sangue”. Antes, eu também não tinha minha nova habilidade de conter brevemente as correntes elétricas que corriam por mim desde que eu toquei um fio de alta tensão quando tinha treze anos.

As velas nos candelabros de repente brilharam mais forte, coincidindo com um homem caminhando para o mezanino com vista panorâmica para o salão. Se isso não fosse o suficiente para anunciar a presença dele, sua aura se incendiou também, enviando correntes invisíveis ondulando pelo salão. Quando elas me atingiram, foi como ser engolida por um campo elétrico, o que, considerando minha voltagem interior, era irônico. Apenas um punhado de vampiros Mestres no mundo podia manifestar uma aura grande o suficiente para abranger o gigantesco salão. A de Vlad era tão poderosa que proclamava a identidade dele mais claramente do que se ele estivesse usando um crachá em neon.

É por isso que seu disfarce era inútil. Por trás da máscara famosa pelo filme *V de Vingança*, estava uma mandíbula sombreada de barba, maçãs do rosto altas, sobrelanceiras definidas e olhos acobreados com anéis esmeralda. Seu smoking preto elegante cobria o corpo magro e musculoso do Vlad, quase desafiando os observadores a fantasiar sobre o que estava por baixo *daquilo*.



Quando ele ergueu uma mão para silenciar os músicos, luz de vela refletiu no seu anel de casamento, fazendo as faixas de ouro torcidas brilharem brevemente.

— A retirada de máscaras será em uma hora, — Vlad anunciou, sua voz culta com um sotaque eslavo. Então ele sorriu, irradiando charme e desafio ao mesmo tempo. — Até lá, aproveitem o mistério de imaginar quem está ao seu lado, se vocês já não adivinharam.

Risadas altas e aplausos seguiram sua declaração, mas eu fiquei preocupada. Se a retirada das máscaras era em uma hora, eu estava quase sem tempo.

Um movimento da mão do Vlad fez os músicos tocarem novamente, e a pista de dança estava novamente cheia de casais fantasiados dançando. Eu nem olhei para eles, enquanto saltava sobre a viga mais próxima no teto, me equilibrando imediatamente sobre a prancha de madeira estreita. Eu poderia usar reflexos como esses na época em que era uma artista de circo, para não mencionar quando eu estava tentando entrar na equipe de ginástica olímpica. Agilidade sobrenatural era outra vantagem de se tornar uma vampira.

Assim que corri de volta para a rede de tubos do órgão* que eu escalei para alcançar o teto, deslizei para baixo, pousando no espaço entre as paredes. A música dos tubos aumentou, quase me ensurdecendo, mas esse era o ponto. Nem mesmo vampiros, com seus sentidos super elevados, podiam me ouvir sobre a barulheira. Rastejei até alcançar um filtro de ar-condicionado, removendo ele antes de me espremer dentro do duto de ar apertado. Ainda bem que eu estava vestindo uma fantasia justa. Se eu estivesse vestida como Maria Antonieta, nunca conseguiria.

**http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/22/Woodward_Avenue_Presbyterian_Church_pipe_organ.jpg*

Finalmente, deslizei para fora do duto em um armário. Lá, coloquei o filtro no lugar, limpando a poeira da minha fantasia preta e me dirigindo ao salão de baile para voltar à minha espionagem. Eu não andei três metros antes de uma mão pousar nas minhas costas.

— Aí está você. — Uma voz com um pesado sotaque húngaro disse.

Eu me virei. O vampiro atrás de mim usava uma versão muito mais chique do terno roxo do Coringa, e ele tinha coberto o que eu podia ver de sua pele naturalmente pálida com maquiagem branca. Sua máscara vinha até seu



lábio inferior, e o sorriso deformado entalhado sobre o lábio superior de cerâmica fez seu rosto parecer preso em um eterno sorriso diabólico.

Minha máscara não cobria nada da minha boca, então o vampiro pôde ver quando eu sorri.

— Aqui estou. — Concordei. Eu me certifiquei de fazer amizade com o Coringa mais cedo porque ele está na minha lista de alvos essa noite, mas ele também estava com outra mulher. Isso significava que eu não podia usar minha arma secreta, já que isso requer um contato mais íntimo do que a acompanhante dele iria aceitar. Ela não estava com ele agora, entretanto, então eu agarrei minha chance.

— Espero que você esteja aqui para me convidar para dançar, — eu disse, inclinando a cabeça em convite. Pelo menos, eu esperava que parecesse assim. O chifre falso no elmo que eu usava me fazia sentir como um coelho com duas orelhas duras e longas.

— Mas é claro, — ele disse, unindo nossos braços.

Minha roupa que cobria o corpo todo o impedia de sentir a eletricidade fluindo através de mim. Se não fosse pela roupa, ele saberia minha verdadeira identidade no momento em que me tocou. É por isso que eu escolhi vir ao baile em uma fantasia da Malévola, apesar do elmo irritante. A borracha isolante me cobria da cabeça aos dedos dos pés, deixando apenas meu rosto descoberto. A máscara cuidava de quaisquer correntes irradiando dali e meu cheiro não seria familiar para ninguém que não me conhecia antes, que era a maioria das pessoas aqui.

A maioria. Enquanto o Coringa – sim, eu sabia seu nome verdadeiro, mas esse encaixava melhor nele – me levava para a pista de dança, eu não conseguia parar de olhar para o mezanino. O lugar onde Vlad esteve agora estava vazio. Bom. O único vampiro com quem eu estava preocupada essa noite era ele.

Assim que estávamos entre os outros dançarinos, o Coringa me puxou para seus braços, seus olhos azuis reluzindo com um brilho inumano de verde enquanto deslizavam pelo meu corpo. A fantasia se encaixava como uma luva, deixando pouco das minhas curvas para a imaginação, mas ele parecia estar imaginando, mesmo assim. Explicitamente.

. Suprimi um arrepio, feliz que a borracha da cabeça aos pés também disfarçava o cheiro de desgosto que devia estar vindo de mim. O traje de seda



do Coringa não agia como uma barreira olfativa. O cheiro de luxúria vindo dele praticamente entupiu meu nariz, e eu nem respirava mais. Já que eu precisava de informação dele, sorri quando começamos a dançar. Eu aprendi a valsar exatamente um dia atrás, mas acabou sendo prática o suficiente. O Coringa me girou através de passos que eu acompanhei facilmente. Ele me segurou mais perto do que a dança formal exigia, entretanto, e eu não acho que foi um acidente quando a mão dele roçou meu traseiro.

Mais uma vez, olhei para o mezanino. Graças a *Deus* ele ainda estava vazio!

— Quando você me dirá seu nome, minha sedutora misteriosa? — O Coringa perguntou, sua mão ainda correndo pelo meu quadril. — Eu posso dizer que você foi criada recentemente. A quem você pertence?

Eu não estava surpresa por ele ter me classificado como uma vampira bebê. Minha fantasia podia conter minhas correntes elétricas e cheiro, mas não podia ocultar minha aura e, como a de todos os novos vampiros, ela era fraca. A lista de convidados do Vlad continha os maiores e mais fodões da sociedade de mortos vivos da Europa Oriental, então, sob circunstâncias normais, eu só estaria aqui como a serva de um vampiro mais forte. Ser rebaixada a insignificante era bom pra mim. Não saber quem eu era significava que o Coringa não sabia das minhas habilidades, e eu não estava prestes a dar a ele quaisquer pistas sobre minha identidade verdadeira.

Usei os próximos passos da dança para manobrar a mão dele para longe da minha bunda. Então sorri com o que eu esperava que fosse um encanto misterioso. — Paciência. Eu te direi quem sou na retirada das máscaras.

— Paciência? — Ele repetiu com mais que uma pitada de desdém. Acho que minha tentativa de ser sedutora e misteriosa falhou.

Verdade seja dita, eu não tinha muita experiência em flertar. Eu comecei a eletrocutar a todos que eu tocava com treze anos, o que me colocou firmemente no grupo “não namorar” pelos próximos doze anos. Nem mesmo vampiros eram imunes aos perigos do contato pele a pele comigo, e isso quando eu nem mesmo estava tentando machucá-los. Como eu precisava que o Coringa ficasse perto pelos próximos minutos, eu tive que manter minha atuação, com ou sem pobres habilidades de falsa sedução. Logo, eu tiraria discretamente os dedos destacáveis da minha luva, tocaria nele enquanto segurava minhas correntes elétricas e assim descobriria seu segredo mais



sombrio.

Testes de detectores de mentira nem se comparavam à minha habilidade de ver o pior pecado das pessoas através de um simples toque. Eu odiava minhas habilidades psicométricas até recentemente, quando elas se tornaram uma ferramenta necessária para manter a mim, e as pessoas a quem eu amava, vivos.

O Coringa sorriu, parecendo ignorar minhas habilidades menos que suaves de flerte. Ou, eu percebi enquanto ele nos conduzia pela dança até um dos espaços ocultos por cortinas do salão, ele tinha algo mais em mente.

— Paciência é uma virtude, e eu odeio virtudes, — ele murmurou, usando seu corpo para me forçar no espaço. — Além disso, eu realmente não ligo para qual é o seu nome ou a quem você pertence. Tudo o que eu quero saber é o quão apertada você é.

Uau. Fale sobre vir com tudo! — Eu acho que não, meu amigo impaciente, — eu disse, rindo como se ele tivesse contado uma piada. — Talvez mais tarde, mas agora, vamos voltar à dança...

— Não vamos. — ele interrompeu, me puxando forte contra ele. Então sua mão pousou na minha bunda como se eu tivesse implorado a ele para me espancar. Ofeguei, tão horrorizada com o que estava prestes a acontecer que congelei. A cabeça do Coringa começou a abaixar, seus lábios se aproximando dos meus...

Ele gritou quando chamas subiram por seu rosto. Suas mãos voaram de mim para bater nas chamas em uma tentativa instintiva de apagá-las. As chamas apenas espalharam, brilhando mais forte antes que eu pudesse terminar de gritar — Pare!

Espiei para fora das cortinas para ver Vlad abrindo seu caminho através dos convidados, que pararam de dançar para olhar para o homem queimando e gritando. Vlad estava sem máscara e seus longos cabelos negros balançavam pelo seu passo rápido. Suas mãos estavam cobertas de chamas, mas, diferente do Coringa, que socava seu próprio rosto freneticamente, as chamas não queimavam Vlad. O mesmo poder que o permitia manifestar e controlar o fogo, também o mantinha seguro dos seus efeitos mortais.

— Parar? — A voz do Vlad chicoteou pelo ar, fazendo com que os vampiros que iam em direção ao Coringa virassem e se afastassem, assim que perceberam quem estava causando o fogo. — Por que eu faria isso?



Mesmo que os presentes não tenham percebido isso, eu não deixaria um homem queimar até a morte apenas para manter a farsa.

Saí do espaço confinado. — Porque ele não sabia que eu sou sua esposa.



Capítulo Dois.

Tirei minha máscara e o elmo que emoldurava meu rosto. Cabelos negros caíam ao redor dos meus ombros, mas essa não era minha característica mais distinta. A cicatriz que ia da lateral direita do meu rosto até minha mão era.

Suspiros espantados foram ouvidos e eu quase senti pena dos outros homens com quem eu tinha dançado. Provavelmente eles esperavam explodir em chamas em seguida. Vampiros eram notoriamente territoriais em relação ao que consideravam deles. Adicione a isso o fato de Vlad ser um conquistador com séculos de idade que fez por merecer o apelido “o Empalador” quando era humano e você tem alguém muito mais assustador do que a versão fictícia de Bram Stoker.

— Tranquem as portas. Ninguém sai. — Vlad ordenou, aumentando a recente atmosfera ameaçadora no salão.

Uma rápida agitação no ar significava seu pessoal se apressando para obedecer. Diga o que quiser sobre o Castelo Drácula—quer você os veja ou não, os guardas de Vlad estão em todos os lugares.

— Pare de queimá-lo, você provou seu ponto. — Tentei novamente.

Vlad olhou para o homem aos gritos sem remorso. — Se ele desse valor a vida, não deveria ter ignorado sua recusa. Mesmo que não soubesse que você é minha esposa, ele sabia que você era minha convidada.

Eu mencionei que Vlad tendia ao lado brutal do arcaico? Para ele, queimar o Coringa até a morte devido a sua investida forçada, era uma resposta perfeitamente apropriada. Um homem moderno teria considerado o problema encerrado depois de um soco na cara.

Eu me aproximei de Vlad, passando os braços ao redor de seu pescoço, apesar de suas mãos ainda estarem em chamas. Seus sentimentos estavam trancados, impedindo a mim, e a todos os outros vampiros que ele criou, de sentir suas emoções, como normalmente podíamos. Mas, ele tinha que estar furioso. Caso contrário, ele não teria exposto meu disfarce de forma tão



espetacularmente violenta.

Mas, bem, ele não queria que eu fosse disfarçada essa noite, em primeiro lugar. Eu tive que discutir por dias para fazer com que ele concordasse. Agora isso. Implorar não salvaria o Coringa. A única palavra que Vlad odiava mais do que *Drácula* era “por favor”. Ao invés disso, fiquei nas pontas dos pés, com a boca roçando seu ouvido quando eu sussurrei.

— Eu não o toquei para saber o que precisamos saber, então você não pode matá-lo. Você sabe como é difícil para eu conseguir informações através de seus ossos.

Ele não disse nada e seu corpo continuava como uma estátua em sua rigidez. Então, as chamas em suas mãos desapareceram enquanto ele as passava em meus cabelos, soltando-os do coque que já estava a maior parte desfeito.

— Faça-o.

Duas únicas palavras, mas seu tom não estava mais assassino. As chamas no rosto do Coringa desapareceram tão abruptamente como se ele tivesse sido atingido por uma mangueira de incêndio.

Esperei até o rosto do Coringa voltar à sua pele normal, embora suja de fuligem. Cicatrização sobrenatural era uma das vantagens de ser um vampiro. Caso contrário, ele teria que usar uma máscara pelo resto da vida.

— Não se mova enquanto minha esposa toca em você. — Vlad ordenou. Ele não precisou acrescentar uma ameaça. Seu tom era ameaçador o suficiente.

— Sua esposa? — o Coringa repetiu, chocado. Ele deve ter perdido essa informação enquanto estava tentando apagar seu rosto pouco antes. Então ele olhou para sua mão, como se tivesse lembrado que ela esteve colada em minha bunda alguns minutos atrás.

— Eu fico com isso. — Vlad disse friamente e arrancou a mão do Coringa com uma única e brutal torcida.

Eu me encolhi. Então ele também tinha visto aquilo. Eu tinha que agir rápido, antes que Vlad arrancasse algo que não fosse crescer de volta. Eu me aproximei do Coringa, que agarrava com força seu novo toco enquanto gemia asperamente. Ele não gritou, entretanto. Perder uma mão não deve ter doido



tanto quanto ter seu rosto incendiado.

— Eu também preciso tocar Khal Drogo. — Eu disse, me referindo ao vampiro que tinha vindo fantasiado como o senhor da guerra de *Guerra dos Tronos*. A gora eu não precisava mais ser furtiva para sentir ninguém. Olhei frustrada para a multidão fantasiada silenciosa. Essa é exatamente a forma que eu não queria que essa noite acontecesse.

O que você esperava? Sussurrou minha odiada voz interior. Tudo que você faz termina em fracasso.

Tentei ignorar minha crítica interna desprezível — e as centenas de pessoas me encarando — quando toquei o Coringa com minha mão direita nua. Ele foi sacudido devido às correntes que fluíam para ele, já que não me incomodei em conter minha voltagem. Por que desperdiçar a força? Agora todos sabiam quem eu era, então eles sabiam o que eu podia fazer. O inimigo mais antigo de Vlad, Mihaly Szilagyi, se encarregou disso.

Assim que o toquei, imagens sem cor inundaram minha mente, transformando o salão em uma fazenda e eu no Coringa.

Abri a porta de madeira com um chute, absorvendo o único cômodo com um olhar. Dois colchões de palha estavam no chão mais próximo à lareira, os cobertores finos e gastos devido ao uso constante. Alguma coisa borbulhava na panela de barro acima do fogo e uma pilha de madeira parecia ter sido jogada apressadamente. Sorri. A pequena fazenda parecia estar vazia, mas não estava.

Não levou muito tempo para encontrar o alçapão debaixo da única mesa no cômodo. Os gritos começaram antes de eu abri-lo, fazendo com que eu sorrisse ainda mais. Eu gostava quando elas gritavam. Também gostava quando elas lutavam. As duas garotas que eu arrastei do pequeno espaço eram jovens demais e magras demais para lutar, mas eu pegaria o que podia...

Sua mão tinha crescido novamente quando saí da lembrança. Eu a encarei enquanto lutava contra a vontade de vomitar ou de arrancar minha pele, o que quer que fizesse eu me sentir limpa mais rápido. Reviver os piores pecados das pessoas como se fosse eu os cometendo me enojava frequentemente. Algumas vezes, como essa, era pior. Quando minhas habilidades psíquicas se desenvolveram, toda a escuridão que experimentei me levou a uma tentativa de suicídio. Agora, eu me focava até canalizar minha raiva e repugnância em emoções mais úteis.



— Arranquem as roupas dele. — Ordenei.

Os guardas de Vlad correram para obedecer. Como eu era sua esposa, eles fariam o que quer que eu pedisse a menos que Vlad contraordenasse, e ele sabia porque eu precisava de pele nua para fazer o que eu ia fazer em seguida.

Quando o Coringa estava vestindo apenas sua máscara queimada, passei a mão direita sobre ele, começando pelos ombros. Não revivi seu pior pecado novamente; felizmente, aquilo só acontecia da primeira vez que eu tocava alguém. Entretanto, traços de energia vital crepitaram sob meus dedos, marcando as impressões invisíveis de pessoas que tinham deixado impressões emocionais em sua pele. Muitas eram de antigas vítimas de suas tendências violentas, porém algumas eram afetuosas, me lembrando de que até mesmo os monstros tinham pessoas que os amavam. Depois de ter tocado seus ombros, pescoço, braços e pernas, baixei a mão. Senti dúzias de essências no Coringa, mas nenhuma delas foi familiar.

— Não consigo encontrar nenhum traço de Szilagyi. — Eu disse finalmente.

O Coringa vacilou com alívio. Eu estava prestes a dizer ao Vlad para queimá-lo até a morte mesmo assim, depois do que eu tinha visto de seu pior pecado, mas antes que eu pudesse dizer alguma coisa, o Coringa explodiu.

Saltei para longe dos restos em chamas do vampiro. Quando olhei para Vlad, ele ainda estava sorrindo de forma amigável. Se eu tivesse visto isso antes, teria batido em retirada bem rápido. Vlad nunca era mais perigoso do que quando mostrava seu sorriso relaxado e cordial. Então ele virou aquele sorriso na minha direção e eu enrijei. Sim, ele ainda estava puto. Seu sorriso, mais o fato de que ele não tinha esperado para detonar o Coringa antes de eu estar fora do alcance dos respingos me disse isso.

— Você vai ter um monte de “não” RSVP* na sua próxima festa. — Eu disse, limpando da minha roupa os pedaços que ainda estavam queimando.

**Respondez S'il Vous Plait – Sigla francesa que significa ‘por favor, responda’ quando um convite é feito e exige confirmação de presença.*

Seu sorriso apenas ampliou. — Essa não é a primeira festa que dou onde saem menos convidados do que entraram.

Não, não era. A maior parte das coisas que a história tinha registrado sobre Vlad Basarab Dracul, conhecido como Drácula ou Vlad “Tepesh”, que



significa “o Empalador”, estava errada, mas algumas coisas não, tal como o infame jantar por volta do ano de 1400 onde ele massacrou seus nobres em algum momento entre o prato principal e a sobremesa. Assim como o Coringa, aqueles convidados também mereciam.

Eu não sabia se o vampiro vestido de Khal Drogo merecia, mas estava prestes a descobrir. Três dos guardas de Vlad o empurraram para minha frente, não o soltando porque ele estava se debatendo muito. Depois do que aconteceu ao último cara que toquei, eu não podia culpá-lo. Pelo menos eu não precisei ordenar que ele fosse despido. A parte de cima de seu corpo estava a maior parte nua.

Ignorei seus protestos enquanto colocava minha mão direita em seu braço forte. Como de costume, imagens sem cor de seu pior pecado tomaram conta de mim, provando mais uma vez que não havia nada de errado com aquele aspecto das minhas habilidades. Assim que eu voltei mentalmente ao presente, comecei a procurar nele como eu tinha feito com o Coringa, cujos restos ainda fumegavam sobre o mármore do canto do salão.

Dessa vez, reconheci um dos traços de essência que marcava o corpo do vampiro. Olhei para Vlad e lhe dei um único e cruel aceno. Ou o Khal Drogo fantasiado tinha traduzido o gesto ou o novo sorriso de Vlad o aterrorizou, porque ele começou a despejar negações.

— Eu o conheci há muito tempo atrás, antes que todos acreditassem que ele tinha sido morto. Não o tenho visto faz séculos, juro!

Mentiras. O fio de essência que senti não tinha ficado fraco com o tempo. Ele tinha praticamente pulado para mim com sua vitalidade. Eu me afastei, mas não para evitar outra zona de explosão e sim para evitar ser empurrada quando Samir, o novo chefe da guarda de Vlad, começou imediatamente a arrastar o vampiro para longe. Vlad não mataria o Khal Drogo fantasiado por conspirar com seu inimigo mais perigoso. Não, ele sofreria um destino muito pior.

— Quem mais?

O tom glacial de Vlad cortou o lampejo de simpatia que eu sentia pelo vampiro que estava sendo arrastado para a masmorra. Certo, eu tinha mais trabalho a fazer.

Depois de sentir psiquicamente mais quatro vampiros para ver se eles tinham conexão com Szilagyi (eles não tinham), era hora de dar a noite por



encerrada. Ou manhã, já que em poucas horas iria amanhecer. Assim que o sol se erguesse, eu estaria inoperante, eu querendo ou não. Vampiros não queimam na luz do sol como diz a lenda, mas vampiros novos como eu desmaiavam ao nascer do sol e ficavam desligados até quase anoitecer. Isso dava à Vlad bastante tempo para ver se nossos convidados duas caras sabiam a localização de Szilagyí. Eu esperava que sim, porém eu duvidava. O inimigo mais antigo de Vlad não tinha dito a nenhum de seus conspiradores onde estava, então a menos que o Khal Drogo fantasiado provasse ser uma exceção, estávamos de volta à estaca zero.

Eu estava cansada de estaca zero, por esse motivo conversei com Vlad para me deixar espionar psiquicamente essa noite. Se eu tivesse o resto das minhas habilidades, como ver o futuro ou rastrear alguém seguindo seu traço de essência até sua localização, nós poderíamos já ter pegado Szilagyí. Mas, ao me transformar em vampira, perdi essas habilidades e ninguém sabia se a perda era permanente. Nesse momento, minhas habilidades psíquicas eram limitadas a revelar os piores pecados das pessoas e reconhecer traços de essências. Soava exótico, mas a primeira só servia para me dar pesadelos e a outra não nos guiaria ao vampiro que tinha provado ser quase impossível de matar. Descobrir com quem Szilagyí conspirava só nos mostraria o quanto seu poder tinha crescido, e uau, aquele homem esteve ocupado nos trezentos anos em que esteve fingindo estar morto.

— Mais alguém? — Perguntei, limpando a mão direita em minha perna. Não importa quantas vezes eu fizesse isso, ainda parecia que as imagens desprezíveis que eu tinha visto estavam grudadas em mim.

Vlad passou o olhar pela multidão. Nada além de expressões vazias olharam para ele. Se alguém cedesse ou mostrasse medo, eles estariam lhes garantindo uma volta sob minha mão.

— Não, isso vai servir. — Ele finalmente disse. — Deseje boa noite aos nossos convidados, Leila. Eu lhe acompanharei até nosso quarto.

Eu me enfureci com seu tom indiferente. Sim, ele tinha planos horríveis para o resto da noite, e não, eu não me juntaria para o interrogatório, mas ele estava me mandando para a cama como uma criança?

— Vou ficar. — Eu disse, com a sobrancelha arqueada em sinal de desafio.

Por um segundo, seus escudos quebraram, me queimando com suas emoções antes que aquela parede invisível se fechasse novamente. Eu não



era a única vampira que ele tinha criado que deu um passo para trás depois de ser atingido com aquele redemoinho de raiva. Por fora, Vlad parecia a perfeita imagem do autocontrole, mas por dentro, ele era o Monte Vesúvio pouco antes de entrar em erupção.

— Por outro lado, estou cansada. — Murmurei. Obviamente, estávamos destinados a uma briga e eu não queria brigar com Vlad na frente de centenas de estranhos.

Vlad agarrou meu braço e começou a me empurrar para fora do salão. Nossos convidados abriram um amplo espaço para nós, sem dúvida satisfeitos por ter a atenção dele dirigida para longe deles. Não me incomodei a dar boa noite para ninguém. Depois de Vlad bater a porta do salão atrás de nós, isso teria sido redundante de qualquer forma.



Capítulo Três

— **Q**ue diabos você estava pensando? — Vlad exigiu saber assim que entramos na privacidade de nosso quarto.

— Que horas? — Perguntei, me recusando a voltar atrás agora que estávamos sozinhos. Se fingir de morto funcionava quando se era confrontada por um urso cinzento raivoso, mas Vlad era mais como um dragão. Ou você brigava de volta ou tinha sua bunda queimada enquanto fugia.

Seu olhar ficou cor de esmeralda enquanto me sondava. — Quando você se permitiu ficar sozinha com outro vampiro.

Ele já tinha tostado o Coringa; ele não teria superado o agarrador de traseiro até agora? — Eu precisava que ele ficasse por perto até que eu pudesse tirar minha luva sorrateiramente e tocá-lo. Eu não achei que ele viria com tudo com centenas de pessoas a apenas uma cortina de distância —

Vlad me agarrou pelos ombros, suas mãos eram tão quentes que eu meio que esperei meu macacão derreter debaixo delas.

— Você acha que eu estou irritado porque ele te apalpou? — Ele deu uma risada áspera. — Pode ser por isso que o matei, mas não é por isso que estou furioso agora.

— Então por quê? — Gritei de volta. — Porque não sai quando você mandou?

— Porque ele podia ter te matado! — Se nosso quarto não tivesse sido adaptado à prova de som recentemente, todos no salão iriam ouvir isso lá em baixo. — Eu concordei em te deixar tentar seus truques essa noite porque você prometeu nunca ficar sozinha com ninguém, mas você foi para trás de uma cortina com um vampiro que eu lhe disse ser cruel suficiente para estar unido a Szilagyí. Você tem sorte de que ele só tentou te foder ao invés de te apunhalar no coração com prata!

— Fiquei sozinha com ele por dez segundos. — Repreendi.



— Eu poderia te matar uma dúzia de vezes em dez segundos. — Vlad revidou com a voz mais baixa agora. — Todas as formas diferentes com que você podia morrer passaram pela minha cabeça quando te vi ir para aquele canto com ele. O único motivo pelo qual não o explodi imediatamente foi porque você estava perto demais.

Um pouco da minha raiva se exauriu quando olhei em seus olhos. Eles estavam verdes com fúria, sim, mas escondia algo mais. Uma emoção que eu raramente via em Vlad. Medo.

Ele tinha realmente achado que minha vida estava em perigo. Oh, Vlad sabia que eu teria lutado se o Coringa tivesse feito algum movimento letal, mas ele também conhecia a dor terrível de perder alguém que amava. A culpa de Vlad pelo suicídio de sua esposa anterior foi o pecado que vi quando o toquei pela primeira vez. E mais, ele tinha razão.

Eu não deveria ter deixado o Coringa ter me puxado para um canto isolado. Eu estava disfarçada, mas um disfarce não era a prova de riscos e os inimigos de Vlad tinham tentado me matar anteriormente. Um deles até obteve sucesso. Vlad ter me transformado em vampira depois que sangrei em seus braços era o único motivo de eu ainda estar aqui, discutindo com ele.

— Eu deveria ter sido mais cuidadosa. — Reconheci, suspirando. — Querer pegar Szilagyi o mais rápido possível me fez descuidada. Além do inferno no qual ele nos colocou, minha irmã e pai têm que ficar escondidos até isso terminar. Nós podemos ter todo o tempo do mundo para derrubar Szilagyi, mas eles são humanos, então eles não tem.

— Não me importo. — Ele disse com brutal honestidade. — Se eles desejarem, posso substituir cada minuto que sua família perder enquanto estiver escondida, mas não posso substituir você.

Típico de Vlad dizer algo carinhoso e irritante ao mesmo tempo. Sim, se minha família bebesse o suficiente do sangue dele, ele poderia adicionar décadas à expectativa de vida deles. Minha irmã Gretchen poderia querer isso, se nossa caçada por Szilagyi levasse um longo tempo, mas meu pai não. Ele não tinha nem ao menos falado comigo desde que descobriu que eu não era mais humana.

— Felizmente não precisaremos disso, mas de qualquer jeito, da próxima vez, serei mais cuidadosa. Prometo. — Acaricieei seu rosto, meu toque era leve como uma pena, comparado à forma como ele ainda segurava meus



ombros. — Eu lhe disse antes, você não vai me perder—

— Você está certa, não vou. — Ele murmurou, sua boca cortando o resto que eu ia dizer. Não tive tempo para ficar surpresa pela sua abrupta mudança de humor. Vlad me encostou contra a parede mais próxima, rasgando seus escudos emocionais junto com a parte da frente da minha fantasia. Raiva, desejo e amor atravessaram rasgando meu subconsciente, se misturando com meus sentimentos até que eu não pudesse dizer quais eram meus e quais eram dele. Não que isso importasse. Eu o amava com a mesma louca intensidade, o desejava mais do que o sangue eu agora eu precisava para sobreviver—e ninguém me tirava mais do sério do que Vlad. Nós tínhamos isso em comum também.

Sua rápida transição de fúria para paixão poderia ter me aterrorizado meses atrás, mas agora, eu podia sentir todas as coisas que ele não se permitiria dizer. Ele precisava me tocar, me provar, para acalmar o medo odioso que ele sentiu quando achou que eu estava em perigo. Suas ações podem parecer mais brutais do que sensuais, mas se eu o afastasse, ele pararia. Mas com cada emoção que fervilhava através de mim, ele estava me encorajando a não afastá-lo. Ao invés disso, ele me desafiou a responder com a mesma intensidade desenfreada e a libertar minhas inibições do jeito que ele tinha libertado seu coração anteriormente intocável.

Aceitei o desafio, agarrando seu cabelo e usando aquelas mechas longas e escuras para puxá-lo para mais perto. Sua boca era dura, mas sensual quando roçava e tentava a minha, até que nem gemidos pudessem passar por meus lábios. Ele me beijava como se quisesse me punir com prazer e quando ele rasgou seu smoking e sua pele nua tocou a minha, eu tremi. Os poderes perigosos de Vlad tinham seus próprios benefícios inesperados, tal como fazer seu corpo parecer aço derretido quando suas habilidades, ou desejo, resplandeciam para a vida.

Tirei as mãos dos cabelos dele para puxar o que restava de sua camisa. Carne quente e musculosa queimavam meus seios enquanto ele me apertava puxando para mais perto. Ele emitiu um rosnado profundamente sensual enquanto minha mão descia por sua barriga plana até dentro de suas calças. Ele envolveu minhas pernas ao redor de sua cintura, usando seu corpo para me prender à parede enquanto ele rasgava a parte de baixo da minha fantasia.

Minhas presas marcaram sua língua, condimentando nosso beijo com o gosto acobreado de seu sangue. Eu o suguei de sua língua enquanto me esfregava contra o comprimento duro que se destacava ao longo da minha



coxa. Ele me segurou mais forte e, quando ele puxou meus quadris contra os dele, arqueei o corpo para cima em uma necessidade cega e primitiva.

Sua primeira investida me fez gritar devido à arrebatadora sensação de calor por dentro. As sensações eram tão intensas que eu teria chamado de dor se eu não unhasse suas costas pedindo mais. O resto dos gritos que dei foi de puro êxtase e eles prosseguiram até o amanhecer levar embora minha consciência.

As cortinas do quarto estavam abertas quando acordei, mostrando os tons rosados de um céu romeno no fim de tarde. Pelo menos ainda não estava totalmente escuro. Meu progresso lutando contra os efeitos anestésicos do sol estava melhorando.

O lado da cama onde Vlad dormia estava vazio, claro. Ele tinha vencido o controle do sol sobre ele séculos atrás. Geralmente, ele fazia questão de estar no quarto quando eu acordava, mas não hoje. Com um novo prisioneiro nas masmorras, eu não poderia dizer que estava surpresa. Vlad podia duvidar que o vampiro vestido de Khal Drogo soubesse onde Szilagyi estava, mas ele ainda o queimaria quase até a morte para descobrir. Dedicação nos mínimos detalhes, disse ele uma vez.

Uma caneca coberta estava no criado mudo próximo a mim, emanando um aroma rico e quente de sangue. Eu me forcei a beber devagar ao invés de virar tudo de uma vez como eu queria. Primeiro, porque eu estava tentando conseguir controle absoluto sobre minha fome, então cair sobre ela como um animal destruiria o propósito. Segundo, porque eu esmagaria a caneca em pedacinhos se eu não a tratasse com o máximo de gentileza e eu queria *beber* o sangue, não vesti-lo.

Depois que terminei meu café da manhã líquido, algo brilhante chamou minha atenção sobre o criado mudo. Certo, minha aliança. Eu a tinha tirado na noite anterior porque a larga faixa de ouro e seu dragão cravejado teriam me denunciado imediatamente como Leila Dalton Dracul. Esse era o anel que Vlad tinha usado quando era o príncipe da Wallachia, agora chamada Romênia. Eu achei que foi a coisa mais romântica que ele tinha feito ao modificar o tamanho de uma antiga relíquia de família real para ser minha aliança de casamento, mas quando eu o peguei para colocar de volta em minha mão, endureci.



Passei a mão direita sobre o anel até as joias que formavam o pequeno dragão cortarem meus dedos, porém nada mudou. O anel parecia frio, um metal sem vida e ele não deveria ser assim. Três dos quatro príncipes da Wallachia aos quais pertenceu tinha sido mortos enquanto o usavam, então o anel deveria pulsar com essências impressas nele, mas não senti nada. Era como se a antiga relíquia de família estivesse morta.

Somente uma coisa faria um objeto ser daquele jeito depois que eu o tocassem com minha mão direita. Eu já tinha certeza, mas fui até a lareira e bati a mão em uma lenha brilhante mesmo assim. O fogo acariciou minha mão ao invés de queimá-la—do jeito que faria a um único outro vampiro no mundo.

O choque deu lugar à raiva, então da raiva para fúria. Em algum momento desde que deixei o baile na noite passada, Vlad deve ter me coberto com uma grande dose de sua aura. Eu não o notei fazendo isso, claro, assim como eu não tinha notado quando ele fez da primeira vez. Naquela época, eu estava focada em uma montanha explodindo ao meu redor. Dessa vez, a paixão tinha exigido minha completa atenção.

Não podia ter sido acidental. Não com o incrível controle que Vlad tinha sobre seu poder. Ele não tinha feito amor comigo até amanhecer meramente porque ele estava devastado de desejo. Ele também o tinha feito para me *distrain*!

Saber disso levou embora minhas lembranças quentes da noite anterior tão completamente quanto o anel que parecia limpo das essências de seus usuários anteriores. Como nós dois sabíamos, me cobrir com sua aura não apenas me tornava à prova de fogo; também me tornava à prova de habilidades psíquicas. Agora eu não podia fazer nada para ajudá-lo a rastrear Szilagyi ou seus cúmplices. Com um único movimento dominador, Vlad tinha feito com que uma Bola 8 mágica fosse mais intuitiva sobrenaturalmente do que eu.

— Maldito! — Gritei, a traição fazendo com que minha voz ecoasse através do quarto. — *Por quê?*

— Você sabe por quê. — Ele respondeu com sua voz calma atrás de mim.

Virei, vendo Vlad no canto mais distante do quarto. Ele estava tão imóvel que quase se misturava à mobília alta próxima a ele. Por um momento, me perguntei se ele esteve lá o tempo todo, então notei a porta do quarto fechando



lentamente atrás dele.

— Apesar da sua promessa, você não será mais cuidadosa da próxima vez. — Ele prosseguiu, seu olhar cor de cobre escovado estava inabalável. — De muitas formas, você é sábia além da sua idade, mas sua impaciência a torna imprudente. Você já morreu uma vez quando um inimigo usou sua imprudência e excesso de confiança em suas habilidades contra você. Não vou permitir que a mesma coisa aconteça novamente.

Fui até ele, a raiva causando faíscas prontas para serem lançadas da minha mão direita. Não importa o que acontecesse, nada parecia ser capaz de oprimir *aquela* habilidade.

— Sei que estraguei tudo na noite passada, mas você não pode simplesmente decidir me privar de meus poderes psíquicos, Vlad! Eles já salvaram minha vida e a sua antes, e mais, no século XXI um marido não é mais sinônimo de *mestre*.

Quando eu tinha quase o alcançado, ele agarrou minhas mãos, as correntes que eram tão perigosas para qualquer outra pessoa eram absorvidas de forma inofensiva pela sua pele. Ser à prova de fogo tinha mais de uma vantagem.

— Estou bem ciente de que não sou seu mestre. Se alguém do meu pessoal me desobedecesse do jeito que você fez, eles passariam um mês em uma estaca aprendendo a se arrepender disso.

A raiva deu lugar à incredulidade. — Você está ameaçando me *empalar*?

Ele me puxou para mais perto, seu punho de ferro em completo contraste com o roçar de seus lábios contra minha testa.

— Pelo contrário, estou lhe lembrando de que isso nunca acontecerá. — Tentei me soltar, e sua outra mão se moveu rapidamente, segurando meu cabelo até eu não poder desviar o olhar de seus olhos penetrantemente cruéis. — Eu nunca a machucaria, mas até você aprender a usar suas habilidades sabiamente, vou continuar a privá-la delas tão rápido quanto elas voltarem.

— Você não tem o direito.

Algo diferente de raiva enfatizou minhas palavras. Lá no fundo, eu também estava com medo. Ele não via que estava ferindo nosso casamento? Nós já tínhamos experiências de vida diferentes e seiscentos anos de idade de



diferença para superar; como ele achava que conseguiríamos se ele continuasse a insistir que minha opinião sobre minha própria *vida* não importava? Posso ter me colocado em perigo hipotético na noite passada, mas, com todos os inimigos dele, Vlad se colocava em perigo real cada vez que saía de casa, mas você não me via esperando que ele se tornasse um recluso. E claro, como um ex-príncipe, Vlad estava acostumado a ser obedecido, mas eu achava que ele tinha aprendido a ceder em nosso relacionamento. — Você me deu o direito,— Ele falou contra meus lábios. — quando me fez admitir que eu te amava.

Ao ouvir aquelas palavras, lembrei-me de algo que Maximus disse da última vez em que o vi. *Eu amo Vlad e morreria por ele com satisfação. Mas quando ele ama alguma coisa, ele acaba a destruindo. Ele não consegue evitar. É simplesmente sua natureza.*

Ao mesmo tempo, minha odiada voz interior vociferou, *EU TE DISSE que nunca ia dar certo entre vocês dois!*

Vlad me soltou, saindo do nosso quarto sem falar mais nada. Eu o deixei ir, lutando para ter controle sobre minhas emoções descontroladamente oscilantes. Eu queria ir atrás dele, mas ele deixou claro que não mudaria de ideia e que não estava nem perto de se arrepender, então, para quê?

Depois que ele saiu, olhei para a aliança em minha mão, me recusando a acreditar que tinha cometido um erro. Apesar de seu ato irritante, eu ainda amava o Vlad e ele me amava. Não muito tempo atrás, isso era tudo que eu queria da nossa vida. Agora que eu o tinha, eu precisava fazer funcionar sem desistir da minha vontade, identidade ou habilidades.

Não seria fácil. Vlad tinha sobrevivido por centenas de anos sendo cruel e engenhoso. Não era de se espantar que ele tratasse nosso casamento como uma guerra que ele tinha que vencer. Acho que eu deveria ter esperado o que ele tinha feito, não que eu pretendesse apoiar. Minhas habilidades eram parte de mim e Vlad não podia simplesmente decidir arrancar de mim as partes que ele não gostava. Eu não podia fazer o mesmo com ele, por isso que nós dois teríamos que ceder se quiséssemos que nosso casamento durasse.

Mas como você mostra ao maior louco por controle do mundo que o segredo para o amor durar significa abrir mão do controle? Eu não sabia, mas pretendia descobrir.



Capítulo Quatro.

Eu estava sentada ao lado do Vlad em sua aeronave luxuosa. Ao invés de segurar a mão dele para me certificar de não eletrocutar acidentalmente o sistema elétrico do avião, eu usava luvas especiais de borracha. Nós não tínhamos nos tocado de forma alguma desde sua façanha dominadora três dias atrás. Lição Um de Compromisso: Seja um idiota, e seu pau será recusado. Toda mulher sabia disso, e agora, o vampiro sentado ao meu lado também.

Se sua nova abstinência o estava incomodando, ele não demonstrava. Na verdade, isso podia estar mexendo com minhas emoções mais do que com as dele. Eu fui para a cama nas últimas três noites com os pijamas mais feios que pude encontrar; Vlad caminhava nu do chuveiro e, com o tamanho do quarto dele, aquela caminhada era mais longa que uma passarela de modelos. Isso me dava muito tempo para ver o vapor subindo de sua carne dura e aquecida enquanto as gotas presas a ele evaporavam, além de ver como seu cabelo parecia selvagem e escuro quando molhado, para não mencionar a forma como ele me olhava enquanto deslizava na cama. Se meus pijamas feios eram uma declaração de “você não pode tocar isso”, seu olhar desafiador e sensual praticamente gritava “você sabe que quer tocar *isso*”.

Yeah, eu queria, mas eu tinha que me concentrar no quadro geral. Se Vlad pensava que alguns dias exibindo sua carne – brilhante quando molhada, destacando aqueles músculos esculpidos, côncavos e tendões enquanto aquele vapor me lembrava do quão quente eu o sentia profundamente dentro de... maldição, foco! – seria o suficiente para me fazer esquecer o que ele fez, ele estava errado. Abstinência era apenas o primeiro passo no meu plano. Lição Dois de Compromisso envolvia Vlad fazendo algo de que ele não gostava pelo bem maior do nosso casamento. Eu ainda não sabia o quê, mas pensaria em alguma coisa.

Espero que logo, porque a Lição Um é um saco.

Em Romeno, os pilotos informaram que estávamos prestes a pousar. Olhei pela janela, vendo principalmente escuridão abaixo. Paris não era chamada de cidade das luzes?



— Por que a súbita viagem à Paris? — Perguntei em um tom casual, como se eu não estivesse me perguntando isso pelas últimas horas.

— Não Paris, Payns, — ele disse, enunciando a palavra com mais clareza do que quando ele me disse pela primeira vez que estávamos indo para a França. — Estou procurando alguém e acredito que ele esteja aqui.

— Szilagyi? — Perguntei, antes de a lógica me dizer que não podia ser ele.

Um rolar de olhos precedeu sua resposta. — Se eu pensasse que ele está aqui, eu teria trazido você?

Não, claro que não. Se ele achava que eu era muito irresponsável para procurar pelo pessoal de Szilagyi entre seus autoproclamados aliados, Vlad certamente não me traria para o confronto a muito esperado com seu inimigo. Sufoquei um suspiro. É como se ele tivesse esquecido completamente das vezes em que eu salvei minha própria bunda através das minhas habilidades, começando com como nos conhecemos.

Após uma aterrissagem bruta, o avião taxiou até parar. Quando a porta abriu, eu estava surpresa em ver que estávamos em uma pequena clareira, no meio de um campo. Payns não deve ter um aeroporto, mas não havia nenhum outro lugar em que poderíamos pousar? Quando os pilotos imediatamente apagaram as luzes do avião, eu entendi. Vlad não queria que ninguém, até mesmo uma torre de controle local, soubesse da sua visita essa noite.

— Fiquem aqui, — Vlad disse aos pilotos enquanto descia os degraus fixos na porta do avião. Eu o segui, não falando até estarmos muito longe para os pilotos ouvirem.

— Quem você está tentando encontrar?

Vlad não olhou para mim, e seus longos passos não hesitaram, mas eu peguei um vislumbre de um sorriso rápido e duro. — Maximus.

— Maximus? — Repeti, a descrença fazendo minha voz elevar. — Por quê? E por que aqui? — Adicionei em um tom mais suave, olhando para o campo à nossa volta.

Agora Vlad olhou para mim, seu sorriso tornando-se cansado. — Ele é daqui. Ele foi cortado da minha linhagem e a maioria dos amigos dele não falarão com ele, por medo de me enfurecer. Quando as pessoas não têm mais



para onde ir, elas geralmente vão para casa.

Ele não respondeu minha primeira pergunta. Com Vlad, aquilo não era um descuido. Eu estremeci. Maximus foi seu amigo mais antigo, porém, meses atrás, ele traiu Vlad ao mentir para ele repetidamente. Pior, ele fez isso por mim. A única razão pela qual Maximus não era uma pilha de ossos era porque eu extraí uma promessa de Vlad de não mata-lo, então usei a liberdade de Maximus como meu “dote”.

Se Vlad estava procurando por ele, ele ainda achava que eles tinham negócios inacabados, e isso não era um bom sinal. Minha única esperança era que Maximus não estivesse em nenhum lugar perto desse pedaço rural da França...

— O que você está fazendo aqui? — Uma voz áspera perguntou.

Há! Minha voz interior zombou. Você perdeu de novo!

Eu me virei, vendo um homem alto, amplamente musculoso perto do rio que corria ao longo dos limites da plantação. O cabelo loiro do Maximus estava mais curto, mas o resto dele parecia igual. A cautela em seus olhos cinzentos certamente era familiar. Ele me deu o mesmo olhar da última vez em que o vi, quando ele previu desgraça para o meu casamento.

— Estou com um desejo insaciável por nabos, — Vlad respondeu, zombando. Então era disso o campo em que estávamos. Então sua voz endureceu. — Eu vim para te ver, claro.

Maximus olhou para si mesmo e soltou uma risada curta. — Suponho que se você estivesse aqui para me matar, eu já estaria em chamas.

— Sim, — Vlad quase ronronou. — Mas eu fiz uma promessa a ela. Ela está aqui para testemunhar que eu posso mantê-la.

Um pouco do calafrio deixou meu corpo. Vlad era conhecido por manter sua palavra, mas eu não podia imaginar por que ele iria querer procurar Maximus. Ele mal foi capaz de se impedir de matá-lo, da última vez em que o viu. Embora, isso possa ter sido porque Maximus disse a ele que nós transamos. Não transamos, mas Vlad não sabia disso. O que ele sabia é que Maximus ficava me dizendo que achava que Vlad estivesse por trás de uma tentativa contra a minha vida, e, por isso, eu não disse a ele que sobrevivi à explosão do duto de gás.



Você sabe... Aquela velha briguinha entre manos.

— Acho que devo te convidar para entrar, então. — Maximus disse, acenando com a mão para uma estrutura desmantelada perto da borda do rio. Eu chamaria aquilo de celeiro, exceto que fedia como peixe velho ao invés de feno.

Impedi meu nariz de franzir por pura força de vontade. — Você vive aqui? — Perguntei cuidadosamente.

Maximus me deu um sorriso irônico. — Não tão bom quanto o que você está acostumada, eu sei.

Ergui o queixo. — Eu vivi em um trailer velho com um companheiro de circo por anos, lembra? Vlad é o bilionário, não eu.

Vlad fez um som sarcástico. — Esse casebre e o trailer dela são palácios comparados a alguns lugares onde vivi, então, se terminamos com a competição de pobreza, tenho negócios a discutir.

Maximus segurou a porta aberta e nós entramos. No interior, aquilo era um pouco menos decrepito, embora o piso tivesse manchas de sujeira presas à pedra perto da entrada. Dava pra ver água nos fundos, mas aquilo parecia proposital, como se parte da casa tivesse sido construída sobre o rio. Talvez essa costumasse ser a casa do zelador de uma antiga roda d'água. Como parecia tão antiga quanto Maximus, isso era possível.

— Não é de admirar que você não esteja respondendo mensagens de texto ou e-mails, — Vlad comentou. — Duvido que haja sinal aqui.

Maximus deu de ombro. — Deve haver. Eu não trouxe nada eletrônico, então não sei.

Lá dentro havia uma mesa, mas apenas uma cadeira. Ambos os homens pareciam esperar que eu a pegasse. Permaneci de pé, ainda quebrando a cabeça para descobrir por que estávamos aqui.

Vlad não perdeu tempo para revelar isso. — Eu quero que você se infiltre na operação de Szilagyi para espionar pra mim.

Eu não sabia quem parecia mais chocada, eu ou Maximus. — Ele? Por quê? — Eu estourei.

O olhar friamente avaliador de Vlad nunca deixou o vampiro loiro em frente a ele. — Szilagyi conseguiu ficar um passo à frente de mim porque ele



continua me surpreendendo. Eu nunca esperei que ele conseguisse fingir sua própria morte com sucesso, muito menos esperar trezentos anos para cobrar sua vingança, ainda assim, aqui estamos. Francamente, ele me enganou porque usou meu conhecimento sobre ele contra mim.

Um músculo flexionou na mandíbula de Maximus. — E você pensa que pode fazer o mesmo com ele comigo?

Vlad sorriu com a mesma cordialidade que geralmente significa que alguém estava prestes a morrer. — Todos sabem que eu nunca perdoaria alguém que me traiu, e todas as vezes em que eu cortei alguém da minha linhagem, foi permanente. Quem, então, acreditaria que eu ofereceria perdão e reintegração para um homem que mentiu para mim enquanto tentava seduzir minha esposa? — Ele bufou com elegância. — Ninguém, especialmente não o inimigo que me conhece tão bem que tem sido capaz de prever a maioria das minhas ações até aqui.

Eu tinha que admitir, até eu estava tendo dificuldades de acreditar. As ações de Vlad caminhavam de mãos dadas com sua arrogância – por exemplo, a atual tensão em nosso casamento – mas, ao oferecer isso a Maximus, Vlad estava assassinando seu próprio ego. Ele estava certo: Szilagyi nunca suspeitaria que ele faria isso. Ele conhecia Vlad muito bem.

Comecei a ter esperanças. Talvez, Vlad estivesse mais perto de aprender a como se comprometer do que eu pensei. Ele estava praticamente completando o Passo Dois, na verdade.

Mas, ainda assim... — Como Maximus vai encontrar Szilagyi? Nós certamente não fomos capazes. Além disso, mesmo se ele fizer, por que Szilagyi deixaria Maximus se aproximar o suficiente para descobrir algo útil, mesmo se ele não suspeitar que ele seja um traidor?

— Todos os meus inimigos estão torcendo por Szilagyi, — Vlad disse, — Haverá muitas pessoas para Maximus expressar seu interesse, e uma delas vai transmitir isso para Szilagyi. Como ele perdeu seus dois melhores espiões recentemente, ele estará ávido para recrutar alguém que conhece minhas operações tão bem quanto Maximus.

Ok, verdade, mas isso deixava a outra coisa que ninguém parecia querer falar a respeito. — Se ele for pego, Szilagyi vai matá-lo.

Vlad olhou para a estrutura arruinada ao nosso redor. — E quão trágico seria para Maximus deixar tudo isso para trás.



— Isso não é tudo o que eu tenho, — Maximus disse, sua expressão mudando de chocada para defensiva.

— Sim, mas você não está tocando o resto, está? — Foi a resposta instantânea de Vlad. — Ao invés disso, você está se punindo ao ficar na mesma pilha de rochas pela qual você foi para a guerra para evitar quando era humano. Estou te oferecendo um jeito melhor de pagar por sua traição.

— Por quê? — A palavra foi tão suave que eu quase não a ouvi. — Você pode achar outra forma de derrotar Szilagyí. Por que você está me oferecendo isso, realmente?

Vlad não disse nada por muito tempo. Por fim, ele deu de ombros. — Por causa da minha promessa para Leila, eu não posso te matar, então eu posso muito bem conseguir algo útil do fato de você estar vivo.

Suspirei com a declaração cruel. Maximus não compartilhava do meu horror. Ao invés disso, sua boca torceu com a sombra de um sorriso.

— *Agora* eu acredito que sua oferta é real.

— E você vai aceitá-la? — Vlad perguntou, seu olhar com anéis esmeralda nunca deixando seu antigo amigo.

Maximus deixou aquela sombra de sorriso se transformar em um sorriso cheio que parecia ansioso e aliviado ao mesmo tempo.

— Oh, sim.



Capítulo Cinco.

Gretchen afastou seu prato com um gemido. — Para criaturas que só bebem sangue, seu pessoal até que sabe cozinhar. — Ela disse ao Vlad. — É culpa deles que eu ganhei mais de dois quilos desde que cheguei aqui.

— Quatro, — ele respondeu suavemente.

Gretchen estreitou os olhos. — Leitor de mente, — ela murmurou.

Disfarcei meu sorriso. Vlad não. Ele sorriu perversamente para Gretchen.

— Certo. É assim que eu soube.

— Como está o papai? — Perguntei para mudar de assunto.

Minha irmã deu um último olhar furioso para Vlad antes de responder. — O joelho dele o tem incomodado, mas ele se recusa a deixar qualquer um olhá-lo. Diz que vai esperar até estarmos em casa e ele poder ver um doutor vivo, o que é estúpido, não é?

Ela levantou a voz até estar gritando as últimas palavras. Eu estremeci, tanto pelo ataque à minha audição sobrenaturalmente sensível quanto pela razão por trás dela. Gretchen correu para nos encontrar quando chegamos à linda casa na Toscana onde Vlad os escondeu, mas meu pai ficou no quarto dele. Ele não se juntou a nós para o jantar também, embora estivesse ouvindo. Gretchen não precisava de super sentidos para saber disso, nem eu.

Vlad olhou para mim, sua sobrancelha subindo. Eu sacudi a cabeça. Não, eu não queria que ele curasse o joelho do meu pai à força. Da mesma forma que eu me recusava a usar meus novos poderes hipnóticos para fazê-lo esquecer o quanto ele odiava minha transformação em vampira. Hugh Dalton teria que aceitar aquilo por conta própria. Se isso significava que nós não nos falaríamos por um tempo... tudo bem. Não seria a primeira vez que meu pai e eu ficamos distantes.

— Por quanto tempo mais nós precisamos nos esconder aqui? — Gretchen perguntou, desistindo de esperar meu pai sair ou responder sua



provação. — Esse lugar é melhor que a Romênia, mas, um dia, eu gostaria de parar de brincar de pique-esconde e seguir com a minha vida.

Estremeci ao ouvi-la dar voz à minha culpa sobre as circunstâncias deles. — Eu sei, e sinto muito. Estamos trabalhando nisso.

Ela suspirou e então olhou especulativamente ao Vlad. — É Szilagyi, não é? Ele não está morto, afinal.

— Por que você diz isso? — Vlad perguntou, sua voz perigosamente sedosa. Nós não tínhamos dito a ela. Será que algum de seus funcionários deu com a língua nos dentes?

Ela bufou. — Você é o Drácula, então todo mundo sabe que os seus inimigos não vivem muito, mas meu pai e eu ainda estamos trancados, então, quem quer que esteja te sacaneando deve ser o rei dos fodões. A única pessoa que eu conheço que se encaixa nessa descrição é o mesmo vampiro velho que você não pôde matar antes.

As narinas do Vlad inflaram enquanto eu encarava minha irmã em descrença. Primeiro, chamando-o de Drácula, então mencionando o fato de Szilagyi forjar sua morte duas vezes? Os quatro quilos que Gretchen ganhou devem ter vindo de suas novas bolas de bronze.

— Você está correta, — Vlad disse, as palavras mal soando como um silvo. — É por isso que continuar escondida é a sua única esperança. Se eu tive problemas para matar Szilagyi, quais você pensa que são suas chances de sobreviver sem minha proteção?

— Zero, — ela disse com um suspiro. Então sua boca se curvou quando ela olhou para mim. — Acho que é bom você já estar morta, maninha. Mais difícil te matar uma segunda vez, certo?

— Certo, — Eu disse, minha voz falhando quando os sentimentos do Vlad brevemente explodiram através dos seus escudos, queimando meu subconsciente com ecos de raiva e uma emoção mais forte e sombria. Dizer que ele não gostava de lembrar sobre como eu morri era um eufemismo.

Para pontuar isso, Vlad levantou. — Estou certo de que você apreciaria um tempo sozinha com sua irmã antes de irmos pela manhã. Gretchen — um breve aceno — boa noite.

Encarei o Vlad enquanto ele partia. Parte de mim queria ir atrás dele, mas eu não tinha visto minha irmã em semanas, e quem sabia quando eu



passaria mais tempo com ela de novo? Nossa viagem para Payns nos dava uma oportunidade de visitar Toscana, mas eu não podia visitar sempre. Nós tínhamos que nos certificar de que Szilagyi não conseguisse uma pista da localização da minha família, além disso, com a guerra deles esquentando, Vlad preferiria que eu nunca deixasse a opulenta fortaleza que ele chamava de lar.

Além disso, quando Vlad estava chateado, algumas vezes era melhor deixá-lo sozinho. Pelo menos por um tempinho.

Forcei um sorriso enquanto me virava para Gretchen. — Vamos terminar de botar o papo em dia durante a sobremesa. Eu acho que sinto o cheiro de alguém fazendo crême brûlées na cozinha...

A casa de Vlad na Toscana era pequena em comparação a seu castelo Romeno, mas ela ainda tinha seis quartos e uma ala de empregados. Depois de algumas horas batendo papo, Gretchen foi para a cama porque não podia conter seus bocejos. Diferente de mim, ela não estava acostumada a ficar acordada a noite toda. Foi fácil descobrir em qual dos quartos restantes Vlad estava. Mesmo se eu não pudesse dizer pelo cheiro, eu podia senti-lo. Sua aura enchia a casa, o poder que ele emanava era ameaçador de tão potente, mesmo quando ele também estava relaxado.

Como um dragão adormecido, eu pensei, espiando-o através da porta entreaberta no final do corredor. Vlad estava em uma cadeira, suas pernas longas esticadas sobre um pufe. Ele não se mexeu quando entrei no quarto. Ele deve ter caído no sono enquanto usava seu tablet. Ainda estava aberto no colo dele, suas mãos descansando no teclado magnético acoplado como se ele tivesse apagado enquanto digitava alguma coisa.

Eu o encarei em silêncio. Com o sol me deixando inconsciente do amanhecer ao anoitecer, eu não o tinha visto dormir desde que ele me transformou em vampira. Mesmo antes disso, era uma raridade. Era a minha nova visão super afiada, ou ele parecia um pouco diferente com suas feições relaxadas no sono? Claro, aquelas sobrancelhas arqueadas continuavam proeminentes, mas seus lábios estavam abertos ao invés de curvados no meio sorriso sarcástico que ele normalmente usava. Havia uma sombra de barba na parte inferior do seu rosto, mas sua mandíbula não estava tensa em sua postura rígida usual. Pálpebras fechadas escondiam o olhar penetrante que ele tão frequentemente lançava aos outros e, por alguns momentos, as mudanças



me permitiram imaginar que eu podia ver indícios da inocência que Vlad deve ter tido, uma vez, quando era humano.

Cheguei mais perto, imaginando como ele deve ter sido antes de as brutalidades da vida dele o endurecessem no homem complexo e letal pelo qual me apaixonei. Será que ele teve alguma lembrança feliz da sua infância? Ou será que as perigosas circunstâncias políticas sob as quais ele nasceu roubaram isso dele? Quando criança, ele já teve medo do escuro? Eu me abaixei, querendo tocá-lo, mas não querendo que ele acordasse ainda—

Chamas explodiram em mim. Gritei, jogando meus braços para cima em defesa instintiva antes de lembrar que eu estava atualmente à prova de fogo. No instante seguinte, eu estava sendo esmagada, o peito duro do Vlad quase machucando minha bochecha de tão forte que ele me puxava para ele. Pior, as emoções que rasgaram pelo meu subconsciente eram tão frenéticas que eu não podia dizer se ele estava assustado, furioso ou uma combinação fervente de ambos.

Szilagyi deve ter nos encontrado! Preparei-me para o próximo ataque, perguntando-me por que Vlad não estava se movendo. Ele estava ferido? Tentei afastá-lo para olhar, mas ele não se moveu. Então água nos atingiu, ensopando nossas roupas e me enchendo de um novo pânico.

— Vlad, o que é isso? — Eu quase gritei.

Gritos de seus guardas ecoaram minha urgência. Tão abruptamente quanto, ele me soltou, latindo uma ordem em Romeno que fez seus guardas, que se apressavam descendo o corredor, pararem de repente.

Foi quando eu vi com o que estávamos sendo encharcados. Extintores de incêndio do teto, ativados pelo fogo que deve ter vindo do... Vad, eu percebi quando olhei ao redor do quarto. Ninguém estava aqui conosco e ninguém estava atacando pelo lado de fora. Então por que ele soltou uma bola de fogo que reduziu a área onde ele estava sentado a ruínas fumegantes?

— Gretchen, Leila! — O berro do meu pai cortou através das respostas confusas dos guardas. — Vocês estão bem?

— Estou bem, — veio a resposta de Gretchen, seguida por um vislumbre do meu pai pela porta entreaberta. Ele estava tentando abrir caminho através dos cinco guardas vampiros, que pareciam tão perplexos quanto eu sobre o que tinha acabado de acontecer.

— Eu também estou bem, — respondi, não adicionando “mas ainda



morta viva” somente porque eu estava muito chocada para lembrar ao meu pai que essa era a primeira vez que ele falava comigo desde que descobriu que eu virei uma vampira.

Vlad disse algo em Romeno que eu vagamente traduzi como “de volta às suas posições” antes de ele fechar a porta do quarto na frente de todos no corredor. Uma porta também foi fechada em suas emoções, cortando o jato que tinha irrompido dele tão violentamente quanto aquelas chamadas.

Os extintores, entretanto, continuavam nos encharcando. Sequei meu rosto um pouco antes de perguntar — O que aconteceu? — no tom mais calmo que eu pude.

Vlad virou para mim. Sua expressão estava fechada, mas suas feições estavam afiadas com tanta tensão que eu não podia acreditar que imaginei que ele parecia inocente alguns minutos atrás.

— Sonho ruim. — Ele disse simplesmente.

— Você carbonizou um perímetro de três metros por causa de um sonho? — Apenas os sons de uma batida cardíaca próxima, indicando que meu pai ainda estava no corredor, me impediram de levantar minha voz em descrença.

Sua resposta saiu por entre dentes cerrados. — Sim.

Olhei para o carpete, cadeira e notebook arruinados antes de voltar meu olhar para ele. — Isso, ah, acontece muito?

— Não.

Outra resposta de uma palavra só... como se seu tom já não fosse indicação de que ele não queria falar sobre aquilo. Bem, se você dá à sua esposa uma queimadura facial, ela não vai desistir do assunto.

— Qual era o sonho? — Insisti.

Sua boca se contorceu em um sorriso que era parte irritado, parte desafiador. — Você está certa de que quer saber?

— Eu te disse antes, seus segredos não me assustam, — respondi, sustentando seu olhar de cobre polido. — Além disso, eu não estou mais cansada e, claramente, nem você.

Dessa vez, seu sorriso tinha sombras de uma escuridão que ainda assim



não me afastou. Pandora deve ter se sentido da mesma forma quando não pode se impedir de abrir aquela caixa infame.

— Aqui não. Nós já demos ao meu pessoal o suficiente para especularem.

Ele me puxou para ele. Em dois passos, estávamos na janela, e então ele estava voando comigo através dela.



Capítulo Seis.

Toscana era linda à noite. Claro, eu não a tinha visto durante o dia, mas a tranquilidade que caía sobre a pitoresca região rural e arquitetura do velho mundo fez com que voar sobre cidades tais como Casole d'Elsa e Cetona parecesse romântico, apesar das circunstâncias. Finalmente, Vlad nos desceu à margem de um vinhedo, me guiando por baixo de uma árvore retorcida que deveria ser tão velha quanto ele, a julgar por sua altura e circunferência.

Vlad me deixou ao lado daquele tronco grosso para caminhar a alguns metros dali. Eu não disse nada. Ele tinha me trazido aqui, então ele me diria o que o estava incomodando quando estivesse pronto.

— Fui aprisionado duas vezes na minha vida. — Ele começou, suas palavras rápidas escondendo a explosão que senti quando ele baixou suas paredes e me deixou entrar em seus sentimentos. — Uma vez como garoto quando meu pai me trocou por segurança política e novamente duas décadas mais tarde, quando Mihaly Szilagyi forçou o rei da Hungria a me encarcerar depois que perdi meu trono pela primeira vez.

— Eu sei. — Eu disse, me lembrando da única vez em que ele tinha falado de sua prisão na infância. Aquele homem não teria sobrevivido a anos de surras e estupros quando garoto se não fosse o ódio puro que o impediu de quebrar...

Ele me olhou como se soubesse o que eu estava pensando. — A segunda vez foi pior, apesar de que eu estava apenas faminto ao invés de torturado e estuprado. Você sabe por que essa foi a mais insuportável?

— Não. — Sussurrei. Como algo podia ser pior do que aquilo?

Seu olhar se encheu com um terrível conhecimento enquanto suas íris mudavam de cor de cobre para verde brilhante.

— Porque o amor corta mais fundo do que a lâmina mais afiada, fere mais do que ossos quebrados e deixa cicatrizes que nunca podem desaparecer. Szilagyi me ameaçou com a vida de meu filho o tempo todo em que fui prisioneiro, e estar impotente para proteger meu filho era um tormento



pior do que qualquer coisa que meus captores anteriores fizeram. Depois que minha esposa se matou, eu jurei que nunca amaria outra mulher. Quando Szilagyi assassinou meu filho posteriormente, eu não queria mais me importar com ninguém, jamais. O amor tinha me quebrado, então eu o substituí com vingança, crueldade e a determinação de não estar à mercê de ninguém, seja ele inimigo, amor ou amigo. É por isso que protejo meu pessoal como um todo, porém me recuso a valorizar uma pessoa mais do que outras e é também por isso que tive poucas amantes e ainda menos amigos. Por mais de quinhentos anos, estruturei minha vida para manter meu voto de nunca deixar alguém tocar meu coração novamente.

Não pude conter a lágrima que correu pelo meu rosto quando suas emoções mudaram de uma lembrança amarga para algo mais rico, profundo e, ao mesmo tempo, até mais feroz. Vlad tocou o rastro que minha lágrima deixou e sorriu com um divertimento cansado e fugaz.

— Tarde demais para chorar pelo meu voto perdido, Leila. Foi você quem me forçou a quebrá-lo.

— Eu não me arrependo. — Eu disse suavemente, virando a cabeça para beijar a palma da mão dele. — Não posso. Não quando eu também te amo mais do que qualquer coisa.

Ele acariciou meu rosto e então baixou a mão. — Há muito tempo atrás, eu costumava sonhar que estava de volta à prisão. Minha raiva devido ao meu estado indefeso às vezes me fazia acordar com as mãos pegando fogo. Aqueles sonhos sumiram com o tempo, mas tem outro que nunca sumiu. Foi o sonho que eu sonhei mais cedo: Estou ao lado do rio, segurando o corpo morto de minha esposa e gritando...

Fechei os olhos. Ele tinha me perguntando se eu realmente queria saber o que ele tinha sonhado e eu disse sim. Como eu poderia adivinhar que isso também ia me machucar? Vlad não precisava me dizer o quanto ele amava sua esposa anterior. Eu havia sentido quando revivi aquele dia próximo ao rio da primeira vez que o toquei. Sua culpa pelo suicídio dela era o pecado que ele mantinha mais próximo à pele.

— ...só que dessa vez, quando eu afastei o cabelo dela, não vi o rosto de Clara. — Vlad continuou, seu tom, agora áspero, me fez arregalar os olhos. — Eu vi o seu.

Respirei chocada. Seu sorriso era uma linha amarga enquanto seu olhar



queimava o meu.

— Pensar que eu a perderia foi o motivo de eu quase ter explodido o quarto enquanto dormia. Eu sei que eu... reagi de forma exagerada ao sufocar suas habilidades. Foi errado da minha parte, mas não posso dizer que sinto muito. Estou em guerra com um inimigo que é esperto, poderoso e cruel, mas Szilagyi não precisa me derrubar para vencer. Você não é apenas minha fraqueza, Leila. — Vlad me puxou para perto dele, uma mão deslizando pela minha mandíbula enquanto a outra acariciava minhas costas. — Você é minha destruição, porque se eu a perdesse, isso acabaria comigo.

Então ele me beijou, de forma profunda e apaixonada, enquanto suas emoções serpenteavam com igual intensidade através das minhas. Elas reafirmavam que ele não sentia pelo que tinha feito, e que de fato faria novamente, mas elas também sussurravam algo em meio à violenta determinação que dizia que ele faria qualquer coisa para me proteger.

Perdoe-me.

Eu me senti inundada pelos sentimentos que ele continuava a despejar em mim enquanto sua boca me devastava de formas diferentes. As sensações eram devastadoras, porém eu passei os braços ao redor dele e o puxei para mais perto. Ele achava que eu era sua destruição, mas ele estava errado. Vlad era o fogo que inevitavelmente me consumiria, e mesmo que eu soubesse disso, eu não estava me afastando. Ao invés disso, eu me tornaria a fênix que continuava a se erguer das cinzas porque eu não o deixaria, não poderia deixá-lo partir.

Interrompi nosso beijo para sussurrar duas palavras que significavam mais do que encerrar nossa abstinência de uma semana. Elas também significavam que eu desistiria de tentar encontrar Szilagyi através das minhas habilidades, quando elas finalmente retornassem. Ao invés disso, eu lutaria contra ele me retirando da batalha, permitindo que Vlad se armasse com o conhecimento de que eu estava segura. Talvez isso valesse mais para ele do que todas as minhas habilidades psíquicas combinadas.

— Você está perdoado.

Eu não esperava que meu voto fosse testado tão cedo, mas apenas um mês depois, Vlad recebeu um SMS de um telefone descartável cuja única mensagem eram os números 1088. Aquilo significava que era de Maximus, e



ele tinha deixado uma mensagem escrita à mão para Vlad contendo informação importante em uma de suas três localizações pré-combinadas. Apenas transferir a informação por meio de mensagem de texto, e-mail ou uma ligação telefônica teria sido muito mais rápido, mas elas também deixavam um rastro permanente que Szilagyi podia encontrar. Mesmo que a mensagem de texto de Maximus fosse interceptada e lida por outra pessoa, apenas Vlad saberia o significado dos números 1088: o ano em que Maximus nasceu, tão específico quanto uma assinatura.

Claro, buscar pessoalmente o que Maximus deixou para ele era algo muito mais perigoso. Vlad não estava levando guarda-costas pelo mesmo motivo que ele insistia em buscar a mensagem ele mesmo: Ele queria que ninguém soubesse que Maximus estava espionando para ele. Eu não achava que Maximus estivesse propositalmente traindo Vlad, mas eu ainda me preocupava que Vlad estivesse indo para uma emboscada. E se Maximus fez contato com Szilagyi e então foi seguido quando deixou a mensagem? E se Szilagyi tivesse descoberto Maximus e o tivesse forçado a atrair Vlad para uma armadilha?

Tentei ignorar os cenários ameaçadores que minha mente continuava a criar quando perguntei, — Por quanto tempo você ficará fora? — no tom mais neutro que consegui.

— Talvez alguns dias, talvez uma semana, — ele respondeu.

Sua incerteza apenas inflamou meus pensamentos mórbidos. *A menos que a informação de Maximus permita que ele ataque Szilagyi. Então, ele não retornará até que um deles esteja morto.*

Toquei seu braço, desejando poder sentir algo além da espessa maciez do tecido de seu casaco, mas minhas habilidades ainda estavam enterradas debaixo das sabe-se-lá-quantas camadas da aura de Vlad.

— Tome cuidado.

Seu sorriso me lembrou de que eu estava alertando um dos vampiros mais poderosos do mundo como se ele fosse uma criança prestes a atravessar a rua. Eu respondi com um sorriso triste.

— Não posso evitar. — Eu disse, passando meus braços por seu pescoço. — Eu te amo, então me preocupo.

Braços firmes me rodearam e ele se curvou até que sua boca fosse um



toque de veludo em meu ouvido.

— Eu entendo perfeitamente, por isso que estou retirando da casa toda a equipe que não for essencial. Não vou arriscar ter outro lobo em pele de cordeiro perto de você e se alguém aqui lhe transmitir alguma vibração indesejável, faça com que o joguem na masmorra. Resolverei isso quando eu voltar.

Engasguei com uma risada. E eu achava que eu estava sendo paranoica. Se Vlad realmente achasse que alguém de seu pessoal nesta casa fosse uma ameaça, eles já estariam decorando uma longa estaca de madeira.

— Masmorra. Entendi. — *Hei, se isso o fazia se sentir melhor...*

Sua boca reivindicou a minha em um beijo que cobriu meu corpo inteiro com um lento e delicioso calor. Quando ele me soltou, um sorriso astuto curvou seus lábios.

— Isso deve garantir que você sinta minha falta, — ele disse com sua arrogância de sempre, — mas isso irá ajudar o tempo a passar de forma mais agradável.

Eu ainda estava balançando a cabeça quando ele me fez virar em direção às pesadas portas da frente. Elas se abriram, revelando um vampiro de 1,20m com cabelos pretos e espessas costeletas.

— Marty! — Eu disse, tão surpresa quanto alegre.

Meu melhor amigo sorriu para mim. — Venha aqui, garota.

Deixei os braços de Vlad para abraçar Marty quando cheguei até ele. Ele retribuiu meu abraço, aguentando a voltagem que absorveu por eu não estar usando minhas luvas. Eu raramente as usava quando estava com Vlad. Fiz uma nota mental de usá-las agora que Vlad estava partindo e afaguei Marty com a mão esquerda.

— Estou tão feliz por te ver, mas o que você está fazendo aqui?

— Você está me dando bronca por fazer uma visitinha para te ver enquanto eu estava na Europa? — ele respondeu com falsa censura.

— Claro que não, — eu disse, mas interiormente eu não estava acreditando nisso. A única vez em que Marty gostou de viajar foi quando ele estava se apresentando no circo. E mais, ele odiava a Europa. Anos atrás ele tinha me dito que não entendia porque tantas pessoas iam até lá para ver um



monte de “coisas velhas”. A ironia de um vampiro de cento e trinta e tantos anos de idade falando isso havia se perdido nele, mas tinha me divertido muito.

Deixei de lado o motivo por trás de sua visita porque eu tinha apenas alguns momentos a mais com Vlad. Além do mais, eu não iria interrogar Marty quando ele mal acabou de passar pela porta. Eu esperaria até depois do jantar.

Vlad já estava atrás de mim quando me virei. Ele trocou cumprimentos educados e um tanto bruscos com Marty e então colocou algo em meu bolso.

— Não vou estar sempre com meu celular, mas em caso de emergência, aperte o botão vermelho neste. Está programado para um celular que estará sempre comigo.

— Ok. — Eu lhe dei um último beijo e me segurei antes de dizer a ele novamente para tomar cuidado. — Você sabe onde me encontrar, — brinquei. Então fiquei séria. — Você não me disse para não ir a nenhum lugar—grande progresso para você—mas só para você saber, eu não vou. Então não se preocupe comigo. Apenas faça o que precisa fazer.

Senti o quente roçar de sua mão em meu rosto, então ele partiu sem olhar para trás. Eu disse a mim mesma que era minha imaginação que as portas pareceram se fechar com uma sinistra determinação atrás dele.

Ele vai ficar bem, eu mentalmente me assegurei. Mesmo que isso fosse uma armação, se Vlad tivesse um vislumbre de Szilagyi, ele poderia queimá-lo até as cinzas antes que Szilagyi tivesse chance de gritar.

Eu me virei para Marty, dando um sorriso que parecia forçado apesar do quanto eu estava feliz em vê-lo.

— Você está com fome? Eu estou, e Vlad tem muitos doadores de sangue residentes para ajudar com isso, então vamos lá embaixo dizer olá para meus amigos com pulsação.



Capítulo Sete.

Os dias seguintes se arrastaram apesar de eu dormir durante metade

deles. Por mais que eu tentasse, eu ainda não conseguia acordar muito antes de escurecer. E mais, logo ficou claro que alguma coisa estava incomodando Marty. Ele tentou disfarçar mostrando que estava jovial como sempre, mas por baixo dos sorrisos, piadas e a felicidade genuína de me ver, eu continuava notando algo mais. Eu teria esperado contrariedade. Vlad deve ter insistido para que Marty viesse aqui bancar a babá e ninguém gostava de ser mandado fazer as coisas, especialmente por alguém que uma vez o torturou. Porém, eu não sentia nenhuma contrariedade em Marty durante os raros momentos em que ele abaixava a guarda. Ao invés disso, era um tipo estranho de... tristeza.

Eu estava determinada em descobrir o motivo.

Na quarta noite, Marty e eu estávamos caminhando do lado de fora do castelo de Vlad, apreciando o friozinho de uma manhã de verão antes do sol nascer. Estávamos bem à vista dos guardas nos muros que nos cercavam e nas torres, mas dois nos seguiam a pé, apesar de Dorian e Alexandru ficarem a uma distância educada atrás de nós.

— Se Szilagyi não estivesse solto, você estaria se preparando para a temporada do circo agora mesmo. — Eu disse, pensando no quão diferente minha vida estava, comparada a um ano atrás. Se eu nunca tivesse conhecido Vlad, eu estaria nos circos com Marty, escondendo minhas habilidades e identidade atrás do meu nome artístico, a Fantástica Frankie.

Nada mudou na expressão de Marty, mas seu cheiro azedou quando ele disse — Nada demais, — em um tom cheio de falso prazer.

Parei tão abruptamente que os guardas que nos seguiam olharam ao redor, alarmados.

— Bota pra fora, — eu disse à Marty. — Algo grande vem te devorando e não é somente porque Vlad deve ter insistido que cuidasse de mim—ainda que eu me desculpe por isso. Às vezes ele esquece que não é mais um comandante militar medieval.

Marty bufou. — Vlad sempre será um comandante militar medieval. É



você que continua se esquecendo disso.

— Não mude de assunto. — Eu disse, apesar de ele provavelmente estar com razão. — O que está acontecendo, e se você disser ‘nada’ mais uma vez, vou te eletrocutar.

Marty olhou fixamente para mim, sem falar por tanto tempo que eu estava prestes a lhe dar um choque para mostrar que eu falava sério. Finalmente, ele falou.

— Estou fora do circuito. — Ele disse com um dar de ombros que parecia acrescentar, *merda acontece, o que se pode fazer?*

A culpa me alfinetou. — Sinto por você ter que perder a temporada, mas Szilagyi já foi atrás de você antes. Assim que o pegarmos—

— Não é Szilagyi. — Ele me interrompeu. — É Vlad, e não só por esse motivo. Estou fora do circuito do circo para sempre.

— O quê?

Ele sorriu torto. — Vlad sabe que você me considera como um segundo pai, e ele sabe que Szilagyi não será seu único inimigo que tenta me usar por causa disso. Já que não há como controlar cada circo que vou, ele mandou que eu parasse de me apresentar. Disse que ele dobraria qualquer valor que eu costumasse ganhar e me daria outro emprego—

— Ele não pode esperar que você desista. — Eu sussurrei, atordoada.

O sorriso de Marty desapareceu. — Ele pode e ele fez. Ele sabe que não estou em posição de recusar. Se eu recusasse, ele me tiraria da sua vida, o que machucaria mais do que largar o circo, já que eu a amo como minha própria filha. E mais, aí ele ficaria puto e eu já experimentei o que Vlad faz às pessoas quando ele não está nervoso.

— Mas ser circense é mais do que um emprego, é sua vida! — Eu disse, como se eu estivesse lhe dizendo algo que ele não soubesse.

— Eu lhe disse, garota. — ele disse suavemente. — Você é a única que ainda está em negação em relação a quem você se casou.

Eu estava prestes a dizer que Vlad não tinha ideia de com que *ele* havia se casado se achava que eu o deixaria escapar dessa quando sirenes começaram a soar pelo castelo. Antes que eu pudesse reagir, Marty me jogou sobre seu ombro, correndo de volta para a casa com os guardas de Vlad



correndo na frente dele como dois *linebackers** com presas.

**Linebacker = um jogador de futebol Americano que joga na defesa e que tem posição logo atrás do atacante.*

Aqueles alarmes me impediram de discutir com Marty por me jogar sobre seus ombros como se eu fosse um saco de batatas. Graças ao meu passeio à sala de comunicações alguns meses atrás, eu sabia o que eles significavam. A rede invisível de segurança que se estendia como uma grande bolha ao redor do castelo e do solo tinha sido violada.

— Aproximação de ataque aéreo! — Um dos guardas gritou com um Inglês com forte sotaque.

Ataque aéreo? Szilagyi tinha colocado as mãos em *mísseis*? Empurrei Marty, pousando de pé no saguão principal, apenas para ser carregada por mais guardas quando eles me empurraram para as escadas atrás da porta do jardim interno.

— Madame, precisamos da senhora no subsolo. — Samir disse. Então o chefe moreno da guarda de Vlad apertou seu colarinho e murmurou alguma coisa no dispositivo sem fio escondido ali. Outro repente em romeno saiu do mesmo aparelho, então Samir e o resto dos guardas estava quase me empurrando escada abaixo.

— Espere, onde está Marty? — Eu gritei, não o vendo através do mar de guardas que me cercavam.

— Vá, eu lhe alcanço! — Ouvi Marty gritar antes que mais comunicação dos microfones dos guardas e múltiplos passos na escadaria de pedra cobrisse sua voz.

— Para a masmorra! — Samir disse, me lançando um olhar de desculpas quando acrescentou. — É a parte subterrânea mais profunda do castelo, então as rochas ao redor irão lhe proteger.

Ele realmente achava que eu escolheria esse momento para ser esnobe em relação as minhas acomodações? —Será grande o suficiente para caber todo mundo?

Samir não foi o único que me olhou como se eu fosse louca. — Nós ficaremos lá em cima para lutar. — O loiro chamado Christian disse.

Parei com tudo depois de ouvir isso, mas teve tanto efeito quanto uma



folha tentando parar o rio enfurecido onde ela estava flutuando. — Não vou me encolher lá embaixo enquanto o resto de vocês arrisca suas vidas!

Eles continuaram a me levar para baixo pelas passagens estreitas como se eu não tivesse falado, movendo-se tão rápido que eu mal nos vi passar pelas duas primeiras portas de segurança que levavam à masmorra. Quando chegamos à terceira, arranquei minhas luvas. A luz se espalhou pela minha mão direita, lançando um brilho incandescente no túnel não iluminado.

— Parem! — Ordenei.

Eles correram ainda mais rápido, me conduzindo através da espessa porta de metal que era a entrada para a masmorra. A frustração fez com que minha mão faísasse. *Vlad*. Ele deve tê-los ameaçado com algo terrível se não me levassem a um local seguro no caso de uma emergência. Ou eu os feria por serem obedientes—o que eu não poderia fazer—ou mudava de tática. Eles não me deixariam lutar, mas talvez eu pudesse proteger alguns deles de outra forma.

Apertei a mão direita firme contra meu corpo e coloquei toda a autoridade que pude conseguir em minha voz. — Mande todos os humanos da casa virem aqui para baixo comigo. Eles não podem ajudar na luta e eles poderiam, hum, ficar no caminho se ficarem lá em cima.

— Traga-os. — Disse Samir, e um dos guardas correu de volta pela entrada da masmorra. Suspirei com alívio, então quase engasguei com o cheiro que parecia atingir meu nariz como um míssil. Eu tinha esquecido como esse lugar fedia, como se a atmosfera opressiva da masmorra, algemas e outros aparelhos ameaçadores não fossem desagradáveis o suficiente.

Samir bradou mais ordens aos guardas que, meio me arrastaram, meio me carregaram para além da pedra de monólito que marcava a primeira seção da masmorra. Então eu fui levada rapidamente pelos vários aparelhos de “extração de informação” na segunda e maior seção antes de virmos para a terceira, onde o teto se inclinava abruptamente e as paredes se encolhiam até que o caminho fosse tão apertado quanto a estreita escada que levava até lá.

Também estava tão escuro que tive que apertar os olhos apesar da minha visão sobrenaturalmente aprimorada. Celas se alinhavam nas frias paredes de pedra e sua altura máxima era de aproximadamente 1,20m, limitando os ocupantes desafortunados a ficarem permanentemente curvados. Da última vez que estive aqui, Maximus era o único prisioneiro da masmorra e ele esteve em uma das celas de tamanho normal no fim dessa linha. Dessa



vez, as celas pequenas ao meu redor não estavam vazias.

Já que agora estávamos no fim da masmorra, os guardas finalmente pararam de me empurrar/carregar. Quando meus olhos se ajustaram, vi Shrapnel, ex terceiro no comando de Vlad, na cela a minha esquerda. Ele estava aqui desde que foi pego por trair Vlad com um aliado de Szilagyi, sem falar a parte em que ele me jogou de um penhasco tentando me matar. Correntes grossas de prata estavam penduradas nos pulsos e tornozelos de Shrapnel, a outra extremidade presa ao chão de pedra com uma enorme braçadeira. Olhei em seus olhos escuros e senti pena quando ele olhou de mim para a cela oposta a dele do outro lado do corredor. Era a única outra cela ocupada nessa seção da masmorra e nela estava a mulher por quem Shrapnel traiu Vlad. Eu duvidava que fosse um acidente que a cela de Shrapnel estivesse posicionada de forma que ele tivesse uma vista irrestrita dela.

Algo parecido com fuligem saía por entre as barras da cela quando me aproximei, então pode-se ouvir sons vindos de uma boca fechada com uma mordaca em forma de bola com espinhos feita de prata. Se eu já não soubesse quem era, eu não teria reconhecido a ex namorada de Vlad, Cyntiana. Ela parecia ainda mais terrível do que da última vez que a vi, e Vlad a vinha queimando para extrair informação desde então.

Os cabelos castanhos, longos e brilhantes de Cyntiana já não existiam mais, substituídos por uma cabeça careca que estava tão coberta de fuligem como o resto. Ela não podia falar devido a horrível mordaca que a impedia de pronunciar feitiços como o que quase me matou, mas seu olhar expressava seu ódio. Ela era pequena comparada a seu amante alto e musculoso, porém Cyntiana tinha mais correntes do que Shrapnel. Cada parte de seu corpo estava presa com correntes de prata, deixando livres apenas seus dedos. Mesmo em sua condição patética, ela não estava intimidada. Dois dedos do meio se levantaram para mim quando nos encaramos.

Alexandru começou a repreender Cyntiana, como se isso fosse de alguma serventia. Dentre todos os crimes fizeram com que a ex namorada de Vlad fosse colocada na pior parte de sua masmorra, covardia não estava entre eles. Ela olhou para ele, virando os dedos de forma que a tradução clara era *Vai tomar no cu!*

Se a situação não fosse tão sinistra, eu teria feito uma nota mental de como ela fez aquilo. Ao invés disso, estar na região mais escura e profunda da masmorra—e assim, mais segura—só destacava o fato de que algo terrível estava prestes a acontecer.



— Alexandru, Petre, Dorian, fiquem aqui,— disse Samir, saindo correndo do corredor de celas. —*Protejati-o cu vietile voastre!*

Eu sabia o que significava aquela última frase porque eu já tinha escutado Vlad a dizer muitas vezes. *Protejam-na com suas vidas*. Minhas entranhas se reviraram. Eu podia estar segura com os guardas e meia milha de rocha entre eu e o ataque iminente, mas e quanto a Marty e todos os outros? A única pessoa que podia conter o feroz ataque aéreo incendiário não estava em casa no momento!

De repente, lembrei do telefone que Vlad tinha deixado comigo. Se isso não contasse como uma emergência, nada contaria. Coloquei minhas luvas de volta, apesar do telefone inteiro estar envolvido em uma borracha espessa, então pressionei o botão vermelho na frente dele. Ele brilhou e não cheguei a ouvir um toque antes de Vlad atender.

— Leila.

— Estamos sendo atacados, — comecei.

— Eu sei, meu pessoal ligou, — ele interrompeu. — Estou a caminho, mas estou longe. Chamei meus aliados mais próximos para ajudar, mas você precisa ficar no subsolo até que eu chegue aí. Você entende?

— Sim. — Eu disse relutantemente.

Bancar a princesa covarde ia contra cada instinto que eu tinha, porém eu não podia distrair o pessoal de Vlad os forçando a me arrastar aqui para baixo de novo se eu tentasse me juntar a eles na luta, e eles iriam me arrastar. Eles já tinham provado isso.

— Bom. — A palavra foi dita com alívio antes de seu tom endurecer para algo mortalmente implacável novamente. — Não é coincidência que Szilagyi esteja atacando agora, então lembre-se do que eu lhe disse quando parti.

Olhei para Alexandru, Dorian and Petre. Os três estavam na entrada da terceira seção da masmorra, tensos como se estivessem esperando Szilagyi pular de um canto escuro. Eles pareciam os guardas ferozes e leais que deveriam ser, mas eu também não acreditava em coincidências. Alguém tinha avisado Szilagyi sobre a ausência de Vlad, e pelo que eu saiba, era um dos homens aqui embaixo comigo.

— Entendi. — Eu disse, segurando o telefone na curva do meu ombro



enquanto eu olhava para a mão direita, minha arma mais eficiente.

— Eu te amo.

Ele murmurou pouco antes de eu ouvir um click, então o único botão vermelho do telefone parou de brilhar. Ele tinha desligado, provavelmente para fazer mais ligações reunindo seus aliados. Coloquei o telefone de volta na minha calça jeans e olhei para a mão esquerda também. Eu poderia precisar de toda a voltagem que pudesse transmitir, até mesmo aqui embaixo onde deveria ser seguro.

— Por aqui, — ouvi Samir gritar, então ouvi ecos de pessoas correndo na parte da frente da masmorra. Pela grande quantidade de batimentos cardíacos, Samir tinha seguido minha ordem de trazer os humanos que habitavam o castelo aqui para baixo.

Eu tinha amizade com alguns deles, então depois de uma rápida discussão com meus guardas, eles concordaram em me deixar ir para a parte da frente da masmorra para vê-los. Eu também queria verificar se Marty tinha vindo aqui para baixo com eles. Ele tinha prometido estar logo atrás de mim.

Eu cheguei à segunda seção da masmorra quando o chão repentinamente se elevou com tanta força que fui jogada ao chão. Então as paredes sacudiram tão violentamente que longas rachaduras apareceram na pedra. Agarrei o objeto robusto mais próximo—uma versão modernizada de um instrumento de tortura antigo que estica os membros das pessoas—e cai novamente quando o chão se inclinou e se elevou como um barco sendo arremessado em mar aberto.

Alexandru e Petre correram para onde eu estava, mas a próxima ondulação violenta os derrubou de joelhos também. Então um grande estrondo soou através da masmorra, enviando uma nuvem de poeira de pedra para nossa seção. Em meio aos gritos, ouvi uma erupção de palavras em Romeno vindo dos dispositivos de comunicação dos guardas. A maioria era muito rápida para traduzir, mas eu entendi três palavras assustadoras.

Explosão. Fundação. Desmoronar.

Szilagyi não tinha lançado um ataque do alto. De alguma forma, ele tinha explodido as fundações onde estava o castelo.



Capítulo Oito.

Nós três cambaleamos até a primeira parte da masmorra, o chão se erguendo e rolando abaixo de nós o tempo todo. Assim que chegamos lá, olhei ao redor sem poder acreditar. A enorme pedra de monólito no centro da ala tinha tombado, esmagando várias pessoas debaixo dela. Alguns pouco ainda estavam vivos, mas presos pela sólida formação rochosa.

— Ajudem-me! — Eu disse, correndo para a sólida pedra retangular. Enquanto a masmorra continuava a tremer como se em seus espasmos de morte, Alexandru, Dorian e eu erguemos o monólito para que Petre e Samir pudessem puxar os sobreviventes. Minha amiga Sandra era uma deles e eu vi, com alívio, que apenas a parte de baixo de sua perna tinha sido esmagada. Sangue de vampiro poderia curar aquilo, assim como curaria os outros ferimentos dos sobreviventes—

Um tremendo *boom* soou, seguido pelos gritos mais horríveis que já escutei. Nem mesmo a distância entre a masmorra e o castelo silenciava os sons que coagulavam meu sangue e me enchiam com um pânico instintivo. O que estava acontecendo?

— Napalm*! — A palavra veio através dos dispositivos dos guardas, seguido por mais estrondos e aqueles horríveis gritos histéricos. — Está sendo jogado dos helicópteros—!

**Material químico usado em bombas e lança chamas.*

Aquela transmissão foi cortada com uma brusquidão aterrorizante, mas foi possível ouvir mais gritos através das linhas de comunicação. Peguei a palavra “emboscada” várias vezes e uma imagem doentia começou a se formar em minha mente. Szilagyi foi capaz de explodir as fundações da casa, fazendo com que grande parte dela desabasse. Então, ele jogou napalm nos sobreviventes encurralados, queimando-os até a morte antes que pudessem se libertar dos entulhos.

— Bloqueiem a porta e fiquem aqui! — Gritou Samir, empurrando através das pessoas aterrorizadas que ainda tentavam entrar na masmorra. Ele bateu a porta atrás dele, o chiado mecânico instantâneo indicando que ele a



tinha trancado.

Olhei chocada para a porta. Samir *não* trancou do lado de fora as pessoas que tentavam chegar ao único local seguro da casa! Porém, ele tinha feito isso e Alexandru, Petre e Dorian se apressaram para colocar a pedra de monólito na frente da porta, quase esmagando umas poucas pessoas que não se moveram rápido o suficiente para sair do caminho deles.

Eu me sacudi para sair da paralisia temporária. — Vocês não podem deixá-lo trancar aquelas pessoas pra fora. Elas irão queimar!

Para acentuar meu argumento, gritos vieram através da espessa porta de metal. Uma olhada ao redor mostrou que apenas metade dos humanos residentes na casa tinha conseguido chegar à masmorra. O resto estava do outro lado daquela porta e mesmo que a casa desabando e napalm não os matassem, a fumaça tóxica mataria. Além do mais, qualquer vampiro que se libertasse dos entulhos precisava chegar ao subsolo para evitar o fogo cruel, mas agora eles não poderiam chegar aqui também.

— Precisamos mover aquele bloco e abrir a porta, — eu disse com mais força, indo em direção à pedra de monólito.

Dorian me puxou com tanta força que quebrou meu braço. — Napalm não pode queimar através de pedra, mas se você remover a barreira e abrir a porta, poderia inundar essa área e nos matar. Precisamos esperar. Ajuda está a caminho.

Meu braço já tinha curado quando ele parou de falar e se meu coração ainda funcionasse, ele estaria martelando. Outro tremor balançou a masmorra, seguido por mais barulho de desabamento acima de nós. Olhei dentro dos olhos azuis duros como pedra de Dorian e vi que ele realmente deixaria todos do outro lado daquela porta morrer para obedecer ordens. Sim, ajuda estava a caminho, mas quando os aliados de Vlad chegassem, a maioria das pessoas na casa estariam esmagadas ou queimadas até a morte.

Eu não poderia viver comigo mesma se deixasse isso acontecer. Marty estava lá em cima, sem mencionar todos os guardas que estavam lutando por suas vidas e pelas nossas. Sim, *poderíamos* estar em perigo se removêssemos aquela barreira e abrísssemos a porta, mas aquelas pessoas *morreriam* se não o fizéssemos. Com uma escolha como aquela, não havia escolha.

Além do mais, eu pensei, me preparando para o que vinha a seguir, pedra não era a única coisa que era imune ao fogo. Graças ao Vlad ter me



encoberto com sua aura, no momento, eu também era.

— Dorian, — eu disse em um tom calmo. — Sinto muito.

Então coloquei a mão direita sobre ele e o golpееi com voltagem suficiente para enviá-lo contra a parede atrás de nós. Alexandru começou a se mover em minha direção, mas parou quando ergui a mesma mão com uma linha branca ofuscante se pendurando dela.

— Se você me obrigar, eu o *farei*, — eu disse, estalando o chicote elétrico que eu tinha formado. Eu também estava falando sério. Várias vidas estavam na balança, a do meu melhor amigo entre elas.

Alexandru deve ter sentido que eu não estava blefando. Ele assentiu e fez um gesto em direção a enorme rocha na minha frente. — Será mais rápido com nós dois.

Fiz um sinal para ele ir em frente, mantendo um olhar atento para qualquer movimento dúbio e repentino enquanto nós pegávamos cada um uma ponta da rocha. Então a levantamos e mesmo com nossa força sobrenatural combinada, senti como se tivesse explodido um baço quando rolamos o monólito para o lado para liberar a porta.

— Abra-a. — Ordenei. Quando ele hesitou, repreendi. — Samir não nos trancou aqui em baixo sem chaves, então abra-a!

— Não, — Dorian engasgou, engatinhando em nossa direção. — Samir irá lhe matar por desobedecer, e se ele não o fizer, Vlad fará.

Alexandru olhou para meu chicote brilhante, para Dorian e então caiu de joelhos. — Não posso. — ele murmurou.

Meu chicote brilhou mais forte quando os sons atrás da porta ficaram mais desesperados. Sim, Vlad tinha ordenado que eles me mantivessem em segurança, mas ele não iria querer uma grande quantidade de seu pessoal queimado vivo quando tudo o que precisava para salvá-los era *abrir a maldita porta!*

— Afastem-se, — gritei o mais alto que pude. — Ninguém toque na porta, ela vai explodir! — Então, com uma rápida prece para que eu não matasse as pessoas do outro lado, eu desci aquele chicote elétrico fervente para a espessa porta de metal.

Um pedaço grande voou perto da tranca, a voltagem eletrificando o



metal altamente condutivo. Chicoteei novamente, canalizando mais energia. A porta inteira ficou coberta por um assustador brilho branco antes de outro pedaço ser arrancado.

— Não! — Dorian gritou.

Uma rajada de vento me advertiu de seu movimento. Girei bem na hora, fazendo com que ele se chocasse contra a porta ao invés de mim. A eletricidade ainda corria através do metal, fazendo com que meu corpo todo tremesse com a voltagem que ele absorveu. Aproveitando minha chance, o arranquei de lá com a mão esquerda e então o chutei para fora do caminho antes de mirar outro ataque à porta.

Aquela última e crepitante chicotada cortou através da tranca, fazendo com que a porta cedesse. Eu me enchi de tristeza quando vi dois dos doadores humanos de Vlad grudados do outro lado da porta, seus corpos ainda convulsionando devido à eletricidade que absorveram. Não tive chance de verificar se tinham pulso antes da porta ser escancarada com o tumulto de pessoas quase atropelando umas as outras para entrar. No instante seguinte, uma explosão tremenda abalou a masmorra, me nocauteando.

Quando recobrei a consciência momentos depois, eu mal podia ver através do sangue, fuligem e poeira pedregosa em meus olhos. Então pude ver com uma clareza ofuscante e terrível, porque o calabouço negro como piche estava subitamente iluminado por incontáveis raios de luar... e chamas.

O lado da montanha onde a segunda e terceira sessão da masmorra estavam localizadas tinha desaparecido. Um buraco totalmente aberto foi tudo o que restou e escombros queimados da casa caíam como chuva nele. Eu não podia acreditar no que estava vendo, porém aquilo não cessou os lamentos, ruídos de desabamento e gritos que vinham ao redor de mim e acima. Szilagyi não estava apenas destruindo a casa; ele a estava colocando a montanha inteira abaixo, assim como ele tinha planejado fazer meses atrás quando estava projetando uma armadilha para Vlad. Eu não sabia como ele tinha conseguido sucesso em seu impressionante ataque, mas não importava.

Os aliados de Vlad chegariam tarde demais. Assim como ele. Nós todos iríamos morrer.

Eu sabia disso, mas mesmo assim me levantei do meio dos cascalhos. Vlad tinha passado anos endurecendo seu coração para que nunca experimentasse a perda novamente, e eu tinha golpeado através de suas barreiras para fazê-lo admitir que me amava. Mesmo que fosse sem sentido,



eu lutaria até o sangrento e amargo final. Eu devia isso a ele.

Além do mais, eu pensei, me forçando através do mar de pessoas que ainda se jogavam para dentro da masmorra apesar de mais da metade estar sendo destruída, eu também devia à Szilagyi. Ele não tinha apenas atacado Vlad; essa também era *minha* casa, *meus* amigos e *meu* pessoal!

Se Szilagyi tivesse vindo com seu pessoal para admirar a destruição que fez, eu pretendia fazer com que fosse a última coisa que ele visse.



Capítulo Nove.

Levei vários minutos para chegar da escada até o nível principal da casa. Entre lutar para abrir caminho pelo dilúvio de pessoas em pânico, eu também tive que tirar do caminho pedaços pesados de escombros. A segunda porta de metal havia sido deslocada de sua moldura, forçando aqueles que estavam na escadaria a escalá-la até que eu a encostei contra a parede para abrir mais espaço. A terceira porta não podia ser encontrada em lugar algum, provavelmente porque aquela seção tinha desmoronado completamente, revelando uma profunda rachadura onde a porta costumava estar.

Acabei recuando para carregar a segunda até a rachadura, colocando-a sobre o espaço aberto para permitir que o grupo de humanos traumatizados do outro lado a usasse como uma ponte provisória. A masmorra podia ter explodido metade em pedacinhos, mas ainda era mais segura do que o resto da casa. Eu os deixei com garantias de que ajuda estava a caminho, e então continuei subindo.

Assim que cheguei ao porão, tive que escalar através de um buraco queimado no teto para chegar ao nível principal da casa. O corredor em frente tinha desmoronado completamente, e eu tentei não imaginar se alguma das partes de corpos que vi nos entulhos pertencia a Marty. Quando abri caminho por uma pilha de ruínas e o andar principal pôde ser visto, minha mente congelou por um segundo. Essa ruína flamejante *não* podia ser o magnífico saguão grandioso que me fascinou tanto da primeira vez que o vi.

Os tetos pintados em aquarela não existiam mais, foram substituídos por enormes buracos que mostravam o céu. Napalm continuava a consumir através das pilhas de escombros que era tudo o que restava dos andares acima. O que quer que não estivesse sendo destruído pelo fogo estava desmoronando enquanto a casa continuava a desabar sob seu próprio peso. Quando a pilha de escombros ao meu lado começou a deslizar de forma ameaçadora, corri através do que parecia um túnel queimado, a tristeza e a raiva apressando meus passos. A última vez que vi Marty, ele estava no saguão principal. Agora, tudo que restou aqui foi destruição e morte.

Por favor, permita que ele esteja vivo, eu me vi rezando.



Passei pelo túnel e me encontrei de pé sobre o que costumava ser o luxuoso pórtico coberto. Do lado de fora, pôde-se ver o dano total do ataque de Szilagyi.

Mais da metade da casa havia desabado, reduzindo-a a pouco mais de um andar nas extremidades norte e leste antes do lado sul se erguer em aparente desafio contra o ataque que ainda se alastrava. Três das quatro torres imponentes haviam sido destruídas, deixando apenas buracos de onde saía fumaça preta para o céu cujo amanhecer começava a iluminar. O túnel pelo qual atravesssei acabou por ser a grande entrada, que agora parecia como se um gigante tivesse socado com o punho flamejante através dos escombros. Chaminés de pedra espetadas como sentinelas solitárias em meio aos restos escurecidos onde o napalm havia devorado a madeira, o concreto e a argamassa da casa destruída. O portão de pedra estava praticamente intacto, mas as torres de observação foram reduzidas a ruínas esfareladas. Pela pesada artilharia e armas de ataque antiaéreo estarem agora jogadas como brinquedos quebrados no chão queimado, Szilagyi deve ter se assegurado de derrubar as torres primeiro em seu ataque.

Com suas armas mais eficientes fora de uso, os guardas sobreviventes podiam apenas jogar pedaços de ruínas nos helicópteros que pairavam como demônios mecânicos sobre a casa, lançando fogo em seus destroços. Enquanto eu observava, um deles conseguiu atingir um helicóptero, fazendo com que tombasse para perto da linha das árvores. Fui tomada por um júbilo selvagem quando vi uma fumaça preta subindo do local da queda momentos depois.

Agora eu sabia que o que eu precisava fazer para ajudar. Comecei a correr na direção da seção da casa onde o maior número de sobreviventes tinha se juntado, provavelmente porque tinha uma grande pilha de estátuas de pedra que haviam se soltado quando a casa desabou. Então, uma repentina rajada de vento atrás de mim me lançou para frente. Cai de cara em uma pilha de objetos de metal queimados que eu turvamente reconheci como sendo da Sala de Armas.

Gritos me fizeram virar a cabeça para cima. Um helicóptero de ataque rugiu sobre mim, lançando rajadas mortais cor de laranja no grupo de guardas à frente. Eles correram, mas não rápido o suficiente. Pelo menos quatro deles foram cobertos com aquele fogo horrível que grudava em tudo e devorava o que tocasse como um monstro voraz. Antes de eu conseguir ficar de pé, eles já estavam mortos, seus corpos negros desabando sobre as pedras que eles



tinham tentado usar como armas.

A raiva me inundou com força renovada. Corri em direção a uma pilha de grandes pedaços de pedra, mas antes de eu chegar lá, outro helicóptero desceu, posicionando-se entre mim e as únicas coisas que eu podia usar para derrubá-lo.

Apesar da fumaça e o vidro grosso cobrindo a cabine do piloto, pude ver que seus olhos estavam brilhando, verde de vampiro. Então os longos cilindros do helicóptero apontaram sua carga mortal direto para mim. Eu me preparei—e o fogo explodiu em mim como um tsunami. A força dele me derrubou. Sons de explosão, tiros e coisas quebrando se uniram ao rugido das chamas, mas a única dor que senti foi a de aterrissar em algo duro quando o chão desabou abaixo de mim. Quando abri os olhos, eu estava olhando para um buraco brilhante e cheio de fumaça, o napalm ainda se aderindo e queimando tudo que tocava.

Exceto eu. Limpei os restos de escombros em chamas que caíam em mim e me levantei. Meu jeans e top estavam rasgados, mas não queimados. A aura de Vlad me protegeu assim como fazia com ele. Até mesmo meu cabelo balançava com suas ondas longas e negras de sempre, nem uma ponta queimada. A aura de Vlad ainda estava intacta, mas eu não sabia por quanto tempo. Ela se desgastou da última vez que fui exposta a muitas chamas de alta intensidade.

Pulei para fora do buraco, notando com raiva que os três helicópteros restantes ainda estavam atacando os guardas sobreviventes. Corri para a pilha de pedras caídas, escolhendo o pedaço maior e mais robusto, que acabou sendo uma gárgula. Os pilotos não me viram quando corri em direção a onde eles estavam plainando porque nenhum dos helicópteros estava apontado na minha direção. Por que estariam? Eles achavam que tinham eliminado o perigo desse lado do castelo em ruínas.

Firmei os pés e usei toda a força sobrenatural que eu tinha para jogar a grande gárgula de pedra na parte de trás do helicóptero mais próximo. Ela se esmagou contra o rotor principal, fazendo com que o helicóptero mergulhasse violentamente para a direita, e então rolasse e batesse com uma satisfatória explosão sobre a parte leste arruinada da casa.

Aquilo chamou a atenção dos outros dois helicópteros restante. Eles fizeram a volta, lançando arcos em chamas em minha direção. Mergulhei para baixo da pilha de pedras mais próxima, usando-a como barreira contra o pior das chamas. Meu corpo parecia estar em um micro-ondas devido ao calor, mas



a aura de Vlad se mantinha, evitando que o fogo arrancasse minha pele. Quando aquela rajada parou, eu já estava levantando um grande pedaço de pedra.

O movimento brusco que o helicóptero fez para a direita não foi suficiente. A pilastra que joguei rompeu a cabine, atingindo o piloto e fazendo o helicóptero cair como, bem, uma pedra. Não tive tempo de fugir do fogo quando o helicóptero explodiu. Ao invés de ficar com medo da aura de Vlad se dissolver, por algum momento, me vi saboreando as chamas enquanto elas passavam sobre mim.

Isso é por todos que você matou hoje! Pensei, cheia de satisfação vingativa devido à destruição do helicóptero. Então comecei a procurar por outro pedaço de pedra. Só restava mais um helicóptero e eu precisava pará-lo antes que mais alguém fosse morto.

Quando o último helicóptero fez a volta, eu tinha um grande pedaço de rocha pronto para lançar. Antes que eu pudesse jogá-lo, múltiplas fagulhas explodiram e algo duro se chocou contra mim. De algum modo, eu estava olhando para o céu ao invés de olhar para meu alvo final.

— Leila! — alguém gritou. Mais barulho de disparos cortaram a voz da pessoa. Tentei me levantar, mas não pude. Foi quando finalmente olhei para baixo. *Pelo menos não estou sentindo dor*, foi meu primeiro e estúpido pensamento, como se isso me deixasse menos perfurada de balas. O piloto deve ter trocado de armas quando viu que o fogo não funcionava em mim.

Falou cedo demais, zombou minha odiada voz interior quando a dor rugiu através de mim com tal intensidade, que era como se ela estivesse tentando compensar por aqueles primeiros segundos livres de agonia. Ouvi o helicóptero se aproximando, tentei me levantar novamente e fui imediatamente bombardeada por uma nova rajada de balas. Agora eu não podia nem ao menos virar a cabeça, então quando o helicóptero me sobrevoou, eu estava completamente indefesa para me salvar.

Algo grande pulou de dentro dele. Eu não pude ver o que era porque minha visão estava embaçada e tingida de vermelho. Como se o tempo real tivesse sido substituído por câmera lenta, eu vi o borrão negro cair em minha direção. É isso, pensei, a parte macabra da minha mente se perguntando qual seria o instrumento de minha morte. Um míssil? Bomba de napalm? O fogo pode não me queimar, mas a explosão me faria voar para o além—

A coisa caiu próxima a mim e me segurou em seus braços. — Leila,—



disse uma voz familiar.

Ainda mais chocante foi a voz que ouvi em seguida, também familiar—e desprezada.

— Saia de perto dela, Maximus,— Szilagyi ordenou.

Minha visão clareou o suficiente para ver o pior inimigo de Vlad caminhando em nossa direção. O cinza em suas têmporas corria em listras pelos seus cabelos negros. Seu maxilar forte e constituição atlética também aumentavam seu ar de comando experiente. Eu o tinha descrito como alguém de aparência distinta quando o vi pela primeira vez em uma visão psíquica, e Mihaly Szilagyi ainda se encaixa nessa descrição.

Claro, ele também era a pessoa mais cruel que já conheci, pessoalmente ou através de minhas habilidades.

— Maximus, corra, — sussurrei. Como ele tinha chegado aqui, eu não fazia ideia, mas ele precisava ir embora. Talvez Maximus fosse um dos “aliados próximos” que Vlad havia enviado para ajudar—

— Eu lhe disse, ela vale mais para você estando viva, — Maximus retrucou, sua voz áspera atravessando a dor que lutava para nublar minha mente com uma agonia sem sentido.

Szilagyi sorriu para mim com uma fria expectativa. — Discordo.

A compreensão me atingiu, tão devastadora para minhas emoções quanto as balas de prata que estavam em meu corpo. Maximus não tinha sido enviado por Vlad para nos ajudar. Ele tinha vindo *com* Szilagyi para nos destruir! Se eu pudesse me mexer, eu o teria empurrado para longe, mas toda a prata queimando dentro de mim roubou minha força.

— Matar sua esposa quase acabou com Vlad da última vez que fiz isso,— Szilagyi continuou. — Talvez dessa vez, a culpa será suficiente para finalmente esmagá-lo.

— O quê? — Ofeguei, atordoada ao responder. — Você não matou Clara. Ela cometeu suicídio.

Szilagyi se aproximou, até que apenas alguns centímetros nos separassem. — Clara não saltou para a morte—eu a empurrei daquele telhado, então apaguei a memória de todo mundo em relação a minha presença. Dessa vez, porém, Vlad saberá exatamente quem matou sua esposa e por quê.



Os braços fortes de Maximus se apertaram ao meu redor. — Não seja um tolo, — ele disse em tom calmo. — O mais perto que você já chegou de derrotar Vlad foi quando você manteve Leila como refém, e isso foi *antes* de ele se casar com ela. Mate-a agora; você o deixará angustiado por alguns meses. Leve-a com você e Vlad estará tão determinado em recuperá-la que cometerá um erro imprudente e letal—

Eu não conseguia me libertar de seus braços, mas minha mão direita esteve se rastejando na direção de Maximus o tempo todo em que ele falava. Quando alcancei sua coxa, canalizei nele toda a voltagem que me restava. Com um estalo satisfatório, ele foi jogado para fora da minha linha de visão, esperançosamente, em pedaços.

Então exibi um sorriso para Szilagyi. — Não importa o que você faça, você nunca vencerá Vlad. — Szilagyi se agachou até seu olhar castanho escuro estar quase no mesmo nível do meu. — Eu realmente vou gostar de te matar, — ele disse, seu tom era tão agradável que camuflava as palavras sinistras. — Mas sempre posso fazer isso mais tarde. No momento, verei se Maximus está certo e se você é mesmo a brisa que vai finalmente destruir a fortaleza de Vlad.

Eu não queria morrer, mas eu também não queria ser a causa da morte de Vlad. Além do mais, com a dor aumentando até parecer que eu estava sendo queimada por napalm por dentro, eu poderia não durar tempo suficiente para Szilagyi me matar “mais tarde”.

— Toque em mim. Veja o que acontece, — eu disse, dando uma risada áspera.

Szilagyi olhou para além de mim, onde infelizmente pude ouvir Maximus gemendo. Droga. Eu não o tinha matado.

— Não preciso fazer nada além de esperar, — ele disse, soando tão confiante que consegui arfar em outra risada. Ele não sabia que os aliados de Vlad estariam aqui a qualquer minuto—?

Um brilho de luz atingiu meus olhos quando os primeiros raios do amanhecer tocaram o fumegante castelo em ruínas. Antes que eu pudesse terminar meu pensamento, eu já estava inconsciente.



Capítulo Dez.

Minha odiada voz interna acordou antes do resto de mim. Seu sussurro provocante agindo como um alarme para o meu subconsciente — *Esta é... o quê? A quarta vez?* — Se eu nunca mais acordasse como prisioneira, ainda seria cedo demais.

Então, como das outras vezes, comecei a avaliar minha situação enquanto fingia ainda estar inconsciente. A dor abrasadora sumiu, então alguém tirou a prata de dentro de mim. Braços totalmente imobilizados; confere. Pernas imobilizadas; confere. Mão direita envolta em algo como borracha; confere. Sem mordança, porém, e a ausência de embalo ou vibração significava que eu não estava em um barco, carro, trem ou avião. Se isso era bom ou ruim, eu logo descobriria.

— ...estou te falando, essa é a melhor forma de impedir que ela use suas habilidades para se conectar com Vlad, — Maximus estava dizendo. — Mesmo se ela conseguir libertar a mão, ela vai esfregá-la contra o nada, ao invés de em um mapa de essência vital*.

**Vocês devem se lembrar que ela tem que correr a mão direita sobre a essência vital que alguém deixa na pele dos outros para poder contatar essa pessoa.*

Quando abri meus olhos, a primeira coisa que vi foi Maximus de pé na parte mais distante do quarto. Szilagyi estava com ele, parecendo intrigado pelo que quer que Maximus estivesse propondo. Havia uma câmera em um tripé armado perto de mim, e em um canto, um vampiro loiro estava inclinado sobre uma mesa, como se nada mais o interessasse além do que estava nela. O quarto em si não me disse nada útil. As paredes, piso e teto eram de pedra, então estávamos no subterrâneo... em algum lugar. Se eu fiquei apagada desde o amanhecer, como normalmente ficava, nós poderíamos nem mesmo estar mais no mesmo continente.

Lutei contra o desespero que tentava envenenar minhas emoções. Uma das vantagens de ser constantemente uma prisioneira era saber que sempre havia uma saída de uma situação difícil. Você só tinha que continuar



procurando até achar.

Então o vampiro loiro se moveu o suficiente para revelar os objetos em sua mesa, e senti como se meu estômago estivesse rastejando pela minha coluna para se esconder. A pior parte sobre ser constantemente uma prisioneira? Saber em primeira mão o quão excruciante a tortura era.

Devo ter feito um barulho, ou talvez meu cheiro mudou com o horror, porque Maximus e Szilagyi pararam de falar para olhar para mim.

— Olá, Leila, — Szilagyi disse. As duas palavras ronronaram com ameaça. — O que você acha sobre eu te capturar agora?

Implorar seria inútil. Assim como ameaçar ou tentar negociar. Você não captura a esposa do seu pior inimigo e a acorrenta em um quarto subterrâneo com uma mesa cheia de instrumentos afiados porque se importa com qualquer coisa que ela tenha a dizer.

— Acho que um copo de sangue fresco está provavelmente fora de questão, — eu disse.

Ser uma espertinha era a única opção que me restava. Além disso, talvez um pouco de falsa ousadia me ajudasse a resistir ao que estava prestes a acontecer. Finja até que seja verdade, como dizia o ditado.

Szilagyi sorriu com o que parecia diversão sincera. — Estou começando a ver o porquê de Vlad e Maximus terem se apaixonado por você.

— Eu coraria, se não estivesse morta-viva. — Murmurei. Para quê era aquela faca curvada com a fenda no cabo?

Szilagyi viu para o quê eu estava olhando e seu sorriso aumentou. — Eu pretendia deixar Harold te torturar do jeito que ele normalmente faz, mas Maximus acabou de me dizer como você realmente ficava escapando de mim das outras vezes em que eu te capturei. Eu sabia que você podia se conectar ao Vlad através de essências gravadas em objetos ou outras pessoas, mas eu não sabia que você também podia se conectar a ele através de traços que ele deixou na sua pele.

Lancei um olhar cheio de ódio ao Maximus. Apesar do que ele fez, Vlad o deu uma segunda chance e eu também confiei nele de novo. Não havia fim para a traição dele?

Seus olhos cinzentos não hesitaram. — Eu não tenho escolha, Leila.



— Sim, você tem. — Eu cuspi. — Você pode morrer com alguma dignidade, como eu pretendo fazer.

— Oh, você não vai morrer, — Szilagyi disse, soando um pouco desapontado dessa vez. — Concordei em deixar Maximus ficar com você, se ele estiver certo e você trazer a destruição de Vlad. Que nunca seja dito que eu não recompenso a lealdade entre meu povo.

— É por isso que você fez isso? — Perguntei ao Maximus, incrédula. — Você persiste na fantasia de que se Vlad estiver fora de cena, eu ficaria com você?

— Algo assim. — Então suas feições severas endureceram. — Não se dê tanto crédito. Eu fui leal ao Vlad por mais de quinhentos anos, ainda assim, ele me cortou de sua linhagem após um único erro. Teria me matado, também, se não fosse pela promessa que você o forçou a fazer. Em um mês, Szilagyi me tratou melhor que Vlad fez em séculos.

— Obrigado, — Szilagyi disse docemente.

Amargura fez minha voz tremer. — Estou tão arrependida por impedir que Vlad te matasse, e espero que você tenha a mesma recompensa que Shrapnel e Cynthiana tiveram por sua lealdade. Ou você não sabe que Szilagyi os explodiu quando destruiu a masmorra inferior?

— De quem você acha que foi a ideia? — Szilagyi se intrometeu, realmente conseguindo soar ofendido. — Cynthiana sabia o que aconteceria se Vlad a capturasse, então ela queria uma apólice de seguro como vingança. Foi ela quem fez Shrapnel colocar cargas de explosivos nas fundações da casa e na masmorra, então enfeitiçou os dois para que eles não pudessem admitir isso sob tortura. Concordei em não explodir as cargas a menos que eles fossem capturados, o que, após semanas sem notícias deles, ficou óbvio. Explodir a casa do Vlad teria pouca serventia para mim, de outra forma. Eu não podia fazer isso enquanto ele estava lá ou ele lançaria o fogo de volta para o meu pessoal, e eu esperava que você estivesse viajando com ele. — Ele sorriu de forma provocadora. — Como eu fiquei feliz por estar enganado.

E eu estaria viajando com Vlad, se ele não estivesse tão determinado a me manter segura que me deixou para trás. E a maior ironia de todas: se eu tivesse ficado na parte “mais segura” da masmorra como ele me disse para fazer, eu teria sido explodida em pedacinhos junto com Shrapnel e Cynthiana. Parece que, dessa vez, agir com cautela foi a decisão mais perigosa a se



tomar.

Cynthiana. A vadia esperta sabia que se Vlad algum dia a capturasse, sua única saída seria a morte. Se ela tivesse adivinhado que seu plano reservaria resultaria na minha captura, ela estaria rindo ao invés de mostrando o dedo para mim da última vez em que a vi.

Maximus apenas deu de ombros. — Você me odeia agora, mas, eventualmente, você perceberá que eu vou te tratar melhor do que Vlad teria, assim que tudo isso tiver acabado.

— Sim, de volta aos negócios, — Szilagyi disse, seu olhar correndo sobre mim com uma frieza palpável. — Com toda a essência que Vlad deve ter deixado gravada em você, sua pele é tão poderosa quanto sua mão direita. Harold, cuide de ambos, certo?

O vampiro loiro veio em minha direção, segurando a faca sobre a qual eu estava curiosa. Agora, com uma certeza nauseante, eu sabia o que aquilo era. Uma lâmina de tirar a pele. Lutei contra minhas amarras, mas, é claro, elas não cederam. Eu queria dizer a Szilagyi que minhas habilidades não funcionavam porque elas foram sufocadas pela aura de Vlad, mas sua expressão disse que aquilo não importava. Ele não estava fazendo aquilo apenas por precaução. Ele queria me machucar.

— E ligue a câmera, — Szilagyi acrescentou, o prazer em sua voz enfatizando que nada do que eu dissesse impediria isso. — Nós não queremos que Vlad perca nem um momento.

Horas depois, após eles me deixarem para cuidarem da entrega de suas lembrancinhas terríveis, eu encarei minha mão direita. A cicatriz que se estendia dos meus dedos e por todo o caminho até minha têmpora sumiu. Nunca pensei que eu sentiria falta da lembrança tangível de tocar aquele fio de alta tensão caído a mais de doze anos atrás, mas eu sentia. Agora, minha pele pálida e brilhante, sem cicatrizes, para sempre seria um lembrete de outro evento que mudou minha vida.

Eu vivenciei muitas coisas horríveis através das minhas habilidades, sem mencionar já ter sido torturada antes. Isso... foi diferente. Não foi a dor que me fez sentir estilhaçada por dentro. Ser metralhada por balas de prata machucou mais, mas quando você perde a si mesmo, em quem você deve se



apoiar?

Uma vez eu disse a Vlad que todo mundo traz seus pecados próximos à pele. O passado de uma pessoa estava lá, também, traços de essências gravando memórias que nunca desapareceriam com o tempo. Quando ele tirou minha pele, Szilagyi não apenas retalhou cada impressão que Vlad deixou em mim; ele também tirou as últimas ligações que eu tinha com a minha mãe, minha irmã, quando éramos crianças... cada momento em minha vida que foi importante o suficiente para deixar uma impressão agora tinha sumido, deixando-me no que parecia ser um corpo estranho.

Era com isso que eu não conseguia lidar. Eu podia lidar com o fato de ser capturada, dor, medo, incerteza, mas agora o meu corpo era a tapeçaria de vingança de Szilagyi, cada centímetro da nova pele era uma lembrança insultante do que ele fez comigo. Eles me deixaram nua, exceto por minhas amarras, mas, ao invés de me sentir exposta, toda vez que eu olhava para mim, sentia como se estivesse assistindo um replay do vídeo deles retirando minha pele que Szilagyi filmou com tanta maldade alegre. Eles pegaram aquele vídeo e o empacotaram com toda a minha antiga pele e o golpe de misericórdia — meu braço direito.

Szilagyi mesmo o arrancou, maravilhando-se sobre como ele ainda faiscava com eletricidade por vários minutos após. Então seu prazer foi infinito quando o braço que cresceu de volta só tinha a mesma voltagem que o resto do meu corpo. Ele não pretendia aquilo, mas com aquele puxão selvagem, Szilagyi arrancou minha arma mais mortal e, com isso, minha esperança de escapar.

Mesmo quando Vlad sufocou minha aura, minha mão direita permaneceu carregada de forma letal. Agora, eu não podia me libertar sobrecarregando aquela mão até a eletricidade cortar minhas amarras, nem podia usar aquela mão para criar um chicote que poderia cortar qualquer um que tentasse me impedir de escapar. Mesmo após a aura de Vlad sumir, eu provavelmente não seria capaz de ler impressões psíquicas, também. Ela não era mais minha. Ela era apenas um resto deixado por Szilagyi

Eu gritei quando eles cortaram minha pele de mim, apesar das minhas melhores tentativas de não gritar. Eu também atirei ameaças à Maximus, Harold e Szilagyi mesmo que isso apenas tenha divertido dois dos três. Tentei dizer ao Vlad para não perder a cabeça da forma que eles queriam que ele perdesse quando visse o vídeo, mas Szilagyi me silenciou ao enfiar uma mão cheia da minha pele descartada na minha boca. Agora que eu estava sozinha e



eles tinham levado a câmera com eles, finalmente me permiti fazer a única coisa que não fiz durante a experiência excruciante e de esmagar a alma.

Eu chorei.



Capítulo Onze.

Minha cela não tinha janelas, então eu calculava o tempo pelo meu ciclo de consciência versus inconsciência. Quando eu desmaiava abruptamente, significava amanhecer. Quando eu acordava, anoitecer. Com isso, eu sabia que havia se passado cinco dias desde o ataque ao castelo. Por incrível que pareça, meus carcereiros tinham me deixado em paz durante esse tempo. Para me impedir de afogar em desespero em relação à Vlad, minhas circunstâncias e pensar se Marty tinha sobrevivido, eu me ocupei em fazer duas coisas: testar minhas algemas e escutar conversas furtivamente.

A primeira acabou sendo um fracasso. Não era surpresa, Szilagyi era um profissional em saber como conter um vampiro. As braçadeiras grossas na parte superior dos meus braços, cotovelos e pulsos estavam incrustadas tão solidamente na parede de rocha atrás de mim que a parede teve que ser reforçada. A braçadeira ao redor da minha cintura fazia com que eu não pudesse me virar para ter nenhuma tração, e minhas pernas estavam presas à parede em nada menos do que quatro lugares.

Resumindo, eu podia acabar com um caso sério de queimadura por rocha por me contorcer repetidamente, mas eu não poderia me libertar. Eu podia, porém, dizer algumas coisas a respeito do que estava ao meu redor por escutar.

Primeiro, apesar dos guardas falarem em romeno quando falavam entre si, Szilagyi só falava com eles em Novgorod antigo, um idioma antigo e não mais em uso que eu não podia entender nem uma palavra. Segundo, eu duvidava que onde quer que estivéssemos fosse seu esconderijo principal. Szilagyi tinha acabado de retornar depois de estar fora por três dias, e isso era tempo demais para estar longe de sua base principal quando ele estava planejando um jog de 'o vencedor leva tudo' com Vlad, o Empalador.

Três, o que quer que esse lugar fosse, era *definitivamente* no subsolo. A falta de sons de fundo urbano ou natural confirmava isso. Szilagyi tinha uma atração por covis subterrâneos, considerando o local de seu último esconderijo debaixo do castelo onde Vlad viveu quando era humano. Esse não tinha tantas pessoas, então deve ser menor. Era possível que os guardas que Szilagyi



trouxe com ele fossem apenas muito quietos, mas considerando o número de batimentos cardíacos que contei, não havia humanos suficientes para alimentar mais do que uma dúzia de vampiros.

Certamente eu não estava usufruindo daquele fornecimento. Não havia sido dada a mim nenhuma gota de sangue, assim como as dores da minha fome cada vez mais forte podiam atestar. Não que eu esperasse algo diferente. Passar fome era uma das primeiras coisas que você conseguia quando estava preso. Acho que eu devia estar feliz que eles não tinham usado outro método infalível para enfraquecer um prisioneiro morto-vivo—envenenamento com prata. Talvez tirar minha pele e me desmembrar foi brutal o suficiente para a primeira tentativa de Szilagyi provocar Vlad a fazer um movimento imprudente.

Como descobri na noite seguinte, eu tinha dado crédito demais à Szilagyi ao pensar isso.

Gritos me acordaram. Pela forma como meu corpo estava pesado, eu tinha acordado mais cedo do que já acordei. Talvez ainda estivesse ensolarado lá fora. Antes que eu pudesse celebrar essa pequena vitória, captei um pouco da discussão acalorada entre Maximus e Szilagyi.

— ...não vou deixar você fazer isso com ela. Isso está indo longe demais, — Maximus disse, soando furioso.

— ...é necessário algo mais drástico para ser eficaz... — Foi a parte que peguei antes de Szilagyi baixar a voz de forma que não pude ouvi-lo.

— Pense em *outra* coisa! — Foi a resposta que Maximus gritou.

Gelo cresceu do meu estômago até meus membros pesados. Maximus tinha dado à Szilagyi a ideia de arrancar minha pele. Se ele estava chocado com o que Szilagyi queria fazer agora, deve ser verdadeiramente horrendo.

— Cuidado, Maximus, — Szilagyi disse. Ele não gritou, mas eu pude ouvi-lo claramente porque eles estavam bem do lado de fora da minha cela agora. — Eu valorizo sua posição na minha operação, mas sou eu quem toma as decisões. Não você.

Maximus não disse nada, aparentemente não querendo colocar em risco sua posição discutindo mais. As algemas que me prendiam à parede pareciam mais apertadas, apesar de ser apenas minha imaginação. Meu coração não batia, mas parecia que ele estava sendo esmagado devido ao pânico que eu tentava reprimir. Se eu pudesse, estaria suando. O que Szilagyi ia fazer comigo



dessa vez?

— Então deixe que seja eu, — Maximus disse, agora falando tão suavemente que eu mal pude ouvi-lo através da parede grossa. — Se você busca o máximo efeito de raiva, é melhor dessa forma.

— Como? — Szilagyi soava duvidoso.

As próximas palavras de Maximus cortaram através de minhas emoções como lâminas. — Porque seis semanas atrás, Vlad me enviou para espioná-lo. Ele não achou que você suspeitaria de mim porque ele tinha me jogado pra fora de sua linhagem, mas parte de você deve ter se perguntado. Vlad achou que eu queria voltar às suas boas graças, mas tudo que eu quero é a Leila. Por isso que eu não estava mentindo quando me juntei à você, e Vlad assistir seu pior inimigo foder a esposa dele pode enfurecê-lo, mas não o deixará tão louco quanto ver o homem que o traiu duas vezes fazer isso.

Arfei, horrorizada. Eles estavam discutindo sobre quem ia me estuprar? Comecei a puxar minhas algemas com toda a força que eu tinha. Maximus continuou falando, agora soando divertido.

— Você também nunca terá que duvidar da minha lealdade depois disso. Vlad inventaria novas formas para me torturar por isso, então eu precisarei dele morto agora mais do que você. Além do mais, mulheres podem perdoar muito, mas Leila me odiaria para sempre se eu permitir que você a estupe. Se for eu... bem, vamos apenas dizer que não acho que ela irá se importar completamente.

— Eu mesma vou te matar! — Gritei.

Sangue começou a pingar das algemas de metal quando rasgava minha pele mais rápido do que podia curar tentando me libertar das braçadeiras. A gargalhada de Szilagyi cobriu meu horror com um lampejo de raiva. Minha mão direita formigou, mas ainda não manifestava mais que fagulhas. Nunca precisei tanto das minhas habilidades como eu precisava agora, e ao invés disso eu estava completamente indefesa.

— Por outro lado, ela pode precisar de um pouco de aquecimento, — Maximus murmurou, abrindo a porta de pedra. — Traga-me um pouco de lubrificante.

— Não temos isso aqui, — Szilagyi disse enquanto seguia Maximus para dentro do quarto. Ele tinha a câmera no tripé e, ao ver isso, compreendi que o



que estava prestes a acontecer seria gravado e enviado para Vlad.

— Doze caras, nenhuma mulher, e eles não têm permissão de sair? — A bufada de Maximus era desdenhosa. — *Alguém* tem lubrificante.

Szilagyi deu de ombros, desaparecendo brevemente para gritar algo em Novgorod Antigo para seus guardas. Quando um guarda envergonhado voltou com uma garrafinha, fazendo com que Maximus erguesse uma sobrancelha com ares de 'eu sabia', Szilagyi tinha acabado de montar a câmera.

E eu estava em um frenesi para encontrar alguma forma, qualquer forma, de impedir isso.

— Você está errado, eu *vou* te odiar para sempre se você fizer isso, — rosnei. — Você foi para o lado de Szilagyi para ficar comigo? Você está prestes a destruir qualquer chance que tinha em relação a isso.

Ele já não tinha chance nenhuma, mas talvez se ele acreditasse que...

Maximus se aproximou e a parede cortou minhas costas de tanto que me pressionei contra ela em uma tentativa inútil de me afastar. Eu ainda não tinha me sentido nua em minha pele nova, mas agora eu me sentia. Oh, agora eu sentia.

— Melhor eu do que ele, Leila, — ele disse, dando uma olhada do tipo “desculpe, cara” para Szilagyi, que resmungou. — Eu serei gentil, enquanto que ele descontaria toda a raiva que tem de Vlad em você.

— Verdade, — disse Szilagyi em um tom casual.

Meu ódio cresceu até que eu estivesse tremendo. — Você está certo, Vlad *irá* inventar novos meios de te torturar, e isso só depois que eu terminar de fazer de vocês dois as pessoas mais miseráveis na terra!

Szilagyi riu. — Oh, ela tem coragem. Vou gostar de assistir isso.

— Você está de saída, — Maximus disse, sem tirar os olhos de mim. — Esperei muito tempo para estar com ela. Não me importo com a câmera, mas não vou ter plateia.

Szilagyi suspirou. — Muito bem. Como eu disse, eu sempre recompenso a lealdade entre meu pessoal, mas não demore muito. Quero o vídeo enviado para Vlad ao amanhecer.

A risadinha de Maximus me fez puxar minhas algemas até eu sentir



meus ossos quebrarem. — Não se preocupe, você o terá bem antes disso.

— Você me dá nojo, — cuspi, minhas presas penetrando meu lábio de tão forte que eu estava apertando o maxilar.

— Oh, antes de você ir, faça alguém me trazer fita adesiva também. — Maximus acrescentou, olhando para o sangue que saía do meu lábio. — Algo me diz que ela gosta de morder.

Com outra risada, Szilagyi saiu. Maximus foi até a câmera e apertou um botão. A luz ainda estava verde, indicando que ela estava filmando.

Olhei diretamente para ela e disse, — Não dê a eles o que querem, Vlad. Você tem que ser mais frio do que já foi. Saber que eles não irão quebrá-lo é como eu enfrentarei isso.

— Precisaremos editar e cortar isso, não é? — Szilagyi disse, retornando com a fita adesiva.

Desviei o olhar da câmera, piscando com força enquanto a fúria se misturava com um amargo desespero dentro de mim. Claro que eles tirariam aquilo. Não havia nada que eu pudesse fazer, exceto aguentar o que quer que eles escolham fazer comigo. Com uma clareza furiosa, entendi como seu desamparo anterior fez com que Vlad acordasse em uma fúria feroz por décadas. Eu queria matar todos aqui, porém eu não podia nem ao menos impedi-los de rirem de mim.

Szilagyi deu uma última piscada para Maximus quando entregou a ele a fita adesiva e então fechou a porta de pedra. Maximus começou a tirar suas roupas. Fechei os olhos, prometendo a mim mesma que, assim como antes, quando tiraram minha pele, eu não iria chorar na frente deles. Eu não podia impedir o que ia acontecer, mas eu podia me impedir de desmoronar... pelo menos até estar sozinha novamente. Por dias, senti como se esse não fosse meu corpo. Agora, eu percebia que cheio de essência ou em branco, armado ou fraco, ele era meu.

E cada pedaço da minha nova pele se retesou quando Maximus andou na minha direção.



Capítulo Doze.

◊ som da fita sendo rasgada em várias tiras me fez estremecer. Eu não queria olhar para Maximus, mas não ver o que estava acontecendo fez eu me sentir ainda mais indefesa. Se alguém tivesse me dito uma semana atrás que Maximus seria responsável por eu ter a pele arrancada e estuprada, eu teria chamado a pessoa de mentirosa. Como não notei o quanto ele era cruel durante o tempo em que passamos fugindo juntos. Como eu alguma vez confiei nele?

Você sabia o que ele era, minha odiada voz interior sussurrou com seu veneno usual. Você reviveu o pior pecado dele, então dentre todas as pessoas, você devia saber!

Talvez eu devesse, reconheci tristemente. Ao invés disso, escolhi acreditar nele quando disse que seu pior pecado também havia sido sua epifania que o fez mudar de vida. Fui tola mais uma vez.

Pelos sons, Maximus continuava rasgando novos pedaços de fita, mas ele ainda não tinha colocado nenhum sobre minha boca. Ele também estava perto o suficiente; eu pude sentir sua aura preenchendo a pouca distância entre nós, fazendo minha pele se retesar ainda mais. Com o tanto de fita que ele estava rasgando, ele devia estar fazendo uma bola para usar como mordaca, ou era algo pior? Incapaz de evitar, abri os olhos—

Ele tapou minha boca com a mão antes que eu ficasse boquiaberta em descrença. Como eu temia, Maximus estava completamente nu. O que eu não esperava era a fita adesiva que prendia seu pênis a parte baixa de seu abdome.

— Não lute comigo, Leila, isso só vai piorar as coisas, — ele disse com um tom severo, então balbuciou as palavras *Morda-me*.

Eu não estava certa a respeito do que estava acontecendo, mas não hesitei. A mordida feroz liberou apenas a menor parte da minha raiva, mas fez com que ele retirasse a mão enquanto um grande pedaço dela ainda estava em minha boca. Cuspi o pedaço sobre ele, olhando com satisfação quando o pedaço pegajoso o atingiu no peito.



Ele agarrou minha cabeça recentemente careca e colocou uma longa tira de fita sobre minha boca.

— Eu ia desacorrentar você para que ficasse mais confortável, mas agora só vou soltar uma perna, ele falou por entre os dentes perto do meu rosto. — Isso é culpa sua, Leila. Eu não queria desse jeito.

Sinto muito por me estuprar não ser romântico para você! Eu teria rosnado como resposta, mas só pude resmungar. Além do mais, uma esperança temerosa estava começando a crescer. Por que Maximus prenderia sua genitália com fita adesiva? Fale sobre destruir o propósito de suas intenções!

Ainda de costas para a câmera, Maximus soltou as braçadeiras da minha perna direita. Então, segurando a garrafinha de lubrificante como um troféu, ele passou uma quantidade generosa sobre a palma da mão antes de passar entre minhas pernas. O que a câmera veria era eu chutando em uma tentativa inútil de negar a ele o acesso e ele usando os joelhos para forçar minhas pernas abertas. O que eu senti ao invés de ver foi ele colocando um pedaço de fita adesiva sobre minha parte mais íntima, então soltando a garrafinha e agarrando minha coxa contra sua cintura.

— Quis isso por tanto tempo, — ele disse, enterrando seu rosto em meu pescoço e arqueando o corpo contra mim com um gemido alto.

Meus olhos permaneceram fechados para impedir as lágrimas com dificuldade, mas dessa vez elas eram de confusa esperança. Maximus enterrou seu quadril no meu em uma mímica explícita de penetração, mas a fita cobrindo nós dois tornava isso impossível. Tudo que fez foi me envergonhar ao extremo, e considerando o que passei na última semana, isso era muito melhor do que o que eu ousei esperar.

— Eles estão ouvindo, — Maximus sussurrou tão baixo que eu mal pude ouvi-lo mesmo com seus lábios pressionados contra meu ouvido.

Eu gemi com a próxima investida forte contra meu centro, virando a cabeça como se eu não pudesse aguentar olhar para a câmera. Na verdade, eu estava tentando pressionar meu ouvido mais perto da boca de Maximus.

— Eu juro, eu não sabia o que Szilagyi ia fazer aquele dia. — Maximus sussurrou aflito enquanto gemia novamente e agarrava meu quadril fingindo desejo. — Quando ele nos levou até o castelo, não pude impedir o ataque. Só pude vê-lo destruir tudo.



Eu queria acreditar nele, mas e se fosse outra mentira? Se Maximus realmente estivesse do lado de Szilagyi pelos motivos que deu a ele, ele sabia que não podia me estuprar sem ganhar meu ódio eterno—embora como ele podia achar que eu o perdoaria por matar Vlad, eu não tinha ideia. Mais uma vez, puxei minhas algemas até sentir sangue correr por minha pele.

Em voz normal, Maximus disse, — Pare, Leila! Você só está se machucando. — Naquele sussurro baixo demais, ele disse, — Você está fazendo isso errado. Não pode se soltar desse jeito, mas se você usar força suficiente, pode quebrar seus ossos e então escorregar os braços para fora das braçadeiras. Assim que suas mãos estiverem livres, você pode soltar o resto delas.

Fiquei rígida, finalmente me permitindo ter a esperança de que Maximus ainda estava do nosso lado. Diferente de fingir um estupro para que eu não o odiasse, ele não tinha motivos para me dizer como me libertar a menos que ele estivesse realmente fazendo tudo que podia por Vlad e por mim, mesmo sob essas terríveis circunstâncias.

Meu ataque de gratidão se transformou no mais forte embaraço com o jeito rítmico com que ele começou a se mover. Então ele gemeu guturalmente e sua mão livre apertou dos meus seios até minha bunda e de volta aos seios. Instintivamente, sacudi minhas algemas com força, mas ele me esmagou contra a parede antes de beijar meu pescoço com uma fome que não parecia muito fingimento.

— Agora não, — ele murmurou baixinho. — Mais tarde, quando Vlad vier. Você precisará se libertar para se proteger dos guardas. Foi-lhes dado ordens de te matar ao primeiro sinal de ataque.

Congelei por um segundo, a esperança dando lugar a um rompante de excitação. Maximus tinha dito à Vlad onde estávamos?

Minha cabeça começou a bater contra a parede de pedra enquanto ele se movia mais rápido, seus gemidos soando mais urgentes.

— Sinto muito, — ele sussurrou exausto. — Se eu não fizer parecer real, Szilagyi irá lhe brutalizar mais tarde. Não posso deixar isso acontecer, pelo seu bem assim como pelo bem de Vlad.

Alívio e gratidão se misturaram com vergonha e embaraço, formando uma mistura emocional tóxica. Se meus braços estivessem livres, eu teria abraçado Maximus por arriscar sua vida para me salvar de tal destino terrível.



Ao mesmo tempo, eu não podia evitar me mexer em inúteis tentativas de me livrar dele. Ele agarrou minha coxa livre com força suficiente para machucar, mas eu percebi que do jeito que ele me posicionou também evitava que a câmera pegasse um ângulo que revelaria que isso era só uma encenação.

Então ele destruiu minhas novas esperanças ao sussurrar, — Sou observado muito de para contatar Vlad e dizer onde estamos. Você precisa se conectar a ele e deixá-lo saber que você está debaixo da antiga estação de trem Sukhumi em Abkhazia.

Virei a cabeça para olhá-lo com surpresa. Ele esqueceu algo importante, tipo como minhas habilidades foram sufocadas mesmo antes de ele se assegurar de que eu tivesse a pele *arrancada*?

— Isso não é nem um pouco bom, querida? — ele disse alto o suficiente para que ser ouvido, então começou a se mover mais rápido. Isso podia não ser real, mas era tão explícito e íntimo que eu não podia nem mais olhar para ele. Se eu ainda fosse humana, minha região pélvica precisaria de um saco de gelo depois de ter um objeto duro batendo nela repetidamente, com fita adesiva ou não.

— Szilagyi não sabe disso, mas ele arrancou a aura de Vlad quando tirou sua pele. — Um sussurro que parecia me queimar quando percebi suas implicações. — E você não precisa tocar nada para se conectar à Vlad. Você pode alcançá-lo através dos seus sonhos. Ele me provocou com isso quando me manteve prisioneiro.

Não pude conter a lágrima que escorreu pelas minhas pálpebras fortemente fechadas. Eu achava que Maximus tinha dito à Szilagyi para arrancar minha pele para impedir que eu usasse minhas habilidades. Ao invés disso, ele fez isso para reativá-las. Talvez eu não precisasse de nada mais do que eu já tinha para me salvar.

Mesmo quando aquela esperança cresceu, minha cruel voz interior tentou reprimi-la. *Você não foi capaz de se conectar a ninguém desde que se tornou uma vampira, e Vlad não pode mais ouvir seus pensamentos, então como você irá dizer a ele onde está mesmo se você se conectar a ele?*

Sufoquei aquela vozinha asquerosa. Vinte minutos atrás eu achava que estava desamparada. Agora, Maximus tinha me lembrado de que eu não estava, tudo isso enquanto arriscava sua vida para não me estuprar. Eu não precisava que ele explicasse como Szilagyi ficaria puto se descobrisse que seu novo vídeo era apenas classificação R ao invés de X*, e mesmo que Vlad



soubesse disso, ele ainda poderia matá-lo pelo que Maximus estava fazendo comigo.

**Classificação R significa que o filme possui algum tipo de conteúdo adulto e os pais são aconselhados a não levarem seus filhos para assistirem esses filmes. Classificação X significa que o filme é pornográfico.*

Afastei esse pensamento. Eu iria me conectar à Vlad e encontrar um jeito de fazê-lo me ouvir, ponto final. Maximus tinha me dado minha localização. Tudo que eu precisava fazer era reestabelecer minhas habilidades. Tinha que ser possível. Vlad me disse que Mencheres, o vampiro que Vlad frequentemente se refere como seu criador “honorário”, podia falar diretamente nas mentes de outros vampiros, e Mencheres não tinha a conexão de criador/prole que eu tinha com Vlad.

Maximus emitiu um som agudo, meio gemido, meio grito, enquanto ele tremia contra mim. Alguma coisa úmida atingiu a parte interna da minha coxa, e por baixo de outro gemido, ouvi o som de fita sendo arrancada. Então senti a dor da fita sendo arrancada da minha própria pele delicada. Ainda não ter nenhum pelo de volta à minha nova pele de repente foi uma coisa boa.

Quando Maximus se afastou, deixando a câmera pegar a primeira imagem desobstruída de nós dois, ele estava sem a fita e ereto enquanto eu tinha sêmen cobrindo a parte interna das minhas coxas e área pubiana. Martin Scorsese não podia ter dirigido uma cena mais convincente.

Eu sabia por que Maximus tinha usado esse “método” de aproximação—qualquer coisa menos que isso teria levantado muita suspeita—mas isso ainda era traumatizante. Eu queria me lavar com água fervente, mas eu nem ao menos podia limpar a sujeira.

— Sinto que tenha sido desse jeito, querida. Da próxima vez será melhor, — Maximus disse, arrancando a fita da minha boca e colocando junto com as outras que ele tinha escondido em seu punho.

Próxima vez. Ele precisaria repetir essa artimanha para garantir que Szilagyi tivesse vídeos obscenos o suficiente para mandar para Vlad? Eu não pude suprimir um tremor revoltado ao pensar nisso.

Eu encontraria um jeito de alcançar Vlad. Eu tinha que encontrar. Além do mais, o desespero anterior podia ter me deixado distraída, mas agora, eu percebi uma coisa muito importante em relação à câmera no canto da minha cela.



Ela tinha um fio que estava conectado a uma tomada.



Capítulo Treze.

8enti como se tivesse destruído meu cérebro tentando me conectar mentalmente ao Vlad no decorrer dos dois dias seguintes. Até agora, posso ter falhado em meu progresso com isso, mas tive um avanço em outra área: o controle do sol sobre mim.

O amanhecer ainda me atingia como uma pedra na cabeça, mas eu acordava mais cedo a cada dia. Minha força de vontade estava crescendo devido às minhas circunstâncias horríveis, mas enquanto isso, meu corpo estava ficando assustadoramente fraco. Ter a pele removida me fez perder a maior parte do sangue que eu tinha dentro de mim quando fui capturada e não me foi dada uma gota desde então. Antes, eu escutava os batimentos cardíacos aqui em um esforço para descobrir quantas pessoas estavam nesse esconderijo. Agora, eu tinha que lutar para *não* escutá-las porque elas inflamavam minha fome a um ponto onde eu mal podia me concentrar o suficiente para tentar me conectar com Vlad.

Eu *preciso de sangue*, balbuciei para Maximus durante sua visita fortemente protegida no segundo dia depois do meu não estupro. Ele não tinha trazido a câmera com tripé com ele para uma repetição, graças a Deus, mas ao invés disso, ele veio com um balde e pano. Ia além da humilhação ele me dar um banho de esponja com quatro guardas com sorrisinhos forçados observando, mas pelo menos suas trocas de comentários sobre minha anatomia evitava que eles focassem em minha boca, então eles não viram minha mensagem sem palavras. Maximus sim, e seu único aceno disse que ele faria o melhor que pudesse.

Talvez me alimentar ajudasse a atravessar as barreiras para minhas habilidades. Minha conexão com Vlad *tinha* que estar lá ainda. Não tínhamos apenas trocado sangue; ele me transformou em uma vampira, então cada célula em meu corpo deve ter uma conexão pessoal com ele. Eu só precisava reativar aquelas conexões e segui-las até a fonte.

Tentei pelo resto da noite. Quando o amanhecer finalmente me atingiu com seu nocaute de costume, eu ainda estava tentando.



O castelo de Vlad não estava mais queimando. Aquela não era a única mudança desde a última vez que o vi. As seções que tinham desabado tinham sido limpas, revelando espaços com crateras que iam tão fundo quanto os porões em alguns lugares. Enormes pilhas de escombros estavam alinhadas do lado de fora do que restou dos muros de pedra. Guindastes e escavadeiras estavam reduzindo aquelas pilhas colocando grandes quantidades em containers de aço que estavam por perto. O castelo parecia quase deserto antes, mas agora estava cheio de pessoas envolvidas na atividade de limpeza.

As extremidades norte e leste da casa pareciam um suflê espatifado de tão côncava que estavam. O lado oeste tinha aguentado melhor, mas foi reduzido a um andar. Em comparação, o lado sudeste se erguia sobre as ruínas, todos os quatro andares intactos e a pequena torre em um relevo desafiante contra o claro céu da tarde.

Era lá que estava o Vlad, com as mãos atrás das costas enquanto observava o progresso. Mencheres também estava lá, sentado em um sofá perto de uma mesa de computador. O sofá eu reconheci; a área do computador era nova. Mesmo que eu não lembrasse como o cômodo se parecia antes, a mesa de metal não combinava com a mobília suntuosa que, assim como a pequena torre e o resto da asa sul, de alguma forma tinha sobrevivido ao ataque duplo de Szilagy.

Eu não sabia se isso era real ou um sonho. Isso não me impediu de olhar para Vlad com uma fome que obscurecia a que me destruíra agora. Eu tinha tentado não pensar muito no quanto eu sentia a falta dele, mas vê-lo destruiu a defesa emocional que eu tinha construído. Eu ansiava por tocá-lo, mas não podia. Das outras vezes em que me conectei a Vlad em meu sono, eu tinha uma versão fantasma de um corpo. Dessa vez eu não tinha nada. Talvez eu estivesse realmente sonhando.

Se for assim, eu tinha sonhado com ele parecendo mais desganhado do que já vi. Seus cabelos negros estavam opacos e suas roupas estavam sujas com tanta fuligem, sujeira e sangue que eu não podia dizer de que cor elas realmente eram. Uma grossa camada de pelos sombreava seu maxilar, parecendo mais uma barba completa do que uma sensual barba por fazer, e seus sapatos tinham pedaços de carne queimados presos a ele. Apesar disso, sua postura era ereta como de um rei, como se ele estivesse vestindo um imaculado manto real ao invés de seus trajes imundos.

— Venha, — Vlad disse em Romeno.

Marty entrou na sala, fazendo uma onda de alegria cair sobre mim. Ele



tinha sobrevivido ao ataque! Graças a Deus! Então, rapidamente, minha alegria foi substituída por preocupação.

Marty parecia quase tão ruim quanto Vlad. As duas costeletas tinham sumido e ele tinha somente uns poucos chumaços de cabelo em sua cabeça. Seu rosto também estava coberto por sangue e levei um tempo para perceber por quê.

— Isso foi enviado para um de seu pessoal, como o último vídeo, — Marty disse, sua voz rouca falhando nas próximas palavras. — Eu assisti no caminho até aqui. Definitivamente é ela.

Vlad ergueu a mão, mas o resto de seu corpo permaneceu perfeitamente imóvel, como estátua. Olhei para o envelope e lágrimas escarlates corriam pelo rosto de Marty, então um calafrio de medo passou por mim. Não. Não deixe que seja aquela gravação—

— Você não quer ver isso, — Marty falou roucamente, confirmando minhas suspeitas. — Eu gostaria de não ter visto. Ela ainda está viva no final. É tudo que você precisa—

— Dê para mim. — Quatro palavras rosnadas que me fizeram recuar devido à violência que emanava delas.

Mencheres não esperou pela resposta de Marty. Uma força invisível arrancou o envelope da mão de Marty e o fez flutuar até Vlad. Então o poder de Mencheres empurrou Marty para fora da sala. Assim que aquele envelope pardo tocou Vlad, ele se tornou um borrão em movimento, correndo para a mesa de computador. Então colocou o DVD no notebook e clicou em “play”. Agora eu estava rezando para que isso fosse apenas um sonho. Apenas no caso de não ser, comecei a gritar com ele em meus pensamentos.

Não assista isso, Vlad! Escute a minha voz. Eu sei onde estou e tudo que você precisa fazer é escutar para que eu lhe diga—

O fogo irrompeu de suas mãos quando a tela se encheu com minha imagem, nua e lutando com tanta força contra minhas amarras que sangue corria pelas algemas. Então mostrou a bunda nua de Maximus enquanto ele caminhava em minha direção segurando um tubo de lubrificante e várias tiras de fita adesiva. Eu estava tão angustiada por Vlad estar assistindo isso; levei um tempo para perceber que a gravação não tinha som, o que me surpreendeu até eu me lembrar de que Maximus apertou um botão antes de tirar suas roupas. Esperto, o som podia ter sido isolado e amplificado até que você



pudesse ouvir o que ele tinha me sussurrado, e eu não tinha dúvida de que Szilagyi tinha assistido isso antes de enviar para Vlad.

Não é de se estranhar que Szilagyi não tivesse suspeitado de nada, eu pensei, me sentindo mal enquanto eu assistia Maximus começar a encenação do meu estupro. Maximus deve ter sido um diretor de filmes em sua vida anterior, porque ele tinha um espantoso senso de ângulos de câmera. Nem uma vez eu vi a fita que ele colocou em mim ou nele mesmo enquanto ele se movimentava e investia contra mim como se estivesse fora de controle pelo desejo. Tentei me focar em Vlad ao invés das imagens, desejando que ele escutasse as palavras que eu continuava urrando mentalmente para ele.

Não é real, não é real, pare de assistir isso! Me escute, estou bem aqui e sei onde estou!

Ou eu realmente estava sonhando ou eu não estava conseguindo, porque nem uma vez Vlad tirou os olhos da tela. O vídeo terminou com Maximus me deixando algemada a parede com seu sêmen ainda me cobrindo em manchas cor de rosa. Vlad não se moveu e nada mudou em sua expressão dura como granito, mas as chamas em suas mãos cresceram até rodear seu corpo inteiro. Logo, eu não o podia ver debaixo das camadas de vermelho, laranja e azul quando o fogo continuou a jorrar dele como água jorrando de um gêiser, Mencheres se levantou.

— Vlad, — ele começou.

Uma parede de chamas arremessou o vampiro egípcio do outro lado da sala. Mencheres não tentou falar com Vlad novamente. Ele correu, gritando em romeno e inglês para todo mundo sair.

Durante os próximos vários minutos, vi com agonizante descrença enquanto as pessoas que estavam trabalhando para reparar a casa corriam do inferno abastecido por raiva que continuava a se derramar de Vlad até cobrir cada centímetro do castelo. Aqueles que não se moveram rápido o suficiente eram jogados para um lugar seguro pela telecinese de Mencheres, até parecer que a casa estava empurrando pessoas para fora dela enquanto se contorcia em espasmos mortais. Nem mesmo o ataque com napalm tinha sido tão destrutivo. E uma exibição chocante de poder, o fogo de Vlad queimou até não restar nada, exceto ele em meio a um mar de chamas, pedra retorcida e redemoinho de brasas.



Capítulo Quatorze.

Apesar da constante persuasão de Maximus, Szilagyi se recusava a ceder sobre eu passar fome. Após o “sonho” que eu fortemente suspeitava de que fosse uma visão psíquica, eu faria qualquer coisa para me fortalecer o suficiente para fazer Vlad me ouvir da próxima vez que eu fosse capaz de me conectar a ele. Qualquer coisa.

Szilagyi cumpriu seu objetivo de levar Vlad a uma raiva psicótica, já que ele queimou até as cinzas a casa na qual viveu por séculos, sem falar que ele quase matou dezenas do seu próprio pessoal no processo. Eu não sabia o que Vlad faria a seguir, e aquilo me aterrorizava. Desde o meu “sonho”, não fui mais capaz de alcançá-lo novamente. Não era preciso muito para descobrir o porquê. Conectar-me com pessoas exigia muito de mim, e com a fome continuando a esgotar minha força, eu era como um carro que ficou sem gasolina.

É por isso que, quando ouvi Maximus negociando uma visita “conjugal” não filmada, eu sabia que aquilo na verdade devia ser um disfarce para ele me trazer algum sangue escondido. Odiava o pensamento de repetir a falsa agressão, mas essa era a única coisa com a qual Szilagyi concordou, então essa era a nossa única chance. Eu ainda não sabia como Maximus faria isso. Esconder um tubo de sangue em suas calças e fingir que o volume era apenas ele ansioso pelo Round Dois?

— Se você não quer ser filmado dessa vez, tire suas roupas aqui fora, e a porta vai permanecer aberta e vigiada por um guarda, — Ouvi Szilagyi ordenar e meu espírito afundou. E agora? — Não que eu não confie em você, Maximus, — Szilagyi continuou em um tom amigável, — mas mulheres podem ser muito persuasivas, especialmente quando se está apaixonado por uma delas.

— Oh, eu sabia que você era um romântico no coração, — Maximus respondeu com petulância, então os dois compartilharam uma risada, como se eles não estivessem discutindo um estupro iminente. Bem, eu não estava realmente prestes a ser estuprada, mas Szilagyi não sabia disso. Raiva pela



minha impotência queimou através de mim novamente, alimentando minha determinação de conseguir o sangue de qualquer forma que eu pudesse. Com isso, eu não permaneceria como o pequeno troféu de tortura de Szilagyi por muito tempo.

— Você precisa de um rolo inteiro disso? — Szilagyi perguntou, seu tom provocador agora. — Ela morde tanto assim?

Algo pequeno caiu do outro lado da porta. — Só isso, — Maximus disse. — Eu não ligo pras mordidas, mas posso passar sem toda a reclamação.

Uma risada abafada foi a resposta de Szilagyi, e alguns momentos depois, a porta de pedra abriu e Maximus entrou. Desviei os olhos porque, como ordenado, ele estava nu. Então olhei de volta para ele com uma sensação de mau presságio.

Ele estava *totalmente* nu e segurando apenas dois pedaços pequenos de fita. Nenhum deles seria o suficiente para cobrir seus bens preciosos, muito menos os meus também.

— Eu sei, você vai me odiar para sempre por isso, — Maximus disse, aproximando-se e pressionando um dos pedaços de fita na minha boca. Mas você não sabe quanto tempo “para sempre” realmente é. Depois de viver quase mil anos, eu tenho uma ideia e, deixe-me te assegurar, Leila, as coisas mudam.

Sobre seus ombros largos, vi o guarda se inclinar para dentro, para ver o que estava acontecendo. Maximus deve tê-lo sentido, também, porque ele se virou, mantendo o outro pedaço de fita escondido atrás dele.

— Szilagyi disse para guardar a porta. Ele não disse para entrar para espiar, e se eu quisesse uma audiência, teria convidado todo mundo. — Maximus disse, seu tom mais duro que granito.

O guarda murmurou um pedido de desculpa e partiu, mas a porta continuou aberta.

Mantive meus olhos grudados naquele lugar enquanto Maximus colocava o único pedaço de fita restante em mim. Não olhar para ele enquanto ele fazia aquilo criou um falso sentimento de distanciamento, como se eu pudesse separar minha mente do meu corpo. Eu não podia, é claro, e o cheiro de determinação severa emanando de Maximus me lembrou de que ele não estava agindo por vontade própria, também. Nós dois estávamos forçados àquela situação horrível e, por quê? *Maldito* Szilagyi! Ele garantiu que Maximus



não pudesse esconder nenhum sangue nele, então agora nós teríamos que passar por essa farsa constrangedora por nada.

Quando a mão do Maximus se moveu da minha parte mais íntima para meus ombros e ele encostou sua testa na minha, um lento suspiro pareceu sair da minha alma. Nenhum de nós queria estar aqui, mas nesse exato momento, eu me senti... estranhamente segura. Pelos próximos vários minutos, eu sabia que ninguém iria me machucar, porque Maximus não deixaria. Quando você pode ser torturada a qualquer momento, a garantia de segurança, não importa quão breve seja, era preciosa, e eu tinha isso por causa dele.

Como se sentisse minha necessidade em meio ao meu medo pelo que estava para acontecer, ele acariciou minha cabeça e meu rosto com toques leves e reconfortantes.

— Está tudo bem, — ele murmurou, seus olhos cinzentos transmitindo todo o suporte e encorajamento que ele não podia dizer em voz alta com tanta gente nos ouvindo. Então, em um tom normal, ele disse. — Eu venho querendo isso por dias, Leila.

Minhas amarras rangeram quando eu lutei contra elas, embora fosse mais para efeito sonoro do que repulsa quando o seu corpo pressionou contra o meu. Ele não começou imediatamente a fingir o que Szilagyi e todos os outros pensavam que ele estava aqui para fazer. Ao invés disso, com uma rápida olhada sobre o ombro, ele afastou o quadril do meu e então me abraçou tanto quanto minhas muitas algemas permitiriam.

— Não se preocupe, — ele sussurrou. — Eu vou te dar o que você precisa.

Então ele começou a fingir o que aquele único pedaço de fita o impedia de fazer de verdade. Desconforto me inundou, mas não era tão extremo como da última vez. A sobrevivente em mim já estava listando todas as maneiras que isso poderia ser pior. Além disso, agora Maximus tinha que fingir isso, por que pareceria estranho se ele dissesse que não estava no clima após conseguir sinal verde de Szilagyi, e com a porta aberta, qualquer um poderia espiar para garantir que ele estava aqui pelos motivos que disse.

Porém ele fez o que pôde para facilitar para mim. Como manter suas mãos em meus quadris ou ombros ao invés de deixá-las vagar como fez da última vez, quando estávamos sendo filmados. Da forma mais estranha, isso me lembrou de meses atrás, quando Vlad e eu estávamos separados e eu revistei Maximus atrás de trilhas de essência vital sob o pretexto de dar uns



amassos com ele. Naquela época, como agora, o toque dele não provocou nenhum desejo como o do Vlad sempre fez, mas seu leve aperto nos meus ombros era quase reconfortante, um lembrete de que estávamos nisso juntos. Eu não queria estar com ele assim, e eu tinha certeza de que ele preferia estar em qualquer outro lugar do que fingindo me estuprar, mas tudo que Maximus estava fazendo era uma prova da sua lealdade e coragem. Em meio às minhas circunstâncias brutais e perigosas, ter um amigo como ele era uma dádiva.

Maximus parou seus momentos, olhando sobre seu ombro mais uma vez para garantir que ninguém estava espiando. Então ele puxou a fita da minha boca e seus lábios cobriram os meus.

Eu congelei, confusa. Ninguém estava nos assistindo, então por que ele estava fazendo isso? Eu fiquei realmente tensa quando sua boca abriu e se inclinou para selar a minha, mas bem quando eu estava me perguntando o que diabos ele estava fazendo, líquido quente jorrou na minha garganta.

Era sangue. Doce, glorioso sangue. Alívio me fez ceder em minhas amarras. Ele *achou* um jeito de me trazer aquilo, mesmo quando foi forçado a se despir inteiro!

Então a fome assumiu e eu engoli a ambrosia vermelha tão rápido que teria engasgado se ainda respirasse. A pequena parte de mim que ainda era humana achou o método “natural” com o qual ele me alimentou nojento, mas a vampira faminta em mim esmagou aquilo. Eu não tinha percebido o quão profunda era minha desnutrição até que o sangue fez meu corpo inteiro queimar como na primeira semana em que eu fui transformada. Sem pensamento consciente, pressionei minha boca contra a de Maximus, desesperada para conseguir mais daquela ambrosia analgésica. Quando outro jorro de sangue me inundou, um frenesi alimentar assumiu e nada mais importava.

Eu não me importava que o homem nu pressionado a mim não era meu marido. Não me preocupava sobre a forma como eu lutei contra minhas amarras para me aproximar dele, e a *última* coisa na minha mente era como eu explicaria tudo isso ao Vlad se eu alguma vez o visse novamente.

Depois que aquilo terminou e Maximus saiu, minhas emoções estavam tão confusas que eu estava feliz por ele ter cuidado para que sua “visita” fosse perto do amanhecer, então eu não poderia tentar me ligar ao Vlad



até o próximo anoitecer. Por um lado, eu estava além de grata ao Maximus. Se ele fosse pego me dando sangue escondido, ou ainda pego no ato de *não* me estuprar, ele seria morto. Ele sabia disso e eu também, mesmo assim, ele continuava a me ajudar, mesmo que se eu tivesse sucesso e Vlad conseguisse me resgatar, a primeira coisa que ele faria seria matar Maximus. Eu provavelmente nem teria tempo de dizer ao Vlad que o vídeo foi uma farsa antes que ele o torrasse para o além. Além disso, mesmo se Vlad soubesse que o vídeo não era real, ele poderia matar Maximus mesmo assim. Ele matou o Coringa por muito, muito menos do que o que Maximus fez comigo.

Por outro lado, após o que aconteceu durante o meu frenesi alimentar, eu estava tão enojada comigo que quase desejei ter a pele arrancada de novo. Graças aos aproximadamente um litro e meio de sangue que Maximus conseguiu colocar em mim, minha mente estava clara, meu corpo estava renovado, e meu foco estava de volta. Não se admira que inanição perdia apenas para envenenamento por prata como a forma mais eficiente de manter um vampiro prisioneiro fraco e dócil. Por outro lado, isso também significava que eu tinha uma memória cristalina de tudo o que eu fiz enquanto estava prisioneira da fome insaciável e inescrupulosa. Se Vlad alguma vez descobrisse... Maximus poderia não ser o único que ele mataria.

Apesar da minha culpa e preocupação, assim que eu acordei na noite seguinte, canalizei toda a minha energia na minha tentativa de me conectar ao Vlad. Ele nunca precisaria saber o que aconteceu entre Maximus e eu mais cedo, e após o que fiz para conseguir aquele sangue, eu não o desperdiçaria. Quando mais da metade da noite passou, mas nada aconteceu, minha frustração aumentou. Por que eu podia alcançá-lo durante o sono quando estava faminta e fraca, mas era incapaz de me conectar a ele enquanto estava acordada e forte?

Porque você não se conectou a ele antes, foi apenas um sonho! Minha voz interior me provocou.

Cerrei os dentes. Eu não ligava se isso me tornava oficialmente uma esquizofrênica; um dia eu iria matar essa vadia.

Forcei minha raiva a recuar para me concentrar novamente, procurando pro aqueles traços internos de essência que tinham que estar lá. Mais tempo passou, e tudo o que aconteceu foi ouvir Szilagyí dizendo ao Maximus que ele precisava acompanhá-lo em uma missão de “exploração” pelos próximos dias. Aquilo alimentou meu desespero. Sem Maximus significava sem mais sangue. Além disso, eu imaginava que os guardas só não tiravam proveito do meu



estado inconsciente a cada manhã porque eles sabiam que Maximus iria matá-los se eles tentassem alguma coisa. Se ele não estivesse lá e eles pensassem que Szilagyi não iria se importar...

A medida em que os minutos passavam sem nenhum progresso, comecei a me desesperar que talvez minha voz interna estivesse certa. Talvez realmente tenha sido um sonho da última vez. Do contrário, eu estava fazendo algo em meu sonho que não estava fazendo agora, e pela minha vida, eu não conseguia imaginar o que. Eu não poderia estar mais focada em encontrar a ligação, enquanto que, quando eu estava dormindo, eu nem mesmo estava procurando por ela. Tudo o que eu fiz foi sentir falta de Vlad com uma intensidade que eu não me permitia pensar a respeito enquanto estava acordada—

Ele caminhava por uma densa floresta com Mencheres ao seu lado. Luz do sol espreitava por entre as árvores, refletindo sobre um pedaço de metal cerca de noventa metros à frente.

— Por que maldito inferno você o trouxe aqui? — Uma voz inglesa exigiu, então um homem de cabelo escuro saiu de trás de uma árvore, sua faca de prata ainda brilhando ao sol.

— Porque você não é o único vampiro que ele valoriza como família, — Vlad respondeu, seu tom igualmente duro. — Eu não tenho tempo para os nossos insultos de sempre, Bones, então me leve até a Cat. Agora.

A imagem se dissolveu, deixando-me encarando minha prisão de pedra com uma mistura de choque, excitação e determinação. Aquilo não foi um sonho, então minhas habilidades estavam de volta! Eu tentei reestabelecer o vínculo imediatamente, mas quase uma hora depois, eu ainda estava batendo contra uma parede metafísica.

Frustração me fez querer gritar. Eu estava fazendo exatamente o que fiz antes, mas ainda não estava funcionando! Minhas habilidades psíquicas estavam lá, então por que eu não podia controlá-las? Ou elas estavam oscilantes agora, como um celular com um sinal ruim?

Vlad. Mesmo aquele pequeno vislumbre me fez bater a cabeça contra a parede para combater a forte saudade. Ele não estava vestindo roupas imundas, mas sua expressão tinha a mesma selvageria de quando ele queimou os restos do seu castelo—

— Perdi dias vasculhando as ruínas da minha casa até eu perceber que



Leila não estava enterrada sob o entulho. Então você me custou mais tempo porque não podia se incomodar em olhar suas mensagens, — Vlad estava dizendo em um tom furioso enquanto ele, Bones e Mencheres saíam da floresta. — Se você tivesse retornado as mensagens de Mencheres imediatamente, eu poderia ter sido capaz de impedir a pior parte do que a minha esposa sofreu.

— Sua esposa? — Bones perguntou, surpreso.

Vlad olhou torto para ele. — Eu vou explicar quando ver Cat.

A visão desapareceu e um soluço abafado escapou de mim quando eu finalmente percebi o que eu estava fazendo errado. Todo esse tempo, estive focada em encontrar a minha ligação com Vlad, não no Vlad em si. Eu entendi errado. Vlad era a minha ligação, não alguma traço de essência oculto em mim. É por isso que eu fui capaz de alcançá-lo em meus sonhos, recentemente e quando eu estive me escondendo dele, meses atrás. Uma vez livre da minha vontade, meu subconsciente tinha se concentrado nele, formando sua própria ligação.

Fechei meus olhos e derrubei os escudos emocionais que ergui para me proteger da dor de pensar nele. Imediatamente, memórias começaram a me dilacerar. *Seu cheiro, canela misturada fumaça de madeira. Os anéis verdes ao redor dos seus olhos cor de cobre. Quão espesso seu cabelo parecia em minhas mãos. O calor que irradiava de sua pele, e a barba por fazer em seu maxilar que gentilmente roçava em mim toda vez que nos beijávamos...*

Paredes de cor cinza escuro desapareceram, revelando o panorama de um céu azul escuro. Deixei a visão assumir, até que eu não estava mais na cela úmida e depressiva.

Fiquei de pé como uma sombra invisível ao lado do Vlad. Ele, Mencheres, Bones e Cat estavam na frente de uma grande e luxuosa casa de fazenda. Árvores a cercava por três lados, e eu não via quaisquer outras casas ao longo da estrada de cascalho que desaparecia sob a colina por trás dela.

— Diga para a criança sair, eu já sei que ela está lá, — Vlad estava dizendo para a linda vampira ruiva.

Cat lançou um olhar acusador para Mencheres. — Você contou pra ele?

Bones também olhava furioso para ele, mas Mencheres levantou um ombro em um dar de ombros. — Eu não contei.



Agora que eu me sentia firme na visão, comecei a gritar para Vlad com meus pensamentos, mas ele não parecia me ouvir.

— Como se ele precisasse, — Vlad respondeu secamente. — Você esquece que eu sei vários dos seus segredos, Cat, como o fato de você ser melhor amiga de uma metamorfa marcada por um demônio. Assim que ouvi que você se isolou de luto após os Guardiões da Lei terem “matado” sua filha, eu sabia o que havia realmente acontecido.

— Então você também sabe que nós faremos qualquer coisa para proteger nossa filha daqueles que a machucariam se soubessem que ela ainda está viva. — Bones disse, recuperando-se da surpresa mais rápido que Cat.

Vlad sorriu pela primeira vez. — Oh, eu estou contando com isso.

— O que você quer? — Cat perguntou em voz baixa.

— Cobrar cada favor que você me deve, — Vlad respondeu com sinceridade. — Como eu não acho que isso será suficiente, eu também estou oferecendo à sua filha status honorário na minha linhagem. Eu sei porque você escondeu de mim o fato de ela ter sobrevivido, e você estava certa. Sob circunstâncias extremas, eu escolheria meu pessoal ao invés dela, apesar da nossa amizade, mas se ela é uma parte honorária da minha linhagem, você não tem que se preocupar mais com isso. Quando ela se cansar de se esconder – e esse dia vai chegar – você terá outro poderoso aliado em sua luta para mantê-la viva.

Imaginar por que alguém iria querer matar uma garotinha me fez parar minhas tentativas mentais de conseguir a atenção de Vlad. Então redobrei meus esforços. Eu tinha uma ligação sólida com ele. Tudo o que eu tinha que fazer era fazê-lo me ouvir.

— Em troca de quê? — Bones perguntou, seu tom duro.

— Poder da sepultura, — Vlad disse, e, pelas reações deles, eles sabiam o que aquilo significava, mesmo que eu não soubesse.

— Não, — Bones disse imediatamente.

Vlad o ignorou, olhando para Cat. Ela olhou para a casa duas vezes antes de responder.

— Sinto muito, Vlad. Para fazer isso, eu teria que partir com você por quem sabe quanto tempo, além de que isso poderia me expor para as mesmas



peças de quem estamos nos escondendo. Eu sei que você está em guerra, mas—

— Você já viu um animal tendo a pele retirada? — Vlad a interrompeu, sua voz friamente agradável. — É um negócio brutal e sangrento normalmente, mas imagine se o animal estiver vivo e gritando. Agora imagine que não é um animal, mas a pessoa que você ama sendo constantemente retalhada para que sua pele possa ser arrancada rápido o suficiente para que não se cure antes.

Cat ofegou, sua mão voando para a boca. Vlad a segurou pelos ombros, seu tom mais afiado que arame farpado.

— Essa foi a primeira fita que Szilagyi me enviou para provar que ele tinha capturado Leila durante seu ataque à minha casa. A segunda mostrava meu amigo mais antigo estuprando-a enquanto ela estava algemada a uma parede. Agora, pergunte a si mesma se você prefere ter minha eterna gratidão e promessa de apoio por me ajudar a salvar minha esposa de mais sofrimento, ou se você prefere ter-me como o inimigo cruel que eu vou me tornar se você recusar.

Cat não tirou os olhos do Vlad enquanto erguia uma mão para o Bones, a quem Mencheres teve que imobilizar assim que Vlad agarrou Cat. Então seus olhos começaram a brilhar com verde.

— Eu não sabia que Leila foi feita refém. Eu sinto muito, mas o que você quer que eu faça... é muito arriscado para fazer mais de uma vez, então você precisa decidir se você quer isso por ela, ou pelo vampiro responsável por tudo o que aconteceu com ela.

A boca de Vlad se contorceu. — Você realmente precisa perguntar?

Cat sorriu de volta com igual frieza. — Boa escolha.

Vlad a soltou e ela se virou para a casa, levantando a voz. — Está tudo bem, Tate e mãe, vocês podem abaixar as armas agora. Katie, venha aqui e conheça o seu tio Vlad—

— Já está dormindo? — Szilagyi perguntou, aparecendo de uma vez em minha visão como um visitante indesejado. Meus olhos se abriram de repente e perdi minha ligação. Szilagyi estava na minha frente, sua cabeça inclinada enquanto ele me encarava. Eu estive tão concentrada na visão que não o senti entrando. E se ele pudesse notar que eu estava conectada ao Vlad?

— Só dá pra jogar Eu Espio Com o Meu Olhinho algumas vezes antes*



que fique chato, — Respondi, tentando me livrar dele. — Ou talvez eu estivesse te ignorando porque eu realmente, realmente odeio você.

** I Spy With My Little Eye é um jogo de adivinhar que as crianças brincam para passar o tempo.*

Szilagyi sorriu, deslizando seus olhos sobre mim de um jeito que fez minha pele ondular como se estivesse tentando escapar. Tentei escudar Maximus, mas eu não o ouvi mais. *Por favor, não deixe que ele já tenha partido*, eu me encontrei pensando.

— Eu nunca esperaria isso, mas você é muito parecida com Vlad, — Szilagyi disse finalmente. — Quando ele era jovem, nada que eu fiz a ele o quebrou, e eu fiz muita coisa com você, mas você continua me encarando com o mesmo desafio nos olhos.

— Por que você o adiava tanto naquela época? — Eu perguntei, tentando mantê-lo falando, ao invés de olhando. — Eu sei por que ele odiava você, mas o que fez você escolhê-lo mesmo quando ele era humano?

O escárnio de Szilagyi foi instantâneo. — Eu tinha ajudado a construir a Hungria em uma grandeza sem precedentes, eu tinha lutado em tantas guerras quanto ele, ainda assim, quando a Igreja precisou de um defensor contra o exército de Mehmed, eles escolheram Vlad. Mais tarde, quando nosso criador o transformou em vampiro, Tenoch deu ao Vlad o resto do seu legado de poder ao invés de a mim.

Ciúme, percebi com espanto. Naquela época, Vlad odiou Szilagyi por boas razões, como aprisioná-lo, fazê-lo perder o trono e assassinar seu filho, sem mencionar o que ele não sabia – que Szilagyi matou sua primeira esposa, também. No entanto, o ressentimento do outro homem vinha de algo tão simples quanto sentimentos feridos. Teria sido risível se as repercussões não tivessem resultado em rios de sangue derramado.

— Porém, no final, só importa quem ganha, — Szilagyi disse, seu tom ficando sedoso enquanto ele corria uma mão pelo meu estômago. — Eu tinha minhas dúvidas, mas estou começando a acreditar que Maximus estava certo. Você é o que eu preciso para finalmente acabar com Vlad. Parece que ele destruiu o que restou de sua casa em um ataque de raiva outro dia. Eu me pergunto o que o levou a fazer isso, hum?

O sorriso provocador de Szilagyi fez minha mão direita formigar como se estivesse prestes a faiscar. Ela estava enluvada, mas eu ainda não me atrevia



a olhar para ela na esperança de que ela estivesse cheia de eletricidade. Se estivesse, então eu não podia chamar a atenção de Szilagyi pra ela. Ele apenas arrancaria meu braço de novo.

— Talvez Vlad apenas quisesse o dinheiro do seguro, para que ele pudesse oferecer uma recompensa generosa pelo seu cadáver, — Respondi ao invés.

Szilagyi deixou sua mão mergulhar abaixo do meu umbigo e a manteve lá para enfatizar que não havia nada que eu pudesse fazer para detê-lo.

— Se há uma coisa com a qual eu posso contar após as fitas que mandei para ele, é que Vlad quer me matar pessoalmente, — ele disse, afastando suas mãos, finalmente. Então ele sorriu, assustador e ameaçador. — O que você deveria esperar é que eu não fique mais criativo com novas gravações suas enquanto ele não enlouquecer o suficiente para cometer um erro impulsivo que o trará direto para as minhas mãos.



Capítulo Quinze.

Esperei o máximo que ousei depois que Szilagyi saiu, preocupada que ele voltasse e, de alguma forma, sentisse que eu estava me conectando a Vlad. Prestes a amanhecer, eu tinha que tentar novamente ou esperar outras doze horas, e eu não podia esperar. Szilagyi estaria fora com Maximus em sua missão de “exploração”, mas e se ele tivesse organizado outra rodada de tortura em sua ausência? Eu não podia arriscar perder a pouca quantidade de sangue que bebi, especialmente agora que eu não sabia quando conseguiria minha próxima refeição.

Então fechei os olhos e me permiti sentir toda a saudade, arrependimento e pesar que vinha ao pensar em Vlad. Eu o amava mais do que qualquer coisa e queria acreditar que passaríamos por isso, mas meu lado sombrio sussurrava que não tinha esperança. Afinal, nosso histórico era sombrio. Se eu insistisse em ajudá-lo a procurar por seus inimigos, eu acabaria capturada e torturada. E se ao invés disso concordasse em não ajudar e ficar em sua fortaleza de pedra? Capturada e torturada. Eu teria sido explodida também, se eu tivesse obedecido aos desejos de Vlad e não saísse da parte mais baixa da masmorra. Se eu fosse uma observadora, eu diria que o destino estava me dando um grande alerta de que isso não ia funcionar—

— Não se sente ali.

Cat girou, se sentando na poltrona em frente ao Vlad ao invés daquela ao lado dele. Em romeno, os pilotos anunciaram que iam decolar. Momentos depois, o elegante Learjet se inclinou e tomou o ar.

— Desculpe, — Cat murmurou. — Não foi minha intenção invadir seu espaço.

Vlad olhou para o assento cor de marfim a sua esquerda, apertando a boca. — Não é isso. É aqui que a Leila normalmente se senta para que eu possa segurar a mão dela...

Ele murmurou um palavrão e parou de falar. Cat olhou para ele, suas feições se franziram com empatia.

— Ela é forte, — ela disse calmamente. — Ela vai conseguir passar por



isso.

A risada de Vlad foi dura. — E então o que? Ela vai se preparar para o próximo ataque? Não posso nem ao menos mantê-la a salvo em nossa própria casa. Mesmo que eu mate Szilagy e todo mundo que me odeia, com o tempo eu farei novos inimigos, todos os quais saberão que o meio mais eficiente para chegar até mim é através dela. Se eu realmente quisesse mantê-la em segurança, eu nunca teria me casado com ela.

A primeira parte estava tão perto do que eu vinha pensando que fiquei impressionada. Então Vlad chegou na última frase e eu mal ouvi a resposta de Cat por causa do urro de minha própria mente.

Não ouse desistir de nós! Não me importa o que acontecerá mais tarde, iremos encarar juntos!

Você nunca aprende, minha voz interior zombou instantaneamente. Você é um tipo especial de estúpida ou o quê?

Eu estava tão furiosa que tive um lampejo de absoluta clareza. Como se fosse um sonho dentro de um sonho, me vi correr para a escuridão nojenta onde ela vivia, puxá-la por seus tentáculos e rasgar aquela maldita vadia em pedaços.

Você tirou minha esperança quando eu era uma criança assustada e ferida! Gritei para ela. Você me fez acreditar que matei minha mãe, você me convenceu a cortar os pulsos e tentou arruinar cada pedaço de felicidade que tive desde então, mas você já era, ouviu? Eu vou sair dessa e vou voltar com Vlad e nós vamos fazer isso funcionar, e se eu ouvir mais uma palavra sua, você está morta! Entendeu? MORTA!

— Você acabou de me ameaçar? — Vlad perguntou, sua voz era dura.

Cat se inclinou para frente, seus olhos cinza preocupados. — Eu disse que sempre estaria aqui para você. A menos que você entenda isso como uma ameaça—

— Shh, — ele a interrompeu, lentamente olhando ao redor na cabine. Então meu coração parecia que ia sair do peito quando ele sussurrou, — Leila? — em uma voz incrédula.

Sim, estou aqui! Meus pensamentos gritaram antes mesmo que eu pudesse processar que finalmente ele tinha me ouvido. Lágrimas caíram dos meus olhos enquanto eu continuava. Estou aqui e te amo e eu estou debaixo



da estação de trem abandonada Sukhumi em Abkhazia. Não ataque até o anoitecer. Preciso estar acordada para me defender.

Cat olhou ao redor na cabine, suas sobrancelhas se juntando em confusão. — Vlad, o que está—?

Ele se levantou com um pulo, colocando a mão sobre sua boca. Seus olhos se arregalaram e ela começou a se debater até ele a repreendeu, — Quieta. Não posso ouvi-la agora, mas acho que Leila estava tentando chegar até mim.

Ele não podia mais me ouvir? Comecei a repetir “Debaixo da estação de trem Sukhumi em Abkazia!” mas uma letargia repentina e de adormecer os ossos significava que os primeiros raios de sol estavam nascendo. Lutei contra a corrente enquanto tentava aumentar o volume em uma única palavra, esperando que isso fizesse diferença.

Abkhazia, Abkhazia, Abkhazia!

Então a corrente me arrastou para a escuridão.

Abri os olhos tão de repente que fiquei surpresa em descobrir que estava sozinha em minha cela. Tentei não deixar o fato de que eu ainda estava em minha cela me deprimir. Afinal, o que eu esperava? Acordar nos braços de Vlad porque ele tinha me ouvido e já me resgatado enquanto eu dormia? Nada nunca veio fácil assim pra mim.

O que tinha me acordado então? Apurei os ouvidos, mas não ouvi nada incomum. Apenas os guardas fazendo quaisquer que seja as tarefas que Szilagyi os tinha mandado fazer, que, eu sabia, consistia na maior parte em assegurar que ninguém chegasse perto da antiga estação de trem soviética e que eu não saísse. Mais do mesmo...

Deixei escapar um grito quando uma cabeça transparente apareceu de repente ao lado da minha—através da rocha atrás de mim! O rosto transparente fez uma carranca e um único dedo etéreo apareceu sobre os lábios da coisa enquanto —ele? — balançou a cabeça como se estivesse me avisando para ficar quieta. Quando um dos guardas entrou correndo para verificar, a cabeça já tinha desaparecido de volta para a rocha.

— O quê? — o guarda questionou em Inglês.



— Eu, ah, achei que vi um rato, — gaguejei.

O que eu ia dizer? Que eu tinha visto um fantasma que tinha costeletas mais longas do que as de Marty, mas que parecia estar faltando o resto do corpo? Eu me chamaria de louca se dissesse isso em voz alta.

O guarda, um vampiro moreno que parecia ter a mesma idade que Szilagyi tinha quando foi transformado, me olhou com suspeita, mas então saiu. Assim que ele saiu, a cabeça do fantasma apareceu para fora da rocha novamente.

— Prepare-se, — ele sussurrou diretamente em meu ouvido antes de desaparecer.

Não senti nenhum hálito, mas as palavras, apesar de suaves, foram claras. Então, mais rápido do que um raio, a raiva e fria determinação brilharam através das minhas emoções antes de elas também irem embora. Um arrepio passou por minha pele e não era o resultado do eterno frio da cela.

Aquelas não eram *minhas* emoções. Isso significava...

Deixei pensamentos sobre Vlad explodirem em minha mente. Rapidamente minha cela de pedra desapareceu.

Ele estava de pé ao lado de Cat, mas eu não teria reconhecido nenhum deles se passasse por eles na rua. Ambos usavam máscaras de rosto inteiro incrivelmente realistas por baixo de suas perucas, que eram de um tom marrom claro. Estavam vestidos igualmente em roupas indefinidas, suas camisetas esfarrapadas de mangas longas sobre jeans que também já tinham visto dias melhores.

Eles se misturavam perfeitamente com os outros poucos vagabundos que vagavam pelas construções abandonadas que margeavam os antigos trilhos de trem. De fato, a única coisa que se destacava era o fantasma que flutuava até Cat, apesar de ninguém além de Vlad parecer notá-lo. Assim que ele parou, percebi que era o mesmo que tinha acabado de assombrar minha cela.

— Ela está no canto sudeste do abrigo, — o fantasma afirmou. — Há treze guardas e dez humanos lá embaixo, com sete ou oito mais guardas dentro e ao redor da estação na parte de cima, e isso sem contar as câmeras de segurança.

Eu não sabia o que me chocava mais: que Vlad estava realmente aqui,



ou que ele tinha enviado um fantasma para fazer o reconhecimento do território—sem mencionar o quanto o fantasma tinha sido eficiente em fazer isso.

— Você disse para ela se preparar? — Vlad perguntou.

Aquela cabeça transparente sacudiu com um assentimento. Vlad e Cat trocaram um olhar, mas eu não esperei para ver o que eles fizeram em seguida.

Larguei a conexão enquanto explosões selvagens de excitação e medo fluíam através de mim. Mesmo com o incrível poder de Vlad, se eu não estivesse livre no momento em que ele atacasse, os guardas iriam me matar assim como Szilagyi os ordenou fazer. Vlad não tinha trazido Mencheres com ele, então o vampiro telecinético não podia congelar ninguém no lugar como ele tinha feito durante uma emboscada anterior feita à Vlad. Eu não tinha tempo para questionar sobre a escolha de Cat como apoio ao invés dele. Estiquei os braços, usando as braçadeiras como um gancho. Então, respirando fundo para tomar coragem, me joguei para frente com toda a força sobrenatural que tinha em mim.

Foi preciso mais duas tentativas comigo mordendo o lábio para não gritar, mas finalmente senti meus ossos quebrarem o suficiente onde eu podia puxar meu braço mole para fora das amarras triplas. Então senti algo que não sentia em semanas; a parte de cima do meu corpo caindo para frente, livre das braçadeiras.

Esperei, apertando o maxilar para não verbalizar minha agonia enquanto meus ossos pulverizados começavam a crescer de novo em sua forma original. Ao mesmo tempo, ouvi com atenção, mas os guardas não pareciam cientes de que alguma coisa estava acontecendo. Olhei para as braçadeiras que prendiam ao redor das minhas pernas e a urgência substituiu minha excitação anterior. Eu não tinha muito tempo.

Assim que arranquei a luva e a fita da minha mão direita, me curvei e comecei com as amarras do meu tornozelo. Durante os falsos estupros, prestei atenção em como Maximus tinha algemado minha perna. As trancas não precisavam de uma chave e o fecho era simplesmente em forma de H. Assim que o levantei na direção certa e virei, os fechos do meu tornozelo direito se abriram. Cinco fechos depois e eu finalmente sai da parede.

Se eu ainda fosse humana, teria caído no chão por atrofia muscular, sem mencionar o dano no tecido por estar na mesma posição por semanas.



Como uma vampira, meu corpo se ajustou quase instantaneamente. Eu queria gritar em vitória por finalmente estar livre—e bom Deus, eu queria algumas roupas!—mas eu não tinha tempo para nada disso. Eu precisava recarregar para que eu pudesse lutar pela minha vida.

Eu estava no meio da sala em direção à tomada quando os alarmes dispararam.



Capítulo Dezesseis.

Sobre o barulho das sirenes, ouvi um dos guardas gritar “Quebra de perímetro, vampiro desconhecido.” Vlad estava atacando agora, então os guardas viriam por mim! Em pânico, mergulhei em direção à tomada. Minha velocidade fez minha mão direita atravessá-la, eletrocutando-me imediatamente. A Voltagem correu pelo meu corpo, o efeito parecido à primeira vez que me saciei de sangue após estar faminta. Meus olhos rolaram e eu comecei a convulsionar como se minhas células estivessem explodindo pela sobrecarga de energia desenfreada e delirante.

Eu não tinha extraído eletricidade de uma tomada desde antes de me transformar em vampira. Naquela época, a sensação era a de uma dolorosa injeção de adrenalina. Agora, parecia que eu tinha acabado de ser atingida por um raio de pura energia extática.

Eu não pude ver o guarda que correu para o quarto, mas quando ele me agarrou, eu me agarrei a ele com minhas pernas, braço livre e dentes, ainda tremendo pelo êxtase cru e viciante disparando pelo meu corpo. A eletricidade que eu absorvi como um deserto bebendo da chuva foi muito para o guarda. Quando ela foi transferida para ele pelo meu aperto inquebrável, ele começou a gritar sem parar, agora lutando para se afastar de mim ao invés de tentando me machucar.

Então, de repente, eu não era mais simplesmente o recipiente da voltagem. Uma parte de mim, selvagem e desconhecida, começou a *arrancar* isso da tomada em goles longos e vorazes que drenaram os fios rapidamente. Ainda assim não era suficiente. Como um vampiro se erguendo pela primeira vez, eu estava cheia de uma fome insaciável e irracional que nada, exceto um banquete satisfaria.

Joguei o guarda de lado, tão consumida pela necessidade que quase não o notei batendo contra a parede como um boneco de pano. Então, com a visão turva, segui a eletricidade que eu senti pulsando sob as paredes de pedra do lado de fora do meu quarto. Quando alcancei a tomada no corredor, enfiei minha mão nela, gritando de alívio com a nova onda de eletricidade. Porém, em alguns instantes, aquela secou também, e meu corpo todo queimou com a



dor da negação.

Eu teria continuado com a busca descuidada pela próxima fonte de energia se não fossem pelas emoções que explodiram sobre as minhas. Elas sobrepujaram até mesmo minha necessidade voraz, enchendo-me com uma raiva que eu nunca conheci. Aquela raiva limpou a maioria da neblina que inundou minha visão, e eu vi Harold, meu torturador, tentando passar mim. Eu o agarrei, dando um grito de vingança quando descarreguei minha voltagem nele. Parte de mim não queria liberar a energia; eu queria acumulá-la até estar explodindo com ela, mas o frenesi dirigindo minhas emoções me dizia que eu tinha que matar qualquer coisa que se movesse, e eu tinha que matar *agora*.

Quando Harold explodiu pela quantidade de energia inserida nele, joguei seus restos para o lado e procurei por novas presas. Gritos soaram em meus ouvidos enquanto sombras congeladas pareciam se fundir com formas sólidas ao meu redor, fazendo parecer como se eu estivesse andando por um túnel gelado de um pesadelo. A pequena parte da minha mente que ainda estava racional me pedia para me esconder, não para agarrar cada guarda que eu via e descarregar uma explosão vertiginosa de eletricidade dentro deles, mas eu tinha que *matar*. Dilacerar. Rasgar. Queimar. Leila. Leila. Leila.

— Leila! — uma voz rouca gritou atrás de mim.

Eu girei, vendo aquelas sombras horríveis se afastarem para deixar uma figura muito maior e mais escura passar. Fogo emoldurava a forma, fazendo-a parecer demoníaca enquanto minhas emoções se incendiavam com uma mistura de alívio e raiva que era tão poderosa que me quebrou. Eu caí, primeiro atingindo a parede, então um par de braços escaldantes que me agarraram contra um corpo que parecia fogo envolto em pedra.

— Vá, — uma voz feminina gritou. — Tire-a daqui!

A neblina que encobriu minha mente se dissipou o suficiente para eu ver quando a figura escura nos fez voar pelo corredor. Os guardas que ainda estavam vivos não se moveram para nos impedir. Ao invés disso, eles estavam no chão, seus corpos se contorcendo violentamente enquanto sombras que pareciam demoníacas rasgavam por dentro deles e *através* deles, enquanto emitiam gritos ensurdecedores.

O resto da minha neblina mental dissipou quando a raiva psicótica que tinha me inundado sumiu de repente, deixando-me apenas com minhas emoções. Foi quando eu percebi de quem eram os braços nos quais eu estava,



e um soluço rasgou por meus lábios.

Vlad!

Eu não disse o nome dele em voz alta. Eu não conseguia falar através dos soluços que obstruíam minha garganta, mas eu não queria começar a chorar. Se eu comesse, eu não sabia quando seria capaz de parar, e nós podíamos não estar fora de perigo ainda.

De alguma forma, ele envolveu um manto em torno de mim enquanto nos fazia voar tão alto que eu tive que fechar os olhos para não passar mal. Então, ele mergulhou para nos pousar em uma colina cerca de um quilômetro e meio da estação de trem. Com a maior elevação e minha visão aprimorada, eu ainda podia ver o que estava acontecendo, e eu assisti com descrença enquanto as figuras cinzentas que eu primeiro pensei que fossem sombras cortavam através dos guardas do perímetro como tubarões translúcidos. Mais figuras nebulosas brotavam do solo, juntando-se ao embate horrível. Eu não fiquei surpresa quando alguns dos guardas pararam de se mover e as criaturas abandonaram aqueles corpos, agora murchando, para quem quer que ainda estivesse vivo. Eu só estava chocada que criaturas sem forma sólida pudessem ser tão letais.

— O que eles são? — Sussurrei.

— Remanescentes, — Vlad disse, arrancando sua máscara e peruca. Rios de satisfação cruel serpentearam através das minhas emoções antes que ele trancasse suas emoções novamente. — Eles não podem ser mortos, porque já estão mortos, e eles se alimentam de energia e dor. É por isso que nem mesmo o vampiro mais forte é páreo para eles.

Eram os Remanescentes o que Vlad queria de Cat? Eu pensei que ele quis dizer “Poder da sepultura” como uma metáfora. Como se para reforçar meu palpite, Cat caminhou para fora da antiga estação para a plataforma de trem. As criaturas horríveis não apenas não a atacaram, elas também balançavam como se em transe quando ela se aproximou deles, lembrando-me de cobras e um encantador habilidoso.

— Isso é... isso é... — As palavras me faltaram, mas não para o Vlad.

— Um jeito ainda mais excruciante de morrer do que ser queimado, — ele terminou, sua palma deslizando pela minha cabeça careca antes que ele segurasse meu rosto. — Eu não posso desfazer o que foi feito a você, mas eu vou vingar a sua dor mil vezes mais. Isso, eu prometo.



Eu queria me jogar em seus braços, não por causa do seu voto, mas porque ele estava lá e eu podia. Porém, antes que eu me movesse em direção a ele, a vergonha me inundou, tornando difícil para mim até mesmo segurar seu olhar. Ele estava determinado a me vingar pelo que ele viu, mas e quanto às coisas que ele *não* viu? As coisas que, verdade seja dita, eu podia ter impedido, mas não impedi?

— Estamos seguros aqui? — Perguntei, abraçando o manto longo ao meu redor ao invés de ir até ele.

Como se sentisse minha relutância, ele se afastou até seu corpo não estar mais roçando o meu. — Sim. Nem mesmo Mencheres pode vencer a Cat quando ela manifesta poder da sepultura. Como eu disse, é imparável. No entanto, também é memorável.

Com isso, várias pequenas explosões atingiram a antiga estação, até que fumaça preta se levantou em dezenas de lugares. Justo quando eu estava me preocupando com elas atraindo curiosos, a estrutura toda explodiu em uma detonação ensurdecadora que enviou uma bola de fogo em forma de cogumelo em direção ao céu. Cat foi atingida por destroços em chamas antes de mergulhar para fora do caminho. Então ela se virou e lançou um olhar irritado ao Vlad.

— Isso é por não dizer sim para mim imediatamente, — Ele murmurou sem uma pitada de remorso.

Então ele passou os braços em volta de mim, mas não no abraço que eu precisava tão desesperadamente. Em vez disso, ele nos impulsionou de volta ao céu, levando-nos tão alto que, novamente, eu não pude olhar. Lágrimas escaparam das minhas pálpebras cerradas enquanto eu prendia meus braços ao redor dele. Podemos estar abraçados por necessidade, mas seu calor ainda me queimava, seu cheiro enchia meu nariz e eu me deleitava com as mechas de seu cabelo chicoteando minha bochecha por causa do vento.

Eu estava tão sobrecarregada por estar de volta aos seus braços que levei vários minutos para perceber que minha mão direita ficou disparando pequenos pulsos de voltagem nele.



Capítulo Dezessete.

Vlad nos voou mais rápido do que eu sabia que ele era capaz, ainda assim, levou duas horas para alcançarmos o avião dele. Ele provavelmente não quis pousar em qualquer lugar perto da estação para evitar dar bandeira para povo de Szilagyi. Com o vento carregando tudo, exceto os gritos mais altos, nós não tivemos chance de conversar. Eu tinha muito a dizer a ele, mas nada disso parecia do tipo de coisa para ser gritada.

Claro, uma vez que alcançamos o avião, então tivemos a audiência dos dois pilotos que me cumprimentaram com o máximo de respeito ao mesmo tempo em que conseguiam não olhar para o longo manto que era tudo o que eu vestia. Nosso público aumentou quando Cat apareceu na hora em que eu saí do banheiro usando o suéter e calça que Vlad forneceu. Em particular, eu também drenei ambas as grandes bolsas de sangue que vieram com as roupas, então gastei vários minutos lutando com a resposta do meu corpo ao sangue. Após terminar, eu tentei me limpar, mas não havia muito que eu pudesse fazer com a pia pequena e sabonete de mão. Quando eu finalmente conseguir tomar um banho, eu não planejava sair por horas.

O avião decolou antes que eu pudesse voltar do banheiro ao meu assento. Claramente, Vlad não estava arriscando alguém vir atrás de nós. Ele me esperou antes de sentar e, quando ele estendeu a mão como fez tantas vezes antes, eu tive que lutar contra uma nova onda de lágrimas antes de aceitar.

Se ele notou minha breve pausa, ele não disse nada. Na verdade, a eletricidade que minha mão direita emitia no momento provavelmente não danificaria o avião, mas eu saboreei o simples ato de tocá-lo. Quando perguntei onde estávamos indo, Cat disse para deixá-la na Alemanha para deixá-la no caminho. Eu não perguntei onde depois disso. Onde quer que seja, não seria a casa de Vlad na Romênia. Ela se foi.

Cat se sentou tão perto dos pilotos quanto pode, tentando nos dar tanta privacidade quanto o interior permitia. Eu não tinha certeza, mas eu também pensei que vi de relance o mesmo fantasma que me avisou sobre o ataque lá com ela. Então esqueci sobre eles quando Vlad puxou um cobertor sobre mim



assim que me sentei. Como ele sabia que eu queria tantas camadas quanto fosse possível sobre mim após ser negada até mesmo uma única peça por semanas?

— Você devia tentar dormir, se puder, — ele disse, sua voz estranhamente neutra. — Você deve estar exausta.

Sua mão ainda estava curvada sobre a minha, mas além disso, ele não me tocou. Além de jurar vingança e responder minhas perguntas, ele também não falou realmente comigo. Eu não sabia por que e me encontrei com medo de perguntar. Sim, ele ficou insano de raiva com aquelas gravações, mas a última coisa que ele disse para Cat na minha visão foi que ele nunca devia ter se casado comigo.

E se ele não estivesse falando apenas por falar em um momento de frustração sobre meu sequestro? E se ele ainda estivesse pensando naquilo agora? Eu não tinha como saber. Seu rosto estava sem expressão e ele tinha suas emoções fortemente trancadas, o que não era o que eu imaginei quando ousei imaginar nossa reunião.

Talvez ele não pudesse superar o pensamento de que eu fui estuprada. No mundo vampiro, aquela era a melhor forma que Szilagyi poderia humilhar Vlad, e o orgulho de Vlad era lendário. Eu preferia não discutir o que realmente aconteceu com uma audiência, mas algumas coisas não podiam esperar até mais tarde.

— O que você viu na segunda gravação... eu preciso explicar, — eu comecei, só para ter Vlad me cortando enfaticamente.

— Não, você não precisa. — Então ele se aproximou e apertou minha mão. — Nada daquilo foi seu feito. Você não tem nada para explicar porque Maximus é o réu, e nada que você pudesse dizer ou fazer mudaria o que aconteceu.

Ao invés de me confortar, lágrimas brotaram dos meus olhos quando uma nova onda de vergonha me varreu. Eu deveria saber que Vlad não seria tão superficial a ponto de se sentir diferente sobre mim pelo que ele pensou que Maximus fez, e ele estava certo. Se Maximus *tivesse* me estuprado, não teria disso minha culpa. Mas eu fui cúmplice no que aconteceu quando Maximus me deu sangue, e aquilo *mudaria* os sentimentos de Vlad se ele descobrisse. Na época, eu pensei que fosse necessário, mas agora, eu me amaldiçoei por não pensar em outro jeito. Como eu diria ao Vlad que o “estupro” que ele testemunhou não era real, mas o outro incidente que ele não



sabia a respeito era, e que eu permiti isso?

Eu não podia. Não agora e talvez nunca.

— Não é isso que eu quero dizer, — eu disse, incapaz de olhar nos olhos dele. — Szilagyi insistiu em te enviar um vídeo de estupro, então Maximus fez todos saírem, então usou fita adesiva nele mesmo e em mim para que, ah, nada penetrasse, mas parecesse real. Enquanto ele estava... atuando, ele me disse onde eu estava e que ele fez com que tirassem minha pele para remover sua aura, assim eu podia usar minhas habilidades. — Minha voz falhou. — Foi a primeira vez que eu senti que tinha uma chance.

Vlad não disse nada e suas emoções continuaram trancadas. Após um momento, arrisquei uma olhada para ele, então desejei não ter feito. Seus olhos estavam focados em mim como mísseis teleguiados.

— Você não tem que mentir, — ele disse, aquele olhar me compelindo a não afastar o olhar embora eu quisesse desesperadamente. — Eu sou a última pessoa que pode desprezar, julgar ou insultar alguém por ser estuprado.

— Eu sei, — Eu sufoquei, outra avalanche de culpa tornando difícil para eu falar. Sim, ele sobreviveu a anos de estupro real enquanto se recusava a deixar o abuso quebrá-lo, enquanto eu me esgotei após duas semanas de cativeiro muito menos cruel. — Eu não estou mentindo. Maximus não me estuprou. Na verdade, ele arriscou a vida dele para não fazer.

Minha voz ficou mais forte na última parte. Eu não podia deixar Vlad culpar Maximus por algo que ele não fez. Do contrário, ele o mataria na primeira chance que tivesse. Embora, como eu temia, ele pudesse matá-lo mesmo assim.

Talvez ele vá matar você, também, assim que ele souber o que você fez quando Maximus te deu sangue, minha voz interna sussurrou, quebrando seu silêncio recente.

Eu não podia mais suportar pensar nisso. Murmurei que precisava de um minuto e fui para o banheiro. Então tentei novamente limpar os resquícios das duas últimas semanas, mas foi inútil. Eu odiei como o meu corpo parecia como o de uma estranha após ter minha pele arrancada. Agora, ele estava coberto com essências insultantes do que eu não podia me obrigar a admitir.

Por fim, desliguei a água. Pelos sussurros quase inaudíveis que captei, eu fui o tópico da conversa em minha ausência.



— Ela não precisa de um guerreiro vingador agora, — Cat estava dizendo. — Ela precisa do marido dela, então poupe o lance de “esmagar seus inimigos para ouvir as lamentações das mulheres deles” para depois.

Suspirei enquanto secava o resto da água que derramei em minha tentativa de lavar mais do que os resultados tangíveis do meu cativeiro. Então, incapaz de protelar mais, saí do banheiro.

Cat levantou, retornando para a frente do avião onde, sim, o fantasma com longas costeletas pairava perto da cabine do piloto. Retribui o aceno do fantasma, esperando que não houvesse chance de ele virar um dos Remnants assassinos.

— Leila, — Vlad disse em um tom cuidadosamente controlado quando eu me sentei. — Eu vi sofrimento o suficiente em minha vida para saber que todo mundo lida com isso de forma diferente. Se você quiser falar sobre o que aconteceu, eu vou escudar. Se não quiser, eu não vou te pressionar. O que quer que você precisar, você terá. Entendeu?

Engoli em seco e acenei, acostumando-me com a picada de lágrimas nos meus olhos. Como eu desejei que eu pudesse pedir perdão, mas embora isso fosse o que eu mais precisava, eu não tinha coragem de admitir o que eu fiz. Ou pior, que eu teria feito isso novamente.

— Eu acho que estou cansada, — Eu disse, provando ainda mais minha covardia. Então fechei os olhos, desejando que ele me puxasse contra ele como sempre fazia, mas apesar de ele apertar brevemente minha mão, ele permaneceu exatamente onde estava.



Capítulo Dezoito.

Vlad não disse para onde estávamos indo depois que deixamos Cat, e o fantasma que ela apresentou como Fabian, em Munique. Eu posso ter fingido estar dormindo por algumas horas, mas, eventualmente, sucumbi à coisa real bem antes de o amanhecer me nocautear, como sempre faz. Quando acordei e encontrei um lustre de cristal vários metros acima de mim, pensei que devia estar em outra das casas extravagantes de Vlad.

Não pude perguntar, porque estava sozinha na cama de dossel. O quarto grande e ornamentado estava decorado em tons suaves de branco e creme, com toques leves de marrom no carpete. Um arco aberto com colunas de mármore separava esse quarto de outro, então eu saí da cama para ver se era lá que Vlad estava. Ele não estava, mas a visão da grande banheira de mármore no banheiro dourado quase me fez abandonar minha busca. Então eu peguei um vislumbre de mim no espelho e parei, sem acreditar.

Meu cabelo estava de volta! Eu puxei um punhado preto, esperando sentir se mexer como uma peruca, mas tudo o que eu senti foi o puxão no meu próprio couro cabeludo. Eu até mesmo tinha sobrancelhas novamente. Eu as puxei também, inclusive arrancando um pelo para confirmar. Au! Sim, real. Uma olhada dentro da minha calça de moletom mostrou que meu cabelo não estava de volta em todo lugar, mas nas partes que me faziam sentir eu mesma de novo, estava. Como, eu não fazia ideia, e estava agradecida demais pra me importar.

Penteei meus cabelos com os dedos alegremente enquanto eu voltava pelo quarto até outra porta que se abria para uma grande sala de mármore com dezenas de vasos. Eles pareciam gregos, assim como muitos dos outros toques decorativos, incluindo mais pilares e colunas. Se não fossem pelas janelas do chão ao teto, que me permitiam vislumbrar uma impressionante área de piscina cercada pelo que claramente era um hotel, eu teria jurado que esta era a casa de um antigo governante Romano.

— Vlad? — Gritei, atravessando a sala de vasos para o que parecia com um salão elegante, que contava com uma sala de estar, mesa de bilhar e uma área de bar completa.



— Aqui, — ele gritou, soando levemente surpreso.

Ele me encontrou no meio da próxima área extravagante, um pátio coberto de frente para a área da piscina. Tinha até mesmo uma banheira de hidromassagem submersa, mas, como Vlad estava totalmente vestido e seco, ele não esteve aproveitando essa comodidade.

— Eu não esperava que você já estivesse acordada, — ele continuou, e, embora seu olhar tenha vagado sobre mim, ele não fez menção de me tocar.

— Eu fiquei melhor em acordar mais cedo, — eu disse, dando uma olhada para o sol de fim de tarde que se derramava sobre o pátio. Então toquei uma mecha de cabelo. — Como você conseguiu isso? Está até mesmo com o mesmo comprimento que... antes.

Eu tropecei um pouco na última palavra, não querendo relembrar que tive a pele arrancada mais do que Vlad provavelmente já lembrava.

Ele olhou para o meu cabelo, do meu couro cabeludo até onde ele terminava, vários centímetros abaixo dos meus ombros, mas, novamente, somente seus olhos me tocaram. Suas mãos permaneceram quase rígidas em seus lados.

— Mágica. — Ele deu de ombros para a minha expressão chocada. — Eu não pratico isso, mas, antes de os Guardiões da Lei proibirem isso, milhares de anos atrás, Mencheres já tinha esquecido mais das artes das trevas do que a maioria dos feiticeiros vivos jamais aprenderiam.

— Mencheres está aqui?

Ele acenou. — Na mansão ao lado.

— Ele não terá problemas se alguém descobrir que ele fez isso? — Eu perguntei, ainda tentando aceitar o fato de que Vlad tinha terceirizado um feitiço. Ele não foi um fã de mágica antes de descobrir que Cynthiana usou isso para manipulá-lo por décadas, e ele realmente odiou mágica quando um dos feitiços dela me matou.

Seus dentes apareceram em um sorriso breve. — Eu não vou contar, se você não contar.

Sorri de volta, um pouso hesitante. — Onde estamos, afinal?

— Caesar's Palace, em Las Vegas.



— Vegas? — Por quê? Ele não pode ter tido um subido desejo incontrolável para apostar.

Vlad deu de ombros. — Szilagyi só pode esperar me derrotar em uma emboscada mais poderosa daquela que destruiu minha casa. Se ele fizer isso no coração de Las Vegas, isso resultaria em grandes pernas humanas, e atenção internacional suficiente para despertar a ira dos Guardiões da Lei. Ele não pode se dar ao luxo de lutar contra mim e contra eles também, então, mesmo se eu anunciar minha presença em um outdoor, ele não pode fazer nada até depois de nós partirmos.

Eu me tranquilizei com ele dizendo “depois de nós partirmos” ao invés de “depois que eu partir”. Eu não tinha certeza sobre como estavam as coisas entre Vlad e eu, mas, mesmo que ele ainda se arrependa de ter casado comigo, pelo menos não soava como se ele tivesse planos imediatos de me deixar.

Ele vai, quando descobrir o que você fez, minha voz interior traiçoeira sussurrou.

Rangi os dentes. *Um dia,* prometi para aquela voz. *Morta!*

— Tenho algo para você, — Vlad disse, puxando minha atenção de volta para ele. Sua boca se contorceu quando ele puxou uma luva de borracha do bolso. — Parece que você já precisa de uma dessas.

Olhei para baixo e vi duas pequenas faíscas emanando da minha mão direita. Nada comparado com o que eu costumava manifestar, mas ver aquilo me fez quase tão feliz quanto ver meu novo cabelo.

— Obrigada, — eu disse, deslizando a luva na minha mão.

O que eu realmente queria fazer era enfiar meus dedos no soquete de luz mais próximo. Eu nunca mais quero me sentir tão indefesa quanto me senti quando pensei que meu melhor meio de defesa tinha sido literalmente arrancado de mim. Talvez, para manifestar a voltagem mortal que eu costumava fazer, eu preciso de recarga manual agora. Ou minhas habilidades elétricas, assim como o resto de mim, só precisavam de tempo para voltar ao que eram?

Vlad me observava, seu meio sorriso sem humor não me dizendo nada do que ele estava pensando. Quanto ao que ele estava sentindo, bem, ele mantinha aquilo sob segurança mais pesada que Fort Knox*. Eu queria perguntá-lo, mas, como eu ainda não era capaz de dar honestidade a ele, não



parecia justo esperar o mesmo dele.

**Cidade americana, base do Exército dos EUA.*

— Então, eu vou... ah... me limpar. Vejo você depois. — Eu disse, quase tropeçando nas minhas palavras com a parede invisível entre nós.

Seu olhar dizia que ele sabia que eu estava escondendo alguma coisa. — Mais tarde, então, — ele disse em um tom baixo, então voltou para onde ele estava sentado no pátio.

Eu me afastei, a culpa fazendo eu me sentir como se carregasse uma enorme pedra nas costas. Eu nunca fui boa em mentir, e nunca quis ser. Agora, eu estava presa a uma enorme mentira por omissão. Embora eu estivesse aterrorizada com o pensamento de perder Vlad, eu não podia manter isso por muito mais tempo. Além disso, ele merece saber *tudo* que aconteceu durante o meu sequestro, até mesmo as partes que podem mudar seus sentimentos por mim.

Eu vou contar a ele mais tarde, essa noite, eu decidi, tentando ignorar como o meu estômago revirou com o pensamento. Enquanto isso, eu realmente queria me esfregar até tirar o último vestígio da minha experiência de mim, e isso levaria um tempo.



Capítulo Dezenove.

Vlad permaneceu fora do banheiro e do quarto o tempo todo em que estive lá, o que acabou por ser mais de uma hora. Apesar de esfregar minha pele, eu ainda não me sentia limpa quando saí do chuveiro, embora eu duvidasse que uma equipe de peritos forenses pudesse encontrar uma única partícula da minha antiga cela em mim. Deve ser a culpa que me fez sentir como se estivesse coberta de manchas invisíveis.

Após meu banho demorado, vesti uma túnica longa que encontrei no armário, não surpresa em ver que Vlad tinha estocado esse quarto com roupas. Tudo novo, claro, já que tudo o que eu possuía virou cinzas junto com o resto do castelo do Vlad. O vestido de manga longa na altura do tornozelo tinha lindos botões de cima a baixo e sua pálida cor de creme combinava com a decoração do palacete. Deixei meu cabelo solto após secá-lo. Senti-lo escovando meus ombros era uma lembrança tangível e reconfortante de que eu realmente o tinha de volta.

Vlad não estava no pátio quando saí para procurá-lo. Ele não estava na sala de vasos ou no salão de veludo, também. Fiquei surpresa ao descobrir que o palacete tinha mais dois quartos, um cinema interno, uma biblioteca, sala de jantar formal, academia, sala de estar e um grande lobby com uma antessala elegante separada. Cada cômodo parecia vir com seu próprio guarda, e fiquei aliviada em ver rostos familiares como Samir e Petre. Eu os surpreendi – e a mim mesma – ao abraçá-los. Eu não vi Dorian ou Alexandru, entretanto, e tinha medo de perguntar se era porque eles ficaram na Romênia, ou porque eles não sobreviveram ao ataque ao castelo. Para evitar me demorar naquele pensamento sombrio, eu admirei o palacete. Era tão grande! Eu não podia acreditar que estávamos em um hotel. Essa poderia ter sido uma das áreas no antigo castelo do Vlad.

Segui as ondas de poder no ar para finalmente encontrar Vlad em uma versão chique de sala de estar. Várias pessoas estavam sentadas em sofás perto dele, mas todos estavam de costas para mim. Mencheres foi fácil de reconhecer, com seu cabelo negro tão longo e liso quanto o meu. Ao seu lado estava uma loira, quem deve ser sua esposa, Kira. Então uma garota com cabelo preto curto e um homem careca que era tão baixo que tudo o que eu vi



foi o topo da sua cabeça...

— Gretchen, Marty, — eu disse, deliciosamente surpresa. — Eu não sabia que vocês estavam em Vegas, também!

Marty chegou a mim primeiro, pulando sobre o sofá para me envolver em um abraço de urso. Minhas lágrimas caíram no topo de sua cabeça recentemente careca enquanto eu o abraçava de volta, tão feliz em vê-lo que mal notei o olhar afiado que Vlad me deu.

— O Centro é sempre ensurdecido de tão barulhento, não admira você não ter nos ouvido entrar, — Marty disse, finalmente me soltando. Então ele deu tapinhas na frente do meu vestido. — Ah, inferno, — ele disse, soando embaraçado. — Manchei você.

Olhei para as manchas rosadas que suas lágrimas fizeram e congelei. Por um momento, tudo o que eu podia ver eram as manchas na minha coxa causadas por Maximus, e a memória quase me derrubou. Minha irmã não notou minha reação. Ela me abraçou em seguida, e se eu respondi muito mais desajeitadamente, ela não comentou.

— Esses palacetes não são o máximo? — Gretchen disse, exultante. — Finalmente, seu marido nos trancou em algum lugar incrível!

Sua referência sobre ser trancafiada também me fez estremecer, o que era ridículo. Assim como a minha reação às manchas rosadas no meu vestido, mas, ainda assim, eu não podia me livrar da sensação esmagadora de sufocamento e culpa que subitamente me inundaram.

— Leia, — Vlad disse, sua voz baixa cortando através constantes dos comentários excitados de Gretchen. — Você está bem?

Gretchen pareceu não ouvi-lo. Marty ouviu, e me deu um olhar avaliativo enquanto minha irmã continuava falando sobre quão maravilhoso Vegas era e se eu sabia que Vlad deu a ela um crédito para fazer apostas?

— Ela não sabe, sabe? — Perguntei.

Vlad levantou, seu olhar nunca vacilando. — Não. Deixei para você decidir se ela pode lidar com isso.

— Lidar com o quê? — Gretchen disse, ainda não entendendo. — Meu crédito para apostas? Inferno, sim, eu posso lidar com isso!

Olhei para a minha irmãzinha, que escondeu tanta dor pela qual passou



desde a morte da nossa mãe por trás de uma parede de irreverência e sarcasmo. Ela parecia feliz agora, então de jeito nenhum eu seria aquela a arruinar isso.

— Bom, — eu disse, tentando me recompor. — Economize seu crédito de aposta. Não gaste tudo em um dia.

— Claro, mana, — ela disse, dando-me um beijo rápido.

Eu queria tocar o lugar na minha bochecha para manter o beijo dela lá. Vlad não foi a única pessoa que eu temi que nunca fosse ver de novo quando Szilagyi me capturou.

— Onde está o pai? — Perguntei, soando quase normal agora.

Gretchen fez um som enjoado. — No palacete ao lado, recusando-se a sair do quarto dele. Ele ainda está fazendo bico sobre ficar se escondendo, sem mencionar que ainda está puto por você ter se tornado uma vampira contra a vontade dele.

Eu não devia ter esperado nada diferente. Especialmente se, como Gretchen, Hugh Dalton não tinha ideia do que eu acabei de passar, mas minhas feridas emocionais recentes tornaram isso mais do que eu podia fingir indiferença. Era tolice para mim, uma mulher adulta, permitir que a constante rejeição do meu pai me fizesse sentir como uma garotinha ferida, ainda assim, era exatamente assim que as ações dele me afetavam.

— Oh, — eu disse, e embora eu quisesse que isso soasse evasivo, a única palavra saiu mais como um soluço abafado.

— Eu já tive o suficiente, — Vlad disse em um rosnado mal contido, então ele gritou, — Hugh! — alto o suficiente para a vidraça da janela mais próxima tremer. Sem esperar resposta, ele saiu marchando do quarto.

— Vlad, não, — Eu disse, indo atrás dele. Ele não diminuiu e Marty me agarrou, impedindo-me de ir atrás dele.

— Não, garota, — Marty disse, algo sombrio se escondendo em seu tom de voz. — Hugh é seu pai, então Vlad não vai matá-lo, mas, o que quer que ele faça, aquele homem merece.

Gretchen olhou entre mim e a porta aberta pela qual Vlad quase voou, em sua raiva. — O que está acontecendo?

— Nada com que você tenha que se preocupar, — Marty respondeu,



seu olhar puro verde esmeralda enquanto ele a encarava.

Gretchen assentiu como uma nova complacência e olhar vidrado. Olhei para Marty, tão chocada por ele hipnotizar minha irmã quanto estava pela frieza em sua expressão. Ele deve vir cultivando um monte de ressentimento contra meu pai, e eu não tinha ideia.

Eu não tive que aguçar minha audição para saber quando Vlad alcançou meu pai. Seu comando de “Sente-se, cale a boca e não se mova” soou sobre todos os outros sons de fundo. Então estremeci quando, momentos depois, ouvi meus próprios gritos e os distantes sons suaves de Szilagyi rindo com escárnio.

— Não ouse olhar pra longe, — Vlad disse, cada palavra mais afiada que uma chicotada. — É disso que a sua reclusão protege você e a Gretchen, porque foi isso que aconteceu quando Leila caiu nas mãos do meu inimigo quatorze dias atrás.

Mais gritos aterrorizantes cortaram o que quer que Vlad tenha dito depois, seguidos pela minha promessa gritada de que todos eles pagariam. Apertei os punhos quando minha mente repetiu uma imagem da expressão de Szilagyi quando sua nova explosão de risadas soou do vídeo.

— A qualquer momento, eles poderiam tê-la matado, — Vlad disse durante uma pausa nos meus gritos, que foi quando Harold me mudou de posição para facilitar a remoção da pele das minhas costas. — Você não sabe o que é perder um filho, mas eu sei. Quando eles se vão, cada palavra dura que você disse é uma cicatriz na sua alma, cada oportunidade perdida com eles é uma dor que nunca irá curar.

A nova enxurrada de gritos me fez oscilar. Marty colocou os braços em volta de mim, murmurando palavras de conforto que eu não ouvi porque estava lutando contra as memórias do horror daquele momento.

— Você acha que eu sou um monstro? — Vlad continuou quando eu pude ouvi-lo novamente. — Você é pior, porque meu filho nunca teve que implorar pelo amor que você tão cruelmente nega a Leila. Pense nisso da próxima vez que você disser para si mesmo que tem justificativa para o contínuo abandono emocional da sua filha.

Meus gritos pararam, o que significava que Vlad deve ter desligado o vídeo, já que eu sabia, através da terrível memória, que o processo de arrancar a pele durou vários minutos mais. Então ouvi um som áspero de vômito e



lágrimas nublaram minha visão. Vlad o ordenou a ficar quieto e parado, mas hipnose vampira não podia impedir meu pai de vomitar pelo que ele viu.

— Ele não devia ter feito isso, — eu sussurrei, secando os olhos.

— Sim, ele devia, — Marty disse em um tom duro. — Hugh tem sido um pai de merda para você desde que você o entregou por trair sua mãe. Eu só queria ter tido coragem de esfregar isso na cara dele do jeito que seu marido acabou de fazer.

Gretchen não disse nada. Ela ainda tinha o mesmo olhar despreocupado desde que Marty disse a ela que ela não precisava se preocupar. Sem sentidos sobre-humanos, ela provavelmente não ouviu o vídeo ou os comentários cruéis de Vlad, também.

— Tudo o que Vlad disse sobre perder um filho é verdade, — Marty continuou com um suspiro profundo. — Quando perdi Vera, eu queria morrer. Oitenta anos depois, você me deu a chance de ser um pai novamente. Eu nunca vou substituir seu pai, mas eu te amo como se você fosse da minha própria carne e sangue, e estou tão malditamente grato por você estar viva, porque assim eu posso te dizer isso novamente.

Eu me ajoelhei para poder enterrar meu rosto no pescoço dele enquanto sussurrava em voz áspera que eu o amava também. Então silenciosamente agradei a Deus por Marty ter me pego procurando comida na lata de lixo de um festival, anos atrás, quando eu era uma adolescente assustada e sozinha, tentando lidar com habilidades que me tornavam uma ameaça a todos que eu tocava. Se amor incondicional contava, o homem me abraçando *era* meu pai, enquanto o homem no outro cômodo era mais como um padrasto relutante.

Então senti um sopro de intensidade emocional atordoante, que se foi rápido demais para que eu decifrasse o que foi aquilo. Olhei sobre o ombro de Marty e vi Vlad na entrada, sua expressão inescrutável enquanto ele me observava abraçando meu amigo mais antigo.

— Sinto muito por você ter ouvido aquilo, — ele disse em um tom enganosamente suave. — Após ele continuamente se recusar a ver você, ou eu forçava seu pai a ver o vídeo ou enfiava meu tablete na garganta dele, e isso teria tido consequências mais permanentes.

Olhei para o computador que Vlad segurava, imagens daquilo saindo do pescoço do meu pai como em um Cartoon passaram pela minha mente. O pior é que eu não achava que ele estava brincando. Afinal, ele era Vlad o



Empalador, não Vlad, o Blefador.

Mencheres levantou, falando pela primeira vez desde que eu entrei na sala. — Kira e eu estávamos prestes a ir aproveitar os vários entretenimentos nesse hotel. Nós ficaríamos encantados, Marty e Gretchen, se vocês se juntassem a nós.

— Claro, soa ótimo, — Marty disse, traduzindo a versão educada de “Vamos deixar Vlad e Leila sozinhos agora.” Minha irmã não respondeu. Ela ainda olhava pra frente com o olhar alegre e ingênuo em seu rosto.

— Gretchen, — Marty disse, verde brilhando em seus olhos. — Acorde. — Após ela piscar e o olhar preguiçoso deixá-la, ele continuou. — Quer festejar com um antigo faraó que não precisa contar cartas porque ele pode ler mentes?

— Oh, inferno, sim! — Gretchen disse, quase correndo pra porta, de tão animada. — Só me deem vinte minutos para ficar ainda mais fabulosa.



Capítulo Vinte.

— Com fome? — Vlad perguntou naquele tom casual fingido quando todos deixaram o palacete, quase uma hora depois.

Eu estava, mas também temia que se eu adiasse admitir minha culpa por mais tempo, eu iria amarelar pelo resto da noite. Ou o resto da minha vida, que é o que eu realmente queria fazer.

— Não, — eu disse, preparando-me para o que eu tinha que fazer.

Seu meio sorriso permaneceu, embora seu olhar tenha se estreitado. — Você sempre cheira a culpa quando mente para mim.

Então eu devo ter empestado o lugar desde que ele me resgatou. — Certo. Eu *estou* faminta, mas quero conversar mais do que quero comer.

— Você pode fazer ambos. — Ele disse, acenando para eu segui-lo enquanto ele saía da sala.

Eu o segui, uma parte desesperada de mim tentando memorizar como ele parecia. Do jeito que ele reagia à traição, essa poderia ser a última vez que eu o via. O cabelo do Vlad estava escovado para trás em ondas suaves e ele barbeou o excesso em sua mandíbula até que era novamente aquela sedutora sombra de barba por fazer. Ele vestia calças cor de areia e uma camisa branca de seda, um botão aberto no pescoço mostrando apenas o côncavo da base da sua garganta. O resto do seu corpo estava coberto pelo tecido rico, que se esticava, realçando seus músculos enquanto ele se movia com sua graça de caçador de sempre. O efeito era mais sexy do que todos os homens sem camisa que eu vi na piscina mais cedo. Ao invés disso, ele vestia mais para provocar as pessoas com o que ele não as permitia deleitar seus olhos.

— Aqui, — ele disse quando chegamos ao elegante bar interno e ele foi para trás do bar. Então ele puxou uma bolsa de sangue.

— Está morno, — eu disse, surpresa, quando aceitei.

— Há um equipamento aqui atrás que mantém as coisas a exatamente 37 graus. — Ele me deu um sorriso cansado. — Não somos os primeiros



vampiros a ficarem nesses palacetes.

Fale sobre satisfazer todos os tipos de clientes... A bolsa até tinha um canudo; que chique. Eu a desenrosquei e tomei um longo gole antes de abaixar, suspeita.

— Você não acha que eles mataram alguém pra encher isso, acha?

A risada do Vlad tinha um pouco de desdém. — Não. Eles provavelmente estão cheios de voluntários. Essa cidade fede a ambição e desespero. Tornar-se um doador de sangue para vampiros seria uma enorme melhoria comparada às outras formas que as pessoas fazem dinheiro aqui.

— Você realmente não gosta de Vegas, — Comentei, embora sua resposta tenha me tranquilizado para tomar outro gole.

— Por que eu gostaria? “O que acontece aqui, fica aqui” é um convite para as pessoas cederem às suas depravações preferidas, como se eu já não tivesse mais que a minha cota disso, pelos pensamentos que ouvi sem querer.

Eu entendia aquilo. Eu mantive a minha luva direita não por preocupação com a eletricidade, mas porque eu não queria reviver qualquer essência gravada que esses quartos provavelmente estavam cheios. E falando sobre ouvir sem querer as coisas...

— Você pode, ah... mandar os guardas embora um pouquinho? — Perguntei, mordendo meu lábio inferior.

Vlad lançou uma ordem em Romeno que fez várias portas se abrirem e fecharem momentos depois. Agora que tínhamos alguma privacidade, eu tentei pensar no melhor jeito de começar minha confissão, mas, como sempre, Vlad foi direto ao ponto.

— Por que você não quer que eu toque em você? — Ele perguntou, seu tom casual encobrindo o choque pretendido com a pergunta

—Eu, ah, não é isso... — Comecei a gaguejar.

— A princípio, eu achei que você não pudesse suportar que ninguém te tocasse, o que eu tendendo. — ele continuou. — Por anos após minha prisão na infância, eu não conseguia tolerar a mão de outra pessoa em mim. Na verdade, esse é o motivo por eu ser tão reservado sobre isso hoje em dia, embora agora eu fique apenas irritado, ao invés de enojado, quando as pessoas me tocam sem minha permissão. É por isso que eu respeitei sua óbvia



aversão antes, mas, quando eu te vi abraçando Martin e sua irmã, percebi que isso era reservado apenas a mim.

Minha boca ficou aberta enquanto dezenas de pensamentos rodavam pela minha mente. Só dessa vez, eu desejei não ser uma vampira, assim ele poderia ouvi-los na íntegra ao invés de eu ter que tentar formar uma explicação que não seria tão boa quanto eu queria.

— Eu não consigo suportar a culpa quando toco você, — Eu finalmente disse. *Vê? Lamentavelmente* curto

Ele descansou os braços contra o balcão do bar e se inclinou pra frente. — E por quê? Por que você não vai admitir que Maximus te estuprou?

Ele ainda não acredita em mim? — Eu te disse, ele *não* fez.

Vlad respirou fundo, verde cintilando em seus olhos. — Lembra como eu disse que você cheira a culpa quando mente? Leila, meu amor, cada vez que você fala sobre o que aconteceu com Maximus, você fede a isso.

Eu me afastei das memórias... e suas mãos estavam subitamente ao redor do meu rosto, forçando-me a olhar para ele.

— Eu falei sério quando disse que você não precisa falar sobre isso, mas você não pode continuar mentindo para mim ou para si mesma. — Seu tom estava duro, mas seus dedos me acariciaram de uma forma que me fez querer me inclinar nele, ao invés de me afastar. — Pode parecer mais fácil agora, fingir que alguém em quem você confia, um amigo, não poderia fazer isso com você, mas, no fim, o fingimento vai destruir você.

Não pude impedir as lágrimas que começaram a rolar, e elas caíram ainda mais quando ele se inclinou sobre o bar e as beijou.

— Isso não muda nada entre nós, — ele respirou contra minha pele. — Eu te amo, Leila, não importa o que ele ou qualquer outro fez.

Fechei meus olhos, algo faminto em mim absorvendo a aceitação que ele transmitiu com suas palavras e cada carícia dos seus lábios. Eu não percebi que tinha me inclinado para frente até que senti seu pescoço contra minha bochecha. Suas mãos deslizaram pelas minhas costas e, em um único movimento suave, ele me puxou por cima do balcão direto para seus braços. Eu queria ficar lá para sempre, mas a mentira que ele sentia crescia entre nós, uma parede que eu não conseguia escalar. A única forma de atravessar isso



era explodi-la – e provavelmente nosso relacionamento também – em pedaços.

— Não é o que Maximus fez que está me devorando com culpa, — Forcei-me a dizer. — É o que eu fiz. Maximus não me estuprou. Ele fez exatamente o que eu te disse, só que... essa não foi a única vez que ele fez isso, e a segunda vez não foi contra a minha vontade.

Ele ficou rígido e se afastou. O frio instantâneo da ausência do seu corpo me atingiu quase tanto quanto um golpe físico.

— Explique, — ele latiu.

Eu abracei meus joelhos por mais do que apenas para ter mais equilíbrio no balcão estreito do bar.

— Eu perdi a maior parte do meu sangue quando Harold tirou minha pele, e Szilagyi me manteve faminta. Eu fiquei tão fraca, tão faminta que não conseguia me concentrar o suficiente para me conectar com você mesmo após eu perceber que isso poderia funcionar. Maximus raramente era permitido ficar perto de mim e ele era vigiado a cada vez que estava, então ele não podia roubar sangue para mim sem... uma farsa extrema.

Comecei a tremer, mas agora que eu comecei a dizer a ele o que aconteceu, eu não me permitiria parar.

— Eu tinha dito ao Maximus que precisava de sangue, então ele disse ao Szilagyi que ele queria me foder novamente. Szilagyi não se importou; ele amou como isso tinha te levado a queimar sua casa até o chão. Eles fizeram Maximus manter a porta aberta e só permitiram que ele trouxesse dois pedaços de fita. Ele colocou um na minha boca e o outro ele colocou, ah, em baixo. Então e-ele fez o que você viu no vídeo, só que dessa vez, ele tirou a fita e me beijou para regurgitar o sangue que ele tinha acabado de beber direto para dentro de mim.

Vlad fez um som baixo e visceral. Meus tremores aumentaram e eu mal podia ver por causa das lágrimas enchendo meus olhos. Essa era a parte que eu não queria lembrar, muito menos contar ao Vlad.

Eu estava tão faminta; isso me jogou em um frenesi alimentício. Eu suguei sua boca e... e me agarrei a ele e implorei por mais. Foi como se o sangue deixasse meu corpo louco de necessidade e eu... eu não me importava com onde eu estava, com quem eu estava, ou o que eu estava fazendo.

Eu sussurrei aquelas últimas palavras, presa pela mesma culpa que me



atormetou desde então. A última coisa que eu queria era admitir o que vinha a seguir, porque era a pior parte.

— Maximus agiu como se eu estivesse entrando no clima por ele me foder, o que o guarda achou hilário. Quando eu finalmente tive sangue o suficiente para o frenesi alimentício passar e eu estava pensando direito novamente, Maximus perguntou se eu... se eu queria que ele roubasse sangue para mim desse jeito novamente e, — levantei minha cabeça e olhei direto para Vlad apesar da dor da admissão. — e eu disse sim.

Ele me encarou, seu olhar tão verde que era como se esmeraldas em chamas tivessem substituído seus olhos. — E?

— E? — Repeti, sem acreditar. — Eu disse *sim*, você não me ouviu da primeira vez?

A vergonha aqueceu meu tom, tornando a pergunta quase um grito. Vlad esperou, dando-me a chance de dizer mais alguma coisa, então ele largou os punhos no balcão, que balançou como se tivesse sido atingindo por duas marretas.

— A menos que você esteja deixando algo de fora, o que você está me dizendo é que você está destruída com culpa por responder ao sangue da mesma forma que qualquer outro vampiro recém-criado e faminto teria respondido.

Eu fiquei rígida. A última coisa que eu esperava era que eu tivesse que explicar por que ele deveria estar furioso comigo!

— Eu concordo que não era responsável pela minha reação inicial, mas eu sabia exatamente o que estava fazendo quando disse ao Maximus para voltar. Eu sabia que o sangue provavelmente me faria agir como uma vadia novamente. Eu também sabia que Maximus poderia não ser capaz de usar a fita em mim todas as outras vezes, mas eu não liguei. Tudo o que eu me importava era em conseguir mais sangue, mesmo que isso significasse praticamente, ou possivelmente literalmente, trair você para conseguir isso. Agora está claro?

Ele fez aquele som baixo e gutural novamente. O que eu tinha assumido que fosse um excesso de raiva antes, mas quando ele baixou suas defesas e seus sentimentos me inundaram, fiquei chocada.

— Se eu não tivesse ouvido a palavra *Abkhazia* na minha mente, Szilagyi ainda teria você. Os fantasmas da Cat teriam procurado por você, mas



teria levado semanas ou meses para eu saber até mesmo em que lado do mundo você estava. Szilagyi teria te matado até lá, ou pelo menos destruído você pelos horrores que ele te infligiria para me atormentar. Comparado a isso, Leila, eu não teria ligado se você tivesse fodido Maximus, cada guarda designado a te vigiar, e o próprio Szilagyi, se o resultado fosse você conseguir o sangue que precisava para poder me dizer sua localização.

Eu não podia falar. Não por causa das suas palavras, embora elas vibrassem com veemência, mas por causa das emoções que continuavam explodindo nas minhas como onda quebrando nas rochas. Elas não tinham nada das recriminações que eu joguei sobre mim. Ao invés disso, eu senti o mais selvagem tipo de orgulho, como se ele tivesse esperança que eu fosse capaz de fazer o que quer que fosse preciso para sobreviver, e agora ele soubesse que eu era.

Se eu ainda tinha quaisquer dúvidas, o jeito que ele me puxou e me beijou acabou com elas. Quando ele finalmente levantou a cabeça, meu corpo pulsava e meus lábios pareciam quase feridos pelo calor que parecia derramar dele para mim.

— Além do mais, — ele disse, sua voz grossa. — mesmo se eu me sentisse ofendido pelas suas ações, você foi mais ofendida pelas minhas. Eu insisti que você ficasse no castelo, eu reprimi suas habilidades com a minha aura, e eu te transformei em um alvo ao me casar com você. Se eu...

— Não, — eu interrompi imediatamente. — Nunca mais diga que você deseja não ter casado comigo. Szilagyi me trouxe para essa luta *antes* de nos conhecermos, lembra? Então, mais tarde, ele soube que você me amava antes que você soubesse. Tendo você casado comigo ou não, nós ainda estaríamos exatamente onde estamos agora.

Ele me encarou com tanta intensidade que eu tive que piscar para impedir que meus olhos se sentissem queimados.

— Talvez. Eu sempre terei inimigos, e, embora eu pretenda esmagar todos eles, eu quero a sua palavra de que você vai continuar fazendo o que quer que seja preciso para sobreviver. Você não pode se permitir ser destruída pela culpa, ou hesitação, nunca mais. Prometa-me.

— Ok. — Eu disse, a palavra saiu um pouco áspera porque parte de mim ainda não podia acreditar na forma em que ele estava aceitando isso. — Sobrevivência primeiro, no importa o quê. Eu prometo.



Ele sorriu enquanto emoções novas e muito mais frias começavam a serpentear entre as minhas. — Bom. Agora, já que você provou que eu estava terrivelmente errado em tirar suas habilidades de você antes, por que você não as usa para rastrear Szilagyí para que nós possamos finalmente matá-lo?



Capítulo Vinte e Um.

Senti como se uma lâmpada acendesse sobre a minha cabeça. Isso mesmo; minhas habilidades estavam de volta, *todas* elas. Pulei para fora do balcão em excitação.

— Oh, inferno, sim! Por que você não me disse para me conectar a ele no segundo em que eu pisei no seu avião?

Eu estive tão deprimida sobre as minhas ações com Maximus, que nem mesmo pensei nisso. Vlad estava certo, minha culpa tem sido incapacitante, e quando era vida ou morte, eu não podia me permitir esse tipo de limitação.

Ele saiu de trás do bar. — Eu te disse, sua sobrevivência é minha prioridade. Se você estava muito emocionalmente danificada para admitir o que eu acreditava que Maximus tivesse feito com você, então você não estava em condições de tentar se conectar à Szilagyi.

Comecei a correr minhas mãos sob meu vestido, procurando o traço de energia de Szilagyi. Eu tinha muitos traços de Maximus e um pouco de Harold, já que ele me segurou, em minha nova pele, para terminar de cortar a minha antiga. Quando finalmente encontrei a de Szilagyi, sorri. Ele foi tão presunçoso descansando sua mão perto da minha virilha enquanto me provocava com minha condição indefesa. Bem, olhe quem está presunçosa agora?

Vlad viu onde minha mão parou. Ele não disse nada, embora fúria tenha queimado minhas emoções antes que ele se fechasse novamente. Não discuti. Eu não queria que nada me distraísse enquanto eu tentava me conectar ao homem que infligiu tanta dor em nós dois.

Fiquei surpresa quando segui o traço de energia de Szilagyi até ele com muito menos esforço que me custou para encontrar Vlad. Nosso inimigo em comum estava em um carro, dirigindo em uma estrada íngreme que ventava muito, com um jovem impressionantemente bonito de cabelos negros no banco do passageiro. *Talvez estar bem alimentada realmente seja o segredo para desbloquear minhas habilidades*, pensei enquanto saía do bar e entrava na versão de cozinha do palacete. Então eu puxei uma faca para fora do suporte no balcão e a passei na minha garganta o mais forte que pude...



Vlad agarrou meu braço, parando-me antes que a lâmina pudesse completar seu arco letal. Tentei golpear meu pescoço de novo, mas todos os meus músculos subitamente perderam a coordenação. Vlad puxou a faca e a jogou do outro lado da cozinha.

— Solte-me, eu preciso fazer isso. — Tentei dizer, mas as palavras saíram ininteligíveis. Incapaz de falar, olhei feio para ele. Ele não podia ver que eu tinha que cortar a minha cabeça fora? Agora mesmo?

Sua resposta foi me dar um tapa tão forte que meus dentes doeram. O choque do golpe me fez perder meus últimos vestígios da ligação com Szilagyi. Como se saísse de um sonho, percebi que Vlad estava lutando para me segurar no chão da cozinha, e as listras vermelhas nele e em mim eram do sangue que jorrou quando eu quase me decapitei. Eu estava bastante certa de que eu não tinha apenas experimentado um surto psicótico, então eu só podia pensar em uma razão para minha súbita e incontrolável urgência em cometer suicídio.

— Oh, merda, — sussurrei, capaz de falar agora que minhas cordas vocais tinham se curado com velocidade sobrenatural. — Szilagyi deve ter feito a mesma coisa que Cynthiana fez: fazer uma armadilha nele com um feitiço para que se eu alguma vez me conectasse a ele, isso acabaria me matando.

— **P**ela centésima vez, eu em sinto bem agora, — Gritei, mas ainda assim a resposta de Vlad foi um bufar sarcástico do outro quarto. — Sério, você pode me deixar sair, — eu continuei.

Nenhuma resposta, apenas mais sons de coisas sendo movidas e/ou retiradas. Bem, eu realmente não tinha pensado que ele iria desistir. Eu estava lidando com o trauma do meu quase suicídio recusando-me a pensar sobre isso. De outra forma, o horror pelo quão perto eu estive de me matar quebraria o frágil controle que eu tinha sobre minhas emoções e eu iria desmoronar completamente. Como Vlad disse, sobrevivência primeiro. Pânico, auto recriminações e histeria depois.

Vlad estava lidando com aquilo do jeito dele. Tentei me mexer para uma posição mais confortável, mas isso era impossível, provavelmente porque eu estava no fundo da banheira que eu admirei, com um piano de cauda e cinco colunas de mármore em cima de mim. Eu poderia sair de baixo das enormes e



pesadas barreiras, mas Vlad ouviria minhas tentativas muito antes de eu libertar um único dedo.

E então eu realmente estaria em apuros.

Vlad não tinha esquecido que Mencheres era telecinético quando empilhou objetos pesados em mim para que ele e Mencheres pudessem retirar quaisquer objetos letais do palacete. Não, Vlad estava me mandando um memorando de uma tonelada de que não haveria mais tentativas de me conectar à Szilagyi. Sim, eu o alcancei facilmente, e sim, eu agora sabia que Szilagyi estava em movimento com um jovem desconhecido, mas isso não era suficiente para me dizer onde ele estava. Vlad não consideraria eu tentar de novo, eu estando ou não seguramente contida.

— Você não sabe se o feitiço foi programado para reativar assim que você tiver outra oportunidade, — ele grunhiu enquanto empilhava objetos pesados em cima de mim. — Szilagyi estaria rindo no inferno se nós o encontrámos e matarmos, e então você celebrar cometendo suicídio sob o último comando do feitiço dele.

— Os feitiços de Cynthiana sempre desapareciam após eu encerrar minha ligação com ela, — eu argumentei.

— Não antes que eles fizessem danos letais, — foi a resposta curta de Vlad. — Você só está viva agora porque era humana e sangue de vampiro ficava te trazendo de volta.

— Então me deixe tentar me conectar ao Maximus. Ele partiu com Szilagyi, então ele pode estar em qualquer que seja o lugar para o qual Szilagyi estava indo...

— Após seu resgate, ou ele está morto, ou igualmente enfeitiçado. — Vlad respondeu brutalmente. — De qualquer forma, a resposta é não.

Ele tinha argumentos válidos, e eu não queria morrer tanto quanto Vlad não queria que eu cometesse suicídio induzido por feitiço. Mas a ideia de que Szilagyi estava apenas a uma ligação psíquica de distância era tão atraente quanto era irritantemente fora de alcance. Após tudo o que ele fez, eu queria aquele homem morto. Verdadeira, permanentemente morto, mas isso não podia acontecer até o encontrarmos, e após meu recente resgate, ele provavelmente se escondeu de novo. Ele conseguiu se esconder por centenas de anos antes. E se ele fizer isso de novo?

Após o que pareceram horas, Vlad esvaziou a banheira e me deixou



sair. Arqueei minhas costas para aliviar uma câimbra que esteve me incomodando desde que o piano pousou em mim, então comecei a me limpar antes de parar. Qual era o ponto? O vestido estava coberto de tanto sangue que um pouco de poeira dificilmente importava.

— Isso está arruinado, — Eu disse, antes de perceber o quão ridículo foi o meu comentário. Um vestido destruído era meio que literalmente o menor dos nossos problemas.

Vlad não disse nada. Apenas me observava com cautela expectante, como se estivesse pronto para me atacar ao menor dos meus movimentos.

— Eu voltarei em algumas horas, — Ouvi Mencheres dizer, então uma porta fechando alertou sua saída.

— Ele vai voltar a apostar com os outros? — Perguntei, mais para quebrar a tensão do que por me importar com o que ele estava fazendo.

— Não, — Vlad disse, seu tom sereno não me enganando. — Eu te disse, Mencheres é bem versado em magia. Ele deve ser capaz de quebrar o feitiço de Szilagyí, assim que ele tiver os ingredientes certos.

Fiquei atônita. Se Mencheres pode tirar essa mandinga suicida de mim, por que ele perdeu tempo ajudando Vlad a mover os móveis?

— Ele pode achar o que precisa em Vegas? — *Eu te amo, Vegas!* Eu queria gritar.

— As artes negras estão muito vivas aqui. De que outra forma você explica os truques do Cirque De Solei?

Desde que eu nunca estive em um dos espetáculos deles, nunca tive motivos para me perguntar. — Eu nem mesmo ligo. Eu estou apenas tão aliviada que Mencheres pode quebrar esse feitiço, que nem posso te falar.

O sorriso do Vlad estava tenso. — Nem precisa.

Claro que não. Se havia uma pessoa que podia entender meu alívio sobre essa notícia, era ele.

— Enquanto Mencheres está fora comprando coisas mágicas, eu vou lavar esse sangue. — Eu disse, dando um sorriso de lado para ele. — Não posso me machucar com um pouco de sabão e água, certo?

— Não.



A única palavra me parou antes que minha mão alcançasse a porta do banheiro. O que foi bom, também, porque com uma explosão de calor, o vidro começou a derreter como gelo sob um maçarico. Pulei para trás para evitar a poça escaldante que atingiu o chão perto dos meus pés.

— Por quê? — Perguntei.

Vlad nem mesmo olhou para as borbulhas gelatinosas que, momentos atrás, foram adoráveis portas de vidro fosco.

— Você poderia tê-las quebrado e usado um dos cacos como arma. Agora você não pode, mas é melhor esperar até isso esfriar antes de entrar no chuveiro. Senão, você vai queimar seus pés.

Ele poderia ter ficado e vigiado para se certificar de que eu não tentaria nada com as portas de vidro. Ao invés disso, ele as derreteu em uma poça que se fundiu ao chão de mármore. Se isso não me fizesse perceber que os eventos horríveis dessa noite o empurraram além dos seus limites, nada faria.

— Ok, — eu disse, um pouco instável. — Acho que o espelho é o próximo?

Ele mostrou os dentes mais em ameaça do que em um sorriso. — Você achou corretamente.

Suas emoções estavam contidas, mas seus olhos verdes acobreados brilhavam com uma selvageria que eu só vi quando ele estava em batalha. Pela forma como sua aura continuava se agitando como dezenas de cobras se preparando para atacar, ele mal era capaz de se impedir de outra ação drástica. Se eu passei por um bocado nas últimas semanas, ele também, e isso claramente foi a gota d'água para ele.

Fui até ele, com cuidado para não pisar em um dos riachos que serpenteavam para fora da maior poça de vidro. Então coloquei meus braços ao redor dele e descansei minha cabeça em seu peito. Seu corpo estava muito mais quente que o normal, como se ele estivesse segurando o fogo nele com grande esforço. Talvez tenha feito algum bem a ele queimar o vidro até virar líquido. Um pequeno alívio ou algo assim.

Bem, eu conhecia outra, muito mais eficiente, forma de alívio.

— Eu não gostava daquelas portas, de qualquer jeito. — Respirei em seu peito. — Esse novo visual aberto é muito mais legal, se você me perguntar.



Sua expiração curta não era uma risada verdadeira, mas foi o mais perto de uma que eu ouvi desde que ele invadiu o covil em forma de estação de trem subterrânea de Szilagyi para me resgatar. Então seus braços me envolveram, e fechei meus olhos em êxtase pela sensação deles.

— O vidro não vai te queimar, — Sussurrei, beijando seu peito através de sua camisa. — E você precisa de um banho também.

Um som áspero escapou dele antes de ele me levantar, deixando pegadas na poça que endurecia lentamente enquanto ele me carregava para o chuveiro. Lá dentro, ele ligou a água, criando nuvens de vapor onde a água respingava de nós e atingia a massa derretida no chão. Inclinei minha cabeça para trás, deixando-a cair sob o jato de água para lavar o sangue do meu rosto e pescoço. Dedos mais quentes que a água desabotoaram meu vestido, então uma boca escaldante traçou um caminho da minha garganta até meu sutiã. Aquilo rasgou com um deslizar de presas, desnudando meus seios quando meu vestido deslizou em um monte encharcado ao redor dos meus quadris.

Gemi quando sua boca fechou sobre meu seio, queimando-o antes que um arranhar de dentes me fizesse puxá-lo mais perto. Ele não me mordeu, embora eu quisesse que ele fizesse. Ao invés disso, ele arranhou levemente o topo com suas presas antes de lamber e chupar meu mamilo até ele pulsar com a mesma intensidade como se ele o *tivesse* mordido. Tentei puxar sua cabeça para beijá-lo, mas seus braços apertaram ao redor das minhas costas, segurando-me no lugar. Quando ele moveu para meu outro seio, dando a ele a mesma atenção apaixonada e deliberada, parei de resistir e cedi às sensações.

A água tinha lavado todo o sangue de mim quando ele levantou a cabeça. Muito lentamente, ele abaixou os braços, permitindo meu corpo deslizar ao longo do dele até meus pés tocarem o chão. Todo o tempo, sua boca se arrastou dos meus seios até meus ombros e para o meu pescoço. Quando ela finalmente se inclinou sobre a minha, seu beijo estava mais exigente que sensual, como se sua necessidade há muito tivesse transcendido a paixão e queimasse com algo muito mais forte.

Enfiei minhas mãos em seus cabelos e abri minha boca para levá-lo mais fundo. Ele tinha gosto de fantasias bêbadas misturadas com paixão sombria e inesperada. Não foi suficiente sondar sua língua com a minha, ou ter minha cabeça caindo para trás com a intensidade contundente do seu beijo. Eu queria mais, e o gemido que vibrou na garganta dele quando perfurei sua língua para poder provar seu sangue apenas inflamou minha necessidade.

Muito cedo, ele se afastou, seu aperto em meu cabelo me impedindo de



retomar nosso beijo. Com sua outra mão, ele puxou meu vestido e calcinha com um único puxão impaciente. Agora eu só estava coberta pela água que continuava caindo sobre nós, e tomei uma respiração afiada quando seu olhar me varreu com fome palpável.

— Vlad.

Eu disse seu nome mais suplicante que qualquer outra coisa. Arrepios brotaram em mim, como se minha pele tivesse encontrado sua própria forma de implorar pelo toque dele. Suas roupas estavam encharcadas, mas ele ainda não as tinha tirado. Quando eu comecei, ele segurou meus pulsos. Então suas mãos descansaram ao redor da minha cintura quando ele se ajoelhou na minha frente.

— Leila.

Meu nome foi um rosnado que me deixou trêmula antes mesmo que sua boca tocasse meu estômago. Quando ela deslizou para baixo, aqueles calafrios viraram tremores. Todo o pensamento fugiu com a sensação de sua língua me sondando. Eu nem mesmo podia formar palavras enquanto ele continuava a lamber, chupar, sondar e sensualmente atormentar minha carne. Então eu não podia me impedir de agarrar sua cabeça, e quando ele me puxou mais perto e enterrou sua língua mais fundo, meus gemidos viraram lamentos de prazer.

O êxtase que se seguiu me fez sentir como o vidro que ele derreteu; em um momento eu estava sólida, no próximo, dissolvi em calor líquido. Vagamente, eu estava consciente de ele me segurando de pé, seguido do som de algo rasgando e a sensação de tecido molhado caindo aos meus pés. Então ele me pegou nos braços e me carregou para fora do chuveiro.

Eu mal notei o colchão afundando sob nosso peso. Sua boca cobriu a minha antes que eu pudesse gemer seu nome, e a sensação do seu corpo duro e nu era quase demais para os meus sentidos. Sua pele estava tão quente que eu esperava que vapor substituísse a água agarrada a ele, e quando ele se moveu entre minhas pernas, arquei para cima em um desejo desesperado.

Sua boca absorveu meu grito enquanto ele se agarrava a mim e derrubava seus escudos emocionais. Por alguns momentos atordoantes, eu me afoguei em um oceano de necessidade feroz e prazer devastador, meu ou dele, eu não sei. Cada nova investida intensificava as sensações, até eu me perder nelas. Nossas emoções estavam tão profundamente entrelaçadas que



nós não parecíamos mais pessoas distintas.

Minhas unhas raspavam pelas costas de Vlad e ele arqueou pelo êxtase afiado delas marcando sua pele. Ele se moveu mais fundo em mim, e eu estremei, apertando minha carne ao redor dele. Eu o incentivei a se mover mais rápido, e ele foi mais devagar, porque ele precisava me ouvir implorar por causa do prazer, não por causa de dor.

Quando ele finalmente largou seu controle, o clímax que o fez gritar trouxe-me à minha própria liberação devastadora também. Enquanto eu ainda tremia de prazer, ele me rolou para cima dele e escovou meu cabelo para fora do meu rosto. Com nossas emoções ainda inexoravelmente entrelaçadas, eu sabia, sem sombra de dúvida, que se Szilagyí tivesse me matado, Vlad teria queimado o mundo inteiro se fosse o necessário para fazê-lo pagar.

Eu nunca o amei mais, porém, naquele momento, parte de mim também temia o que ele se tornaria se algo acontecesse comigo.



Capítulo Vinte e Dois.

O amanhecer não estava longe. Eu sentia a aproximação dele na letargia que se arrastava pelos meus membros, tornando-os mais difíceis de mover.

Claro, isso também podia ser pelo excesso de saciedade. Vlad quis me ouvir implorar de paixão várias vezes, como se viu. Eu estava sonolentemente passando minha mão atrás do seu pescoço quando um traço de energia familiar queimou sob meus dedos, acordando-me como se tivessem jogado um balde de água gelada em mim.

— Esqueci de te dizer uma coisa, — Eu disse, então amaldiçoei minha escolha de palavras, sem mencionar minha falta de tato. *Bela forma de diminuir a importância de um assunto altamente traumático e pessoal, Leila!*

— O quê? — Ele disse, e embora seu tom estivesse normal, seus escudos emocionais voltaram.

Fechei os olhos, ainda me amaldiçoando. — Primeiro, deixe eu me desculpar por não te dizer mais cedo. Não é que eu esqueci, realmente, é só que... bem, muita coisa aconteceu, como você sabe, e...

— O quê? — Ele repetiu, seu tom afiado agora.

Abri meus olhos, não surpresa em encontrá-lo me perfurando com aquele olhar interrogativo. Sob aquele olhar duro e implacável, ninguém em pleno juízo daria a ele qualquer coisa além da verdade, toda a verdade, e nada além da verdade, que é o que eu pretendia fazer, de qualquer forma.

— É sobre Clara. — Quando ele não reagiu, eu completei. — Sua primeira esposa, Clara.

Aquilo ampliou seu olhar uma fração, mas ele ainda não piscou ou olhou para longe. — O que sobre ela?

Eu não sei por que, mas toquei o lugar na parte de trás do pescoço dele antes de falar. A primeira vez que senti isso, eu soube que era dela. Embora enfraquecida pelo tempo, a impressão de energia ainda pulsava com o tipo de



amor que o tempo nunca poderia apagar completamente.

— Quando Szilagyi me encontrou durante o ataque ao castelo, ele disse que iria me matar da mesma forma que ele matou sua primeira esposa.

— Clara não foi assassinada, ela pulou para sua morte. — Vlad disse, sem saber ecoando a mesma negação que eu fiz.

Minha mão deixou seu pescoço. — Szilagyi disse que apagou a memória de todos sobre ele estar lá, assim você pensaria isso. Ele queria que a sua culpa sobre o “suicídio” da Clara te destruísse... ele me disse que a empurrou daquele telhado, e como ele queira me matar quando disse isso, ele não tinha nenhum motivo para mentir.

Vlad não disse nada. Suas emoções ainda estavam trancadas, mas pela nova rigidez em sua postura, ele agora estava questionando o que acreditou por mais de cinco séculos.

Se eu ainda fosse humana, teria segurado minha respiração enquanto esperava por sua resposta. Ele amava tanto Clara que sua culpa auto imposta no “suicídio” dela marcou seu pior pecado. Além disso, a julgar pelas emoções dele, Vlad já andava na corda bamba entre uma necessidade justificada de vingança e uma obsessão psicótica para acabar com Szilagyi. Será que isso o empurraria sobre a borda?

Pensando bem, talvez eu não devesse ter dito a ele.

— Mesmo que ele não tenha motivo para mentir, eu não posso me obrigar a acreditar na palavra de Szilagyi. — Vlad disse finalmente. — Pelo menos nesse caso, eu não preciso. Suas habilidades podem discernir a verdade.

Arfei em surpresa. *Bem feito para você!* Minha voz interior zombou. *Você teve que falar a ele sobre sua esposa. Agora você sabe que ele valoriza mais vingá-la do que a sua vida.*

— Ok, — eu disse, tropeçando sobre a palavra enquanto tentava abafar minha voz interior vingativa – e minha mágoa – sob uma mentalidade prática. — Você já livrou o palacete de possíveis armas, então deve ser seguro para mim, tentar me conectar a ele novamente...

— Não Szilagyi, — Vlad interrompeu, seus escudos rachando e deixando escapar frustração e fúria sobre minhas emoções agitadas. — Você



não vai se conectar a ele novamente, Leila!

Quantas vezes mais eu tenho que te dizer isso? Seu olhar parecia acrescentar, mas, ao invés de me sentir punida, eu estava aliviada. *Toma isso!* Respondi para a minha voz interior odiosa.

— Eu quero dizer Clara. — Vlad continuou, alheio a batalha esquizofrênica acontecendo dentro de mim. — Você pode ler a morte de uma pessoa através de seus ossos. Depois que eu lidar com Szilagyi, eu quero que você leia a dela e me diga se ela pulou ou se ele a empurrou.

— Você manteve os ossos dela? — Que estranhamente sentimental para ele.

Ele me encarou. — Não, mas eu me lembro onde a enterrei.

— Ok, — eu disse, perguntando-me por que a palavra saiu instável.

Vlad pegou os cobertores que nós chutamos para o final da cama e os puxou sobre mim. Eu teria perguntado o porquê, mas minha boca subitamente não funcionava. Minha visão escureceu, também, mas eu senti quando ele pressionou seus lábios na minha testa.

— Durma bem, — ele murmurou.

Se ele disse algo mais, eu não ouvi. O esquecimento já tinha me reivindicado.

Minha primeira percepção consciente foi de correntes ao redor dos meus braços e pernas. Por um momento aterrorizante, pensei que estava de volta na minha antiga cela e meu resgate tivesse sido apenas um sonho. Então meus olhos abriram e eu vi o lustre de cristal sobre mim, e ao virar minha cabeça vi Vlad sentado no chão a alguns passos de distância. O alívio por não estar de volta a minha cela se transformou em confusão. Por que eu estava presa? E por que o quarto parecia tão detonado? Parecia que estrelas do rock drogadas estiveram festejando aqui por uma semana.

— O que está acontecendo?

Vlad levantou, prendendo-me com aquele olhar duro, quase predatório.



— Você não se lembra?

Aquilo não soava bom, como se acordar acorrentada em um quarto destruído não tivesse sido sinistro o suficiente. — Não, — sussurrei.

Ele se aproximou da cama. Minhas amarras envolviam os quatro postes do dossel antes de se prenderem no chão para suporte extra. A conta dele por esse palacete seria astronômica, mas essa não era minha maior preocupação no momento.

— Se você não se lembra, então o feitiço te compeliu a agir em seu sono, — ele disse, tocando minhas correntes, mas não dando impressão de que iria abri-las. — Faz sentido. Você foi transformada muito recentemente para estar acordada tão cedo após o amanhecer, muito menos com tanta força.

Olhei para as correntes, móveis quebrados e arranhões profundos nas paredes com nova e chocada compreensão. — Eu fiz isso?

— A maior parte, — ele disse, seu olhar nunca deixando o meu. — Parte disso fui eu, durante nossa luta. Você estava determinada a matar qualquer um que tentasse te impedir de se machucar.

Meu intestino se contraiu com tanta força que doeu. — Eu tentei te matar. — Não uma pergunta, uma percepção, e com ela veio outra contorção que foi tão forte que eu comecei a ter espasmos.

Suas mãos vieram para o meu estômago imediatamente. — Qual é o problema?

— Qual é o problema? — Risadas insanas vieram entre as ânsias de vômito. — *Eu tentei te matar*, esse é o problema, e saber disso me deixa doente!

— Leila. — Seu tom duro fez meus olhos abrirem. Eu devo tê-los fechado com nojo. — Eu sei que você nunca iria me ferir por vontade própria. Foi o feitiço, então parece com a culpa inútil. Como eu te disse antes, nós não temos tempo para isso.

A diretiva brusca não deveria ter me confortado, mas confortou. Assim como sua mão no meu estômago, seu calor penetrando através do cobertor grosso me cobrindo. Eu acenei, piscando através das lágrimas que brotavam nos meus olhos. Então tomei algumas respirações profundas e lentas enquanto forçava meu estômago a parar com seus espasmos repetidos.



— Eu devo ter me conectado a ele no sono. — Eu disse, tentando encontrar sentido no que eu não lembrava. — Eu nunca fiz isso com ninguém além de você, mas o traço de energia de Szilagyi ainda está em mim, e eu fui dormir sem usar minhas luvas.

— Isso também me ocorreu, — ele disse, tocando minhas correntes. — Outra razão para isso.

Olhei para as correntes e então para os arranhões profundos nas paredes que só podem ter vindo de um chicote de energia. Minha mão direita não estava nem mesmo faiscando agora, mas aquele poder letal ainda deve estar em mim. E um golpe de sorte daquele chicote poderia ter arrancado a cabeça do Vlad. Afinal, ele estava lutando para me conter, não para me matar, mesmo que eu não estivesse mostrando a ele a mesma cortesia.

— Não me deixe sair aqui, — eu disse roucamente. Após meu sequestro, ser presa me enche de pânico, mas eu prefiro surtar do que arriscar tentar machucá-lo novamente.

— Você não vai ficar muito tempo aí, — Vlad disse, sua proximidade aplacando minha culpa, assim como meu medo. — Mencheres vai quebrar o feitiço.

Eu não tinha percebido que estava tensa em todos os lugares até a declaração dele me fazer relaxar tão subitamente quanto um balão estourando. — Ele conseguiu o que precisa?

Ele olhou para a porta. — Sim, e pelos passos vindo em nossa direção, ele está acordado e pronto para começar.



Capítulo Vinte e Três.

Eu não queria saber o que Mencheres colocou na panela fervendo no fogão. Imagens de rabos de ratos e asas de morcego dançavam na minha mente, mas isso era provavelmente porque eu vi muitos filmes. Além disso, eu não acho que esses eram os ingredientes que Mencheres levou horas para adquirir, e o cheiro vindo da panela era mais de ervas do que roedor ensopado.

Eu estava feliz por estar livre das minhas amarras, embora eu ainda sentisse que merecia pior. Além de sufocar a culpa que me atormentava, eu também estava lutando para manter as memórias do meu cativeiro sob controle. Diferente das outras vezes em que eu estiver nas mãos de inimigos, eu não era capaz de afastar aquele estresse pós-traumático, e ser amarrada tinha piorado isso. Vlad deve ter sentido isso, porque ele me disse que só me amarrou para permitir algumas horas de sono para Mencheres. Antes disso, o poder do Egípcio tinha me impedido de me machucar, poupando Vlad de recorrer à violência para fazer o mesmo.

Enquanto esperávamos que Mencheres terminasse de cozinhar sua mistura mágica, Vlad segurava minha mão em um aperto leve. Eu sabia que aquilo viraria um aperto de aço se o feitiço mostrasse a cara de novo, e aquilo me confortava, mas não me escapou que nós éramos as únicas três pessoas no palacete. Isso não podia ser preocupação sobre eu ter outro surto; Vlad sozinho seria suficiente para me conter. Com Mencheres aqui, também, eu estava ridiculamente impotente. Eles não devem querer que os guardas ou qualquer um soubessem o que Mencheres estava fazendo, o que pedia outra questão.

— Se mágica é tão ilegal no mundo vampiro que colocaria todos nós em problemas se fôssemos pegos, por que nós apenas não deduramos Szilagyi por usar um feitiço?

Mencheres me olhou de lado antes de voltar sua atenção à panela. — Pela mesma razão que alguns humanos escolhem não chamar as autoridades: as consequências não valem a ajuda potencial.

Vlad, como sempre, foi mais brusco. — Os Guardiões da Lei não acreditariam que suas ações eram o resultado de um feitiço a menos que eles



vissem você se matar como prova.

— Mas *isso* acaba com o propósito! — Eu disse, perplexa.

Vlad bufou. — Exatamente.

Ótimo. Os Guardiões da Lei eram inúteis quando se tratava de nos ajudar, mas eles fariam o trabalho de Szilagyi para ele se descobrissem que estávamos mexendo com magia. Não admira Vlad e Mencheres não estarem com pressa para ligar para a versão vampírica do 190.

— Szilagyi sabe disso, não é? — Adivinhei, dando uma risada curta. — É por isso que ele não hesitou em usar feitiços contra nós. Ele sabe que não podemos fazer nada sobre isso.

— Eu não diria isso, — Vlad respondeu, seu olhar acobreado ficando verde. — Mas antes de chegarmos a isso, nós vamos reverter o que ele colocou em você.

— Pronto, finalmente, — Mencheres disse com um movimento final da colher. Então ele entornou a mistura marrom em um copo de plástico alto. — Beba.

Peguei o copo com a minha mão esquerda. Vlad ainda não tinha soltado a minha direita, e pela expressão dele, ele não iria soltar. A mistura parecia purê de lama e tinha um cheiro agradável de terra, como se Mencheres tivesse fundindo uma floresta e um jardim de flores. Mencheres me observava com o ar de expectativa de um Chef enquanto eu soprava a mistura para esfriá-la, então tomava um gole pequeno.

Comecei a engasgar após meu primeiro gole, meu estômago agitando com mais ferocidade do que quando descobri que tentei matar Vlad enquanto dormia. Eu teria vomitado a mistura, mas meus lábios foram selados como se tivessem sido soldados por ferramentas invisíveis.

— Engula, — Mencheres disse, seu tom duro de repente. — Você tem que beber tudo para quebrar o feitiço.

Meu abdômen ainda parecia que estava empurrando meus outros órgãos através de um picador de madeira interno, mas nem ferrando eu deixaria um copo de coisa nojenta ficar entre mim e a liberdade. Acenei, e Mencheres aliviou seu aperto invisível na minha boca e eu entornei o copo de novo, engolindo seu conteúdo. Eu queimei por dentro como se tivesse bebido prata líquida e tive que engolir de volta meu próprio vômito várias vezes, mas,



finalmente, o copo estava vazio.

— Isso não foi... tão ruim, — eu arfei, ainda sentindo uma náusea tão intensa que era esmagadora. — Você acha...

Não consegui falar o resto. Agonia esmagou cada célula de uma vez, cegando-me para qualquer coisa exceto a dor cruel e lancinante. Eu ainda estava gritando quando voltei a mim e notei que eu desabei no chão da cozinha. Mencheres estava agachado na minha frente e Vlad me segurava por trás.

— ...diabos ela está ficando azul? — Ouvi Vlad reclamar abaixo do último som estridente do meu grito.

Levou um momento para suas palavras penetrarem e meus olhos voltarem a focar o suficiente para notar que meus braços estavam, de fato, ficando de um tom azul brilhante. Assim como minhas pernas, que sacudiam para fora do meu vestido como se eu estivesse tentando fugir da dor. A superfície brilhante de aço da máquina de lavar confirmou que meu rosto estava azul, também. É como se eu tivesse me transformado em uma versão morena da Mística, e, pela expressão de Mencheres, não era para isso acontecer.

— Isso é... inesperado, — o antigo faraó suspirou.

— Explique, — Vlad disse em sua voz mais mordaz.

Mencheres balançou a cabeça como se estivesse chocado com o que tinha que admitir. — Significa que meu remédio não quebrou o feitiço, o que nunca aconteceu antes. Quem quer que o tenha lançado deve tê-lo amarrado carne com carne e sangue com sangue. Como Leila é uma vampira, isso é mais que mágica, é necromancia, que está além até mesmo das minhas capacidades.

Eu não podia ver o rosto do Vlad, mas seu tom fervilhava com intensidade suficiente para saber que ele estava mal controlando sua raiva. Ou descrença.

— Você arrancou espectros dos ossos de homens assassinados e invocou o barqueiro do submundo para fazer um serviço para você, e ainda assim isso está além de você?

Mencheres encarou Vlad, embora, como ele estava bem acima de mim,



pareceu que ele estava olhando para mim, também.

— Sim.

O suspiro furioso de Vlad soprou meu cabelo para trás. Ele não disse nada por vários momentos. Nem Mencheres. Agora que a agonia desapareceu, eu tinha uma pergunta.

— Se você não pode quebrar isso, alguém pode?

— Somente a morte pode quebrar isso, — Mencheres disse, ainda soado como se estivesse tendo dificuldade para processar tudo. — Não apenas a sua morte, — ele adicionou de forma reconfortante. — A morte do necromante também deve ser suficiente. Como a cura azedou dentro de você, tornando seu corpo azul, isso prova que o feitiço foi feito com sua carne e sangue, assim como do necromante, portanto, a destruição de qualquer um dos dois deve quebrá-lo.

Vlad soltou um som baixo e vicioso. — E nós sabemos onde o necromante teria conseguido a carne e sangue dela. Isso explica porque Szilagyi não me mandou toda a pele dela em seu primeiro pacote.

Tremi. Como se a memória de ter a pele arrancada não fosse ruim o suficiente, agora eu tinha uma imagem de Vlad juntando de volta minha carne arrancada o suficiente para saber as partes que estavam faltando.

— Isso exclui Cynthiana, — eu disse, tentando sufocar emoções com as quais eu ainda não podia lidar. Ela conseguiu me matar com um feitiço antes, mas Szilagyi a explodiu em pedaços em seu ataque ao castelo, então ela não pode ter sido responsável por isso.

Vlad me soltou e levantou. — Mesmo se ela não estivesse morta, eu sei que não foi Cynthiana. É um feito e tanto lançar um feitiço que pode controlar um vampiro. Mas um que vai além da magia até a necromancia? — Seu olhar me sondou. — Se eu não tivesse visto por mim mesmo, eu diria que é impossível.

— Eu também, — Mencheres adicionou com uma pitada de amargura.

Vlad coçou seu queixo, as cicatrizes em suas mãos chamando minha atenção. Eu não tinha mais nenhuma cicatriz, e, por mais estranho que seja, ver as dele me deu uma ideia.

— O feitiço ativou quando eu me conectei à Szilagyi através da minha



pele, então queime-a. — Eu disse suavemente.

Vlad parou de andar e se abaixou, colocando a palma da mão na parte mais baixa da minha barriga.

— Se você está se referindo ao traço de energia dele, eu já fiz isso essa manhã, enquanto você estava inconsciente.

Aquilo explicava o cheiro de queimado que senti no quarto, mas não era o que eu queria dizer.

— Não só ali. — Minha voz estava rouca. — Tudo. O feitiço foi selado com carne e sangue, então se removermos minha carne e sangue, talvez isso vá... atenuar os efeitos? No mínimo, isso apagaria todos os meus traços de energia dele, então você pode cobrir minha pele nova com sua aura. Assim, acrescentaria outra camada de proteção contra o feitiço e eu não seria capaz de me ligar acidentalmente a Szilagyi novamente e piorar as coisas.

Um homem normal teria rosnado uma recusa indignada. O que eu estava sugerindo era tão horrendo quanto o que Harold fez para mim, e sem dúvida mais doloroso. Vlad não respondeu com protestos indignados. Ele só me encarou com aqueles profundos olhos acobreados enquanto pesava os prós e contras da minha proposta.

Eu já fiz isso. Sim, seria agonizante, mas Vlad era mais preciso com fogo do que Harold foi com suas facas, e considerando que eu tentei matá-lo antes e provavelmente tentaria de novo, a dor era um preço pequeno a se pagar.

Vlad finalmente olhou para longe de mim e levantou uma sobrancelha para Mencheres. *Você concorda com a lógica dela?* Foi a pergunta silenciosa.

O olhar de admiração, embora de piedade também, que Mencheres me deu foi resposta suficiente. As mãos do Vlad deixaram meu estômago e ele acariciou meu rosto. Então ele levantou, puxando-me de pé.

— Vou fazer isso após o amanhecer, quando você estiver inconsciente, — ele disse, sem emoção. — Mesmo assim, a dor pode acordar você. Eu já vi isso acontecer antes.

Você quer dizer que já fez isso antes, eu pensei, mas não disse em voz alta. Não me ocorreu esperar até estar inconsciente, mas eu totalmente aprovava a mudança nos planos. Após os horrores de ter minha pele arrancada, ter minha carne toda queimada era uma perspectiva assustadora,



para dizer o mínimo, mas se essa era a minha melhor chance de derrotar esse feitiço, então que comece o churrasco.

Forcei um sorriso para mostrar que eu não estava voltando atrás, e tentei não pensar muito no que estava por vir.

— Bem, nós temos nossos planos para a manhã. O que você quer fazer até lá?

Vlad me encarou, estilhaços de emoções quebrando as barreiras que ele manteve a maior parte do tempo desde que me resgatou. Por fim, a sombra de um sorriso curvou seus lábios.

— A mesma coisa que a maioria das pessoas fazem quando vêm para Vegas. Casar-me.

Esperei pelo final da piada. Quando não veio, eu estava quase gaguejando em confusão.

— Mas nós já somos... oh, ok, não no estilo vampiro, e eu iria... mas nós não podemos agora. Certo?

Vlad olhou Mencheres de forma tolerante. — Ignore. Ela sempre discute comigo quando eu a proponho em casamento.

— Você está falando sério? — Falei sem surtar dessa vez.

Ele rolou os olhos. — Sim, Leila, estou falando sério. Precisa que eu me ajoelhe novamente?

— Mas eu estou azul, — eu disse, novamente atônita.

— A cor deve sumir dentro de uma hora, — Mencheres disse, saindo do quarto para nos deixar lidar com isso sozinhos. — Não que qualquer um do povo de Vlad ousaria comentar se não sumisse.

Encarei Vlad, vendo a determinação crua e firme em seu olhar.

— Você sabe que eu te considero minha esposa, assim como o meu povo, mas nossa antiga cerimônia só foi legal pelos padrões humanos. No mundo vampiro, ela conta como nada mais que um noivado porque você era humana e, portanto, incapaz de fazer o juramento de sangue necessário. Você é uma vampira agora, e eu não quero esperar mais para que todos saibam que você foi, e sempre será, minha esposa.

Ele pegou minha mão, deslizando um anel de ouro pesado e grosso no



meu dedo que eu não vi desde que Szilagyi me capturou.

— Mihaly devolveu isso junto com sua pele para me provocar, mas eu jurei que se você estivesse viva, eu veria isso no seu dedo novamente, — ele disse em uma voz profunda e ressonante. — Meses atrás, você me fez te pedir para casar comigo. Dessa vez, eu não estou pedindo. E estou te dizendo para dizer sim, então diga, e seja minha pela eternidade.

Olhei para o anel, tão emocionada por estar usando ele novamente que quase não notei a cor azul assustadora da minha pele. Então olhei para o Vlad. Sua expressão estava mais sombria com a intensidade, e o aperto que ele tinha na minha mão era tanto reconfortante quanto inquebrável.

Em algumas maneiras, ele me intimidava mais agora do que no dia em que nos conhecemos. Vlad amava do mesmo jeito que ele vivia: indomável, perigoso e totalmente sufocante, assim como ele me avisou. Eu senti as consequências daquele amor mais que uma vez e sentiria novamente se dissesse sim, porém, como antes, eu só tinha uma resposta.

—Sim. Ontem, hoje, para sempre... sim.



Capítulo Vinte e Quatro.

Nosso primeiro casamento foi no salão do castelo dele com mais de duas mil testemunhas nos aplaudindo. O ar estava denso com o cheiro de rosas e cera de velas, e eu vestia um refinado vestido branco enquanto Vlad estava adornado em vermelho e preto como um rei medieval.

Dessa vez, estávamos em um palacete em Vegas e eu vestia um simples vestido azul que, graças a Deus, não combinava mais com o tom da minha pele. Como Mencheres prometeu, minha cor azul sumiu em uma hora. Vlad estava vestido em calças e um casaco negro, sua camisa branca sendo o único contraste no conjunto escuro. Nossas testemunhas consistiam em minha irmã, Marty, Mencheres, Kira e cerca de duas dúzias dos guardas de Vlad. Ou Vlad não convidou meu pai ou ele se recusou a vir, porque ele não estava aqui. Ao invés de comemorar como nossas testemunhas fizeram da última vez, todos estavam quase estranhamente quietos.

Vlad puxou uma faca, a lâmina foi cortada até sobrar apenas cerca de meio centímetro. Vi algumas sobrancelhas erguidas, mas apenas Vlad, Mencheres e eu sabíamos por que era tão curta. Eu não poderia me matar com aquilo mesmo que tivesse uma hora inteira para tentar. Mesmo com minha mão na dele, Vlad ainda não iria arriscar.

A lâmina podia ser apenas do tamanho de uma unha, mas era afiada. Com seus dedos ainda envoltos nos meus, ele cortou uma linha de um lado de sua palma até o outro, então pressionou o corte na palma da minha mão.

— Por meu sangue, — ele disse em uma voz forte e firme. — eu declaro que você, Leila Dalton Dracul, é minha esposa.

Sua parte agora estava feita, sem a necessidade de sacerdote, juiz de paz ou escrivão. O que uma cerimônia de casamento vampírica carecia de formalidades, compensava em significado. Muito parecido com o feitiço em minha pele, apenas a morte poderia quebrar o juramento que eu estava prestes a fazer.

Mesmo assim, eu não estava nem um pouco nervosa quando peguei a faca e fiz um corte na minha própria palma da mão. — Por meu sangue,



Vladislav Basarab Dracul, eu declaro que você é meu marido, — eu disse antes de entregar a faca e pressionar minha palma sangrenta na dele.

Seus lábios curvaram com uma arrogância familiar, como se ele nunca tivesse duvidado de que eu me ataria a ele assim. Talvez ele não tenha. Eu não acreditava muito em destino, mas enquanto sua boca se fechava sobre a minha em um beijo que me abalou sobre meus saltos, eu me senti mais certa disso do que senti sobre qualquer outra decisão antes. Chame de destino, inevitabilidade, tanto faz, nesse momento, eu sabia que estava exatamente onde devia estar, e parecia que minha alma respirou fundo para se lembrar desse momento.

Meu corpo não estava em um humor meditativo. Enquanto Vlad me beijava, ele se incendiou com um desejo tão forte que até eu pude cheirar o desejo que começou a emanar de mim. Eu quase morri mais vezes do que me importei em contar nas últimas semanas, e nosso futuro ainda era incerto. *Reivindique o que é seu, não espere*, algo dentro de mim parecia insistir, reprimindo o embaraço sob uma urgência inumana e ancestral que era crua, poderosa... e impossível de negar. Desperdiçar sequer um momento parecia criminalmente ingrato.

Pela forma como seu aperto aumentou e a nova sensualidade dura em seu beijo, Vlad se sentia da mesma forma. Nossos convidados se dispersaram quando ele se afastou o suficiente para resmungar “Fora,” antes de me apoiar no objeto firme mais próximo.

Esmaguei minha boca na dele, precisando de cada investida da sua língua e a pressão quente e contundente de seus lábios. Suas roupas eram obstáculos dos quais não tive pena. Elas caíram em uma pilha rasgada aos nossos pés em meu desespero de sentir sua carne na minha.

Ele não se importou em rasgar meu vestido, apenas minha calcinha. Então ele ergueu o vestido, um som sombrio de satisfação escapando dele quando seus dedos encontraram minhas profundezas molhadas. Movi-me contra sua mão, meus gemidos ficando ásperos enquanto aqueles dedos penetravam mais fundo. Sua boca saqueou a minha quando ele começou a esfregar com movimentos rápidos e fortes que fizeram meus músculos internos tremerem com uma urgência que transformou a necessidade em uma exigência insuportável.

— Você é minha, — ele respirou contra meu pescoço quando seus lábios deixaram os meus para viajarem mais pra baixo. — Para sempre. Diga.



— Eu sou sua, — Jurei, as palavras ásperas com paixão. — Para sempre. Agora, tome-me e prove isso.

Sua boca se inclinou sobre a minha novamente e ele agarrou meus quadris com as duas mãos. Um empurrão profundo e abrasador arrancou um grito de mim, então outro e outro enquanto ele se movia com ferocidade mal contida. Suas mãos estavam em brasas nos meus quadris, seu corpo era lava contida por músculos duros como pedras. Prazer se misturou com sensações que eram boas demais para ser dor, porém, antes disso, somente agonia tinha me tornado ciente de cada terminação nervosa com tanta intensidade excruciante. Comecei a choramingar, ainda assim minhas pernas apertaram ao redor dos quadris dele, e se eu apertasse sua cabeça mais um pouco enquanto me perdia em seu beijo, eu poderia esmagá-lo.

Gritei em sua boca quando gozei tão forte que meu corpo pareceu se despedaçar pelo êxtase. Meus braços caíram, minha cabeça tombou e a força me deixou tão de repente quanto o desejo abrasador e incontrolável me inundou. Eu estava desossada, segura apenas por seu aperto, corpo e as sensações elevando-se em mim como milhões de bolhas de champanhe estourando.

Ele puxou minha cabeça para trás, lábios curvados com triunfo primitivo enquanto ele me olhava. Então ele caiu de joelhos, levando-me com ele, já que eu não conseguia me manter de pé. Com um único movimento ágil, ele estava atrás de mim, um braço me prendendo ao seu peito enquanto sua mão livre deslizava entre as minhas coxas.

A mudança de posição o levou mais profundamente dentro de mim. Ele se moveu com aquelas investidas poderosas que agora pareciam me dividir ao meio, porém, minha letargia induzida pelo clímax sumiu. Mordi meu lábio para reprimir os gritos que cresceram em minha garganta, então não pude mais contê-los quando ele investiu tão profundamente que me empurrou para frente até minha testa tocar o pilar a nossa frente.

Mais tarde, eu estaria envergonhada pelo quão alto gritei. Cada vampiro no hotel provavelmente me ouviu. No momento, eu não ligava. O prazer era indescritível, e eu me abracei ao pilar com uma mão enquanto arranhava a coxa de Vlad com a outra até deixar trilhas vermelhas no caminho.

Sua risada me provocava a não parar. Assim como as emoções atacando as minhas, fazendo-me mover contra ele quase tão ardentemente quanto o seu corpo continuava a retalhar o meu. Quando o êxtase eventualmente quebrou sobre mim novamente, foi tanto meu quanto dele, e



quando ele nos deitou no piso de mármore frio, eu queria rolar e beijá-lo, mas não conseguia me mover.

Não era um problema sobrenatural ou um sinal do amanhecer se aproximando; eu apenas não tinha forças. Minha boca ainda funcionava, e quando eu disse isso a ele, ele deu risada nas minhas costas.

— Permita-me, — ele disse, rolando-me até eu estar deitada em seus braços, nossos rostos tão próximos que quase se tocavam.

— Todos saíram, certo? — Perguntei, somente agora me perguntando se nós demos a alguém um show explícito gratuito.

Outra risada. — Sim. Eu mataria qualquer um que ficasse para assistir.

Eu sorri antes de decidir que isso tomava muito esforço. — Minha segunda noite de núpcias, — murmurei. — Eu acho que é a sua... o quê? Terceira? Quarta?

Ele endureceu um pouco, então relaxou quando percebeu que eu não estava com ciúmes. Apenas curiosa. — Terceira humana, primeira vampira. — Ele disse, escovando os lábios nos meus. — E de longe a melhor.

Sorri contra a boca dele. — Não precisa me bajular. Você já se deu bem.

— Você me conhece melhor que isso, para achar que eu usaria bajulação para conseguir qualquer coisa que eu queira.

Não, ele não usaria. Ele considera isso mentira, e, quaisquer que sejam seus defeitos, Vlad é também a pessoa mais honesta que já conheci.

— Além disso, — ele continuou, sua boca se curvando para baixo. — Minha primeira noite de núpcias foi triste e a minha segunda foi passada sozinho.

— O que aconteceu para fazer a primeira ruim a segunda solitária? — Minha voz estava suave enquanto me perguntava se ele iria me dizer. Vlad raramente falava sobre essa parte de sua vida, e após aquela migalha de informação, eu estava mais do que um pouco intrigada.

Ele não disse nada por vários momentos. Eu tinha acabado de decidir mudar de assunto quando ele falou.

— Meu primeiro casamento foi arranjado pelo meu pai quando eu era criança, uma prática comum naquela época. Você sabe o que aconteceu



durante o meu aprisionamento na infância e como isso me afetou, ainda assim, eu não podia quebrar o noivado sem perder um aliado importante. — Seu sorriso ficou retorcido. — E eu não poderia simplesmente admitir para a minha prometida, seu pai, ou qualquer um que eu não sabia se eu podia suportar estar próximo o suficiente dela para gerar crianças, como era esperado que eu fizesse para continuar a linhagem real.

Eu não sabia por que essa informação me surpreendeu. Ele me disse como seu tratamento brutal o fez odiar ser tocado, mesmo em contato casual. Por alguma razão, eu simplesmente assumi que ele falava sobre ser tocado por outros homens. Vlad era tão sensual, insaciável e dominante na cama; era difícil conciliar ele com o que ele acabou de descrever.

— Antes do casamento, eu me certifiquei de que poderia, de verdade, agir como requerido, — ele continuou, nenhuma emoção em sua voz agora. — Levou várias visitas sem sucesso com prostitutas que sabiam que era melhor não espalhar sobre minhas dificuldades antes que eu pudesse passar pelo ato inteiro. Então eu me casei com Clara e passei pelas minhas responsabilidades maritais com a menor quantidade de contato possível. Eu estava aliviado quando ela ficou grávida, porque isso significava que eu podia finalmente parar.

Meu coração quebrou pelo quão miserável ele devia estar, incapaz de falar com qualquer um porque as sequelas emocionais do seu abuso seriam consideradas fraqueza no século quinze.

— Eu sinto muito, — sussurrei.

Agora o sorriso que ele me deu era cínico. — Não sinta pena de mim. Sinta pena de Clara, que foi forçada a se casar com um bárbaro traumatizado que não podia mostrar a ela nada da gentileza que ela merecia. De alguma forma, ela não me odiou por isso, e sua gravidez mudou as coisas para melhor entre nós. Assim que eu não era mais forçado a ir para a cama com ela, eu não achei que tocá-la fosse tão repulsivo, e sentir meu filho se mexer em sua barriga foi a primeira vez após meu cativeiro que eu coloquei minha mão em outra pessoa e senti apenas alegria.

Meus olhos começaram arder, mas eu não permitiria que as lágrimas viessem. O Vlad na minha frente não iria querer que eu chorasse pelo homem que ele foi. Como dito, ele tomaria isso como pena, e não havia nada digno de pena sobre ele superar os obstáculos que superou. Eu não tinha ideia de que minha pergunta iria desenterrar essas memórias dolorosas e pungentes, e o fato de que ele as estava revelando com sua honestidade inflexível de sempre era mais uma prova de que a sua força interior combinava com seu incrível



poder e habilidades.

— Clara amava você, — eu disse, minha voz rouca. — Senti isso nos traços de energia que ela deixou em você, então, qualquer que seja a culpa que você sente sobre esses dias de antes, deixe ir. Você deve ter compensado isso.

Sua mão era um carinho morno no meu rosto, como os primeiros raios do sol após uma longa noite de inverno. — Eu tentei, mas você, de todas as pessoas, sabe quanto difícil eu posso ser para se conviver.

Segurei sua mão contra o meu rosto. — Você pode não ser a pessoa mais fácil, mas quem é? Além do mais, fácil é superestimado comparado com você em toda a sua glória espetacular e enigmática.

Ele sorriu, uma arrogância familiar agora colorindo sua expressão. — Eu vou te lembrar que você disse isso durante a nossa próxima briga. — Então ele se esticou, o movimento fazendo seus músculos ondularem de um jeito que exigiu minha atenção por tempo suficiente para perder a primeira parte do que ele disse em seguida.

— ...segundo casamento também foi arranjado, mas esse por mim. O Rei da Hungria precisava que alguém se casasse com sua prima grávida antes que a condição dela ficasse óbvia, e eu precisava de uma nova aliança com a Hungria para reclamar meu trono.

— Espere, Szilagyi era é o tio do rei da Hungria, certo? Então se você se casou com a *prima* do rei, isso significa que Szilagyi...

— É, tecnicamente, meu sogro, — ele terminou, sua boca se curvando de um jeito zombeteiro. — Provando novamente que ninguém tem o poder de te enfurecer mais do que a família.

Isso significa que eu sou tecnicamente parente de Szilagyi também, como esposa do Vlad? Sem pensar, minhas mãos se fecharam em punhos. Se é isso, então sim. Às vezes família é um saco.

— Minha segunda esposa, Ilona, tinha pouco interesse em mim além de um nome para seu filho não nascido. — ele continuou. — Eu tinha ainda menos interesse nela, então nosso casamento continuou não consumado, embora quando ela tenha ficado grávida novamente, eu declarei aquela criança como minha, também.

— Por quê? Você não estava bravo? — Adultério feminino era um



grande negócio naquela época e Vlad não é do tipo que compartilha.

Ele suspirou. — Ilona não significava nada para mim, como eu disse. Além disso, como vampiro, eu não podia dar crianças a ela e parecia errado negá-la outra chance para a maternidade. Ela foi discreta com quem quer que tenha sido seu amante, então não havia fofoca sobre o bebê não ser meu. Na época, meu primogênito era o herdeiro indiscutível do *meu* trono, então eu não via os garotos que Ilona gerou como ameaças, — Suas feições enrijeceram. — Eu estava errado. Szilagyi estava por trás do assassinato do meu primeiro filho, e além dos motivos pessoais, ele também fez isso para colocar o filho de Ilona no meu trono após ele assassinar o meu.

Mais uma vez, ele não estava se poupando ao recontar isso, e eu tive que morder meu lábio para me impedir de dizer que sentia muito. Eu sinto, embora. Ele não era muito mais velho que eu quando passou por todas essas atrocidades e desgostos. Eu duvidava que tivesse passado por isso com minha sanidade ou alma intactas, porém, ele conseguiu, mesmo com mais centenas de anos de adversidades pela frente.

Eu me aproximei, querendo ofuscar as memórias dolorosas do seu passado dando a ele algo mais para se concentrar.

— Obrigada por responder minhas perguntas, e agora eu quero te dizer algo pessoal. Não é nem remotamente tão profundo ou pessoal, mas... eu estou feliz por você ter sido o único homem com quem eu dormi. Por anos, meus problemas de voltagem me mantiveram virgem, querendo ou não, mas então eu te conheci e parecia que... era você que eu estava esperando, mesmo quando eu não sabia disso. — Minha voz ficou presa. — Mesmo com todas as coisas horríveis que aconteceram, se eu fosse jogada de volta no tempo, eu ainda tocaria aquele fio de alta tensão porque foi isso que eventualmente me trouxe para você.

Ele me beijou, lento, profundo, e com mais gentileza do que eu achei que ele fosse capaz. Então ele se afastou, sorrindo, mas com um toque de escuridão nisso.

— Eu aprecio o presente da sua virgindade, mas se você a tivesse dado para outro eu ainda te amaria no mesmo grau perigoso. Você está em minha alma, e nada que você fez antes de nos conhecermos ou fará no futuro pode mudar isso. E para responder a pergunta que você nunca me fez, sim, eu te amo mais do que amei Clara. Se ela estivesse viva agora, eu ainda escolheria você.



Lágrimas encheram meus olhos e eu não podia falar. Como ele poderia saber a angústia secreta que eu sentia me perguntando se eu algum dia chegaria perto do que ele sentia por ela? Era ridículo e egoísta sentir ciúmes de uma mulher morta, mas a memória de Clara parecia uma parede ao redor de Vlad que eu nunca podia quebrar, e eu não ousei esperar que ele iria quebrá-la sozinho.

— Eu não sei o que dizer, — Eu arfei, ainda lutando contra as lágrimas.

Seu sorriso foi lento, desafiador e sensual. Antes que eu percebesse o que estava acontecendo, ele me levou em seus braços e me carregou para o quarto.

— Você já disse: sim. Agora, diga de novo.



Capítulo Vinte e Cinco.

No instante em que acordei, fiquei tensa, esperando meu corpo todo ser engolido pela agonia. Após alguns segundos sem dor, ousei abrir meus olhos.

Não apenas eu *não* estava em chamas, nós também não estávamos mais no quarto onde eu adormeci. Ao invés de um lustre de cristal, tecidos trançados formavam um nó de rosas no centro do teto abobadado acima de mim. Por um segundo, imaginei se Vlad tinha me carregado para outro quarto do palacete, mas um olhar para fora da janela revelou construções estranhas e um largo rio abaixo.

Definitivamente não Vegas. O deserto não tem rios.

— Boa noite.

Virei-me na direção da voz do Vlad, vendo-o sair do banheiro. Seu cabelo negro estava úmido do banho, mas ele estava vestido em um par de calças cinza escuro e um blazer carvão combinando. Uma camisa de um leve tom prateado suavizava o conjunto e abotoadoras de platina adicionavam um toque de elegância, se alguém ainda não tivesse notado o luxo do tecido e o traje sob medida.

Eu, por outro lado, estava vestindo apenas lençóis, e meu cabelo estava embaraçado o suficiente para fazer uma escova se encolher ante o desafio. O que mais me surpreendeu foi que eu também não estava amarrada.

— Você me deixou sozinha enquanto tomava banho? — Gesticulei para a janela próxima. — O feitiço poderia ter me feito pular através daquilo!

— Você não teria conseguido sequer sair da cama, — uma voz familiar disse a minha direita, então a cabeça de Marty surgiu do espaço entre a cama e a parede. — Ei, garota.

Vlad ergueu uma sobrancelha como se dissesse “*você realmente pensou que eu te deixaria desprotegida?*” Enquanto isso, eu puxei os lençóis pra cima, que tinham descido muito. Não admira que Marty tivesse escolhido deitar



no chão ao invés de sentar na cadeira perto da cama.

— O-oi, — eu gaguejei. — E obrigada.

Marty sorriu para mim. — Não precisa agradecer. Feliz em fazer isso. — Então ele deu um olhar muito mais reservado ao Vlad. — Já que você acabou, eu vou me retirar.

Ele partiu, e a frieza entre eles me lembrou da conversa que Marty e eu tivemos logo antes de Szilagyi atacar o castelo. Com tudo o mais acontecendo, eu esqueci isso. Eu ainda queria discutir com Vlad sobre o retorno de Marty ao festival, mas agora não era o momento. *Sobrevivência primeiro.*

Então eu comecei com o óbvio. — Onde estamos?

— Nova Orleans, — Vlad respondeu, sentando na beira da cama. O cheiro de sabonete ainda se agarrando a ele, adicionando uma mistura cítrica ao seu cheiro natural de canela e fumaça. Eu me encontrei deslizando para mais perto e inalando sem pensar sobre isso, então quase corei quando seu olhar ficou afiado.

— Nós não temos tempo, — ele disse, embora seus dedos tenham trilhado um caminho quente do meu pescoço até minha clavícula. — Você dormiu mais do que eu previ, mas seu corpo sem dúvida precisava se recuperar.

A princípio, pensei que ele estava se referindo a sua façanha sexual, já que ele mais do que me exauriu na noite passada. Então minhas mãos foram para baixo dos lençóis para correr sobre meu corpo.

— Eu ainda posso sentir impressões de energia, — eu disse, surpresa. — Você não fez?

Algo sombrio preencheu sua expressão. — Sim e não. Eu queimei sua pele, mas eu não te cobri com a minha aura depois, então todas as impressões que você está detectando são minhas.

Eu não poderia estar mais aliviada por ter dormindo enquanto ele me queimava. Talvez me esgotar antes foi bom para mim em mais do que um sentido. — Por que você pulou a parte da aura?

Seu suspiro foi duro. — Porque eu vou precisar te queimar de novo. Você não foi sonâmbula essa manha, então ou te impedir de se conectar ao Szilagyi através da essência dele funcionou, ou destruir sua pele enfraqueceu o



feitiço. Eu acredito que seja o último. Se eu te deixar à prova de fogo com a minha aura, eu precisaria usar métodos diferentes para enfraquecer o feitiço temporariamente da próxima vez.

Meu estômago embrulhou enquanto ele falava aquelas coisas macabras. *Há mais de uma forma de esfolar um gato*, passou pela minha mente. É, eu prefiro o fogo. Primeiro, porque eu dormi através disso. Segundo, isso seria muito mais rápido que qualquer outro “método diferente”, e se eu acordasse durante o ato, rapidez seria equivalente à misericórdia. Além disso, eu nunca queria associar Vlad com as memórias horríveis que eu tinha da minha pele sendo cortada fora. Até mesmo o pensamento me fez tremer.

Vlad percebeu e outra sombra cruzou suas feições. — Eu também não quero fazer isso. Queimar você já é difícil o suficiente.

Senti-me culpada. — Eu sinto muito. Estive tão ocupada me concentrando em como eu lidaria com isso; eu não pensei muito sobre o quão duro isso seria para você.

— Nem deve. — Ele respondeu imediatamente. — Não sou eu quem foi repetidamente torturado nas últimas semanas, primeiro por inimigos, então por mim, por necessidade. Você precisa estar focada em suas próprias necessidades, Leila. Senão você vai ficar louca.

Ele estava com os escudos erguidos de novo, e não me escapou que pelos últimos dias, ele os manteve erguidos a menos que estivéssemos fazendo amor. Ele deve pensar que eu não posso lidar com o que ele estava sentindo quando não era a paixão no topo da lista.

— Você está errado, — eu disse calmamente. — Eu não sou a única que foi torturada. Szilagyi me usou como uma arma para te destruir, e eu sei que aquelas feridas ainda estão queimando. Você não tem que esconder de mim o que está sentindo, Vlad. Eu posso aguentar.

Um sorriso sem humor curvou sua boca antes de ele escová-la contra minha orelha.

— Não estou escondendo meus sentimentos de você, — Sua voz estava tão próxima que, mesmo tão perto, eu tive que me esforçar para ouvi-lo. — Eu os estou escondendo dos outros vampiros que eu criei. Desde que eu percebi que o castelo estava sob ataque, tudo com o que eu me importei foi sua sobrevivência. Se eu tivesse que sacrificar cada pessoa em minha linhagem para garantir isso, eu iria. É por isso que eu estou bloqueando minhas



emoções. Se meu povo soubesse o quão pouco eu me importo com eles agora, isso destruiria a união que eu lutei tanto para construir.

Ele beijou minha orelha quando terminou de falar, então levantou e me puxou para cima com ele. Eu me movi como se estivesse no piloto automático, obedecendo sua instrução para tomar banho porque tínhamos que sair logo.

Ele ficou no banheiro para vigiar, sua aura crepitando como se fosse feita de centenas de velas romanas. Se eu olhasse muito para as paredes de vidro do chuveiro, ele as derreteria. Suponho que isso seja um sinal de fé que ele não teve antes. Quando terminei, vesti uma das roupas que ele trouxe para mim e então o segui para fora do hotel, minha mente ainda instável.

Desde o momento em que nos conhecemos, a preocupação de Vlad pelo seu pessoal foi a força conduzindo tudo o que ele fez. Uma vez ele me disse que acredita em Deus e o julgamento final, mas ainda assim não mudaria seus métodos brutais porque era a única forma que ele podia garantir a segurança daqueles que pertenciam a ele. Eu sabia que ele me amava, mas ouvi-lo dizer que ele sacrificaria todo o seu povo por mim não apenas me chocou; isso me abalou até o núcleo.

Eu não me sentia digna desse tipo de amor, especialmente de um homem como Vlad. Ele era um guerreiro com centenas de anos que superou tudo o que a vida humana e vampira jogou nele, e aqueles foram golpes terríveis. Além do mais, eu sabia um pouco sobre os membros da linhagem de Vlad, e eles eram pessoas heroicas cujos feitos de bravura faziam minhas pequenas realizações pálidas em comparação. Quem era eu? Uma garota ridiculamente sortuda que se apaixonou por um homem quilômetros fora da minha liga, é quem eu era.

Além de estar espantada, a declaração de Vlad também me aterrorizou, pelo bem dele. Por razões que eu não podia compreender, ele me amava à esse extremo, o que significa que o plano de Szilagyi tem muita chance de sucesso.

E se o que Szilagyi fez comigo *empurrasse* Vlad em uma imprudente perseguição de vingança que eventualmente acabaria matando-o? Quem sabia quanto tempo essa guerra duraria, e ela já ficou mais asquerosa e brutal do que nós jamais imaginamos. Se as coisas piorassem, isso empurraria Vlad ao ponto em que ele estaria disposto a tudo – até mesmo coisas horríveis – para me proteger? Eu não podia suportar o pensamento de Vlad perdendo as melhores partes de si por mim. Ele passou por tanta coisa e, ainda assim, não



tinha se transformado no monstro que Szilagyi é.

Logo após meu medo, determinação me inundou. Eu não deixaria isso acontecer. Eu o impediria antes que ele cruzasse a linha entre ser um marido em vingança e se tornasse algo mais. Se ele me amava tanto que eu poderia ser a causa da sua derrota, eu também poderia ser aquela a impedir isso – ou trazê-lo de volta disso.

Eu estava tão consumida pelo pensamento que não perguntei onde estávamos indo até Vlad me parar em frente aos portões de ferro de um cemitério chamado St. Lois Number One. Olhei em volta, vendo fantasmas pairando como sombras pálidas e assustadoras dentro e ao redor das muitas criptas no cemitério. Era eu, ou a temperatura pareceu cair vários graus desde que alcançamos o cemitério agourento?

— Por que estamos aqui? — Perguntei, também me perguntando por que estávamos sozinhos. Vlad deve ter trazido seus guardas com ele, ou ele não teria sussurrado aquelas coisas chocantes enquanto estávamos a sós em nosso quarto.

— Para ver uma conhecida, — ele respondeu. Ao meu olhar questionável, ele sorriu sarcasticamente. — Sua tumba é onde Marie Laveau insiste em encontrar todos os seus visitantes. E eles me chamam de espalhafatoso.

O nome soava familiar, mas eu não conseguia ligar a ninguém. Então um homem Afro Americano enorme aparecendo do outro lado dos portões parou minha ponderação.

— Vlad Tepesh, — Ele disse, inclinando sua cabeça de uma forma respeitosa. — Você é esperado e pode entrar. Você, — seu olhar passou brevemente por mim. — não é esperada e deve ficar aqui.

Fiquei rígida, mas Vlad apenas sorriu. — Minha esposa vai aonde eu vou, como ambas as nossas leis afirmam.

Ambas as nossas leis. Pela sua falta de batimento cardíaco, eu já sabia que o homem grande não era humano. A declaração de Vlad estreitou as possibilidades para uma: ghoul. Eu tremi desconfortavelmente. Os últimos



ghouls que conheci tentaram me comer, e não do jeito romântico.

— Uma cerimônia mortal significa nada, — o ghoul começou, mas Vlad puxou o celular e tocou a tela antes de estendê-lo. *Por meu sangue*, eu ouvi uma repetição dos seus votos dizer, *eu declaro que você, Leila Dalton Dracul, é minha esposa...*

Eu não notei ninguém gravando a cerimônia na noite passada, mas alguém deve ter feito. As sobranceiras do ghoul subiram enquanto ele assistia. Então ele devolveu o celular, dando-me seu primeiro olhar completo.

— Parabéns, Leila Dracul, — ele disse formalmente.

Apesar de tudo o que aconteceu nas últimas várias semanas, ou talvez por causa disso, eu não pude resistir.

— Oh, eu prefiro Leila Drácula, — Eu disse, rindo quando senti Vlad pisar no meu pé.

— Você vai pagar por isso, — ele murmurou, então olhou duro para o ghoul. — Como eu disse, minha esposa vem comigo.

— Eu vou repassar essa informação e retornar com a decisão de Majestic. — O ghoul declarou, desaparecendo dentro do cemitério.

— Por que você não disse a essa Marie que eu estava vindo com você? — Sussurrei quando não pude mais ver o ghoul.

Vlad olhou para mim. — Muitas razões.

Eu não sabia se sua resposta vaga era porque ele ainda estava puto por causa do lance “Drácula”, ou porque ele não queria explicar, no caso do ghoul musculoso voltar.

— Ela é perigosa? — Eu disse em um tom ainda mais suave.

Agora o olhar que ele me deu era divertido de uma forma que fez os cabelos se arrepiarem na minha nuca.

— Lembra-se dos Espectros? Cat pegou aquele poder de Marie, e ela não é nem de perto tão boa nisso quanto a Rainha Ghoul é.

De repente, o cemitério cheio de fantasmas parecia tão inofensivo quanto um parque infantil. O perigo real era nossa anfitriã, e Vlad insistiu que eu viesse com ele para ver Marie. Isso era tão ao contrário da sua superproteção de sempre que eu não podia acreditar. O que ele estava



fazendo?

Não tive tempo de perguntar. O ghoul retornou, abrindo os portões com outra inclinação educada de cabeça.

— Majestic verá os dois. Por favor, venham comigo.



Capítulo Vinte e Seis.

Eu não estive no interior de um cemitério desde que visitei o túmulo da minha mãe, anos atrás. Eu ainda estava no hospital no dia em que ela morreu, recuperando-me do acidente com o fio de alta tensão que mudaria minha vida para sempre. Sua lápide foi um simples U de cabeça para baixo, com seu nome e data escritos na frente. Marie Laveau tinha uma tumba alta e branca que estava cheia de grafite, com mais lixo jogado na frente dela. Nenhuma das covas pelas quais passamos foi profanada dessa forma, e eu não entendi até que uma aula de história do ensino médio de repente surgisse nas minhas memórias como se eu tivesse pesquisado no Google mentalmente.

Marie Laveau não era apenas conhecida como a Rainha Ghoul, como Vlad a chamou. A história também se referiu a ela como a Rainha Voodoo de Nova Orleans. Olhei mais de perto a tumba dela. Aquilo não era pichação; aqueles Xs eram pedidos de bênçãos, e o que eu primeiro confundi com lixo na verdade eram oferendas. Wow Eu estava prestes a conhecer uma figura história lendária.

Você se casou com uma, idiota, foi meu próximo pensamento, e eu ri, apesar do meu nervosismo.

Vlad me olhou de lado. Eu sacudi a mão. — Não se preocupe.

Então eu pulei, chocada, quando as placas de pedra na frente da tumba de Marie começaram a deslizar, relevando uma entrada. As oferendas caíram lá dentro e eu tentei não pensar sobre como aquilo parecia como se uma boca negra tivesse acabado de engoli-las. Pra piorar, nosso guia ghoul acenou para o buraco em expectativa. Minhas suspeitas foram confirmadas quando Vlad segurou minha mão e me guiou para a abertura.

— Coloque seus braços ao meu redor e suba nos meus pés. — Ele instruiu.

Eu descobri o porquê. O buraco era muito estreito para nós pularmos lado a lado, e eu não queria ir primeiro mais do que queria ser deixada sozinha com o ghoul forte e imponente. Plantei meus pés no topo dos do Vlad e envolvi meus braços em seu pescoço. Ele me segurou com força e nos fez cair na



escuridão.

Não era uma queda longa. Somente cerca de seis metros. Não gostei de como a abertura acima de nós começou a fechar imediatamente, mas Vlad não parecia preocupado, então decidi não ficar, também. Após alguns momentos piscando com força, meus olhos se ajustaram e eu pude ver as linhas fracas de um túnel à frente. Mais uma vez, minha imaginação não estava ajudando, ligando o túnel à garganta de um monstro.

Vlad me soltou do seu abraço, mas segurou minha mão, guiando-me para dentro do túnel.

— Isso é tudo teatral, — ele disse, provavelmente percebendo meu desconforto. — Eficiente para assustar humanos, os recém-transformados, e os mais facilmente manipuláveis, mas nada mais que fumaça e espelhos para o resto de nós. Ainda assim, — ele me lançou um sorriso rápido. — eu não posso criticar. Eu mantenho corpos empalados em postes pela mesma razão.

Uma risada me escapou e meu nervosismo diminuiu. — O sujeito falando do mal lavado, — eu provoquei.

Seus dentes apareceram em outro sorriso, mas, por baixo daquilo, notei uma pitada de brutalidade. Ele pode ter deixado os guardas no hotel, mas isso claramente não era uma visita amigável. Ele queria algo grande com Marie e, por alguma razão, ele me queria aqui quando acontecesse.

Ajeitei meus ombros e encontrei a frieza em mim que me permitiria matar se alguém que eu amo estivesse ameaçado. Especialmente alguém que eu amava tanto quanto Vlad. Só em pensar na possibilidade da Rainha Voodoo tentar feri-lo fez minha mão começar a formigar como se estivesse soltando fagulhas dentro da luva grossa de borracha. Quando Vlad abriu uma porta de metal no final do túnel, eu estava pronta para o que quer que estivesse do outro lado.

Ou assim eu pensei. Eu não esperava uma pequena sala de estar com três cadeiras, uma garrafa de vinho e três copos. Se não fosse pelas paredes de pedra que ainda tinham o cheiro do cemitério, eu juraria que nós entramos na sala de uma casa.

— Vlad Tepesh. — A atraente mulher de cabelos negros disse, um pesado sotaque do Sul colorindo sua voz. — Você me surpreendeu duas vezes hoje. Primeiro com seu pedido para essa reunião, e agora com as notícias que exigem felicitações.



Era rude encarar, mas eu não podia evitar. Marie Laveau não combinava com a imagem que minha mente conjurou. Sua cor era de açúcar mascavo e creme e seus modos eram mais o de um puma elegante do que de curandeira. Ela estava vestindo uma blusa de seda cor de amora e uma saia preta longa, ambas as peças dando um ar de elegância sutil, assim como as roupas de Vlad.

— Marie, — Vlad disse com um aceno cordial. — Permita-me apresentar minha esposa, Leila Dalton Dracul.

Eu não provoquei mudando meu sobrenome para “Drácula” dessa vez. Uma tensão oculta pulsava pela sala, mesmo que todos nós estivéssemos fingindo estar em nossos melhores comportamentos. Como eu estava usando minhas luvas, apertei a mão de Marie. Ela sorriu para mim de forma amigável enquanto seus olhos me sondavam da forma impiedosa com a qual eu me acostumei que os mortos-vivos faziam. Medindo minhas forças e procurando minhas fraquezas.

— Por favor, sentem, — ela disse, toda graciosa hospitalidade sulista apesar disso. — Vocês devem provar o vinho. É um dos meus melhores.

Com aquelas palavras, uma porta lateral se abriu e nosso guia ghoul apareceu, enchendo nossos copos com uma deferência que foi igualada apenas por sua velocidade. Tão logo ele terminou, desapareceu novamente.

— Aos recém-casados, — Marie disse, erguendo sua taça.

Vlad brindou com ela e eu também. Nós bebemos e eu soltei um pequeno som de apreciação. O vinho tinto tinha notas de groselha, carvalho e mais do que uma pitada de sangue. Eu tinha que recriar essa mistura no futuro.

— Então, Vlad, quando foi a última vez que nos vimos? — Marie perguntou, inclinando a cabeça como se tentasse lembrar. Eu não estava caindo em seu ato de esquecimento, e pela resposta dele, nem Vlad estava.

— Do outro lado de um campo de batalha cheio de corpos de ghouls mortos. — Ele respondeu em um tom agradável.

Seus olhos se estreitaram, então ela sacudiu a mão de forma indiferente. — Claro. Pobres almas equivocadas. Aqueles que sobreviveram à revolta tola de Apollyon estão me seguindo agora, para o bem deles.

Nem um pouco modesta, não é? Pensei, sacudindo minha cabeça



internamente. Sujo falando do mal lavado, de fato.

— Jacques me disse que você tem a filmagem do seu casamento, — Marie continuou, mudando o assunto. — Posso ver?

Checando se é autêntico? Eu imaginei enquanto Vlad passava seu celular. Ela não parecia ser do tipo de pedir para ver só para fazer sons apreciativos femininos. Marie pegou o celular e tocou a tela. Logo, nossas vozes encheram o pequeno espaço, repetindo nossos simples votos que mudaram nossas vidas.

— Eu me pergunto por que não vi esse vídeo antes, — ela comentou enquanto assistia.

Se os escudos de Vlad não tivessem rachado, libertando uma fração de segundo de raiva abrasadora, eu não teria notado a pequena ênfase dela na palavra “esse”. Mas eles racharam, e após um momento me perguntando o porquê, o entendimento me bateu.

Szilagyi não mandou meu vídeo apenas para Vlad. Ele também deve tê-lo liberado para todo o mundo de mortos-vivos. Fúria queimou pelas minhas veias. Claro que ele iria querer que todos soubessem como ele roubou a esposa de Vlad bem sob seu nariz, e então o que ele fez comigo depois. Para escória como Szilagyi, aquilo seria o mesmo que furar uma bola após um touchdown*.

**Futebol americano. Isso é costume do esporte, para comemorar.*

— A cerimônia foi apenas na noite passada, — Vlad respondeu, seu tom desafiando Marie a explicar o que ela quis dizer.

Eu ainda estava fervendo de raiva, com a humilhação seguindo logo abaixo. A lógica dizia que eu não tinha nada pelo quê ficar envergonhada, mas o pensamento de todos olhando para mim enquanto uma imagem mental daqueles vídeos tocava em suas mentes me fez querer correr para a saída mais próxima. Se eu fosse subitamente despida e amarrada em público, eu me sentiria menos exposta que agora.

Marie entregou o celular de Vlad com um pequeno sorriso em seus lábios. — Isso acaba muito repentinamente, não é?

Minhas unhas cavaram nos braços da cadeira. Ela estava fazendo uma piada de sexo agora, também?



Após Vlad pegar o telefone, ele se esticou para pegar minha mão. — Eu nunca hesito quando é sobre algo que eu quero.

Sua pele emitia seu calor de sempre, e a parte de mim que estava quebrada com uma vergonha furiosa absorveu aquilo como se fosse a única coisa me impedindo de estilhaçar em milhões de pedaços.

Marie olhou para nossas mãos unidas, para Vlad, e então sua testa franziu. — E o que você quer de mim?

Vlad deu seu sorriso mais charmoso, que era aviso o suficiente para mim.

— Eu quero saber se você é a necromante que lançou o feitiço que quase matou minha esposa.



Capítulo Vinte e Sete.

A expressão de Marie ficou perigosamente em branco. Se o humor no local estava tenso antes, ficou absolutamente sinistro agora.

— Por que você suspeitaria que eu fiz tal coisa? — Ela perguntou, seu sotaque sulista mudando para veneno açucarado.

O sorriso simpático do Vlad não vacilou. — O feitiço é atado em carne de morto-vivo, então apenas alguém habilidoso em necromancia poderia tê-lo lançado. Com sua destreza em magia da sepultura, isso te torna a suspeita mais provável.

Minha mão direita deslizou sob uma dobra da minha saia longa, então Marie não podia me ver tentando tirar minha luva. Nós podemos ter apenas segundos antes de ela nos atingir com aqueles horríveis Remanescentes invencíveis. Eu não tinha manifestado um chicote de energia conscientemente desde que fui capturada, mas, a julgar pelas marcas de queimadura como chicotadas no palacete, a habilidade ainda estava lá. Se nossas vidas dependessem disso, eu tinha que fazer isso de novo. A alternativa era impensável.

— E se fui eu? — A boca de Marie se contorceu de forma desafiadora. — O que você pretende fazer sobre isso?

— Matar você, — Vlad respondeu amigavelmente.

Fiquei tensa, concentrando toda a minha energia na minha mão para o ataque iminente, mas Marie apenas riu.

— Eu nunca te julguei um tolo, Tepesh. Você me surpreendeu uma terceira vez hoje.

Com isso, uma massa cinzenta tempestuosa apareceu ao redor dela antes de cobrir as paredes da pequena sala. Levou menos tempo para que nós fôssemos cercados pelos Remanescentes uivantes e mortais do que levou para eu levantar da minha cadeira, sem luva e com minha mão coberta de energia branca e ardente. Vlad permaneceu sentado, e, para meu espanto, eu o vi observar os Remanescentes a nossa volta com um divertimento



despreocupado.

— Isso é para supostamente me intimidar?

Ele ficou louco, pensei meio entorpecida. Bom Deus, Szilagyi conseguiu deixá-lo insano.

— Sim, — Marie disse, soando quando tão impressionada pela resposta dele quanto eu.

Ele sorriu de novo. — Você me mostrou o seu. Agora, deixe-me te mostrar o meu.

Fogo inundou a sala, ocultando os Remanescentes por trás das faixas brilhantes e destrutivas de vermelho, laranja e azul. Eu só soube que a porta lateral se abriu quando ouvi gritos, mas o guarda-costas ghoul de Marie não conseguiu atravessar as chamas que eram tão quentes que começaram a corroer as paredes de pedra. Se Vlad não as tivesse contido acima de nós três como uma cortina brilhante mortal, apenas ele teria sobrevivido.

Tão abruptamente quanto apareceram, as chamas sumiram. Se não fosse pela fumaça e a nova textura carbonizada das paredes, ninguém teria imaginado que a sala foi um verdadeiro inferno momentos atrás.

— Agora que comparamos o equivalente sobrenatural dos nossos paus, por que você não responde minha pergunta? — Vlad disse, seu tom tão frio quanto o fogo foi quente.

Marie estreitou os olhos e dispensou Jacques, que tinha corrido para a sala. — Você não está com medo dos meus Remanescentes. Por quê?

Outro sorriso perigosamente charmoso. — Responda a minha pergunta e eu te direi.

Ela olhou para mim antes de balançar a cabeça, dispensando-me como se fosse insignificante. Ok, comparada à exibição de fogo do Vlad, o acúmulo de faíscas em minha mão direita era nada, mas isso não significa que eu era indefesa, maldição! Raiva enviou mais correntes para a minha mão, mas eu ainda não tinha manifestado um chicote. Eu posso ter apenas um golpe, então eu precisava conseguir manifestar um. Rápido.

— Se alguém tivesse solicitado minha ajuda para matá-la, — Marie disse finalmente. — Eu não precisaria de um feitiço para isso.

— Isso não foi uma resposta direta. Talvez você não soubesse para



quem era o feitiço? — Vlad disse, inclinando a cabeça em minha direção. — Ela é nova para o nosso mundo, então você pode não tê-la reconhecido através dos pedaços de pele usados para atar o feitiço.

Marie se inclinou para frente, encarando Vlad como se eles fossem as duas únicas pessoas na cidade, que dirá na sala. — Você pensa que eu não me certifico de conhecer cada nova pessoa importante nas vidas dos meus adversários mais poderosos?

— Você me considera seu adversário? — Vlad perguntou suavemente.

— Sua raça, gênero e espécie foram meus adversários por quase duzentos anos, vampiro branco do sexo masculino, — ela disse, seu sotaque sulista aprofundando até que fosse suavizado novamente.

Os Remanescentes ondularam próximos ao Vlad, serpenteando ao redor dele como nuvens de tempestade em um ciclone. Estranhamente, eles permaneceram longe de mim, mas talvez Marie não me considerasse digna do tempo deles. *Toque-o e eu vou te mostrar o quão errada você está*, eu pensei amargamente.

— Se você não é a necromante, então jure, em um juramento ligado ao seu sangue, — Vlad disse, se inclinando também.

Marie fungou desdenhosamente. — Você não está em posição de fazer exigências.

Vlad não olhou para a massa barulhenta se contorcendo a meros centímetros dele. Seu olhar era todo para Marie.

— Eu não estou com medo dos seus animaizinhos porque tenho experiência pessoal com eles. O ataque deles é agonizante, porém leva vários minutos para ser mortal. Eu, por outro lado, posso explodir sua cabeça dos seus ombros em 1.8 segundos, e uma vez que você está morta, eles vão voltar para onde vieram.

Com aquilo, eu me senti ridícula ali, de pé, com a mão pronta para atacar. Parece que meus serviços não serão necessários, afinal!

O sotaque açucarado de Marie ficou mais forte. — Você pode queimar objetos e lugares, mas você não pode queimar pessoas a menos que as tenha tocado, e você nunca me tocou, Empalador.

Vlad riu, baixo e insinuante. — Permita-me refrescar sua memória: você



era humana e dirigia uma loja de bebidas na Rua Dauphine. Por puro acaso, eu estava em Nova Orleans naquela época. Eu detesto o pântano, mas estava viajando com Mencheres e ele insistiu em ver Bones, que viva aqui naquela época.

— Várias pessoas sabem que eu dirigia uma loja de bebidas em meus anos anteriores. — Marie disse, mas pelo novo tom grave em sua voz, ela estava incomodada.

O olhar acobreado de Vlad brilhou com verde. — Quantas pessoas sabiam que Gregor estava lá, também? Ele e eu temos o mesmo criador, como você se lembra, então éramos muito próximos. Foi por isso que eu o acompanhei para ver a mulher que ele estava considerando adicionar à sua linhagem como ghoul, se ela se provasse útil. Você levou mais dez anos para convencê-lo do seu valor, embora, não foi?

As juntas de Marie ficaram brancas quando ela agarrou a cadeira com tanta força quando eu tinha, alguns minutos atrás.

— Se isso é verdade, e você não acredita na minha palavra sem um juramento de que eu não sou a necromante, por que você não tentou me matar?

Os olhos de Vlad mudaram de acobreados para puro verde esmeralda. — Porque enquanto eu *vou* arriscar uma guerra com seu povo se você é, não há necessidade de começar uma se você não é.

Marie se inclinou para trás, sua expressão gelada mesmo que um sorriso brincasse em seus lábios. — Eu, também, preferiria manter você como um adversário a fazer você ou seus aliados meus inimigos.

Com aquilo, ela arrastou a palma da mão através de seu anel, e uma pequena ponta que eu não notei antes cortou uma linha em sua carne.

— Eu juro por meu sangue que não sou a necromante que você procura, — Ela disse enquanto as gotas vermelhas caíam. — Se minhas palavras forem mentira, que meu próprio sangue se volte contra mim como testemunha da minha fraude.

Eu quase engasguei, esperando. Como algo tipo o sangue de alguém se voltando contra a pessoa seria? Vlad deve ter uma ideia, porque após alguns momentos tensos, ele sorriu, levantando sua taça e tomando um gole como se o fogo, fantasmas mortais e ameaças não tivessem acontecido entre seu primeiro gole de vinho e esse último. Eu o encarei, como se dissesse “isso



significa que já acabamos de ameaçar matá-la?”

Ele mostrou os dentes em um sorriso que eu traduzi como *Por enquanto*.

Finalmente me sentei, embora a agitação me fazia enviar mais voltagem para a minha mão direita, que agora faiscava como varetas de fogos de artifício infantis. Marie olhava para ela mais com curiosidade do que preocupação.

— Dizem que você pode ver o pior pecado de alguém com um único toque, além de ver o passado e encontrar pessoas no presente através de objetos que eles tocaram. Isso é verdade?

— A maioria das vezes, — eu disse em um tom cauteloso.

Marie ergueu a mão em desafio. — Então diga-me o meu.

Se eu recusasse, isso não terminaria bem, já que Vlad forçou Marie a fazer um juramento de sangue com consequências mágicas. Foi bom ele não ter me coberto em sua aura essa manhã, ou eu não seria capaz de fazer nada além de tocá-la e tentar adivinhar. Eu não queria saber qual é o pior pecado da Rainha Voodoo, mas peguei a mão dela, mesmo assim. Ela se sacudiu pela voltagem que o contato liberou nela apesar de eu tentar conter. Acho que eu não tentei o suficiente. Momentos depois, eu não estava mais preocupada sobre como eu a eletrocutei.

Eu estava na adega oculta sob minha casa, olhando furiosamente para a mulher que estava embalando seu bebê, tentando desesperadamente quietá-lo. Eu disse-lhe para deixar a criança no andar de cima, onde ela poderia passar pela criança de uma das servas, mas ela esgueirou a criança aqui embaixo, ao invés. Quando o choramio da criança ficou mais alto, uma das escravas fugitivas gemeu.

— *Eles vão nos ouvir, — ela sussurrou. — Eles vão nos matar!*

— *Shh! — eu sibilei, mas ela estava certa.*

Essa patrulha era conhecida por sua brutalidade, e os escravos reunidos na adega pequena e úmida sob minha casa tinha todos fugido após uma rebelião na fazenda deixar vários dos seus mestres brancos mortos. Ninguém se importaria com as crueldades que os escravos sofreram antes da revolta, ou se esses fugitivos tinham ou não realmente participado dos assassinatos. Não, o sangue deles fluiria porque eles estavam na vizinhança quando sangue branco foi derramado, e quem quer que morresse rápido seria considerado



sortudo.

A criança choramingou de novo e prendeu o ar como se estivesse se preparando para um choro a plenos pulmões. Olhei para as pessoas aterrorizadas que eu jurei proteger, vários dos quais eram crianças também. Todos estavam condenados uma vez que o choro daquele bebê chegasse aos ouvidos da patrulha, e naquele único segundo congelado, eu fiz minha escolha.

Eu nasci livre. Eles não, e eles mereciam as mesmas chances que eu tive. Forcei de volta o soluço que tentou escapar da minha garganta enquanto corria para a criança. Se minha vida fosse a única perdida, eu alegremente deixaria o grito por vir da criança trazer a patrulha aqui. Mas se eles nos encontrarem, todos morreriam... a menos que eu me condene ao garantir que todos, menos um, vivam. Parecia que meu coração explodiu de angústia quando eu cortei o grito crescente do bebê ao apertar minha mão sobre a boca da criança...

Voltei ao presente com um baque, as paredes queimadas da tumba substituindo a terra batida da adega subterrânea onde Marie escondeu os escravos fugitivos. Eu estava horrorizada com o que revivi, mesmo enquanto meu coração se partia, ainda sentindo a mesma dor que Marie sentiu quando ela fez aquele ato horrível, inimaginável, porque ela viveu em uma época horrível e inimaginável onde pessoas da sua cor não tinham sequer o direito de viver, muito menos ter qualquer expectativa de esperança, justiça ou misericórdia.

— O que você viu? — Sua voz vibrava com comando.

Eu não repeti seu ato terrível. Ao invés disso, eu disse o nome com o qual ela marcou sua alma, para nunca esquecer o crime que salvou vinte e duas vidas ao silenciar para sempre uma.

— Louise, — Sussurrei.

Ela estremeceu com o nome do bebê, a dor em seu olhar ecoando a que eu sentia através dos restos da minha ligação com o seu pior pecado. Então, de forma surpreendente, seu comportamento mudou de uma mulher assombrada por seu passado para uma graciosa anfitriã sulista novamente.

— Bem. Já que suas habilidades são reais, parece que cada um tem algo que o outro quer, não é, Tepesh?

O sorriso do Vlad estava tão cheio de intensões mortais que me



encontrei afastando-me por puro instinto.

— Sim, temos. Você pode começar me dando os nomes dos feiticeiros suficientemente fortes para se envolver em necromancia, e eu vou fazer Leila ler psiquicamente qualquer um cujo segredo mais sombrio você simplesmente *tenha* que saber.



Capítulo Vinte e Oito.

Quando Jacques fechou os portões do cemitério atrás de nós, eu ainda estava abalada. Marie adiou eu ler pessoas para ela, mas isso não me fez sentir melhor. Se ela queria tempo para pensar sobre quem ela queria selecionar, então ela realmente ia fazer valer a pena, e quem sabia quais seriam as repercussões? Ainda assim, ela nos deu informações valiosas, e se nós não derrotarmos Szilagy e tirarmos essa maldição de mim, nós não estaremos por perto para nos preocupar sobre estarmos devendo a Marie.

Nós estávamos a meio caminho de volta ao hotel quando eu pude formar perguntas sobre as partes mais básicas da visita dessa noite. — Por que você não me disse *antes* de irmos que você pensava que Marie pudesse ser a necromante que lançou o feitiço em mim?

Vlad me olhou com divertimento. — Porque você é ainda pior em esconder suas emoções do que é em mentir.

Verdade, mas... — Se você suspeitava dela, por que me trazer com você?

— Reforço. — Ele disse. Ante minha expressão questionadora, ele continuou. — Quando Marie concede uma reunião, ela tem termos específicos. Apenas a pessoa que a solicitou pode participar, e é garantido a essa pessoa passagem segura para ir e voltar da reunião, que é o porquê de eu não ter trazido nenhum dos meus guardas. Se, porém, Marie fosse a necromante, então eu iria matá-la, mas, para fazer isso, eu precisaria de você. Como minha esposa, você é a única pessoa permitida a ir em qualquer lugar que eu vá, e também a única pessoa que poderia ter resistido à Marie.

—Eu? É você que poderia tê-la matado em 1.8 segundos. Tudo o que eu fiz foi ficar lá de pé e fazer um show de luz com minha mão.

Ele sorriu com malícia. — Eu posso matá-la rapidamente assim agora, já que demos um aperto de mão para concluir nossa reunião, mas antes disso, eu nunca tinha tocado ela.

Eu o encarei, alguma parte me incentivando a fechar minha boca aberta,



mas a outra muito atônita para me importar.

— Você *mentiu* para ela? — Eu finalmente botei para fora.

Ele deu de ombros. — Eu a levei a crer. Ela não se lembrava de que eu a encontrei antes, com Gregor, quando ela era humana. Porém, eu não a toquei. Eu sou muito reservado sobre isso, como você sabe, embora seja sorte nossa que ela não saiba.

— Isso não é levar a crer, isso é blefar!

Seu sorriso era quase selvagem. — Sobre tocá-la? Sim. Sobre matá-la? Não. Se ela tivesse lançado aquele feitiço, eu teria dado um jeito de atravessar aquela sala para queimá-la, com ou sem ataque de Remanescentes. Na pequena chance de que eu não fosse capaz, você estaria lá.

Aquela ideia quase me fez soltar faíscas. — Se você não pudesse resistir a um ataque Remanescente por tempo suficiente para queimá-la, eu não teria *nenhuma* chance contra eles!

Ele correu a mão pelo meu braço, traçando o caminho exato onde minha antiga cicatriz do acidente com o fio de alta tensão estaria.

— Cat não pode controlar os Remanescentes do jeito que Marie pode, — ele disse, com a sobrancelha erguida como se dissesse *amadores, o que se pode fazer?* — Além disso, as habilidades que ela absorve são temporárias, mas ela é esperta, então ela pensou em uma forma de manter seus poderes da sepultura, se ela precisar deles no futuro. Cat extraiu vários frascos do seu próprio sangue após beber de Marie e os armazenou. Quando ela concordou em me ajudar, ela me fez beber um daqueles frascos.

— Por quê? Você não pode absorver habilidades. — Ou ele esteve escondendo algo mais de mim, também?

Sua boca se curvou. — Não, mas quem os invocou é a única pessoa que eles não irão atacar, a menos que sejam contidos por poderes que a Cat ainda não dominou. Quando eu bebi sangue contendo poder da sepultura, os Remanescentes foram levados a pensar que eu era um dos invocadores deles, também. É por isso que eles não me atacaram quando eu fui te buscar.

Wow. Naquela hora, eu pensei que Cat devesse estar mantendo-os longe de nós... — Espere, então por que eles não *me* atacaram?

Ele continuou acariciando meu braço. — A princípio, eu estava tão grato



de te encontrar viva que não parei para pensar. Mais tarde, a resposta parecia simples: você é terra árida para eles.

Eu não entendi. Então, lembrei do comentário cruelmente satisfeito de Vlad enquanto assistíamos os Remanescentes despedaçarem os guardas de Szilagyi. *Eles se alimentam de energia e dor.* Desde meu acidente com o fio de alta tensão, eu tenho energia correndo por todo o meu corpo, porém não é energia normal, orgânica. É pura voltagem elétrica, e, aparentemente, os Remanescentes não se interessam por isso.

— É por isso que eu era seu reforço. — Eu estava atônita e admirada ao mesmo tempo. — Se Marie percebesse seu blefe, os Remanescentes teriam cercado você, mas não a mim, e Marie não esperaria isso. Sem a melhor arma dela, eu poderia tê-la cortado com meu chicote de energia ou a forçado a encostar em você. De qualquer forma, ela estaria morta.

Sua expressão estava fria, mas seu toque era tudo menos isso. — Sim. Eu confiei em você com minha vida, Leila, e só há mais uma pessoa nesse mundo de quem eu posso dizer o mesmo.

Agora eu *realmente* me sentia humilhada. Ele não apenas confiou em mim com sua vida, o que já é incrível por si só. Ele também reprimiu sua tendência do século quinze de me esconder no primeiro sinal de perigo. Ao invés disso, ele me tratou como igual ao acreditar que tanto minhas habilidades quanto meu discernimento seriam suficientes para o desafio.

Porque as palavras não seriam nem remotamente suficientes para descrever o que aquilo significava para mim, eu o beijei, tentando dizê-lo com meus lábios e os braços que envolvi nele que eu o amava mais do que qualquer coisa no mundo. Sua boca se moveu sobre a minha com uma intensidade que competia com palavras, também, mas ele não precisava delas. Ele derrubou seus escudos e deixou suas emoções correrem sobre mim. O efeito enfraqueceu meus joelhos enquanto me faziam segurá-lo mais apertado como se um abismo profundo se abrisse sob mim.

Ele quebrou o beijo muito cedo, seu olhar desconfiado enquanto ele olhava ao redor. Ainda eram oito da noite, então o Franch Quarter estava cheio de pessoas, alguns dos quais estariam festejando até o amanhecer. A maioria parecia humana para mim, mas com a multidão, eu não podia ter certeza.

— Szilagyi seria tolo ao atacar no coração do território de Marie já que ela consideraria isso um ataque contra ela também, mas ele já me surpreendeu antes, — ele murmurou. — Vamos. Ainda temos várias coisas para adquirir



antes de partirmos.

Seu beijo despertou meu corpo e derreteu minha mente, mas, com aquilo, eu voltei a prestar atenção.

— Certo, e, graças à informação que Marie nos deu, agora estamos no negócio de lançar feitiços e caçar necromantes.

Um transeunte poderia ter ficado encantado com seu sorriso rápido. Eu, porém, reconheci o perigo que aquilo representava, como se filetes invisíveis de sangue escorressem de sua boca.

— Nós não somos os únicos que não podem reportar o uso de magia aos Guardiões da Lei. Após tudo que Szilagyi fez, está na hora de pagarmos a ele na mesma moeda.

Eu já esperava a caça ao tesouro dos ingredientes do feitiço, que consistia em Vlad e eu indo a várias partes da cidade para pegar itens que, por fora, pareciam inofensivos, mas cuja finalidade era derrubar Szilagyi magicamente. Essa parte não demorou muito, já que Marie deu-nos o equivalente a uma lista de compras, além de endereços de onde conseguir cada item específico. O que eu não esperava era onde nós fomos em seguida.

A casa de repouso parecia como uma versão menor e mais bonita de um hospital. Por dentro, sob o pesado cheiro de purificador de ar, desinfetante e solventes, ela cheirava mais a tristeza e morte do que o cemitério onde encontramos Marie.

— Por que estamos aqui? — Sussurrei para Vlad.

— Recrutamento. — Ele respondeu sem se incomodar em abaixar a voz. — Szilagyi matou dezenas do meu povo e mais irá cair antes que isso termine. Eu não posso adiar reabastecer meus números, e enquanto isso inclui transformar todos os humanos que eu estive preparando, eu também preciso de pessoas que Szilagyi não reconheça como sendo ligados a mim. — Então, para a recepcionista, ele disse. — Diga-me se você tiver quaisquer pacientes do sexo masculino entre as idades de vinte e cinquenta anos.

Como os olhos dele estavam acesos, ela não fez nenhuma pergunta desnecessária. Apenas verificou o computador e então escreveu nomes e números de quartos em um Post-it antes de entregar.



Vlad pegou, indo direto para o quarto mais próximo. Eu segui, ainda um pouco surpresa por onde estávamos, se não pelo que estávamos fazendo. Quando eu pensava sobre Vlad selecionando pessoas para sua linhagem, eu nunca esperei que ele procurasse em lugares como esse.

O primeiro paciente era um homem que parecia estar no começo dos trinta anos, mas cujo corpo tinha envelhecido pelo câncer que eu pude cheirar antes de cruzarmos o solado da porta. Vlad olhou as fotos na cabeceira da cama dele mostrando uma versão muito mais saudável do homem, com sua esposa e filhos, então saiu.

— Esse cara não? — Perguntei com uma pontada aguda enquanto olhava de volta para o homem adormecido.

— Muitos laços, — ele disse, levantando uma mão pela minha expressão. — O que estou oferecendo não é um caminho de volta para a antiga vida deles. É risco, solidão frequente, e a remoção permanente da vida de todos que eles conhecem. Isso significa que eu não escolho pais, ou forçá-los a abandonar suas famílias me faria ainda mais cruel que minha reputação me acusa de ser.

— Mas nós não podemos... fazer algo por ele? — Eu disse, parando.

Vlad suspirou. — Mesmo se você distribuir litros do seu sangue para cada pessoa aqui, na condição deles, você apenas estará adicionando semanas ou meses às vidas deles. Não salvando-os, como você quer. Nós somos vampiros, não Deus. Nós só podemos pegar algumas poucas pessoas solitárias de quem o mundo desistiu e oferecer a elas outra chance.

A minha parte friamente lógica aceitava isso, mesmo que o resto de mim sofresse pelas pessoas que vimos, nessa clínica e nas três outras que visitamos. Em quatro casas de repouso, Vlad encontrou duas pessoas que combinavam com as exigências dele, e daquelas, apenas uma quis o que ele ofereceu. Àquele homem Vlad deu um grande gole de seu sangue antes de instruí-lo a esperar lá até que alguém do seu pessoal fosse pegá-lo. O outro ganhou uma nova memória onde ele nunca foi visitado por dois estranhos que revelaram que vampiros existem, muito menos que recebeu a oferta de se tornar um.

Os próximos lugares que fomos eram abrigos de sem tetos, onde Vlad usou suas habilidades de ler mentes para selecionar os recrutas. Ele teve uma colheita maior nesses lugares, atraindo cinco caras que foram deixados com



instruções para esperar para serem pegos pelos guardas de Vlad depois.

Finalmente, ele me levou ao último lugar que eu esperava procurar potenciais novos membros para a linhagem dele.

Corredor da Morte.



Capítulo Vinte e Nove.

A Penitenciária do Estado de Louisiana era um grande complexo margeado em três lados pelo Rio Mississippi. Com guardas montados patrulhando e uma entrada que lembrava um prédio de informações e descanso para turistas. Parecia mais um rancho do que uma prisão, se você ignorasse as cercas altas com camadas de arame farpado enrolado no topo.

Diferente dos outros lugares, Vlad estava aqui por uma pessoa específica. — Reverendo para ver Darryl Meadows, — ele disse ao guarda, o verde em seu olhar dispensando qualquer pedido por identificação ou perguntas, já que Vlad parecia qualquer coisa, menos religioso.

— Quem é Darryl Meadows? — Perguntei enquanto nos dirigíamos para a sessão do grande complexo que abrigava os presos do Corredor da Morte.

— Possivelmente um homem inocente, — Vlad respondeu. — Ele foi preso há mais de vinte anos sob poucas evidências e um testemunho questionável, mas, como todas as evidências forenses se perderam, ele não pôde exigir um teste de DNA para provar sua inocência.

— Parece que você sabe muito sobre ele.

— Eu vi um documentário sobre pena de morte que o mencionava, entre outros prisioneiros. — Quando viu minhas sobancelhas erguidas, ele continuou quase defensivamente. — Estava tarde, você estava dormindo, e não havia *nada* mais passando.

Era uma reclamação tão normal e humana que eu ri, imaginando Vlad passando pelos canais enquanto resmungava sobre a falta de opções descentes de programação. Então eu adicionei “fã secreto de documentários” à lista de coisas que eu sabia sobre ele. Como, por exemplo, seu amor por filme de vampiros. Seu ódio por remakes do Drácula à parte, ele me disse uma vez que a variedade de representações do vampirismo em filmes o divertia pra caramba.

— Bem, é muito fácil descobrir se Darryl é inocente, — eu disse, erguendo minha mão direita.



— Sim, — Vlad disse, seu olhar brilhando. — Se ele é, ler a mente dele vai revelar se décadas de prisão injusta o arruinaram, ou o endureceram no tipo de homem que eu estou procurando.

Nós precisamos de mais controle de mente para passar pelos outros postos de controle de segurança antes de estarmos frente a frente com Darryl Meadows, um homem afro americano magro e bonito cujos olhos castanhos nos observavam com suspeita quando o guarda o deixou sozinho na sala conosco. Um pouco do controle de mente do Vlad garantiu nossa privacidade, e ele também hipnotizou os guardas que monitoravam o sistema de vídeo a partir da sala. Assim, eu não hesitei em quebrar a primeira regra de visita ao me esticar sobre a mesa de metal e tocar uma das mãos algemadas de Darryl.

— Ele não fez. — Eu disse alguns minutos depois, quando estava de volta na minha própria mente. O pior pecado de Darryl era não ter ajudado um companheiro preso quando o homem foi encurralado e assassinado, mas, como um guarda participou do crime, eu não podia culpá-lo.

Darryl deu uma risada cansada. — Eu venho dizendo isso por mais de vinte anos, mas ninguém se importa. Quem são vocês, de qualquer forma? Mais advogados? Pessoas do Projeto Inocência?

— Nós somos vampiros, — Vlad disse com sua aspereza de sempre.

Deixei escapar uma pequena risada para preencher o silêncio instantâneo de descrença. — Aposto que você não esperava encontrar dois desses hoje.

— Guarda, — Darryl gritou, soando irritado ao invés de cansado agora. — Leve esses filhos da puta loucos para fora daq...

Sua voz cortou abruptamente quando os olhos de Vlad ficaram verdes e seu sorriso alargou o suficiente para mostrar suas presas.

— Eu não tenho tempo para uma explicação detalhada, então entenda isso, — Vlad disse, olhando nos olhos de Darryl. — Vampiros são reais. Nós existimos há milênios, e não somos a única espécie sobrenatural acima dos humanos na cadeia alimentar.

Sob o poderoso efeito do olhar dele, Darryl não tinha escolha senão acreditar. Eu tinha que dar crédito ao Vlad; esse jeito era muito mais rápido do que passar pela forma comum de dar a notícia, então lidar com a negação da pessoa, perguntas, exigências de provas e histeria, normalmente nessa ordem.



— O que você quer de mim? — Darryl perguntou em uma voz entorpecida.

O sorriso do Vlad desapareceu enquanto ele se inclinava para frente. — O que você faria se eu te transformasse no que eu sou essa noite, dando-lhe mais poder e habilidades do que você pode sequer imaginar?

— Eu deixaria esse lugar, — Darryl respondeu, ainda com a monotonia que dizia que suas respostas eram extraídas pelo olhar de Vlad.

— Você gostaria de matar todos que te colocaram aqui? — Vlad quase ronronou. — A polícia, juízes, advogados, testemunhas?

— Bernstein, — Darryl disse após pensar por um momento. — O policial sabia que eu não fiz isso, é por isso que ele plantou a evidência no meu carro. Phillips, também. O guarda assassinou mais pessoas que metade dos presos aqui.

— Por que você quer saber quem ele gostaria de matar? — Perguntei.

— Eu quero um homem endurecido, não um assassino em massa, patologicamente vingativo. — Vlad disse. — Só há lugar para um desses em minha linhagem no momento, e sou eu. — Para Darryl, ele perguntou. — E você desistiria da sua humanidade para deixar esse lugar, sabendo que você nunca mais veria ninguém da sua antiga vida novamente?

— Minha família desistiu de mim muito tempo atrás. — Nem mesmo sua voz monótona pôde remover toda a dor daquela única frase. — Para eles, eu já estou morto. Se eu não sair, estarei morto de verdade em duas semanas, então se há uma forma de viver, eu quero.

Vlad afastou os olhos de Darryl, apontando para um canto no teto da sala. — Vê aquela câmera, Leila? Frite ela.

— Nós realmente estamos prestes a tentar uma fuga do Corredor da Morte? — Controle de mente vampírico seria suficiente para fazer isso sem recorrer à violência também?

O riso instantâneo de Vlad fez minha sugestão parecer absurda. — Não. Isso causaria atenção demais.

Ok, então eu não sabia por que eletrocutar a câmera era necessário, mas fiz. Quando me virei de volta, Vlad já estava atrás de Darryl, sua boca no pescoço do homem.



— Você vai fazer isso *agora*? — Perguntei, sem acreditar.

Ele parou, as presas a milímetros da garganta de Darryl. — Você realmente precisa que eu explique por que enviar um dos meus homens para pegá-lo mais tarde não vai funcionar sob essas circunstâncias?

— Mas...

Vlad não me esperou fazer mais perguntas. Ele mordeu profundamente e Darryl estremeceu, um grunhido duro escapando dele enquanto ele tentava se afastar, mas as algemas e o aperto de Vlad o mantiveram imobilizado. Apenas os olhos de Darryl eram capazes de se mexer, e quando seu olhar pousou em mim, eu não pude afastar os olhos.

Eu vi muitas pessoas morrerem através das minhas habilidades. Mais tarde, as mortes que vi foram pessoalmente, algumas vezes eu era a pessoa dando o golpe mortal. Essa foi diferente, talvez porque eu nunca vi alguém sendo transformado antes. Eu estive inconsciente durante a minha transformação, e Vlad não bebeu de mim até a morte, como estava fazendo agora com Darryl. Eu tive uma hemorragia pelos efeitos do feitiço de Cynthiana e um horrível acidente de carro, então tudo o que Vlad fez foi me encher com seu sangue antes que fosse tarde demais.

Ou, eu pensava que isso foi tudo o que ele fez. Após o coração de Darryl parar de bater e Vlad abrir sua própria jugular com um único corte duro, posicionando a boca de Darryl sobre ela, o trabalho de verdade começou. Eu senti isso na onda de energia que pareceu explodir de Vlad, enviando vibrações quase dolorosas pelo quarto. Foi tão potente que seus escudos caíram, revelando que a maior parte do seu poder estava sendo canalizado para Darryl, enviando vida nova nele com muito mais força do que o sangue que Vlad forçava Darryl a engolir.

Logo, aquela boca frouxa começou a selar sobre o pescoço de Vlad, até que Darryl estivesse mordendo e sugando com uma ferocidade que fez a faca que Vlad usou antes desnecessária. Ele segurou aquela cabeça escura na garganta dele e enviou mais do seu poder para Darryl, até que, com um tremor violento que arrancou suas algemas da mesa, Darryl ficou imóvel.

Vlad limpou o sangue da boca de Darryl antes de deixar o homem cair sobre a mesa. Então ele limpou seu próprio pescoço e fechou sua camisa, cobrindo as listras vermelhas que ainda marcavam sua pele. *É isso?* Eu quase disse, mas a resposta era óbvia. Do começo ao fim, o processo inteiro de transformação de vida, morte e morto-vivo levou apenas cerca de cinco



minutos.

Vlad olhou para mim, sua boca se curvando em um leve sorriso. — Você ainda tem alguma pergunta, Leila?

— Sim, — Eu disse, ainda processando o que eu vi. — Como vamos tirá-lo daqui antes que ele acorde e coma todo mundo?

Vlad abriu a porta, acenando casualmente para o guarda. — Esse homem sofreu um ataque cardíaco fatal. — Ele disse, seus olhos ficando verdes. — Faça toda a documentação normal de mortes acidentais de vocês, mas faça rapidamente. O corpo será recolhido pelo legista em exatamente três horas.

— Sim, senhor, — O guarda respondeu.

— Legista, heim? — Eu disse, com um olhar afiado.

Ele pegou seu celular, digitando uma mensagem com sua velocidade ofuscante de sempre. — Sim, e também alguns poucos passageiros.

Vlad hipnotizou várias pessoas importantes em nosso caminho para fora, até que ninguém iria questionar sua versão da morte de Darryl ou se lembrar de que nós viemos, muito menos questionar a interrupção do vídeo na sala durante o “ataque cardíaco” do preso. Quando terminamos – somente meia hora após deixarmos Darryl – eu estava balançando a cabeça, admirada. Ele estava certo, uma fuga da prisão seria ridiculamente chamativa em comparação a isso.

Quando estávamos de volta no nosso carro, afastando-nos da prisão, eu disse. — Tenho outra pergunta. Por que você só escolhe homens?

Ele quase rolou os olhos antes de olhar para mim. — Talvez porque estamos recrutando soldados para uma guerra sobrenatural.

Eu não ia deixá-lo sair dessa facilmente. — Não pense que me escapou que mais de oitenta por cento dos vampiros na sua linhagem são homens, também.

— Na minha época, praticamente todos os exércitos eram exclusivamente do sexo masculino.

— Não me venha com a desculpa “eu sou do século quinze”. — Eu disse, bufando. — Marty me disse que todo novo vampiro começa aproximadamente com o mesmo nível de poder, com a linhagem e caráter



fazendo a diferença somente mais tarde, na força e habilidades. Seu pessoal vem de todas as culturas, raças e status social, ainda assim, eles são na sua maioria um grande festival de salsicha.

— Você quer que eu sujeite mulheres às circunstâncias brutais da guerra? — Seu tom estava desdenhoso. — Você, de todas as pessoas, sabe o que aconteceria se uma delas fosse capturada.

— E você, de todas as pessoas, sabe que ser um homem nem sempre te protege disso, — Respondi com minha voz suave. — Meu ponto é que, quando você está recrutando, você deveria dar às mulheres as mesmas opções que está dando aos homens, e deixá-las decidir o que elas podem ou não lidar.

Ele abriu a boca como se fosse discutir mais. Então a fechou, dando-me um sorriso alegre.

— Pontos muito persuasivos. Então, sinta-se livre para fazer quantas vampiras você julgar necessário para essa guerra.

— Eu? — Exclamei. — Não. Quero dizer, eu não sei como...

— Você viu: morder, sangrar, reabastecer, — ele disse, listando os itens nos dedos. — Mais fácil do que fazer um bolo.

Olhei feio para ele. — Mais fácil meu rabo, e você se esqueceu do pequeno problema de eu eletrocutar todo mundo que eu toco?

Ele fez um gesto indiferente. — Nada para se preocupar, você vai tirar todo o sangue deles muito antes de os eletrocutar até a morte.

Mas eu não queria fazer nenhum novo vampiro. Tirando os problemas de transformação, as responsabilidades eram mais pesadas do que ter um filho, e eu não estava pronta para aquilo. Além disso, eu mesma ainda estava lutando com alguns aspectos do vampirismo; como eu poderia ser a criadora de alguém que sabia ainda menos sobre isso do que eu?

Tentei de novo. — Estávamos falando sobre o seu sexismo, Vlad. Eu criando vampiras não tem nada a ver com isso.

— Oh, mas tem, — ele disse, mal controlando a contração dos seus lábios. — Você quer igualdade? Aqui está. Não se preocupe em me agradecer... sua expressão é gratificante o suficiente.



Capítulo Trinta.

Eu estava me acostumando a acordar em lugares diferentes de onde dormi. Dessa vez, foi o avião de Vlad, com ele ao meu lado e uma garrafa térmica de sangue já esperando.

— Onde estamos indo? — Perguntei quando terminei meu café da manhã. Ou jantar, considerando que estava escuro do lado de fora da janela do avião. Vlad deve ter trazido seus novos recrutas conosco. Várias pessoas estavam atrás das cortinas que separavam o lugar onde estávamos dos assentos perto da cabine do piloto, e, a julgar pelos múltiplos batimentos cardíacos, pelo menos metade deles eram humanos.

— Eslovênia, — ele respondeu. — Estamos quase lá, na verdade.

— De volta à Europa, hum?

— É mais provável que seja onde Szilagyi está. Ambos os seus covis anteriores estavam na Europa e ele sabe que eu vou voltar ao meu próprio solo em breve. Quando eu voltar, ele vai querer estar perto o suficiente para tirar proveito.

É isso o que eu faria, ficou suspenso, não dito, no ar entre nós. Algumas vezes, as semelhanças deles me enervavam, mas onde mais contava, Vlad e Szilagyi não eram nada parecidos. Pegue, por exemplo, o inerente nacionalismo de Vlad. *Meu próprio solo*. A Romênia sempre será sua casa, não importa quantas casas ele tenha em outros lugares.

Cheiros familiares por trás da cortina me fizeram puxar uma única respiração afiada. — Meu pai e Gretchen estão no avião?

— Sim. — A expressão de Vlad escureceu. — Ele queria falar com você, se você estiver disposta a vê-lo.

Ele quer? Como se ficassem conscientes, minhas mãos começaram a voar pelo meu corpo, alisando meu cabelo desganhado de sono e escovando fiapos imaginários do meu vestido, um vestido preto longo e suave com o qual eu não tinha ido dormir.



Vlad me observou, mas eu não podia ler nada das suas impressionantes feições esculpidas.

— Não há necessidade disso. Você é linda, Leila. Você sempre foi, não importa sua aparência.

— A aparência não compõe a maior parte da beleza? — Eu disse, tentando mascarar meu nervosismo com sarcasmo.

— Não. — Sua voz estava baixa, mas ela vibrava com intensidade. — Não do único jeito que importa.

Ele me puxou para ele, beijando-me com paixão suficiente para bagunçar meu cabelo de novo. Quando ele finalmente levantou a cabeça, minha boca e outras partes de mim estavam vibrando e eu não podia me importar menos com como eu parecia.

Vlad levantou a voz e disse algo em Romeno. Eu traduzi a palavra “pai”, que foi água gelada na minha libido. Momentos depois, a cortina separando as duas sessões do avião foi puxada, revelando Samir e Hugh Dalton.

— *Vovoide**, — o guarda bonito de cabelo negro disse, curvando-se antes de deixar a cortina cair. Meu pai ficou lá de pé, seu olhar indo de mim para o Vlad e de volta. Suas feições podiam estar moldadas em sua máscara de oficial de sempre, mas, a julgar pelo seu cheiro, ele estava mais nervoso sobre isso do que eu.

**Príncipe, em romeno.*

— Olá, Leila, — Ele disse, desconfortavelmente.

— Hugh, — Vlad respondeu antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, sua boca se curvando em um sorriso hostil. — Você finalmente reuniu a coragem para encarar sua filha. Você ficará aliviado em saber que ela se alimentou recentemente, então você não precisa temer que ela irá direto para a sua garganta se você se aproximar um pouco.

Meu olhar deslizou para ele com um leve espanto. Fale sobre não tentar suavizar as coisas com conversa fiada!

— Oi, pai, — Eu disse, por hábito. Então eu não sabia o que fazer. Ir lá e apertar a mão dele? Tentar abraçar ou beijar a bochecha? Nada disso soava como uma boa ideia, então eu só fiquei ali, sentindo o constrangimento rastejar nos meus ossos.



Meu pai limpou a garganta. — Você, ah, parece bem. — Ele soava surpreso, o que era mais do que um pouso insultante, até que eu me lembrei das últimas imagens que ele deve ter visto de mim: careca, sem pele, e gritando em agonia.

A memória trouxe de volta um tremor que eu não pude reprimir. Vlad se levantou, também, seus braços descansando quase casualmente ao redor dos meus ombros.

— Você está nervoso com a minha presença, então você queria que eu os deixasse sozinhos para conversar? — Vlad bufou. — Seu desconforto pessoal significa nada para mim, Hugh... espere, isso não é verdade. Eu gosto dele.

Meu pai ficou rígido, ou pelas palavras ou por Vlad estar lendo a mente dele.

— Vlad, o que você está fazendo? — Perguntei em voz baixa.

Ele não respondeu. Apenas continuou direcionando aquele sorriso de “foda-se” para o meu pai, como se o desafiasse a ficar ofendido o suficiente para partir. Wow, ele realmente odeia tanto o meu pai? Se sim, por que ele o trouxe no mesmo avião que nós? Ele não fez isso das outras vezes que ele enviou meu pai e Gretchen para os mesmos lugares que nós...

De repente, eu percebi por que Vlad estava agindo dessa forma. Ao provocar meu pai, ele estava testando sua determinação. Se Hugh não estivesse realmente sério sobre consertar as coisas comigo, ele poderia usar as provocações de Vlad como uma desculpa para se afastar. Novamente.

E eu também, percebi em seguida. Vlad não estava fazendo isso apenas para testar meu pai. Ele também estava provendo um bálsamo para a ferida que ele esperava que meu pai fosse infligir em mim. Afinal, se eu estivesse brava com Vlad por supostamente afugentar meu pai, então eu não estaria tão ferida por meu pai me rejeitar novamente.

Deslizei meu braço pela cintura de Vlad. Mesmo com sua aura sob controle e suas emoções ocultas, ele pulsava com mais energia que um fio desencapado. Ele poderia dizimar o homem olhando furiosamente para ele, porém meu pai não sabia o que eu sei: que o amor motivava o Vlad, mesmo em sua grosseria atual. Fale sobre beleza que conta mais que aparências.

— Pai, — Eu disse com firmeza. — Eu também quero falar com você, mas Vlad fica. Eu sei que você não gosta dele, e ele não está sendo tímido



sobre o quão puto ele está com você, mas é um costume vampírico que marido e esposa permanecem juntos sob todas as circunstâncias, então você precisa se acostumar conosco sendo uma compra casada.

Os escudos de Vlad racharam e uma onda de prazer roçou pelo meu subconsciente. Em resposta, eu o segurei mais apertado. Após tudo o que passamos, eu falava sério sobre sermos uma unidade, e isso cobria mais do que essa situação com meu pai.

Eu não podia ler mentes, mas o cheiro do meu pai ficou mais afiado e os músculos das pernas dele ficaram tensos como se se preparassem para levá-lo embora. Eu me preparei, triste que sua rejeição iminente parecia familiar. Enquanto eu ainda tinha chance, eu disse a ele o que precisava dizer.

— Eu te amo, pai, e eu quero um relacionamento com você, mas eu não preciso de um, e isso não tem nada a ver com a minha transformação em vampira. Muito tempo atrás, eu aprendi que podia sobreviver sem sua aprovação ou seu amor.

— Leila, — ele começou, dando um passo na minha direção.

— Não. — Fechei meus olhos brevemente. — Você pode ter desejado me perdoar por eu ter contado para a mamãe sobre você a trair, mas lá no fundo, você não perdoou. É por isso que você continua me afastando, mas aqui está a verdade: eu não fiz a mamãe te deixar. Você fez, através das suas ações. Eu contei a ela sobre sua infidelidade por maldade e esse é o meu pecado, mas ela me perdoou. — Minha voz endureceu. — Ela perdoou nós dois, e ela ainda nos ama, também. E senti isso quando a vi depois que eu morri e antes de Vlad me trazer de volta.

Ele respirou fundo, sua mão tremendo tão forte que a bengala com a qual ele andava começou a sacudir. Lágrimas começaram a escorrer em trilhas lentas pelo meu rosto. Não de tristeza, dessa vez; de alegria pela lembrança do meu vislumbre da minha mãe.

— Eu tinha esquecido as pequenas linhas que se enrugavam ao redor dos olhos dela quando ela sorria. — Eu disse com a voz rouca. — Ou como ela cheirava a água da chuva e freesia. E eu não tinha percebido o quanto eu precisava saber que ela me perdoou até que eu senti isso em cada parte da minha alma. Talvez você precisasse saber disso também.

Uma lágrima deslizou pelo seu rosto envelhecido, e ele curvou a cabeça como se estivesse embaraçado por eu ter visto.



— Ela estava... onde ela estava, ela estava feliz? — Ele murmurou.

Cruzei a curta distância até meu pai, vendo sua expressão surpresa quando ele olhou para cima e me encontrou bem na frente dele. É verdade, meus movimentos seriam um borrão para ele agora.

— Sim, ela estava feliz, — eu disse, acendendo meus olhos. Não importa o que acontecesse em nosso relacionamento, eu precisava que ele soubesse disso, e se isso significava implantar esse conhecimento com controle de mente vampírico, então que seja.

Ele sorriu com uma alegria que eu não vi em anos, partindo meu coração por que isso transformou momentaneamente seu rosto naquele que eu me lembrava da minha infância. Eu não pude me impedir de tocar sua bochecha enquanto tentava memorizar a aparência dele.

— Eu te amo, pai. — Eu sussurrei, desligando o poder no meu olhar. Isso, ele tinha que escolher acreditar por si mesmo. Então eu o deixei e caminhei de volta para o Vlad. — Por que você não pensa sobre as coisas por um tempo? — Eu disse em uma voz normal e controlada. — Talvez possamos conversar novamente em breve.

Ele piscou como se estivesse surpreso ao perceber que, na verdade, ele foi dispensado. Então ele secou o rosto e acenou uma vez.

— Sim. Isso seria... bom. — Ele se atrapalhou com a última palavra, provavelmente porque Vlad ainda estava sorrindo para ele de uma forma que dizia que ele adoraria descobrir o quão rápido meu pai poderia sangrar até morrer.

— Cuide-se. — Eu disse, esperando que Vlad não expressasse qualquer um desses pensamentos.

Meu pai se virou para ir, então parou na cortina. — Eu sei que o que você está fazendo é perigoso, então, por favor, tenha cuidado. Aquele vídeo... eu morri um pouco por dentro assistindo ele. Eu nunca serei o pai que você merece, mas humana ou vampira, eu ainda te amo.

Ele deixou a cortina cair atrás dele, não me dando a chance de responder. Talvez assim seja melhor. Nós dois já prometemos esquecer o passado antes e não fomos capazes, então, talvez, esteja na hora de pararmos de tentar fazer isso e, ao invés, tentarmos nos aceitar como somos, com defeitos, bagagem e tudo.



Gretchen irrompeu pela cortina momentos depois. — Diga ao seu brutamontes para se afastar, ele não quer me ouvir. — Ela disse, acenando para Samir, que estava bem atrás dela.

O guarda disse algo rapidamente em romeno e eu já tinha ouvido versões o suficiente da mesma coisa para saber que Samir estava pedindo permissão para remover fisicamente minha irmã.

— Deixe-a, ela tem permissão. — Eu disse a ele.

Samir hesitou por um momento antes de se curvar para mim, em seguida voltar para trás da cortina.

— O que aconteceu com o pai? — Gretchen perguntou de uma vez. — Vocês dois brigaram? Ele parecia chateado, e estava secando o rosto.

— Não. Nós não brigamos, embora Vlad possa ter sido um pouco duro com ele. — Eu resumi.

Ele me deu um olhar irônico. — Pergunte a qualquer um dos meus antigos prisioneiros se aquilo se assemelha ao que eu faço quando estou sendo um pouco duro.

— Só porque você não o torturou não significa que você não foi duro, mas eu sei por que você fez isso. — Corri meus dedos pelo cabelo dele. — Obrigada por tentar me proteger.

O mais cru dos sorrisos tocou sua boca. — Eu prefiro simplesmente matar pessoas que te machucam. Muito menos complicado desse jeito.

— Então você mostrou um monte de autocontrole. — Eu disse, sorrindo de volta porque eu sabia que meu pai não corria nenhum risco. — E porque eu não tenho te dito isso o suficiente, eu te amo.

Seus braços me prenderam e ele abaixou a cabeça, mas antes que seus lábios escovassem os meus, a voz da minha irmã ecoou.

— Caso Leila não tenha deixado isso claro, você não está autorizado a matar meu pai. — Gretchen disse, soando irritada.

Rolei meus olhos quando me virei para olhar para ela. — Você realmente pensa que ele faria isso?

— Se papai o irritar o suficiente... — Foi a resposta instantânea de Gretchen. — Matar é meio que a coisa do seu marido, ou você ainda não se



incomodou em pesquisar “Vlad Dracul” no Google ainda?

— Pelo menos você não adicionou um A no final da palavra com D, ou eu estaria convencendo-o a não matar você a seguir, — eu disse de brincadeira. Quando seus olhos se arregalaram, eu ri.

— Gretchen! Vlad não vai matar você, papai, ou qualquer outro que não o esteja ameaçando diretamente, ok? Parede de acreditar em tudo que você lê online.

— Observe como *ele* não está concordando com isso. — Ela ressaltou.

Olhei para o Vlad, cujas sobrancelhas levantaram em falsa inocência, como se dissesse *Quem, eu?*

— Vlad, — Eu repreendi. — Vamos lá. Você está assustando ela.

A boca dele se contorceu. — O medo é o início da sabedoria, e sua irmã precisa começar de algum lugar.

Fiz um som exasperado. — Ele já prometeu não machucar minha família, na época em que começamos a namorar. — Eu disse a Gretchen. — Nem você nem o pai têm nada com que se preocupar.

Com aquilo, sua carranca sumiu. — Oh, ok. Ele faria tudo por você. Isso eu percebi.

— Então você não é tão ingênua quanto parece. — Vlad murmurou, mas, felizmente, Gretchen não ouviu. Ela já estava no próximo tópico.

— Quando pousamos? Os caras sem teto que vocês recolheram comeram toda a comida horas atrás e eu estou faminta.

Como se pegasse a deixa, o avião começou a descer, caindo um pouco mais abruptamente do que o normal, mas talvez tenhamos atingido um bolsão de ar.

— Parece que agora...

Não terminei minha frase. O avião passou de uma inclinação mais acentuada que o normal para uma queda completa de nariz, tudo tão rápido que eu teria sido esmagada no teto como Gretchen, se não fosse por Vlad me segurando. Gretchen gritou, atingindo os assentos próximos quando a trajetória do avião brevemente a fez sacudir do teto ao chão. Meu estômago afundou de forma nauseante quando eu a agarrei, apertando-a tão forte que ela gritou de



dor dessa vez.

— *Ce faci?* — O grito de Samir se elevou sobre os gritos dos outros passageiros. Alguma parte da minha mente traduziu como “O que você está fazendo?”, mas o resto de mim estava chocada demais para me importar com o que ele estava dizendo. Tudo em que eu conseguia focar era no que estava acontecendo. Momentos atrás, eu não via quaisquer luzes do lado de fora das janelas. Agora, eu via, e elas pareciam estar se aproximando de nós.

Nós não estávamos pousando. Nós estávamos caindo.



Capítulo Trinta e Um.

Tudo que aconteceu a seguir foi tão rápido que me lembrou da primeira vez que eu vi Marty se mover com velocidade sobre-humana: eu não pude fazer nada exceto encarar, impressionada pelo que meus olhos estavam processando, embora minha mente ainda se recusasse a acreditar.

O aperto de Vlad em mim virou aço, então ele estava voando conosco para a frente do avião, comigo puxando contra ele e Gretchen presa em meus braços. Nós sequer alcançamos a cortina antes de sermos bombardeados por corpos batendo em nós por causa da velocidade da queda do avião. O horrível som de metal sacudindo combinado com gritos formou um guincho ensurdecedor. Então a rápida mudança de pressão na cabine me atingiu com quase tanta força quanto os vários membros que nos acertavam enquanto Vlad forçava seu caminho através das barreiras vivas entre ele e a parte da frente do avião.

— *Este preá tarziu!* Ne vom prabusi!* — Alguém gritou. — Nós vamos bater!

**É tarde demais!*

Vlad gritou algo de volta e me girou até que eu estava de frente para ele. — Segure meu pescoço, — ele ordenou. — Eu peguei Gretchen.

Eu devo ter feito isso, porque a próxima coisa que eu percebi é que Vlad agarrou meu pai da massa de pessoas embaralhadas gritando. Então fomos sugados para o lado com tanta força que eu me senti como uma formiga que foi aspirada por um aspirador de pó. Escuridão e luzes brilharam ao nosso redor, rápido demais para focar em algum lugar, seguido por um laranja brilhante abaixo e um *boom* que eu senti mais do que ouvi.

Pousamos com força alguns momentos depois, o brilho laranja a mais de um quilômetro de distância, mas o cheiro de combustível queimando já nos alcançando. Vlad colocou Gretchen e meu pai para baixo, e outro cheiro me fez perceber que Gretchen fez xixi na roupa, ou pelo terror ou pela voltagem que ela absorveu quando eu a agarrei primeiro. Antes que eu pudesse verificar se ela estava bem, Vlad gentilmente me puxou para baixo, ao lado do meu pai.



— Leila, — ele disse em um tom calmo, — você precisa eletrocutar o peito do seu pai agora. O coração dele parou.

Aquilo me arrancou de qualquer que seja a inércia atordoada que tomou conta de mim desde que eu percebi que o avião estava caindo. Com um soluço estrangulado, rasguei a blusa do meu pai, expondo seu peito. Então pousei minhas duas palmas contra ele e soltei uma corrente que fez seu corpo sacudir. Quando pressionei meu ouvido contra seu peito depois, o pânico me atingiu.

Sem respiração, sem batimento cardíaco. Nada.

— Você tem que fazer respiração boca a boca nele enquanto eu continuo tentando. — Eu disse, engasgando, lágrimas tornando tudo borrado. Então eu comecei a comprimir o peito do meu pai como eu vi pessoas fazendo nos filmes, pausando para deixar Vlad soprar ar nos seus pulmões entre as compressões. Após vários segundos, eu disse “Afasto!” desesperada, e o eletrocutei novamente.

Dessa vez, eu ouvi alguns fracos *boom-booms* antes que as coisas ficassem preocupantemente silenciosas novamente. Comecei compressões peitorais novamente, eu mesma soprando em sua boca dessa vez, por que eu não podia suportar sequer aqueles breves segundos de não *fazer* algo. Então, eu o eletrocutei novamente, usando voltagem suficiente para fazer suas costas se afastar totalmente do solo por alguns instantes. Quando seu corpo caiu de volta, pressionei meu ouvido no seu peito novamente, orando.

Boom-boom... boom-boom... boom-boom...

Agora que seu coração finalmente começou a bater, deitei minha cabeça no chão perto dele e chorei de alívio.

— **E**u não entendo. — Samir soava tão confuso quanto eu. Talvez fosse por isso que ele estava falando em inglês. Ele normalmente tinha que ser lembrado de fazer isso perto de mim.

Alívio pelo meu pai se tornou tristeza quando nos encontramos com o resto do nosso grupo e vimos quão poucos de nós haviam. Além de mim, Vlad, Gretchen e meu pai, apenas Samir, Petre, e dois dos novos humanos recrutas sobreviveram. Todos os outros morreram quando o avião se chocou contra o solo após um mergulho quase vertical. Nem mesmo vampiros podiam



sobreviver àquele tipo de impacto, muito menos à bola de fogo que isso causou e que iluminou o céu, e Vlad e Samir eram os únicos vampiros que podiam voar para longe antes que o avião condenado batesse.

Vlad salvou a mim e à minha família, e Samir agarrou Petre e os dois humanos mais próximos nos segundos frenéticos antes de se lançar pela saída lateral que Vlad abriu com um golpe. Para minha gratidão eterna, Marty não estava nesse voo. Sua antipatia por Vlad o fez escolher ficar para trás com Darryl enquanto o novo vampiro superava sua fome.

— Claude e Erin olharam direto através de mim, — Samir continuou. — Eu conhecia a ambos por mais de duzentos anos, ainda assim, eles eram como estranhos quando eu tentei lutar contra eles para tirá-los dos controles e salvar o avião.

A cabeça de Vlad levantou. — Eles fizeram mais alguma coisa estranha?

— Você quer dizer, além de se matarem, junto com várias outras pessoas? — Perguntei, sem acreditar.

Vlad não respondeu aquilo, apenas continuou encarando Samir. — E então? — Ele pressionou.

— Eles não pareciam com raiva, — Samir disse lentamente, como se tentasse lembrar. — Ou com medo, ou arrependidos, ou qualquer coisa que eu teria esperado, baseado no que eles estavam fazendo. Claude e Erin estavam apenas... desligados, além da determinação deles de derrubar o avião.

Vlad murmurou uma maldição particularmente suja em Romeno. — Quando estávamos em Vegas, eles deixaram o hotel para se alimentar?

Samir parecia surpreso. — Claro. Era Vegas.

Após outra maldição de queimar os ouvidos, eu entendi. — Eu agi daquela forma quando tentei me matar, não foi? Então você acha que o necromante encontrou um jeito de enfeitiçar os pilotos também.

Deus sabe que eu me sentia desligada, nada além da necessidade obsessiva de arrancar minha cabeça. Eu não liguei para nada mais, e eu tenho certeza de que olhei direto através de Vlad quando ele me impediu, da mesma forma que Claude e Erin olharam direto através de Samir quando ele tentou impedi-los de forçar o avião em um mergulho fatal.



— Isso explicaria por que pessoas leais a mim por quase trezentos anos subitamente tentaram me matar, — Vlad levantou. — Ou pelo menos, matar minha esposa e o resto dos meus homens mais confiáveis, já que Szilagyi saberia que seria com eles que eu estaria viajando.

Szilagyi. Mesmo quando pensamos que estávamos tomando a ofensiva contra ele, acabamos por estar lutando por nossas vidas novamente. Como esperávamos derrotá-lo, se tínhamos que vigiar com cuidado as pessoas ao nosso redor, imaginando qual deles pode ter sido magicamente motivado a nos matar a seguir?

No desespero, a solução apareceu na minha mente.

— Todo mundo precisa beber a poção que eu bebi. — Eu falei para o Vlad. — Se for uma poção mais fraca, ela vai curá-los. Se for a mesma, ela vai torná-los temporariamente azul. De qualquer forma, nós vamos saber quem o necromante de Szilagyi pegou e quem não pegou.

Vlad puxou seu celular, discando. — Mencheres, — ele disse alguns momentos depois. — Eu preciso dos ingredientes para a sua cura.



Capítulo Trinta e Dois.

Nós caímos na Eslovênia, mas não fomos para a casa do Vlad lá.

Sem surpresa, ele não confia mais em quem quer que esteja esperando por ele. Nós confiamos em Samir e Petre porque eles tentaram salvar o avião, o que significa que eles não estavam enfeitiçados, e os dois homens sobreviventes do abrigo de sem tetos eram humanos, então o necromante não se incomodaria com eles.

Em vez disso, nós fomos para o Lago Misurina, na Itália. No exterior, o pequeno hotel em que Vlad parou me pareceu que foi uma estrutura grandiosa antigamente, mas que o tempo e o progresso tinham deixado para trás. Ele também tinha uma vibração extremamente gótica, com montanhas que se erguiam como gigantes escuros atrás dele, enquanto o lago em frente refletia o hotel e o cenário como se fosse um espelho gigante.

No interior, o hotel parecia impecável e reformado, com todas as amenidades modernas. Ele também não estava ocupado, o que ficou óbvio quando Vlad nos guiou direto através da recepção vazia.

— Esse lugar está vazio? — Perguntei, minha voz ecoando nos tetos altos do grande saguão.

— A maior parte do tempo. — Ele respondeu. — Essa é uma casa segura para membros da minha linhagem, então ele é cuidado por habitantes locais, mas eles não se lembram por que ele não foi reaberto.

— Tanto faz, por favor, diga-me que há um hospital por perto. — Gretchen disse, ajudando nosso pai a se equilibrar, já que sua bengala explodiu com o avião. — Ele precisa de um médico.

Eu também não gostava do tom cinzento da pele do meu pai, mas seu batimento cardíaco permaneceu estável por todo o caminho até aqui, o que consistiu em dirigir e voar via Vlad Air. Isso poderia ter causado outro ataque cardíaco no meu pai, se Vlad não o tivesse hipnotizado antes para pensar que nós dirigimos o caminho todo.

— Estou bem. — Meu pai rosnou. — Eu só preciso me deitar um pouco.



— Sem médicos. — Vlad disse. — Não podemos ter nossa presença exposta para mais pessoas além do absolutamente necessário. Além do mais, o que eu tenho vai te curar mais rápido e mais profundamente.

Com aquilo, meu pai ficou pálido. — Eu *não* vou beber seu sangue.

— E eu *não* vou te deixar morrer após poluir minha boca com a sua para respirar ar nos seus pulmões. — Vlad respondeu. — Leila te ama e ela já tem passado por muito, sem ter que lidar com a perda do pai dela, então você não tem permissão para recusar, Hugh.

Eu não sabia o que pareceu chocar mais meu pai: descobrir que Vlad fez respiração boca-a-boca nele, ou ouvir que ele não tinha escolha sobre beber o sangue de Vlad. Eu ainda estava muito preocupada com a saúde do meu pai, mas eu não queria que ele fosse forçado a fazer algo contra sua vontade. Talvez se eu falasse com ele, ele veria que essa era a sua melhor opção, e poderia ser o meu sangue, ao invés do sangue do Vlad, também.

— Pai, eu acho que você deveria...

— Abra, — Vlad interrompeu, então rasgou seu pulso com uma presa e o esfregou sobre a boca do meu pai.

Os olhos do meu pai se estreitaram de raiva, mas com Vlad o agarrando por trás, ele não podia afastar o pulso ensanguentado de sua boca. Ele só podia tentar chutar Vlad em um protesto furioso e silencioso, mas, com uma perna aleijada, ele estava tendo problemas para fazer aquilo, também.

— Eu já vou chegar nisso. — Vlad murmurou.

Eu assistir aquilo, despedaçada. Por um lado, eu odiava ver meu pai ser maltratado. Por outro, isso era para o seu próprio bem e era malditamente melhor do que vê-lo morto, o que eu brevemente vi.

— Isso não vai acontecer sempre, pai. — Eu disse, tentando tirar o melhor de uma situação ruim para ele. — Quando for seguro, nós vamos te levar a um médico e você não terá que beber sangue de vampiro de novo.

— Claro que não. — Vlad disse, me surpreendendo ao arrastar meu pai para o chão. — Pelo menos, não depois disso.

Com aquilo, sua mão esmagou o joelho ruim do meu pai antes que eu pudesse gritar para ele parar. Então ele mordeu seu pulso de novo, enviando um jato tão grande de sangue na boca do meu pai que transbordou dos lados.



Meu pai tossiu e engasgou, seu grito de agonia cortado por aquele fluxo vermelho.

Gretchen engasgou. — Olhe!

Eu não precisava, porque eu não tinha tirado os olhos do joelho do meu pai. Uma fração de segundo depois de ver Vlad o esmagar em uma polpa, percebi o que ele estava fazendo. Meses atrás, ele disse que podia curar o joelho do meu pai. Meu pai deve ter lembrado disso também, porque sua descrença se transformou em entendimento enquanto o caroço sangrento e disforme começava se consertar de volta.

Se Vlad não tivesse esmagado o joelho primeiro, as propriedades curativas do sangue de vampiro não teriam feito que novos ossos, tecidos e tendões substituíssem os antigos danificados. Eu não precisava ver meu pai dobrando sua perna de uma forma que ele não foi capaz de fazer por anos para saber que os danos “irreparáveis” causados por uma bomba caseira que o aleijou se foram.

Vlad o forçou a engolir um último gole, então ele o soltou, dando a ele um sorriso charmoso enquanto estava de pé sobre ele.

— Se você acha que isso é imperdoável, espere até ver o que eu vou fazer com o meu *outro* sogro.

Com aquilo, Gretchen finalmente encontrou sua voz. — Você é um bígamo? Leila, você sabia disso?

— Essa esposa morreu há mais de quinhentos anos atrás. — Eu disse, observando a expressão do meu pai para julgar se ele ia perder a cabeça. — Pai, eu sei que você está bravo...

— Não o mime. Se nada mais, ele é um soldado. — Vlad disse, olhando duro para o meu pai. — Você já viu minhas habilidades, porém, se o vampiro que me criou ainda estivesse vivo, eu seria considerado fraco comparado a ele. Esse é o quão poderoso ele era, e quando eu percebi isso pela primeira vez, fiquei aterrorizado, mas eu entreguei minha humanidade a ele porque essa era a melhor maneira que eu poderia proteger meu país e família.

Ele olhou para mim em seguida, seu olhar não menos duro, mas as emoções que se derramaram sobre as minhas quando ele derrubou seus escudos eram onda após onda de amor cru e puro.

— Ela é minha família e país agora, então não há nada que eu não faria



por ela, incluindo curar um homem que continua falhando com ela. Você está com raiva por que eu te dei sangue, te fortaleci e reparei o dano que você sofreu de uma batalha antiga? — Seu tom ficou prático. — Você deveria ter me implorado para fazer isso, assim como, séculos atrás, eu implorei a alguém muito mais assustador que eu para fazer o mesmo.

Assim que ele terminou de falar, ele estendeu o braço para mim. Eu o encarei, minhas emoções em um redemoinho. Parte de mim estava irritada com Vlad por sua completa indiferença com os desejos do meu pai. Mesmo que meu pai esteja errado, ele é um homem adulto que tinha o direito de estar. A outra parte de mim... vampira?... sobrevivente?... essa concordava com o que ele fez. Meu pai estava deixando a teimosia ditar suas ações, e, em uma guerra onde suas duas filhas podiam virar danos colaterais, ele não devia fazer isso. Vlad se certificou de que a saúde do meu pai ou antiga lesão não seriam uma fraqueza que nossos inimigos poderiam explorar, e um militar veterano como meu pai saberia que elas seriam exploradas, se ele deixasse de estar tão irritado sobre as suas circunstâncias.

Então, após apenas um segundo de hesitação, eu peguei o braço de Vlad. Como eu disse ao meu pai mais cedo, nós éramos uma unidade agora, o que significava que quaisquer problemas que tivermos, lidaríamos com eles juntos.

Samir tossiu para chamar nossa atenção quando se aproximou, Petre e os outros sobreviventes do acidente atrás dele. — Eu estive aqui antes, então eu posso mostrar a vocês aonde ir para se limpar.

— Ótimo. — Gretchen disse, finalmente afastando seus olhos do joelho recentemente curado do papai. — Eu preciso de um chuveiro como nunca precisei de um antes.

Perdemos todos os nossos ingredientes de feitiço no acidente, então nosso plano de fazer versões mágicas de granadas foi posto em espera. Ao invés disso, Vlad me levou com ele para pegar o que precisávamos para a “cura”, que agora eu me referia como o teste detector de feitiço.

— Talvez eu devesse ficar com a minha família, ver se posso acalmar meu pai. — Eu sugeri.

— Sem chance. — Foi a resposta dele. — Se o feitiço em você for reativado, você vai matar a eles e a si mesma. Apenas eu sou forte o suficiente



para te deter, então nós ficamos juntos.

Egoisticamente, eu preferia assim. A forma mais rápida de viajar era com ele voando, e com a cobertura da noite, era menos suspeito, também. Ainda assim, levou o resto da noite para pegar o que precisávamos. A última coisa que eu vi antes de desmaiar nos braços do Vlad foi a luz surgindo sobre as montanhas atrás do hotel, o lago refletindo a imagem como se eu estivesse vendo em dobro.

A próxima coisa que eu vi foi Gretchen olhando curiosamente para mim de sua posição agachada a alguns metros de distância.

— Se ela te morder, é sua própria culpa. — Samir disse em um tom exasperado. — Você nunca deve chegar tão perto de um novo vampiro acordando.

— que tá acontecendo? — Eu murmurei, olhando em volta. Eu estava em um pequeno quarto sem cela que eu reconheci como uma cela de contenção de vampiro. Minhas mãos estavam algemadas juntas, mas minha mão direita também estava coberta com cerca de trinta centímetros de borracha, que foi amarrada nela como uma luva de boxe de desenho animado.

— Onde está o Vlad? — Perguntei, acordando totalmente quando percebi que apenas Gretchen e Samir estavam comigo.

— Dormindo. — Samir disse, balançando a cabeça. — Tive que forçá-lo, mas ele não pode continuar funcionando a base de ódio e sangue apenas. É por isso que você está amarrada assim. Ele continua queimando sua pele toda enquanto você está dormindo, o que parece manter o feitiço sob controle, mas se ativar novamente, ele teria te ouvido até a hora em que você conseguisse se libertar para se machucar.

— Você parece morta quando dorme. — Gretchen adicionou, como se eu alguma vez quisesse saber disso. — É meio que assustador.

— Obrigada. — Murmurei, sentando. Assim que eu estava na vertical, Samir empurrou uma garrafa térmica para mim.

— Cortesia de um dos turistas do hotel ao lado, não que ele se lembre. — Ele disse, sorrindo.

O sangue não estava mais quente, mas eu bebi até a última gota, meu olhar duro desafiando Gretchen a comentar. Ela não fez, apenas observou com a boca curvada de nojo. Certo. Como se isso fosse mais nojento do que ela



sempre pedindo seu bife mal passado.

— Eu totalmente faria a coisa de vampira se eu pudesse pular a parte de beber sangue. — Ela disse quando eu terminei.

Samir fez um ruído estrangulado, como se ele quase tivesse se engasgado. O antigo Janízaro* que impressionou tanto Vlad com suas habilidades de luta que o fez transformá-lo em parte de sua linhagem, mesmo que Vlad odiasse “turcos”, aparentemente não podia lidar com a ideia de Gretchen como uma vampira. Acho que algumas coisas são assustadoras demais, mesmo para um vampiro de quinhentos anos de idade que comandou as tropas do Sultão, assim como as de Vlad o Empalador.

**Soldado turco.*

— Nós temos que beber isso o tempo todo. — Samir disse, enfatizando as três últimas palavras. — Algumas vezes, baldes e baldes disso.

Eu sufoquei a minha risada ante o olhar no rosto de Gretchen. Ela merecia aquilo.

— Já que estou acordada e não estou sofrendo de qualquer impulso homicida, eu posso sair daqui? — Perguntei, agitando minhas correntes.

Samir olhou para o teto. — Cinco horas, isso é um descanso decente. — Ele disse, quase para si mesmo.

— Vlad só dormiu cinco horas? — Eu me encolhi. — Esqueça. Eu vou ficar aqui, assim.

Samir foi até o canto do quarto, pressionando números em um teclado. — É pôr do sol, então ele já deve estar acordado, de qualquer forma. Eu vou ver. Se ele estiver, não tem necessidade de você ficar aqui embaixo.

— Gretchen, vá com ele. — Eu disse imediatamente.

Ela não teria notado o tremor dele. Não com o quão rápido ele o reprimiu. — Eu já volto. — Samir prometeu. — Gretchen, a corrente de Leila tem um metro e meio de comprimento, então fique longe pelo menos isso e você estará segura.

— Ela disse que está bem, vá. — Minha irmã respondeu. Assim que Samir saiu, a porta de pedra sólida se fechou por trás dele. Gretchen rolou os olhos. — Você não tem ideia do quão irritante ele pode ser.



— Sério? — Perguntei secamente.

Ela não notou a indireta. — Sério, Samir era mais restritivo do que o papai quando estávamos em Vegas, e em Nova Orleans, eu não estava sequer permitia a deixar o hotel. Quero dizer, nós estávamos bem no French Quarter, mas Samir nem mesmo me deixou fazer um daqueles tours históricos assombrados... o que me lembra: você me mandou uma mensagem de texto estranha outro dia?

— Uma mensagem de texto? — Eu disse, não adicionando que eu não mandava mensagem de texto por que meus problemas elétricos fritariam todos os celulares, exceto os mais bem protegidos.

Ela resmungou. — Hum, pensei que tivesse que ser você, já que era um link para um artigo sobre uma masmorra subterrânea do Drácula sendo encontrada...

— O quê? — Interrompi, alarmada. — Alguém te enviou um link sobre coisas do Drácula?

Esse era o jeito de Szilagyi nos provocar sobre ter descoberto minha família? Não poderia ser lixo eletrônico aleatório. Quais eram as chances de alguém *acidentalmente* enviar uma mensagem de texto para a única cunhada viva do Vlad com um artigo sobre o Drácula?

— De que número de telefone isso veio? — Eu pressionei. Talvez pudéssemos rastrear até a fonte.

— Era um número de fora do país, mas quando eu liguei para ele, estava desconectado. — Gretchen disse, sem perceber o medo na minha voz. — Você não acha que seu marido fez isso, acha?

— Sem chance. — Eu disse rudemente. — Vlad preferiria se esfaquear no coração com prata do que publicar qualquer novo boato sobre Drácula...

— Leila? — Gretchen chamou minha atenção quando minha voz sumiu e eu não disse nada por vários instantes.

— Você disse que o artigo era sobre uma masmorra subterrânea? — Eu disse enquanto uma ideia se formava na minha mente.

Gretchen suspirou. — Sim, parece que historiadores ou algo assim pensam que encontraram o lugar onde ele foi aprisionado quando era criança...



— Onde? — Interrompi com mais urgência.

— Eu não sei, em algum lugar. — Gretchen deu de ombros.

Resisti à minha vontade de sacudi-la. — E sobre números? Havia alguns números após o link para o artigo?

Ela me deu um olhar irritado. — Isso foi há dois países e um acidente de avião atrás, então eu não me lembro. Eu não sabia que teria que estudar a coisa porque haveria um quiz.

— Dê-me seu telefone e me deixe ver isso. — Eu exigi.

— Não posso. Ele explodiu no acidente de avião, lembra?

Certo. Agora eu estava tão agitada que esqueci isso. — Não importa, eu vou olhar os artigos para pegar a localização eu mesma. — Eu disse, então gritei. — Samir, deixe-me sair daqui!



Capítulo Trinta e Três.

Vlad olhou para o que eu digitei em sua página de busca e irritação raspou contra meu subconsciente.

— É por isso que você precisava usar meu notebook? Se é uma piada, Leila, eu não achei graça.

— Eu sei que você odeia qualquer coisa ligada à palavra Drácula. — Eu disse, clicando no primeiro link que apareceu. — É por isso que você nunca procuraria por vontade própria e o porquê ninguém do seu pessoal os mencionaria para você, também. É também por isso que o primeiro covil de Szilagyi era sob o castelo no qual você viveu quando era humano. Ele sabia que você não apareceria nem morto em qualquer lugar perto daquela armadilha de turistas.

— Seu ponto é...? — Vlad disse, não soando menos irritado.

Eu achei o que estava procurando, então quase empurrei o notebook para ele. — Leia isso.

Vlad encarou o artigo, uma carranca surgindo em sua testa. — Como sempre, mentiras. Mehmed não transferiu seu palácio para Tokat até anos depois de eu ser liberto, então eu nunca estive lá...

— Vlad. — Eu interrompi. — Digamos que você seja Maximus. Você é observado o tempo todo porque Szilagyi ainda não confia totalmente em você, então você não pode deixar nenhuma mensagem escrita nos lugares programados. Você também não pode se arriscar a contatar nenhum dos seus antigos aliados porque você não sabe quem o necromante de Szilagyi enfeitiçou. Então, como você transmite informações sobre onde Szilagyi está sem ser pego? — Bati na tela para enfatizar. — Talvez enviando uma mensagem de texto com o link de um artigo como esse para Gretchen. Ela é alguém com quem o necromante de Szilagyi não iria se incomodar, porque ela é humana, porém ela também está em constante contato comigo, e assim, consequentemente, com você.

Ele olhou para o artigo de novo, raiva envolvendo minhas emoções



quando ele juntou o que eu ainda não tinha dito.

— Se assim for, então minha prisão de infância é onde Szilagyi tem se escondido. — As palavras estavam cobertas com tanta ira escaldante que eu estava surpresa por não haver fumaça saindo da boca dele. — Ele escolheu isso porque o lugar da minha tortura e estupro seria o *último* lugar para o qual eu retornaria.

E com o doentio senso de ironia de Szilagyi, ele apreciaria tramar contra Vlad no mesmo terreno onde seu velho inimigo experimentou os piores anos de sua vida.

— Então, se não é em Tokat, onde os arqueologistas pensam que é, — eu disse muito suavemente, — onde é?

Duas noites depois, eu observava Edirne, na Turquia, a cerca de dois quilômetros acima, segura nos braços de Vlad. Com minha visão melhorada, eu conseguia distinguir uma mistura de estruturas modernas e antigas abaixo, com rios e áreas vazias de terra enchendo a cidade. Muita coisa mudou nos quase seiscentos anos desde que Vlad foi trazido aqui como uma criança prisioneira, tanto que ele teve que pesquisar Edirne no Google Mapas para ter uma visão aérea da cidade e saber aonde ir.

Mesmo com as mudanças, estar de volta aqui deve doer. Cada ruína que sobreviveu desde o século quatorze deve ser cheia de memórias para Vlad, não que ele fosse divulgar. Mesmo com meu corpo pressionado contra o dele, eu não conseguia sentir sua aura. Ele a sufocou em níveis indetectáveis e suas emoções estavam tão firmemente trancadas quanto.

Nós pairamos no ar por alguns segundos, Vlad checando as imagens no seu telefone por satélite para confirmar que nós estávamos na parte certa da cidade. O breve atraso deu a Samir a chance de nos alcançar. Ele tinha Petre nos braços, e os dois vampiros pareciam tão severamente determinados quanto eu. Nós quatro éramos todo o exército que teríamos essa noite, mas mais pessoas poderia ter alertado Szilagyi da nossa chegada. Mesmo que Szilagyi tenha sistemas de segurança vasculhando os céus sobre seu esconderijo, nós facilmente poderíamos ser confundidos com um pequeno bando de pássaros.

— Lá. — Vlad disse, apontando para uma das muitas pontes da cidade.



Então ele inclinou o corpo para nos lançar sobre ela.

Pousamos no começo de uma ponte de pedra que levava a uma minúscula ilha. Na ilha, uma torre triangular se erguia a quase vinte metros no ar. A torre era iluminada por luzes externas, então chamava a atenção, mas não foi isso que prendeu a atenção de Vlad. Ele me soltou e encarou a ponte, as mãos cruzadas atrás das costas e seu corpo todo rígido.

Eu queria pegar uma daquelas mãos e apertar, em apoio silencioso. Ou envolver meus braços ao redor dele, mas eu fiquei onde estava. Ele me disse o que precisava de mim essa noite, e não foi apertos de mão ou abraços. Além do mais, ele não queria conforto. O que ele queria – precisava – agora era uma vingança feroz e sangrenta.

E eu também, mas nós tínhamos um problema.

— Esse é o lugar? — Perguntei baixinho. — Há pessoas nessa ilha. Humanos.

Sua boca se curvou com uma frieza que eu raramente via nele. — Sim, do outro lado dessa ponte é onde o antigo palácio imperial costumava ficar, por isso é uma atração turística.

— Talvez devêssemos esperar até mais tarde. — Só se passou uma hora desde o anoitecer. O lugar tinha que esvaziar logo...

— Não.

A veemência naquela única palavra fez Samir e Petre tirarem suas mochilas e esvaziarem os conteúdos. Eu encarei Vlad, momentaneamente muda. Ele não poderia estar falando sério sobre acabar com um monte de pessoas inocentes junto com Szilagyi, poderia?

— Eu também o quero morto, mas não ao custo de cadáveres de pessoas cujo único crime é estarem no lugar errado, na hora errada.

— Você sabe o que os turistas fazem muito, muito bem? — Vlad me perguntou, a nova suavidade em sua voz ainda mais assustadora do que o seu antigo tom duro. — Correr ao primeiro sinal de perigo.

Então ele começou a atravessar a ponte, ignorando a mochila que estava destinada a ele, suas únicas armas eram as duas espadas de prata que ele tinha em bainhas cruzadas em suas costas.

— Está na hora de dar a eles algo do que fugir. — Ele murmurou. Fogo



explodiu na frente dele, o que fez Samir, Petre e eu trocarmos olhares atônitos. Nós havíamos combinado que nos aproximaríamos da base de Szilagyi silenciosamente. Quando foi que isso mudou?

— Novo plano. — Vlad gritou, como se respondesse aquilo. — Mantenham Leila desse lado da ilha. Eu vou sozinho.

As pessoas na ilha viram as línguas de fogo iluminando a ponte e começaram a murmurar, preocupadas. Aqueles murmúrios viraram gritos quando grandes criaturas pareceram se formar do fogo, surgindo à frente de Vlad e correndo para a ilha. Então as criaturas de fogo uivaram, o som ecoando os sinistros rugidos do inferno. Mais e mais delas se formaram, até que parecia que a ilha estava sendo invadida por lobos feitos puramente de fogo.

Foi então que o tumulto começou, provando que Vlad estava certo. Turistas corriam muito rápido ao sinal de perigo. Samir, Petre e eu quase fomos pisoteados por sua correria louca sobre a ponte até o continente, que agora era o único lugar que não estava cheio de criaturas de fogo. Vlad já estava a cem metros de nós, suas mãos iluminadas por chamas alaranjadas e azuis. De repente, um grupo de criaturas de fogo se uniu em uma grande bola girando que se lançou ao ar antes de cair de volta com um impacto que fez o solo tremer como se fosse um terremoto. Quando a bola de fogo sumiu, um túnel foi revelado no chão à direita da torre triangular. Vlad se jogou ali e desapareceu.

Samir terminou de desempacotar as armas que estavam na sua mochila. — Nós esperamos aqui. — Ele disse enfaticamente. — Se Szilagyi conseguir fugir de Vlad, nós o impedimos.

— Não, nós não impedimos, porque ele pode voar. — Eu discuti. — Ou nadar, ou pular, ou qualquer coisa! Vlad errou ao fugir do plano, mas nós não devemos fazer parte do erro obedecendo.

— Ele é o *vovoide*. — Samir disse, como se isso encerrasse a discussão.

Minha mandíbula cerrou pelo esforço de me impedir de gritar com eles. — Isso significa “príncipe”, não Deus, então ele não está isento de cometer um erro.

Eles continuaram me encarando como se eu estivesse falando uma língua estranha. Dei um olhar frustrado para a ilha. Ela estava esvaziando



rapidamente, mas Vlad estava lá, e muito provavelmente, também estavam seu pior inimigo e o mais perigoso tipo de feiticeiro: um necromante. Eu não iria simplesmente esperar aqui, cruzar os dedos e esperar pelo melhor.

— Ok. Não desobedeçam Vlad indo lá para ajudá-lo. Façam isso para me proteger, porque eu não vou ficar aqui.

— Você não pode. Você pode ser um perigo para si. — Samir disse, agarrando a parte de cima do meu braço.

— Acredite em mim, eu sou a coisa mais longe de uma suicida agora. — Eu rebati, me afastando. — Mas Vlad está agindo como se *ele* fosse, então nós vamos fazer o que planejamos quando estávamos todos pensando claramente. Um de nós fica na ponte enquanto o resto vai ajudar Vlad.

Eu não esperei que ele respondesse, afastei-me e corri pela ponte. Uma vez na ilha, fui para o objeto mais próximo que não estava em chamas. Acabou sendo a luz exterior ao redor da torre, e eu arranquei minha luva antes de mergulhar minha mão em uma das lâmpadas.

A onda de eletricidade me atingiu com uma súbita força delirante. Eu revivi viagens por cocaína através de outras pessoas que não pareceram tão boas. Assim como aconteceu quando eu estava escapando da minha antiga cela, eu em encontrei não apenas absorvendo energia, mas também puxando-a à força para o meu corpo. Muito cedo, as luzes ao redor da torre queimaram e ficaram escuras.

Eu girei, indo para a próxima fonte de eletricidade. Era uma pequena central elétrica próxima a um estádio de aparência moderna; e a voltagem muito mais alta me sacudiu com a potência. Quando o estádio ficou escuro, acabando com o resto da energia da pequena ilha, eu estava tremendo em êxtase.

Mas eu não suguei toda aquela eletricidade para curtir um barato. Eu a recanalizei na minha mão direita, onde uma corda branca ofuscante começou a crescer. Após alguns segundos de concentração intensa, eu tinha um chicote escaldante que se enrolava e estalava como uma cobra perseguindo uma presa. Eu combati a urgência quase irresistível de procurar mais energia e corri para o buraco que Vlad explodiu na terra.

Eu parei antes de pular na abertura que levava ao labirinto de túneis sob as ruínas do antigo castelo. A sobrecarga de tensão deixou minha visão um pouco embaçada. Isso, combinado com a espantosa exibição de fogo ainda



destruindo a ilha, tornou impossível para eu ver se Petre ou Samir ainda estavam na ponte, ou se algum deles entrou nos túneis enquanto eu estava me abastecendo. Eu decidi não voltar para a ponte para descobrir. Muito tempo já tinha sido desperdiçado.

Eu me joguei no túnel, olhando em volta para as paredes de pedra ásperas. A estrutura estreita e simples não dava indicações se eu deveria ir para a direita ou esquerda. Qual caminho Vlad escolheu?

Um fraco brilho laranja à minha esquerda respondeu aquilo, e eu corri em direção à luz bruxuleante das chamas dele.



Capítulo Trinta e Quatro.

Após cerca de cinquenta metros, comecei a ver toques modernos na estrutura antiga que apoiava nossa ideia de que esse era o esconderijo secreto de alguém. As câmeras presas ao teto em vários lugares do túnel de pedra certamente não eram comuns na época do sultão, e eu acabei com cada uma por onde passei, matando a fonte de alimentação delas. Vlad poderia ter feito o mesmo com fogo, mas ele não fez, e isso me preocupou. Ele estava tão consumido pelo ódio que não se importava se Szilagyi soubesse onde ele estava?

A preocupação com Vlad, mais o desejo por vingança... alimentados por uma viagem de eletricidade, levaram-me a avançar com tudo, como uma cavalaria, e quase me fizeram alheia aos ruídos leves atrás de mim. Assim que os ouvi, fiquei tensa, mas não me virei. Não poderia ser Petre ou Samir. Eles não eram estúpidos; eles nunca iriam se esgueirar por trás de mim em território inimigo sem dizer nada. Muito menos andar furtivamente atrás de mim enquanto tentavam encobrir todos os sons da presença deles.

Parei, como se estivesse confusa, enquanto tentava esconder meu chicote tanto quanto possível. Isso não era fácil, já que o brilho dele iluminava a minha sessão do túnel. Apesar disso, com sorte, quem quer que fosse essa pessoa poderia pensar que um vampiro desarmado era uma presa fácil. Porém, o túnel era tão estreito que eu não seria capaz de dar um golpe decente em quem quer que esteja atrás de mim. Eu não tinha trazido quaisquer outras armas, então eu não podia deixar as paredes receberem a maior parte da carga do meu chicote. Talvez se eu conseguisse chegar a uma das celas, eu teria espaço suficiente para girar em um arco letal e acertar meu perseguidor. Elas tinham que estar em algum lugar aqui embaixo.

Decidida, comecei a correr novamente, escutando com atenção para saber se meu perseguidor estava acompanhando. Ele estava, a julgar pelos passos leves, mas muito mais lentamente. O túnel começou a inclinar para baixo, levando-me mais fundo no subsolo. O medo começou a mastigar seu caminho pela minha espinha, porque a única luz que eu via agora vinha do meu chicote. O brilho das chamas de Vlad sumiu, e não havia nenhum sinal ou



som dele. Era como se a masmorra o tivesse engolido.

O pensamento me fez correr mais rápido, trazendo-me à porta aberta no final do túnel. Eu me lancei através dela... e então congelei, surpresa. Vlad ainda não estava à vista, mas uma antecâmara de um quilômetro e meio se estendia diante de mim, com múltiplas entradas para outras passagens, mostrando que aquele não era o fim do calabouço. Era o início.

O modo de sobrevivência me bateu e eu corri para longe da entrada. Eu não iria me fazer de alvo estático para meu perseguidor, quem, a julgar pelos sons quase imperceptíveis, ainda estava descendo o túnel atrás de mim. Apesar do tamanho atordoante da masmorra, eu também estava surpresa pelas centenas de pequenos buracos que pontilhavam o lado direito da antecâmara. Eles se estendiam por todo o caminho até o teto, que devia ter uns nove metros de altura. O layout me lembrou de um estranho favo de mel de pedra e eu imaginei que eles fossem compartimentos de armazenamento, até eu ver a madeira podre e ossos que os sinalizavam. Então eu entendi.

Aqueles não eram compartimentos de armazenamento. Eram celas, e os pequenos e apertados espaços faziam as piores celas na masmorra do Vlad parecerem suítes em comparação. Eu tremi, mantendo minha mão direita perto de mim. O que aqueles pobres prisioneiros passaram poderia me deixar louca se eu tocasse um traço de essência vital aqui.

Passos ecoaram do lado de fora da entrada do túnel. Eu me agachei, enrolando meu chicote em preparação. Eu o sacudi assim que meu perseguidor misterioso entrou na antecâmara, mas ele saltou para trás com uma velocidade incrível, evitando todo o comprimento mortal do chicote.

— Espere. — Ele disse quando eu ergui minha mão de novo.

Eu esperei, mais para recarregar o chicote do que para obedecer. Ele se movia mais rápido do que eu previ, então eu precisava de um alcance maior.

O brilho que meu chicote emitiu lançou uma suave luz branca no rosto do estranho, tornando-o fácil de reconhecer. Ele era o passageiro da minha visão de antes, de Szilagyi no carro, mas aquele vislumbre não o fez justiça. Na verdade, era difícil decidir o que era mais impressionante: sua juventude ou sua aparência. Ele não poderia ter muito mais que dezoito anos quando foi transformado. Cabelos negros cacheados emolduravam um rosto que faria os anunciantes da Abercrombie and Fitch correrem para seus talões de cheque, e lábios cheios, porém masculinos, se curvaram em um sorriso que acentuou maçãs do rosto altas. A única outra pessoa que eu vi com feições tão lindas e



perfeitas foi Bones, o vampiro de quem Vlad desgostava tanto.

Eu o encarei para ganhar tempo enquanto meu chicote recarregava, mas o estranho obviamente pensou que eu estava admirada. Olhos cor de cobre me observaram com divertimento.

— Não se preocupe, isso acontece o tempo todo. — Ele disse, acenando uma mão em um gesto de *não ligue para isso*. — Leila, não é?

Seu sotaque não era apenas romeno; ele era romeno antigo, como o de Vlad. Somente aquilo já me fez dar a ele ao menos algumas centenas de anos, e as ondas poderosas de sua aura confirmaram aquilo. Não importa o quão jovem e lindo ele parece, ele não era nenhum mané no mundo dos vampiros.

— Leila. — Concordei, movendo-me mais perto. — E quem é você?

Ele sorriu quase com travessura. — Você não sabe quem eu sou?

Sons de atrito preencheram o lado direito da antecâmara. Meu primeiro instinto era olhar, mas eu me obriguei a não tirar meus olhos do garoto. Ele não iria me enganar para errar meu golpe nele. Se eu apenas pudesse fazê-lo se mover alguns passos mais perto...

Incontáveis formas apareceram subitamente na minha visão periférica, fazendo-me virar a cabeça para a direita. Eu pretendia que fosse só uma olhadinha, mas então não pude me impedir de encarar e, instintivamente, recuei até minhas costas estarem pressionadas contra a parede.

Esqueletos completamente formados e “vivos” enchiam o lado da antecâmara. Bem diante do meu olhar chocado, mais continuaram a se formar a partir das pilhas de ossos nas celas em forma de colmeia, antes de pularem para se juntar ao resto da horda. Pisquei para limpar a visão, mas a visão impossível não mudou. Será que eu acidentalmente toquei algo com minha mão direita? Eu estava revivendo uma alucinação de algum dos antigos prisioneiros insanos?

Não, eu decidi quando aqueles horríveis esqueletos começaram a bater em mim com mais força do que qualquer pilha de ossos deveria ter. Isso era real.

Você não sabe quem eu sou? O garoto sorridente tinha perguntado.

Agora eu sei. Ele é o necromante, e, para provar isso, o mestre dos mortos estava mostrando algumas de suas habilidades.



Os esqueletos me soterraram em massa, arrastando-me para o chão com dedos de ossos que me furavam como lâminas cegas. Eles me prendiam tanto que eu não tinha espaço para atacar com meu chicote, então eu comecei a socar, chutar e dar cabeçadas neles enquanto tentava me afastar. Ossos se esmagavam e voavam do meu ataque, mas o que os esqueletos perdiam em durabilidade, eles compensavam em números, e eu estava amargamente ciente do outro perigo que eles representavam.

Distração.

Eu não podia mais ver o necromante. Por tudo o que eu sabia, ele poderia estar escalando as celas para cair em cima de mim como uma aranha letal. Pior, se eu estava combatendo esqueletos, eu não estava ajudando Vlad. Onde ele estava? Será que ele estava lidando com outros truques sobrenaturais do necromante? Ou será que Szilagy e quem mais ele tenha aqui embaixo tenham provado ser uma ameaça maior?

— Você tem mais vidas que um gato, sabia?

O necromante ergueu a voz para ser ouvido acima dos sons de vários ossos sendo esmagados. Com isso, eu calculei que ele ainda estava perto do túnel que usamos para entrar na antecâmara. Eu queria mantê-lo falando, então gritei: — Como assim?

— Ninguém sobreviveu a dois dos meus feitiços antes, embora, para ser justo, Cynthiana lançou o primeiro. Uma estudante tão ávida. Eu fiquei triste por perdê-la.

— Nós deveríamos saber que ela tinha um professor. — Eu gritei. — Ela passou de inúteis feitiços de amor com flores para matar um bebê para um feitiço à prova de fogo.

Minha última palavra foi cortada quando um dos esqueletos me deu uma cabeçada. Osso sólido regenerado fez parecer como se uma bola de boliche acabasse de esmagar meu crânio. Mais alguns golpes desse poderiam me deixar inconsciente, então eles provavelmente arrancariam a minha cabeça antes que eu acordasse. Eu mudei de técnica e parei de tentar ficar de pé de novo. Ao invés disso, eu impulsionei meu corpo e chutei a parede, abrindo caminho por uma floresta de ossos de pernas com meu chicote enquanto eu deslizava pelo chão.

— Aquele feitiço à prova de fogo era seu também, não era? — Eu gritei enquanto continuava a abrir caminho com meu chicote.



— Claro. — O necromante respondeu. — A única razão pela qual eu mesmo não o lancei foi para evitar que você usasse suas habilidades e descobrisse sobre mim, como você fez com Cynthiana.

Velocidade e o efeito como o de uma motosserra do meu chicote levaram-me quase ao outro lado da antecâmara, onde havia menos esqueletos. Eu estava surrada e machucada, mas isso desapareceria assim que eu parasse de ganhar novas feridas. Se eu parasse de ganhar novas feridas, quero dizer.

Por que o necromante não tirou vantagem do ataque dos esqueletos para acabar comigo? Ele estava assim tão cauteloso com o meu chicote? Ou ele estava se preparando para algo pior? Ele ligou seu feitiço suicida à minha própria carne. E se a demora dele era porque ele estava fazendo algo para reativá-lo?

Eu chicoteei a horda de esqueletos com mais desespero. Eu não trouxe qualquer arma comigo porque eu não queria arriscar usar alguma em mim mesma, mas esse chicote era mais que suficiente para o trabalho. Se eu enrolar isso no meu pescoço e puxar com força suficiente, minha cabeça sairia.

Brilhos verdes gêmeos cintilaram brevemente através dos esqueletos que corriam para continuar me atacando. Eu os reconheci como o brilho dos olhos do necromante. Ele estava se aproximando.

Eu procurei encontrar uma saída, mas minhas opções eram amargas. Eu não era ingênua o suficiente para esperar que alguém aparecesse e me resgatasse, então eu não podia contar com isso. Mesmo se eu conseguisse alcançar uma das muitas entradas de túneis ao redor da antecâmara, os esqueletos me perseguiriam. Então eu estaria tentando combatê-los em um espaço estreito ao invés de em um largo, o que daria vantagem a eles. Se o túnel que eu escolher levasse a um beco sem saída ou a uma cela, então o necromante não teria que se preocupar em reativar o feitiço. Eu estaria presa, então os esqueletos poderiam me rasgar em pedaços à vontade.

Não, eu percebi com uma onda de determinação, se eu quisesse deixar essa antecâmara viva, eu tinha que encontrar uma forma de matar o necromante primeiro.



Capítulo Trinta e Cinco.

Decisão tomada, eu parei de usar meu chicote para estraçalhar os esqueletos. Fazer isso só estava drenando minha energia e, ou a antecâmara tinha um estoque infinito de esqueletos, ou o necromante estava regenerando aqueles que eu quebrava. Ao invés disso, enrolei meu chicote na minha mão de novo, esperando que o necromante pensasse que eu esgotei minhas defesas elétricas. Então foquei em me proteger enquanto usava as paredes como trampolim para me afastar dos esqueletos. Aquilo só me garantia alguns segundos de descanso antes que eles me envolvessem novamente, mas, talvez, fosse suficiente.

Sem meu chicote iluminando o lugar, o brilho esmeralda dos olhos do necromante era mais fácil de localizar. Ele parecia estar me circulando, não chegando muito perto, mas obviamente planejando alguma coisa, ou ele poderia ter escolhido um local confortável em algum lugar para sentar e assistir. Os esqueletos se afastavam dele onde quer que ele fosse, lembrando-me de como os Remanescentes agiam com Cat. *Vamos lá, aproxime-se o suficiente para fazer seu movimento*, eu silenciosamente o incentivei. Então eu poderia fazer o meu.

Quando minutos se passaram e ele não fez nada exceto me circular, eu decidi me fazer parecer um alvo mais atrativo. Com aquilo, minha cabeça estalou para trás como se eu tivesse sido atingida por um crânio de esqueleto com um daqueles golpes de esmagar o cérebro. Eu fingi aquilo tão bem que o movimento me fez bater a parte de trás da minha cabeça contra o crânio ossudo de um dos meus atacantes mais próximos. Apesar da instantânea dor aguda, aquilo não era suficiente para me deixar inconsciente, mas eu fingi que era, caindo, mole, no chão de pedra.

Eu me preparei para me defender rapidamente se um daqueles esqueletos agarrasse minha cabeça com intenção de me decapitar. Nenhum deles fez. Na verdade, todo o ataque parou, o que me pareceu estranho até que eu ouvi o arranhar dos ossos na rocha e percebi que eles estavam se afastando para deixar o necromante passar. Mantive meus olhos fechados e minha boca frouxa, mas cada célula no meu corpo parecia vibrar enquanto eu forçava eletricidade na minha mão e ainda mantinha o chicote sob minha pele.



Com a cura vampírica, o necromante esperaria que eu recuperasse consciência em alguns segundos, dando-me poucos instantes para fazer minha jogada.

Por favor, faça com que ele esteja perto o suficiente. Eu me encontrei orando.

Quando senti o poder crepitante da aura dele, abri meus olhos e sacudi meu pulso. O chicote disparou, com a energia que eu direcionei para ele fazendo faíscas voarem enquanto ele formava um arco em direção ao necromante. Ele saltou para trás com uma velocidade inacreditável, evitando o que teria sido um golpe mortal. Ao invés de rachar a parte superior do corpo dele no meio, o chicote o cortou da garganta ao peito em um longo corte superficial.

O grito que escapou de mim não era apenas de decepção. Dor queimou ao longo da parte superior do meu corpo em um arco ardente. Minha mão esquerda voou instintivamente para cobrir a ferida, mas quando eu toquei meu peito, esperando sentir uma faca ou outra arma se projetando, nada estava lá. Uma olhada para baixo também não revelou a fonte da dor. Só mostrou um corte ensanguentado do meu pescoço aos meus seios, como se eu tivesse sido cortada por um facão invisível...

Olhei para o necromante. No instante de descuido quando seus olhos encontraram os meus e eu vi o tipo mais estranho de terror em suas profundezas acobreadas, uma explicação passou pela minha mente. *Não pode ser*, eu pensei imediatamente, rejeitando a ideia. Então eu me lembrei de Mencheres explicando por que ele não podia quebrar o feitiço que quase fez eu me matar.

Quem quer que o tenha lançado deve tê-lo amarrado carne com carne e sangue com sangue. Como você é uma vampira, isso é mais que mágica, é necromancia... O feitiço foi feito com sua carne e sangue, assim como do necromante...

Nós achávamos que isso fosse uma coisa boa, porque assim a morte do necromante poderia quebrá-lo, também, mas e se há outra consequência por nossa carne e sangue estarem unidos sobrenaturalmente?

Antes que o necromante pudesse adivinhar minha intenção, eu agarrei um dos ossos que eu arranquei de um dos esqueletos reanimados e raspei a extremidade irregular sobre o meu rosto. O necromante uivou quando sua



bochecha se abriu no mesmo lugar.

— Oh, merda. — Eu arfei, e a verdade era tão atordoante que eu não pude me impedir de testar de novo.

— Pare com isso. — Ele disse rispidamente quando eu rasguei meu braço e a pele dele se abriu até o osso como se eu tivesse feito isso com ele, também.

— Então é *por isso* que você não me matou durante seu ataque com esqueletos digno de filme de terror de segunda categoria! — Eu disse, espantada. — Você me queria distraída demais para ajudar Vlad, mas não realmente ferida por que, o que quer que aconteça comigo, acontecerá com você, também! Mas então *por que* você lançaria um feitiço assim se o propósito dele é me fazer cometer suicídio?

— Porque você não deveria ter vivido por tempo suficiente para nos unir desse jeito. — Ele rosnou. — Eu estava protegido da primeira destruição da sua carne, que deveria ter sido a última porque *ninguém* sobreviveu a esse feitiço antes. Então você continuou destruindo e regenerando sua carne, fazendo com que a parte que deveria me proteger nos unisse demais, ao invés. Agora, toda manhã eu sinto quando aquele filho da puta louco com quem você se casou queima você!

Eu não pude impedir... eu ri como louca. Depois de todas as vinganças que eu experimentei com minhas habilidades, o feitiço do necromante mordendo a bunda dele tão espantosamente foi a coisa mais hilária que eu ouvi em meses.

— Você acha que é engraçado? — Ele disse, seu tom mordaz. — Vejamos quão divertida você estará quando tiver que implorar pela minha vida para o seu marido obsessivo por vingança. Você acha que ele te ama o suficiente para não me matar? Eu não acho, então nós dois temos que sair daqui, agora.

Bem, talvez não fosse tão engraçado, eu refleti enquanto minha risada morria. Nós contávamos com a morte do necromante para quebrar o feitiço sobre mim, mas se cada ferida nele fosse espelhada em mim, então ele estava certo. Matá-lo significaria minha morte, também. Frustração me inundou. O que nós faríamos? Resignar-nos a lutar contra as minhas tentativas de suicídio pelo resto da minha vida? Dizer ao necromante para se cuidar enquanto o escoltamos seguramente para fora da masmorra subterrânea?



De repente as paredes sacudiram com um tremor violento e o cheiro de fumaça encheu a antecâmara. *Bombas*, eu pensei, O solo sacudindo e o fedor nauseante de queimado me lembrando do ataque de Szilagyi ao castelo. Será que eles equiparam a masmorra com o mesmo tipo de explosivos também?

A carranca do necromante desapareceu. — Então Vlad alcançou a sessão onde Szilagyi está. Se ele explodir tudo no caminho para chegar até ele, Vlad vai descobrir quantas outras surpresas nós temos guardadas.

Como se para enfatizar, um rugido ecoou pela masmorra, seguido pela dor agonizante e ódio que passaram pelas minhas emoções. Vlad não estava perto, mas ele ainda estava aqui embaixo e, o que quer que tenha feito as paredes tremerem, também machucou ele. Mais dor estava por vir, se o necromante estiver correto, e Vlad já sofreu demais nesse pesadelo subterrâneo.

Vice-versa, eu me lembrei, meu olhar brilhando enquanto eu encarava o feiticeiro. Se eu era forçada a me certificar de que ele continuasse vivo, ele era forçado a fazer o mesmo comigo, o que significava que eu tinha uma grande moeda de troca para usar.

— Você vai dizer ao Vlad como evitar suas armadilhas. — Eu disse ao necromante.

Ele olhou para mim como se não pudesse ter me ouvido corretamente, e então riu. — Não, eu não vou.

— Sim, você vai. — Eu disse, enrolando meu chicote elétrico ao redor da minha própria garganta. — Ou eu vou fazer algo que vai te fazer sentir *muito, muito mesmo*.



Capítulo Trinta e Seis.

Segui o necromante túnel abaixo, segurando a ponta do chicote com minha mão esquerda. Minha mão direita ainda estava descansando na minha clavícula, e o chicote brilhante circulava meu pescoço como uma grande jóia deslumbrante. O necromante caminhava na minha frente, os efeitos do balanço do meu chicote aparecendo nos vergões vermelhos ao redor da garganta dele. Minha carne pode ser imune aos efeitos da eletricidade, mas a dele não. Ele não parava de puxar o colarinho da sua camisa para baixo, como se isso fosse aliviar a pressão ardente ao redor da garganta dele.

— Pare com essa tolice. — Ele disse, falando pela primeira vez em vários minutos. — Você não vai se matar, Leila. Você não quer morrer, assim como eu.

— Pronto para apostar sua vida nisso? — Eu disse calmamente. — Então, prepare-se para se surpreender com o que eu vou fazer para proteger o Vlad. Não se preocupe, se você fizer o que eu te disse, você ficará bem... a menos que o impulso suicida que você colocou nesse feitiço apareça e me obrigue a fazer algo lastimável para nós dois.

— Eu já anulei esse aspecto do feitiço dias atrás. — Ele rosnou, então parou, como se percebesse que revelou demais.

Bom saber, eu pensei friamente. — Bem, vamos apenas nos ater à parte em que eu vou acabar comigo para matar você se uma das suas pequenas malditas armadilhas explosivas acabar matando meu marido.

Vlad ainda estava vivo, no momento. Eu sabia disso pelos jatos de ódio explodindo pelo meu subconsciente, com quantidades preocupantes de dor que aumentavam cada vez mais. Quando um brilho laranja começou a iluminar o túnel à nossa frente e eu pude sentir o poder de Vlad se derramando sobre a minha pele em ondas invisíveis, chutei o necromante para fazê-lo se mover mais rápido.

— Pare com isso. — Ele rosnou.

— Ou o quê? Você vai me matar? — A impaciência me deixou rude. —



Nós já passamos por isso, lembra?

Ele murmurou algo em uma linguagem que eu não entendia. Poderiam ser comentários inofensivos sobre o quanto eu era uma vadia, mas eu não queria correr o risco de isso ser um novo feitiço.

— Apenas em inglês. — Eu disse, apertando o chicote ao redor do meu pescoço em um aviso. Uma nova linha vermelha apareceu na garganta dele.

Ele se virou para me encarar furiosamente. — Quer em inglês? Ótimo. Você é a filha bastarda de uma prostituta doente.

Eu bufei. — Tenho que dar o crédito a vocês, vamps anciões. Os insultos de vocês são muito mais sujos do que as variações de “foda-se, seu fodido” da minha geração.

— Oh, você gosta disso? — Ele ronronou. — Que tal isso? Eu ri quando vi aqueles vídeos de você sendo fodida e tendo a pele arrancada. Eu só fiquei me perguntando por que Mihaly não fez os dois acontecerem ao mesmo tempo.

O pensamento horrível quase me fez tropeçar. O necromante girou e se jogou em mim, mas eu me recuperei e pulei para trás, evitando que ele agarrasse meus braços. Quando estava longe do alcance dele, dei outra volta com o chicote ao redor da minha garganta, sentindo um prazer cruel vendo o novo vergão aparecendo nele.

— Boa tentativa. — Eu disse calmamente. — Mas foda-se, seu fodido.

Podia não ser tão sujo, mas ia direito ao ponto. Minha geração era boa nisso.

Ele me deu um olhar cheio de ódio. — Nós estamos quase lá. Como você pretende lutar contra os homens de Szilagyi, se não remover isso do seu pescoço?

Eu já tinha pensado nisso, e sorri para ele. — Você vai dizer que me capturou e me compeliu a enrolar isso ao redor do meu pescoço. Meio como se segurasse uma arma contra minha cabeça, porém mais mágico.

— Você é louca — Ele resmungou.

— Eu acho que não. — Disparei de volta. — Eu estou até mesmo disposta a apostar minha vida que você não admitiu as ramificações do seu feitiço saindo pela culatra para ninguém, certo? Isso seria muito embaraçoso



para você, e, cara... isso deixaria Szilagyi puto. O feitiço que ele te fez lançar, que supostamente garantiria minha morte, agora faz você me proteger.

— Ele não me comanda. — O necromante quase rangeu os dentes. — Eu o superei em poder um século atrás!

Aquela informação era assustadora, mas eu não o deixei ver o quanto aquilo me perturbou.

— Ainda mais razão para todos acreditarem que eu sou uma prisioneira. — Eu disse. — Inferno, todo mundo provavelmente pensa que eu sou um imã de cativos a essa altura, mas o que eles não sabem é que eu me libertei duas das quatro vezes matando meus captos somente com minhas mãos. Então, eu vou bancar a vítima indefesa, você vai bancar o captor triunfante, e nós dois sairemos daqui vivos em seguida...

O túnel subitamente sacudindo com violência me cortou. Rachaduras surgiram na pedra ao nosso redor, e a camada de pó de pedra que nos cobriu era um mau sinal do que estava por vir.

— Quanto falta? — Perguntei.

Seu sorriso não fez nada para aliviar meu desconforto. — Estamos quase lá.

Algumas voltas depois, alcançamos outra área aberta. Pelo menos uma dúzia de cadáveres estava espalhada nessa nova antecâmara, cada um tão queimado que só um pouco mais do que ossos carbonizados restava.

— E lá se vai a farsa captor/cativa. — O necromante disse, mal olhando para aqueles por quem passávamos. Eu também não parei para olhar para eles, mas isso foi porque eu não podia arriscar deixá-lo tentar arrancar o chicote ao redor do meu pescoço de novo.

— São pessoas mortas aos seus pés, e você não podia se importar menos. Você é realmente um líder de ouro.

Ele olhou para mim com a boca se curvando desdenhosamente. — Não, eles são o povo de Szilagyi. Não meu.

Continuei espiando cuidadosamente enquanto o seguia para a única saída dessa câmara, além do túnel pelo qual entramos.



— Mesmo? Pensei que Szilagyi não comandava você. Então se esse é o povo *dele*, então você não está aqui sob a autoridade dele?

— Você não vai conseguir me fazer revelar mais nenhuma informação do que eu já revelei. — Ele respondeu sucintamente.

Talvez sim, talvez não. Ele era arrogante o suficiente para já ter me dado algumas migalhas de informação importantes. Se eu continuasse cutucando seu orgulho, talvez eu conseguisse arrancar dele algum tesouro que pudéssemos usar.

Quando entramos no novo túnel, um barulho ensurdecedor, combinado com o chão ondulando como se fosse sacudido por um punho invisível me jogou para frente. Usei meu braço esquerdo para me equilibrar, mas mantive o direito na minha garganta. Mesmo assim, a sacudida brutal fez o chicote cortar meu pescoço mais profundamente do que eu teria gostado.

— Solte isso, você vai matar nós dois! — O necromante gritou, agarrando seu pescoço enquanto sangue pingava por entre seus dedos.

Minha garganta também queimava. Não pela eletricidade, a qual eu era imune, mas pelo corte. Ainda assim, eu não soltaria o chicote. Se eu soltasse, Vlad estaria morto.

— Não mesmo. — Eu cuspi.

O necromante me encarou como se medisse minha determinação. — Então se apresse, ele está avançando mais rápido do que eu achei que ele fosse capaz.

O túnel sacudiu novamente quando mais explosões estrondosas soaram, seguidas por incontáveis booms e uma nuvem ameaçadora que invadiu o túnel. Eu sabia o que aquilo significava, e corri atrás do necromante, que se apressou por conta própria dessa vez. O desmoronamento bloqueou a saída atrás de nós, mas após alguns segundos de corrida, nós estávamos livres da chuva de detritos e da nuvem de poeira.

— Ele já explodiu as três barreiras externas ao redor de Mihaly. — O necromante murmurou quase para si. — Se ele arrombar a porta, ele vai se matar, e a nós também.

— Como? — Exigi.

Ele me deu olhar irritado. — Porque Mihaly desestabilizou todas as



partes da masmorra exceto a sala onde ele está. A porta para aquela parte está manipulada de uma forma que se ela cair, o piso do lado de fora dela explode, então o resto da masmorra desmorona em cima dos restos.

E milhares de quilos de rocha caindo em cima de quem quer que esteja preso debaixo seria letal, mesmo para alguém tão forte quanto Vlad. Corri mais rápido, virando a esquina quase ao mesmo tempo em que o necromante... e então quase me chocando contra ele porque ele parou tão de repente, que eu pensei que ele estava tentando pegar meu chicote novamente.

— Se você... — Comecei, sem terminar a sentença quando vi o que estava bem na frente dele.

Chamas bloqueavam o túnel. Já que ele não estava mais tentando assustar turistas, Vlad não se incomodou em moldar as chamas em criaturas parecidas com lobos. Era apenas uma parede sólida que queimava tão forte que o calor fez minha pele começar a criar bolhas mesmo a vários metros de distância.

— Vlad! — Eu gritei, o medo aumentando quando ele não respondeu. Ele estava muito longe? Ou o constante som do desmoronamento, somado ao rugido do fogo, estavam abafando minha voz, portanto ele não conseguia me ouvir? — Vlad, ouça-me! — Tentei novamente, empurrando o necromante atrás de mim e indo tão perto das chamas quanto eu ousava.

Aquilo não funcionou, então, desesperada, mudei meu anel de noivado da mão esquerda para a direita, esfregando a grande pedra lisa até achar a essência que Vlad deixou quando o colocou na minha mão novamente.

Vlad! Gritei com toda a minha mente quando eu segui a trilha de essência dele e o vi em meio a um inferno. Pedregulhos cobriam o chão e suas mãos estavam estendidas em direção a uma parede de pedras negras na frente dele. *Vlad, não faça isso! Eu estou aqui!*

Ele não abaixou as mãos, mas sua cabeça se inclinou. — Leila?

Eu só podia ouvi-lo através da ligação, então ele também não deveria ser capaz de me ouvir de outra forma. Respondi com um instantâneo rugido mental de *Sim, sou eu. Deixe-me passar pelo fogo, rápido!*

Suas emoções ainda estavam entrelaçadas com as minhas, então eu senti quando sua surpresa se transformou em preocupação e raiva.

— Saia daqui. — Ele disse, voltando seu olhar para a parede



carbonizada. — Você não sobreviverá ao que eu estou prestes a fazer.

Nem você! Eu gritei de volta, esperando que ele pudesse ouvir tudo o que eu disse. Ele não foi capaz, da última vez que eu tentei isso. Szilagyi fez uma armadilha na porta. Se ela cair, o chão sob você também cairá, e toda a prisão vai desmoronar sobre sua cabeça.

Não estando certa se ele conseguiu ouvir tudo, eu repeti a palavra *armadilha* sem parar, esperando que funcionasse. O necromante me observava, sem fazer nada para tentar pegar o chicote ao redor do meu pescoço. Aquilo, além da sua expressão sombria, disse-me que ele não mentiu ou exagerou sobre a gravidade da situação. Se Vlad me ignorar e arrebentar aquela porta, nós estamos todos mortos.

A parede de fogo retrocedeu abruptamente, como se fosse puxada, até que o longo túnel vazio foi revelado. Corri, sem verificar se o necromante estava me seguindo. Ele não tinha escolha. O caminho atrás de nós estava bloqueado por um desmoronamento.

Quando alcancei o fim do túnel, tive que passar por cima de pilhas de rochas queimadas. Vlad estava na clareira à frente. Eu não podia chamar aquilo de sala, porque eu não acho que é o que isso originalmente era. Ao invés disso, o lugar parecia que tinha sido parede após parede de fortificações, que foram explodidas até formar um lugar aberto, graças ao poder do ataque de fogo de Vlad. A porta final que o necromante falou era facilmente discernível do resto da rocha. As rochas eram de uma cor marrom acinzentada opaca, como as paredes dos túneis. A porta era preta, lisa como ardósia, e tão convidativa quanto um sinal de boas-vindas para o vampiro que não queria nada mais do que matar seu inimigo escondido atrás dela.

Vlad continuava exatamente do mesmo jeito que estava quando eu o vislumbrei através da ligação: pernas afastadas, braços estendidos para a porta, e fogo fluindo dele como se seu corpo todo estivesse suando chamadas. Suas emoções pareciam mais explosivas do que os danos que ele causou a esse lugar, que foi o motivo de eu não correr para ele. Eu fiquei na entrada do túnel, não querendo perturbar seu estado já volátil.

— Não toque naquela porta. Está programada para acionar uma detonação que vai derrubar o resto da masmorra. — Eu disse na voz mais calma que consegui, só no caso de ele não ter ouvido aquilo pela minha mente.

Ele não me perguntou como eu sabia daquilo. Ele nem mesmo olhou para longe do retângulo negro, como se, fazendo aquilo, ele fosse permitir que



Szilagyi escapasse dele novamente. — Só a porta? Ou as paredes ao redor dela, também?

Olhei para dentro do túnel, para o necromante, quem, como eu imaginava, tinha me seguido.

— Somente a porta? Ou as paredes também? — Eu o pressionei.

— Apenas a porta. — Ele respondeu, cruzando os braços e inclinando a cabeça, como se estivesse curioso para ver como Vlad iria contornar aquilo.

Vlad encarou a suave ardósia negra e sorriu. Então seu poder começou a explodir pelo lugar em ondas crescentes, até que parecia que ele estava manipulando a gravidade em uma arma que continuava me acertando em golpes no corpo todo. Eu respirei fundo para tentar equilibrar a horrível sensação de esmagamento, como se minhas entranhas estivessem virando purê pelos golpes violentos. Atrás de mim, ouvi o necromante gemer, e então ouvi um baque que pode ter sido das pernas dele cedendo quando as sensações horríveis continuaram.

— O que você está fazendo? — Consegui arfar.

Vlad me ignorou. Pelas emoções venenosas queimando as minhas, eu me perguntei se ele até mesmo me ouviu. Ele parecia perdido para o ódio que ele permitiu consumi-lo, até que aqueles pulsos de poder vindo dele ficaram tão punitivos que eu também caí de joelhos.

Com uma súbita rapidez chocante, parecia que ele sugou todo o poder de volta para ele. Todo o ar pareceu deixar o lugar, também, em uma lufada que fez meus ouvidos estalarem e fez minha cabeça latejar como se estivesse prestes a explodir. Ele centralizou aquele poder incrível e então o atirou nas paredes, com uma explosão de calor que fez minha pele parecer que ia derreter.

Ela não derreteu, mas, enquanto eu observava, assombro substituiu meu medo. As paredes de pedra ao redor daquela porta preta brilharam com puro calor branco. Após alguns instantes, elas começaram a ondular, então começaram a derreter como cera de vela. Em seguida, buracos apareceram, crescendo e esticando, até o que pareciam poças de rocha derretida começarem a se formar.

Eu não podia acreditar nisso. Vlad estava derretendo a pedra. Uma coisa era fazer isso com o box de vidro fino do chuveiro, mas essa pedra tinha que ter uns trinta centímetros de espessura, pelo menos. *Que tipo de*



temperatura seria preciso para isso? Eu me peguei imaginando, quase perplexa. Uns mil graus Celsius? Dois mil? A única coisa mais inacreditável do que Vlad canalizando o fogo naquele tipo de calor era como ele o mantinha apenas nas paredes na frente dele. Eu deveria ser uma poça no chão. Assim como a porta preta. Porém, as únicas coisas derretendo eram as paredes.

Com outra explosão de poder, elas tremeram e começaram a cair, deslizando em lentas piscinas de lava marrom escura enquanto a sala por trás da porta negra era revelada. E naquela sala, encarando, incrédulo, as paredes de pedra que continuavam a escorrer em poças no chão, estava Mihaly Szilagyi.

Vlad olhou para ele e sorriu com uma antecipação predatória. — Olá, velho amigo.



Capítulo Trinta e Sete.

Szilagyi se lançou para as armas no outro lado da sala, que eram surpreendentemente modernas. Eu não tive a chance de vislumbrar mais do que a parede de telas de computador que sintonizavam as câmeras que ainda funcionavam antes que ele tivesse uma metralhadora nas mãos. Antes que ele terminasse sequer de levantar a arma, o metal foi de preto para laranja brilhante. Szilagyi gritou quando o metal derreteu, cobrindo suas mãos nos restos escaldantes da arma dele.

— Como? — Ele quase grunhiu.

O sorriso do Vlad ficou cruel. — Você queria que eu ficasse descuidado pelo que você fez com Leila. Ao invés disso, você me fez atingir o próximo nível do meu poder. Quando eu queimei meu castelo, meu ódio quase insano fez minhas habilidades evoluírem até que eu comecei a derreter pedra. Assim que eu soube que *podia* fazer isso, era só uma questão de concentrar meu poder para melhorá-lo.

Ele me disse algo parecido na primeira vez que me incitou a transformar meu chicote elétrico em uma arma. Wow, ele seguiu seu próprio conselho.

— Da última vez que estivemos face-a-face, eu pretendia capturar você para poder te torturar por um longo, longo tempo. — Vlad continuou, seu sorriso desaparecendo. — Dessa vez, o que eu quero mais do que qualquer coisa é a sua morte agonizante, aos gritos, e eu quero agora.

Então ele agarrou Szilagyi pelos ombros. O necromante suspirou profundamente e olhou para o outro lado. Eu apertei o chicote ao redor do meu pescoço em aviso, mas o necromante parecia mais resignado do que vingativo. Talvez, após ver Vlad derreter as paredes da versão de Szilagyi de um quarto do pânico, o necromante reconsiderou seu papel no plano de Szilagyi para acabar com Vlad.

O fogo derramou das mãos de Vlad e cobriu Szilagyi como uma auréola brilhante de corpo todo. No entanto, nada queimou sob as chamas laranja e azul.

— Você se cobriu em outro feitiço à prova de fogo? — Eu não entendi a



onda de prazer selvagem que passou pelas minhas emoções até que ouvi as próximas palavras do Vlad, ditas em um tom friamente simpático. — Feitiços, não importa o quão poderosos, desgastam.

Szilagyi começou a lutar com a única arma que lhe restava: ele mesmo. Socos, chutes, cabeçadas, e joelhadas brutalmente direcionadas atingiam Vlad, que absorveu os golpes sem tentar se proteger. Ao invés disso, ele manteve as mãos nos ombros de Szilagyi enquanto mais poder se derramava dele, intensificando o calor do fogo.

Após alguns minutos, Szilagyi começou a gritar quando, primeiro, suas roupas começaram a queimar. Então seu cabelo se foi com um fedor que teria me feito engasgar se eu ainda respirasse. Sua luta ficou mais frenética quando a pele dele começou a ficar escura, e quando ela rachou, revelando carne crua e vermelha que rapidamente ficou negra, ele não estava apenas gritando. Ele estava implorando entre gritos agonizantes que me levaram a fazer algo que eu não achei que fosse capaz.

Eu senti pena dele.

Szilagyi esteve por trás do meu sequestro e tortura algumas vezes. Ele pretendia me estuprar ele mesmo, antes de passar aquilo para o Maximus por achar que isso seria mais brutal para o Vlad. Ele assassinou meus amigos, atormentou meu marido, torturou meu melhor amigo, e teria alegremente torturado e matado minha família se pudesse, ainda assim, ouvindo-o gritar pelo tipo de dor que fez seus apelos incompreensíveis e seu corpo se contorcer violentamente me fez desejar que o sofrimento dele acabasse. Eu pensei que ficaria feliz em vê-lo sentir uma dor longa e horrível. Porém, eu nem podia mais olhar. Seus gritos altos e agonizantes já assombrariam meus pesadelos.

— Por favor. — Eu disse para o Vlad, sem saber se ele podia me ouvir através dos sons horríveis que Szilagyi fazia, muito menos pela sua necessidade de vingança que quase o consumia. — *Por favor*, Vlad. Termine isso.

Pelo canto do meu olho, eu vi o necromante sacudir a cabeça como se estivesse surpreso em me ouvir implorar por misericórdia em nome de Szilagyi. Eu não olhei para o necromante, também. Eu encarei o Vlad, silenciosamente desejando que ele não arrastasse isso. Pela forma como os vampiros se curavam, ele podia, e embora ele não fosse levar Szilagyi de volta como um prisioneiro para torturá-lo por semanas ou meses, ele poderia fazer sua morte durar por horas, no mínimo.



Vlad não respondeu e não afastou os olhos da forma carbonizada de Szilagyi, que só estava de pé ainda porque Vlad não soltou seu aperto de aço nos ombros dele. Mesmo assim, eu soube que ele me ouviu quando senti a emoção mais estranha se entrelaçar às minhas. Não era frustração, ou irritação, ou admiração, mas uma versão misturada dos três. Quando as chamas cobrindo Szilagyi foram de laranja e azul para uma neblina branca brilhante, eu quase caí contra a entrada do túnel em alívio.

Eu pensei que fosse incapaz de sentir pena de Szilagyi e descobri que estava errada. Agora, eu descobri que estava errada novamente. Eu não tinha acreditado realmente que Vlad mostraria misericórdia ao seu pior e mais antigo adversário, mas quando aquela neblina branca aumentou, os gritos de Szilagyi morreram. Então seu corpo murchou com a velocidade de um balão sendo estourado e, em segundos, Vlad não tinha nada mais para segurar.

Um esqueleto carbonizado caiu no chão de pedra, onde começou a se prender à rocha que ainda não tinha esfriado. Vlad ajoelhou, estendendo as mãos sobre os ossos. O brilho branco nelas ficou mais forte, e com um som quase imperceptível, os ossos explodiram em uma substância empoeirada que Vlad queimou até que não sobrou nada além de uma leve mancha nas rochas.

Uma porta nos fundos da pequena sala se abriu. Eu pulei, tão assustada que quase arranquei meu chicote para enfrentar essa nova ameaça. Maximus saiu de um armário forrado de painéis elétricos, como o quadro de distribuição de uma grande caixa de fusíveis. As luzes nas placas brilharam em uma sequência de cores antes de apagarem, uma por uma, até todas estarem desligadas.

As emoções de Vlad se incendiaram com uma intensidade que quase igualou ao fogo que ele acabou de manifestar. Em seguida, um muro em branco me atingiu quando ele levantou aqueles escudos impenetráveis para cortar o que ele estava sentindo de mim e dos outros vampiros que ele criou. Maximus.

— Assim que ele te viu nas câmeras, ele me fez entrar aqui para começar a sequência de autodestruição. — Maximus disse, seu tom estranhamente calmo. Eu também não podia ler nada a partir da expressão dele. Aquelas feições ásperas e impressionantes estavam tão fechadas quanto as emoções de Vlad. — A menos que o código de cancelamento fosse digitado a tempo, as bombas debaixo do chão teriam detonado e começado um desmoronamento. Esse era o plano reserva dele, caso você o matasse.

Com aquilo, meu olhar voou para o necromante. — Parece que você se



esqueceu de mencionar algo *realmente* importante, não é?

Ele deu de ombros, indiferente, mas seus olhos estavam mirados no vampiro atrás de mim. — Mihaly escondeu alguns planos finais até mesmo de mim, pelo que parece. E também parece que sua desconfiança inicial de Maximus estava bem fundamentada.

— Quem é esse? — Vlad perguntou com severidade, somente agora notando que eu não estava sozinha no túnel.

— Conheça o infame necromante. — Eu disse, e me movi para o lado para deixá-lo entrar na sala, embora eu tenha apertado o chicote ao redor do meu pescoço em aviso quando fiz isso.

Quando ele surgiu do túnel, Vlad deu sua primeira olhada no vampiro que agora estava unido a mim de uma forma assustadora. Mesmo se eu não tivesse sentido o choque instantâneo congelando minhas emoções quando os escudos dele racharam, eu teria percebido que Vlad o conhecia, porque ele o encarou como se estivesse assombrado.

— Radu. — Ele sussurrou.



Capítulo Trinta e Oito.

Fiquei rígida, sem acreditar. Esse era o nome do irmão do Vlad, que morreu lá no século quinze. Bom Deus, e se ele não morreu? De repente, eu me lembrei da cor profunda de cobre dos olhos do necromante. Adicione um anel de esmeralda ao redor das íris e eles seriam idênticos aos do Vlad.

A risada do necromante estava fria. — Não, embora Mihaly dizia com frequência que eu me parecia muito com meu pai. Isso teria causado sérios problemas para a minha mãe, se você não tivesse ficado longe por toda a minha infância, mas ela sabia que os outros teriam notado a semelhança. É por isso que ela me mandou para fora de Oradea.

Agora Vlad olhava para ele especulativamente, se não menos surpreso.

— Mircea. — Uma única risada sem humor escapou dele. — O amante de Ilona era meu próprio irmão. Não me admira que Szilagyi insistisse tanto para que eu casasse com ela. A ironia de eu reivindicando os filhos de Radu como meus próprios deve tê-lo deliciado.

— E teria posto um dos leais súditos de Mehmed no trono da Wallachia, eventualmente. — Mircea concordou com um encolher de ombro. Então seus olhos brilharam. — Mas enquanto Mihaly cultivou meu irmão para substituir seu filho como príncipe, ele tinha outros planos para mim.

— Sim. Ele te transformou em vampiro e então te fez se voltar contra mim. — Vlad disse, seu tom agora sem emoções.

— Mihaly não precisou fazer isso. — Mircea disse instantaneamente enquanto seu cheiro ficava afiado com ódio. — Você mesmo fez isso. Até que eu fosse transformado, eu não sabia que você não era meu pai. Durante toda a minha infância, eu te amei, embora você não tenha dado a mínima para mim. Você sequer me visitou o suficiente para perceber que eu era a imagem cuspida do irmão que você odiou e perseguiu até a morte!

— Sim, eu deixei você e seu irmão aos cuidados da sua mãe. — Vlad disse em uma voz sem entonação. — É por isso que você conspirou contra mim com Szilagyi por séculos?



— Sim. — Mircea sibilou. — Ele era um substituto de pai frio e cruel, e, ainda assim, foi mais pai para mim do que você jamais foi.

Eu fiquei quieta, mais por surpresa da revelação de que o feiticeiro era o enteado de Vlad e sobrinho ao mesmo tempo, mas eu não podia aguentar mais isso.

— Não ouse usar o complexo de papai ruim como desculpa para o que você fez. — Eu rebati. — Eu também fui ignorada pelo meu pai, e ainda assim você não me vê lançando feitiços malignos, derrubando aviões e cometendo sabe Deus quantos outros atos de assassinato em massa!

— Então você não é tão forte ou instruída como eu sou. — Mircea disse.

As mãos do Vlad começaram a se envolver em chamas, sinalizando que ele já estava cansado de discutir os motivos do necromante. Eu gritei “Pare!” ao mesmo tempo em que Mircea disse algo muito rápido em romeno.

— Ele está unido a mim agora, Vlad. — Eu confirmei, sentindo a suspeita dele correr sobre mim. — O feitiço fez isso. Veja:

Corri uma presa sobre a palma da minha mão e Mircea ergueu a mão dele, mostrando o corte ensanguentado que apareceu no mesmo lugar. Então ele puxou uma adaga de prata pequena de uma bainha oculta nas suas costas e cortou sua bochecha até o osso.

Lutei contra a vontade de segurar minha bochecha com a dor instantânea ardente. Prata machuca mais que qualquer outro metal para vampiros, e eu não acho que foi um acidente que Mircea escolheu aquela faca ao invés de usar suas presas, como eu fiz. Não, percebi quando vi o brilho malévolo nos olhos dele, ele queria me ferir, e ele queria que Vlad o visse fazer isso.

— Você não pode matá-lo sem me matar, também. — Eu disse antes que Vlad pudesse responder do jeito violento que queria. — Então precisamos deixá-lo ir.

— Eu não farei tal coisa. — Cada palavra parecia uma martelada. — Eu posso mantê-lo vivo sem deixá-lo livre para trazer mais devastação sobre você, eu, ou o meu povo.

— É aí que você se engana. — Mircea disse, suas lindas feições se retorcendo com ódio. — Eu prefiro estar morto a ser seu prisioneiro, não que



você pudesse me aprisionar.

Com aquilo, Vlad sorriu, tão charmoso quanto se ele estivesse tentando encantar Mircea. Então uma parede de fogo bloqueou o túnel, cortando o único meio de fuga de Mircea.

— Isso é um desafio?

Oh, merda. Eu pensei, preparando-me, mas Mircea sorriu de volta com o mesmo charme.

— Eu só fiquei para salvar a vida dela, já que está diretamente unida à minha. Agora que isso está feito, meu trabalho aqui também. Adeus, por hora, tio, mas não se preocupe. Nós *vamos* nos ver novamente.

Vlad se lançou para ele e Mircea não fez nenhum movimento para sair do caminho dele. Ele apenas... desapareceu, fazendo Vlad agarrar apenas um ar enfumaçado onde o necromante acabou de estar.

— Espelhem-se, é um truque. Ele ainda está em algum lugar nessa sala.
— Vlad disse imediatamente.

— Não, ele não está. — Maximus respondeu em voz baixa. — Ele realmente se foi.

— Impossível. — Foi a resposta seca de Vlad.

Maximus suspirou. — Szilagyi não confiou em mim o suficiente para me contar sobre Mircea até que ele pensou que eu estuprei Leila. Então ele me trouxe aqui e eu o conheci. As coisas que Mircea pode fazer... É por isso que Szilagyi não estava com medo de ir atrás de você. Ele só esperou até o garoto estar poderoso o suficiente porque ele precisava das habilidades de Mircea para construir seu exército. Caso contrário, seus aliados e até mesmo alguns dos seus inimigos teriam muito medo de você para se aliar a Szilagyi.

A risada de Vlad me chocou. Ela era dura, feia, e sinistra, tudo ao mesmo tempo.

— Se isso é verdade, então o que você está me dizendo é que eu finalmente matei meu pior inimigo, mas a ameaça contra mim ainda está muito viva.

— Sim. — Maximus disse firmemente.

Os dois homens se encararam, e um novo tipo de tensão encheu o ar.



Maximus salvou minha vida, impediu que eu fosse estuprada, permitiu que eu escapasse, deu ao Vlad a localização do covil de Szilagyi... e ainda assim todos no mundo vampiro pensam que ele traiu Vlad da pior forma possível. Mesmo se ele quisesse, Vlad pode deixar Maximus ir sem que isso parecesse um ato de extrema fraqueza? Com a situação precária na qual estávamos, Vlad arriscaria isso, sabendo que seus inimigos usariam isso como um grito de guerra contra ele?

— Vlad. — Maximus começou.

— Não. — A única palavra estava afiada. — Eu nunca vou conseguir esquecer o que eu vi naquele vídeo. Apesar das garantias de Leila, toda vez que eu olhar para você, eu verei novamente você estuprando minha esposa.

Maximus inclinou a cabeça em aceitação, e as mãos de Vlad lentamente começaram a encher de chamas.

— Não. — Eu arfei. — Vlad, você não pode!

Ele ignorou aquilo e agarrou Maximus. Não pelos ombros, como ele fez com Szilagyi, mas pela cabeça. Assim que ele tocou Maximus, as chamas sumiram, e ele trouxe seus rostos perto um do outro.

— Além de Mencheres, você é o amigo mais confiável que eu já tive. — A voz de Vlad estava tão grossa de emoções que quase sufocou. — E ainda assim, eu falava sério. Um bom homem pode esquecer, mas eu não posso, e por isso eu não posso recompensar sua lealdade com o que eu prometi. Você não tem lugar na minha linhagem, Maximus, e nunca terá.

Um suspiro áspero escapou de Maximus e meu coração quebrou quando os ombros dele começaram a tremer com soluços sufocados.

— Eu não fiz isso por um lugar de volta na sua linhagem. — Cada palavra estava áspera. — Eu fiz isso por você.

Vlad o beijou em cada lado do rosto. Maximus inclinou a cabeça até que suas testas se tocaram.

— Você é meu amigo para sempre, *vovoide meu**. — Maximus murmurou.

**Meu príncipe.*

— Príncipes não têm amigos, eles têm súditos. — Vlad disse em uma voz igualmente baixa. — Você não é mais meu súdito, mas mesmo que eu



nunca mais vá te ver, você será meu amigo para sempre.

Ele beijou Maximus mais uma vez na testa, e então o soltou. — Vá. — Ele disse, as palavras tão ásperas quanto o pesar atormentando meus sentimentos.

Maximus se curvou, girou... e então parou. — Não posso. O chão virou rocha derretida e você fez desmoronar a única saída.

O menor sorriso tocou os lábios do Vlad. — O momento tinha que ser estragado, não é?

A boca de Maximus se curvou levemente também. — Que bom que nenhum de nós é sentimental.

Enquanto os assistia, senti um lampejo de esperança que era unicamente meu. Vlad pensava que nunca conseguiria superar a ilusão que o devastou tanto que chegou a forçar seus poderes ao próximo nível. Porém eu acreditava que, com tempo, ele poderia olhar para Maximus e ver o verdadeiro amigo que ele amava, não as dolorosas imagens de decepção. Afinal, os poderes de Vlad não foram as únicas coisas que cresceram sob nossas horríveis circunstâncias recentemente. Sua capacidade de amar também, e talvez, mais surpreendentemente, de misericórdia.

— Leila, você foi a única que me seguiu aqui embaixo? — Vlad perguntou, trazendo-me de volta aos nossos problemas atuais. — Ou Petre e Samir ignoraram minha ordem de ficar na ponte, também?

— Não sei. — Comecei a dizer, mas Maximus se virou e, contornando um pouco de poças de rocha fumegante que se espalhavam lentamente, foi até as câmeras revestindo as paredes.

— Petre ainda está na ponte. — Ele disse após um momento. — Samir não. Eu não o vejo nas outras câmeras nos túneis, mas mais de metade delas não estão mais funcionando.

— Encontre-o. — Vlad me disse.

Fiquei confusa por um momento, até entender. — Como você sabe que Samir me agarrou quando eu disse a ele que estava indo atrás de você? — Perguntei enquanto corria minha mão direita na parte de cima do meu braço.

Vlad rosnou. — Se ele não fez, então ele não tentou o suficiente impedir você.



A essência de Samir brilhou sob meus dedos. Foi bom ele estar bravo o suficiente comigo quando eu me afastei violentamente dele. Segui a ligação e o vi na antecâmara, tentando remover as rochas bloqueando o túnel, pedaço por pedaço de pedra.

— Ele está na antecâmara com as celas em forma de colmeia. — Eu disse.

Vlad olhou para cima. Primeiro, eu pensei que ele estivesse pensando, mas então senti as sensações esmagadoras e dolorosas enquanto seu poder começava se estender e contrair em rotações crescentes.

Demorou muito mais tempo do que ele levou para derreter as paredes de pedra, mas eu ainda estava boquiaberta quando ele voou comigo pelo buraco que ele criou por todo o caminho até a superfície. Maximus voou sozinho, e então nós três fomos pelo buraco original que Vlad explodiu até os túneis para pegar Samir. Isso foi fácil já que o caminho para a antecâmara não havia desabado. Só o caminho que levava até as profundezas da masmorra desabou, e Samir, sendo o amigo leal que era, não estava disposto a partir até saber que Vlad e eu estávamos seguros.

Samir inclusive tentou matar Maximus assim que o viu, provando que nós tínhamos muito trabalho a fazer antes que as pessoas soubesse o que realmente aconteceu. Eu pretendia que fosse mais cedo do que mais tarde. Maximus merecia ser reconhecido por sua bravura e lealdade. Não ofendido por crimes que ele não cometeu.

Mas primeiro... — E agora? — Perguntei quando cruzamos a ponte.

Vlad examinou a ilha, que parecia deserta já que Petre se certificou de que os turistas partissem enquanto também mantinha a polícia e qualquer outra parte interessada afastados.

— Agora eu faço o que deveria ter feito muitos anos atrás. — Ele disse, fechando os olhos. — Destruir o passado.

Da distância em que estávamos, a sequência de explosões pareciam uma série de granas de percussão detonando. Eu não pude ver as chamas com as quais Vlad destruiu a antiga masmorra, mas, pelo poder se derramando dele, ele estava convertendo todas as horríveis memórias que esse lugar continha para ele em um fogo feroz e destrutivo. Isso ficou óbvio quando aquelas explosões detonaram as bombas que Szilagyi revestiu os túneis. O chão tremeu com tanta força que a alta torre triangular caiu, pousando na



primeira das muitas rachaduras que começaram a serpentear através das ruínas. Logo, o resto dos poucos monumentos que restavam desmoronou nos profundos buracos na terra ao redor deles, até que nenhuma única estrutura do antigo palácio permanecia de pé.

Esperei até as chamas sumirem das mãos dele, sinalizando que ele terminou com esse capítulo sombrio e brutal do seu passado, antes de pegar sua mão.

— E agora? — Eu disse mais uma vez, muito suavemente.

Seu sorriso era fraco, mas após tudo o que aconteceu essa noite, eu estava grata por ele ser verdadeiro.

— Nós voltamos para a Romênia. O que foi destruído nunca pode ser ressuscitado, mas pode ser reconstruído, então é isso o que nós vamos fazer, Leila. Reconstruir.

Apertei a mão dele enquanto lágrimas de alegria faziam meus olhos arderem. — Então vamos para casa começar.



Epílogo.

Nós voltamos para a Romênia, mas nossa primeira parada não foi o castelo no qual vivíamos e que Vlad queimou até o chão. Esse era outro castelo que ele destruiu, porém nós não fomos até o topo da montanha para ver as ruínas da antiga casa do Vlad de quando ele era um príncipe humano. Nós caminhamos ao longo das margens do Rio Arges ao invés.

Eu não notei a pequena cruz de pedra entre as árvores ao longo de uma curva acentuada no rio até Vlad puxar os galhos para revelá-la. A inscrição havia desgastado até ser ilegível, o que era bom. De outra forma, a sepultura de Clara Dracul teria sido profanada décadas atrás, e seus restos mortais estariam em exibição para turistas junto com outras peças da história “autenticada” de Drácula.

Vlad passou a mão sobre a pedra e uma miríade de sentimentos começou a se entrelaçar nos meus. Arrependimento, assim como uma onda de amor lembrado que era tão pungente quanto difícil para nós dois sentirmos.

Eu me preparei para o que eu veria assim que tocasse seus ossos, que era o motivo de estarmos aqui. Eu não sabia o que seria pior para o Vlad descobrir pelo que eu encontrasse: Se Szilagyi tinha dito a verdade e assassinado Clara? Ou se ela tinha pulado para sua morte por vontade própria, como ele acreditou por tanto tempo?

— Não precisa ser você a desenterrá-la. — Eu disse calmamente. — Eu posso fazer isso.

Ele olhou para mim com um sorriso triste, quase autodepreciativo curvando sua boca.

— Nenhum de nós vai desenterrá-la. Lá na ilha, eu decidi deixar Clara descansar em paz. Se ela pulou por vontade própria, eu a perdoei por isso há muito tempo. Se Szilagyi a empurrou, ela foi vingada. Não importa como sua morte ocorreu, assim como o meu tempo naquela masmorra, isso precisa ficar no passado.

Eu estava muito aliviada em ouvir aquilo, e não apenas por razões egoístas. Sim, teria sido difícil para mim reviver partes da vida de Clara através



de seus ossos, o que teria sido necessário para que eu descobrisse os eventos da morte dela. Eu não queria ver Vlad através dos olhos dela, não importa se ela o amava incondicionalmente ou se foi dirigida por seus demônios internos a cometer suicídio. O Vlad que ela conhecia não é o homem que eu amo. Nossos passados podem nos moldar, mas eles não eram a soma final de quem nós somos.

Mais que tudo, eu estava feliz que a decisão de Vlad significava que ele estava deixando ir a dor que o assombrou por muito tempo.

— Se Clara pudesse sussurrar da eternidade, eu aposto que ela estaria te dizendo que está feliz por você deixá-la ir. — Eu disse, desejando que as palavras inadequadas pudessem expressar o quão orgulhosa eu estava dele.

Ele deu uma curta risada. — Provavelmente, embora ela também estaria me dizendo que eu levei muito tempo para fazer isso.

— Esposas normalmente estão certas. — Eu disse com um sorriso.

Ele riu com mais naturalidade dessa vez, tocando a lápide mais uma vez antes de se virar e se afastar rapidamente. Eu o segui, sem dizer nada. Os sons da floresta e do rio sinuoso eram os únicos barulhos em torno de nós, e eles eram tão suaves quanto garantias sussurradas no escuro. Esse lugar merece um pouco de paz após sua história longa e sangrenta, assim como o homem caminhando ao meu lado.

Após vários minutos caminhando em silêncio, as emoções do Vlad se encheram de resolução, como se ele estivesse se preparando para fazer algo realmente doloroso.

— Eu não te trouxe aqui apenas para você testemunhar meu último adeus para Clara. — Ele disse. — Há algo que eu preciso te dizer, e essa é uma área remota o suficiente para que isso não seja ouvido por mais ninguém.

Lancei um olhar para a floresta e rio aparentemente intermináveis. Não, ninguém poderia nos ouvir aqui. Nós éramos as duas únicas pessoas ao redor por quilômetros.

— Então... o que você quer me dizer? — Perguntei hesitantemente.

Ele fechou seus olhos e cortou nossa conexão emocional, o que me preocupou. Isso era tão ruim que ele não queria que eu soubesse o que ele estava sentindo?



— Há mais de cem anos, — Ele disse em voz baixa. — Eu jurei que nunca iria repetir isso para outra alma, agora eu vou quebrar esse juramento porque você merece saber.

— O que é? — Perguntei, com um medo terrível se espalhando pelas minhas veias como veneno de ação rápida.

Vlad abriu os olhos, tormento se refletindo em suas profundezas verde-acobreadas. — Eu sou o responsável pela lenda do Drácula.

Eu o encarei, certa de que devo ter ficado brevemente louca e o escutado errado. — *O quê?*

Sua mandíbula cerrou com tanta força que eu quase podia ouvir seus dentes cerrando.

— No final do século dezenove, eu estava em um... estado mental sombrio, o que provavelmente não te surpreende, e eu fiz algo incrivelmente estúpido. Eu adquiri uma substância conhecida como Dragão Vermelho, que é sangue contaminado com o equivalente a narcótico para vampiros. Ou eu superestimei minha tolerância aos efeitos dela ou a dose estava mais forte do que o anunciado, porque aquilo me deixou em um estado de embriaguez do tipo que eu não tinha experimentado em mais de quatrocentos anos.

Meus olhos continuaram a se arregalar, até que provavelmente parecia como se fossem saltar da minha cabeça. — E? — Eu consegui dizer.

Ele me deu um olhar irritado. — Eu fiz o que todos os tolos bêbados fazem: algo de que me arrependo. Em um bar, conheci um escritor que estava procurando por uma figura histórica desprezível para basear seu novo romance. No meu estado intoxicado, eu pensei que era extremamente hilário contar as mentiras mais horrendas do meu passado para esse estranho. Eu nunca mais toquei em Dragão Vermelho novamente, o que deveria ter sido o fim dessa história. Então, anos depois, o livro do maldito escritor foi lançado. Eu fiquei mortificado quando o li, mas pensei que iria cair no esquecimento como a maioria dos trabalhos literários fazia. Ao invés disso, continuou ficando cada vez mais popular até que, mais de um século depois, isso infectou cada forma de mídia já inventada...

Eu explodi em risadas, cada parte de mim se sentia mal, já que essa era uma grande revelação para ele, ainda assim eu não podia segurar isso mais do que podia impedir o olhar irritado que Vlad estava me dando.

— É... é por isso que você não consegue s-suportar ouvir es-essa



palavra! — Eu chorei de rir, rindo tanto que mal podia falar. — Isso te lembra quando você fez uma coisa es-túpida e totalmente humana. Oh, Vlad, eu te amo ainda mais sabendo disso!

— Estou emocionado até a alma. — Ele disse uma voz gelada.

Ignorei aquilo e joguei meus braços ao redor dele, ainda rindo. — Estou emocionada até a *minha* alma, de verdade. Agora eu nunca vou duvidar que você me ama. Você provou isso além de palavras ou atos ao me dizer isso.

— E eu já estou arrependido disso.

Ele murmurou ainda com rancor, porém os braços que se fecharam ao meu redor estavam possessivos, e os sentimentos que ele permitiu novamente que fluíssem para os meus eram tudo menos frieza ou raiva.

— Não se preocupe. Eu não vou contar. — Eu disse, finalmente conseguindo controlar minha risada. — Seu segredo mais sombrio está seguro comigo.

O olhar mais estranho cruzou suas feições. Se ele fosse qualquer outro homem, eu diria que era timidez sobre sua antiga mancada.

— É melhor que esteja. Nós temos um feitiço de necromante para tirar de você, e eu odiaria procurar pela solução enquanto você está trancada na nova masmorra que eu estou construindo.

Bufei com a ameaça vazia. — Nós não precisamos construir uma nova casa primeiro?

Aquele breve toque de timidez sumiu quando ele sorriu. Seu sorriso era tão ele: sensual, porém predatório. Duro, e ainda assim cheio de humor. — As casas e planos mais bem elaborados começam do chão.



Fim!!! MAS ATENÇÃO, KITTENS! Esse ebook ainda não está revisado, portanto, por favor, não o distribuam por aí. Esperem mais um pouco que a Juliana vai revisar primeiro. Além disso, só lembrando, haverá um quarto livro da série Night Prince.

**Não tem data certa, mas está previsto para esse ano. Sobre o “oitavo” livro de Night Huntress, o Outtakes From The Grave, que é um livro de cenas extras deletadas e cenas alternativas dos livros da série Night Huntress, com algumas cenas pelo ponto de vista do Bones, eu vou começar a traduzir semana que vem. Porém a tradução será lenta, uns três capítulos por semana, já que o ano realmente começou pra mim agora. Mas serão constantes, então não vai levar tanto tempo quanto esse levou para terminar.
Beijão!**

Créditos:

Equipe Night Huntress de Tradução

<http://www.facebook.com/groups/nighthuntressoficial/>



ATENÇÃO, ESTA TRADUÇÃO É FEITA ENTRE FÃS, SEM FINS
LUCRATIVOS! É PROIBÍDA A DISTRIBUIÇÃO DE FORMA COMERCIAL.
PRESTIGIE A AUTORA, COMPRE OS LIVROS DA SÉRIE!

PARA LER OS LIVROS DA SÉRIE NIGHT HUNTRESS,
NIGHT HUNTRESS WORLD, NIGHT PRINCE, CONTOS E
CENAS DELETADAS, PARTICIPE DO NOSSO GRUPO!

<https://www.facebook.com/groups/nighhuntress/>

